STEPHEN KING

JOYLAND

Tradução
Regiane Winarski

Sumário

Para Donald Westlake

Eu tinha carro, mas, na maioria dos dias daquele outono de 1973, eu saía da Pensão Litorânea da sra. Shoplaw, na cidade de Heaven's Bay, e ia andando para Joyland. Parecia a coisa certa a fazer. A única coisa, na verdade. No começo de setembro, a praia Heaven estava quase completamente deserta, o que combinava com meu estado de espírito. Aquele outono foi o mais bonito da minha vida. Mesmo quarenta anos depois, ainda posso dizer isso. E nunca fui tão infeliz, também posso dizer. As pessoas pensam que o primeiro amor é fofo e que fica ainda mais fofo depois que passa. Você já deve ter ouvido mil músicas pop e country que comprovam isso; sempre tem algum tolo de coração partido. No entanto, essa primeira mágoa é sempre a mais dolorosa, a que demora mais para cicatrizar e a que deixa a cicatriz mais visível. O que há de fofo nisso?

Ao longo de setembro e até outubro, os céus da Carolina do Norte estavam claros, e o ar quente mesmo às sete da manhã, quando eu saía da minha suíte no segundo andar pela escada externa. Se saísse vestido com um casaco leve, já estava com ele amarrado na cintura antes de chegar à metade dos cinco quilômetros entre a cidade e o parque de diversões.

A Padaria da Betty era minha primeira parada, onde comprava dois croissants ainda quentes. Minha sombra, com pelo menos seis metros de comprimento, andava comigo na areia. Gaivotas esperançosas, ao sentirem o cheiro dos croissants embrulhados em papel-manteiga, voavam em círculos acima. E, quando eu andava de volta, normalmente por volta das cinco (embora às vezes eu ficasse até mais tarde, pois não havia nada me esperando em Heaven's Bay, uma cidade que parecia adormecer quando o verão terminava), minha sombra andava comigo na água. Se a maré estivesse alta, ela tremia na superfície e parecia fazer uma hula-hula lenta.

Embora eu não tenha certeza absoluta, acho que o garoto e a mulher e o cachorro estavam lá desde a primeira vez em que fiz aquela caminhada. A costa entre a cidade e as geringonças alegres e iluminadas de Joyland era cheia de casas de veraneio, muitas delas caras, a maioria sem ninguém depois do feriado do Labor Day, na primeira semana de setembro. Mas não a maior delas, a que parecia um castelo verde de madeira. Uma passarela levava do amplo quintal até onde as algas davam lugar à areia branca e fina. No final da passarela, havia uma mesa de piquenique protegida por um amplo guarda-sol verde. Na sombra dele, ficava o garoto sentado em uma cadeira de rodas, usando um boné e coberto da cintura para baixo com um cobertor, mesmo à tarde, quando a temperatura chegava aos vinte e tantos graus. Me parecia que ele tinha mais ou menos uns cinco anos, no máximo sete. O cachorro, um jack russell terrier, ficava deitado ao lado ou sentado aos pés dele. A mulher se sentava em um dos bancos da mesa de piquenique, às vezes lendo um livro, em geral apenas olhando para a água. Ela era muito bonita.

Eu sempre acenava para eles, na ida e na volta, e o garoto acenava de volta. Ela não, ao menos no começo. O ano de 1973 foi o do embargo do petróleo da Opep, o ano em que

Richard Nixon anunciou que não era um criminoso, o ano em que os atores Edward G. Robinson e Noel Coward morreram. Foi o ano perdido de Devin Jones. Eu era um virgem de vinte e um anos com aspirações literárias. Tinha três calças jeans, quatro cuecas, um Ford velho (com um rádio bom), pensamentos suicidas eventuais e um coração partido.

Que fofo, hein?

A garota que partiu meu coração foi Wendy Keegan, e ela não me merecia. Levei muito tempo para chegar a essa conclusão, mas como diz o velho ditado: antes tarde do que nunca. Ela era de Portsmouth, New Hampshire; eu, de South Berwick, Maine. Isso a tornava praticamente minha vizinha. Nós começamos a "sair" (como a gente dizia) no nosso primeiro ano na Universidade de New Hampshire. Na verdade, nos conhecemos na Confraternização dos Calouros, não é fofo? Parece uma dessas músicas pop.

Fomos inseparáveis por dois anos, íamos a todos os lugares e fazíamos tudo juntos. Tudo menos "aquilo". Nós dois estudávamos e trabalhávamos na universidade. O emprego dela era na biblioteca; o meu, no refeitório. Pediram que continuássemos trabalhando durante o verão de 1972, e é claro que aceitamos. O dinheiro não era grande coisa, mas o fato de podermos ficar juntos era indescritível. Eu pensei que o mesmo aconteceria no verão de 1973, até que Wendy anunciou que a amiga Renee conseguira emprego para as duas no Filene's, em Boston.

— Mas e eu? — perguntei.

— Você sempre pode ir me visitar — respondeu ela. — Vou morrer de saudades, mas, falando sério, Dev, acho que vai ser bom passarmos um tempo separados.

Essa é uma frase que costuma ser prenúncio de morte. Ela talvez tenha percebido o que eu pensei, porque ficou na ponta dos pés e me beijou.

— Longe dos olhos, perto do coração. Além do mais, se eu tiver meu próprio apartamento, talvez você possa passar a noite comigo.

Mas ela não me olhou nos olhos ao dizer isso, e eu nunca passei a noite lá. Havia colegas demais dividindo, dizia ela. E pouco tempo. Claro que esses problemas podiam ser contornados, mas nunca os contornamos, o que deveria ter sido um sinal; em retrospecto, isso deixa as coisas bem claras. Várias vezes chegamos perto "daquilo", mas "aquilo" nunca acontecia. Ela sempre recuava e eu nunca a pressionava. Pelo amor de Deus, eu estava sendo um cavalheiro. Já me perguntei muitas vezes, depois, o que teria mudado (para o bem ou para o mal) se eu não tivesse sido. O que sei agora é que jovens cavalheiros raramente conseguem uma boceta. Pode bordar essa frase e pendurar na cozinha.

A perspectiva de mais um verão limpando o piso e enchendo as velhas lava-louças do refeitório com pratos sujos não me encantava muito, não com Wendy mais de cem quilômetros ao sul, aproveitando a vida agitada de Boston, mas era um emprego garantido, coisa de que eu

precisava, e eu não tinha outras perspectivas. Mas, no final de fevereiro, uma caiu da pilha de louças praticamente no meu colo.

Alguém andara lendo o *Carolina Living* enquanto comia o especial de almoço do dia, que por acaso era hambúrguer Mexicali com batatas Caramba. A pessoa deixara a revista na bandeja, e eu a peguei junto com os pratos. Quase a joguei no lixo, mas mudei de ideia. Material grátis de leitura era sempre material grátis de leitura. (Eu era um garoto que só estudava e trabalhava, lembre-se disso.) Enfiei no bolso de trás da calça e me esqueci dela até voltar para o quarto do alojamento. Lá, ela caiu no chão, quando fui trocar de calça, aberta na seção de classificados no final.

A pessoa que estivera lendo a revista circulara várias possibilidades de trabalho… embora, no final, ele ou ela deva ter decidido que nenhuma era boa; senão o *Carolina Living* não teria sido largado na bandeja. Perto do fim da página havia um anúncio que chamou minha atenção, apesar de não ter sido circulado. Em negrito, a primeira linha dizia: TRABALHE NO PARAÍSO! Que estudante de letras poderia ler isso e não ficar curioso? E que rapaz triste de vinte e um anos, tomado pelo medo crescente de perder a namorada, não ficaria atraído pela ideia de trabalhar em um local com "alegria" no nome?

Havia um número de telefone, e, de impulso, liguei para o parque Joyland. Uma semana depois, um formulário de emprego chegou à caixa de correio do meu alojamento. A carta anexada dizia que, se eu quisesse trabalhar em horário integral no verão (eu queria), faria vários serviços diferentes, a maioria de manutenção. Precisava ter uma carteira de motorista válida e passar por uma entrevista. Eu podia fazer isso nas férias de primavera em vez de ir passar a semana no Maine. Só que eu estava planejando passar pelo menos parte daquela semana com Wendy. Nós talvez até chegássemos a fazer "aquilo".

— Vá fazer a entrevista — disse Wendy quando falei com ela. Nem hesitou. — Vai ser uma aventura.

— Ficar com você seria uma aventura — respondi.

— Vamos ter bastante tempo para isso ano que vem.

Ela ficou na ponta dos pés e me beijou (ela sempre ficava na ponta dos pés). Será que já estava saindo com o outro cara naquela época? Acho que não, mas aposto que já tinha reparado nele, porque o garoto era da turma dela de sociologia avançada. Renee St. Claire saberia e provavelmente me contaria se eu perguntasse (contar coisas era a especialidade de Renee, aposto que ela exauria o padre quando ia se confessar), mas há coisas que é melhor não saber. Tipo por que a garota que você amava de todo o coração só dizia não para você, mas foi para a cama com o próximo sujeito quase na primeira oportunidade. Não sei se alguém chega a superar completamente o primeiro amor, e isso ainda me irrita. Parte de mim quer saber o que havia de *errado* comigo. O que faltava. Tenho mais de sessenta anos agora, meu cabelo está grisalho e sou sobrevivente de um câncer de próstata, mas ainda quero saber por que eu não era bom o bastante para Wendy Keegan.

♥

Peguei um trem chamado *Southerner* de Boston até a Carolina do Norte (não foi bem uma aventura, mas foi barato) e um ônibus de Wilmington até Heaven's Bay. Minha entrevista foi com Fred Dean, que era, entre muitas outras funções, o chefe dos funcionários de Joyland. Depois de quinze minutos de perguntas e respostas e uma olhada em minha carteira de motorista e em meu certificado do curso de primeiros socorros da Cruz Vermelha, ele me deu um cartão de plástico preso em um cordão. Tinha a palavra VISITANTE, a data daquele dia e o desenho de um pastor-alemão sorridente de olhos azuis, ligeiramente parecido com o famoso detetive de desenho animado Scooby-Doo.

— Dê uma volta por aí — disse Dean. — Ande na Carolina Spin se quiser. A maioria dos brinquedos ainda não está funcionando, mas a roda-gigante está. Diga a Lane que eu permiti. O que dei a você é um passe diário, mas quero que volte aqui até… — Ele olhou o relógio. — Uma da tarde mais ou menos. Então me diga se quer o emprego. Ainda tenho cinco vagas, mas todas são basicamente a mesma coisa, de Ajudante Feliz.

— Obrigado, senhor.

Ele assentiu, sorrindo.

— Não sei o que você acha daqui, mas, para mim, é ótimo. É meio velho e instável, mas acho que tem um charme. Tentei a Disney uma época, mas não gostei. É muito… sei lá…

— Corporativo? — arrisquei.

— Exatamente. Corporativo demais. Muito arrumado e brilhante. Então voltei para Joyland há alguns anos. Não me arrependi. A coisa é um pouco mais improvisada aqui, tem um pouco daquele sabor de parque de diversões antigo. Vá dar uma olhada. Veja o que acha. Mais importante, veja o que *sente*.

— Posso fazer uma pergunta primeiro?

— Claro.

Toquei o passe diário.

— Quem é o cachorro?

O sorriso dele aumentou.

— É Howie, o Cão Feliz, mascote de Joyland. Bradley Easterbrook construiu Joyland, e o Howie original era o cachorro dele. Já está morto faz tempo, mas você vai vê-lo bastante se trabalhar aqui no verão.

Eu vi… e não vi. É um enigma simples, mas a explicação vai ter que esperar um pouco.

Joyland era um parque indie não tão grande quanto um Six Flags e não chegava nem perto da Disney em tamanho, mas era grande o suficiente para ser impressionante, sobretudo com a Joyland Avenue, o caminho principal, e o Hound Dog Way, o caminho secundário, quase vazios e parecendo ter oito pistas de largura. Eu ouvi o zumbido de serras elétricas e vi muitos operários — a maior equipe cuidava da Thunderball, uma das duas montanhas-russas de Joyland —, mas não havia visitantes porque o parque só abriria no dia 15 de maio. Algumas lanchonetes estavam abertas para cuidar da alimentação dos operários, e uma senhora na frente de um quiosque de

adivinhação, todo pintado com estrelas, me olhou com desconfiança. Com uma exceção, tudo estava bem parado.

A exceção era a Carolina Spin. Tinha cinquenta metros de altura (descobri isso depois) e girava muito devagar. Na frente do brinquedo havia um homem musculoso, de calça jeans surrada, botas de couro gastas manchadas de graxa e regata. Ele usava um chapéu-coco inclinado sobre o cabelo preto como carvão. Um cigarro sem filtro estava preso atrás da orelha. Parecia um panfleteiro de parque de diversões de uma antiga tirinha de quadrinhos. Ao lado dele havia uma caixa de ferramentas aberta e um grande rádio portátil em cima de um caixote laranja. The Faces estava cantando "Stay with Me". O homem balançava a cabeça no ritmo, com as mãos nos bolsos de trás, movendo o quadril de um lado para o outro. Tive um pensamento absurdo, mas perfeitamente claro: *Quando eu crescer, quero ser igual a esse cara.*

Ele apontou para o passe.

— Freddy Dean mandou você, certo? Disse que tudo estava fechado, mas que poderia dar uma volta na roda-gigante.

— Sim, senhor.

— Quando terminar, vai se apaixonar. Fred gosta que a garotada conheça a vista privilegiada. Vai pegar o trabalho?

— Acho que vou.

Ele estendeu a mão.

— Sou Lane Hardy. Bem-vindo a bordo, garoto.

Eu apertei a mão dele.

— Devin Jones.

— Prazer em conhecê-lo.

Lane começou a subir a rampa para o brinquedo que girava lentamente, segurou uma alavanca comprida que parecia um câmbio de carro e a puxou para trás. A roda-gigante parou devagar, com uma das cabines alegremente pintadas — com a imagem de Howie, o Cão Feliz — balançando na plataforma de entrada de passageiros.

— Suba, Jonesy. Vou mandar você lá para o topo, onde o ar é pouco e a vista é coisa de louco.

Entrei na cabine e fechei a porta. Lane a sacudiu para ter certeza de que estava presa, baixou a trava de segurança e voltou para seus controles rudimentares.

— Pronto para a decolagem, capitão?

— Acho que sim.

— O assombro o aguarda.

Ele deu uma piscadela e moveu a alavanca de controle. A roda começou a girar de novo e, de repente, ele estava erguendo o rosto para me ver subindo. A senhora perto do quiosque de adivinhação também. Ela esticava o pescoço e cobria os olhos. Eu acenei, mas a mulher não retribuiu o gesto.

Então, eu estava acima de tudo, menos das quedas e curvas da Thunderball, subindo no ar gelado do começo de primavera e sentindo — era besteira, mas verdade — que todos os problemas e preocupações tinham ficado lá embaixo.

Joyland não era um parque temático, o que permitia que tivesse um pouco de tudo. Havia uma montanha-russa secundária chamada Delirium Shaker e um toboágua chamado Captain

Nemo’s Splash & Crash. Mais a oeste do parque havia um anexo especial para os pequenos, chamado Vila Wiggle-Waggle. Tinha também um salão onde a maioria dos shows — isso também descobri depois — era de cantores country ou roqueiros que tinham feito sucesso nos anos 1950 e 1960. Eu lembro que Johnny Otis e Big Joe Turner fizeram um show lá juntos. Tive que perguntar a Brenda Rafferty, a contadora-chefe, que também era uma espécie de mãezona das Garotas de Hollywood, quem eram eles. Bren me achava burro; eu a achava velha; nós dois devíamos estar certos.

Lane Hardy me levou até o alto e parou a roda. Fiquei na cabine balançante, preso pela barra de segurança e olhando para um mundo novinho em folha. A oeste ficavam as planícies da Carolina do Norte, que pareciam incrivelmente verdes para um garoto da Nova Inglaterra acostumado a pensar em março como um mês gelado e lamacento, antes da primavera. Ao leste ficava o mar, de um escuro azul-metálico, até que se abria em pulsações brancas e cremosas na praia por onde eu arrastaria meu coração maltratado para cima e para baixo dali a alguns meses. Logo abaixo de mim ficava a agradável confusão que era Joyland, com brinquedos grandes e pequenos, o salão de shows e as lanchonetes, as lojas de suvenir e o Trenzinho do Cão Feliz, que levava os frequentadores até os hotéis das redondezas e, claro, até a praia. Ao norte ficava Heaven’s Bay. De lá do topo (onde o ar é pouco), a cidade parecia um amontoado de blocos infantis no qual quatro torres de igreja se destacavam nos quatro pontos cardeais.

A roda começou a se mover. Eu desci me sentindo um garoto de uma história de Rudyard Kipling, montando a tromba de um elefante. Lane Hardy parou o brinquedo, mas não se mexeu para abrir a porta da cabine; afinal, eu era quase um funcionário.

— E aí, gostou?

— Muito.

— É, não é ruim para um brinquedo de vovó. — Ele ajeitou o chapéu para que ficasse inclinado para o outro lado e olhou para mim com uma expressão avaliadora. — Qual é a sua altura? Um e noventa?

— Um e noventa e três.

— Certo. Vamos ver se você vai gostar de andar na Spin, com seu 1,93 metro, no meio de julho, usando a fantasia e cantando “Parabéns pra você” para algum melequento mimado com algodão-doce em uma das mãos e um sorvete derretendo na outra.

— Que fantasia?

Mas ele estava voltando para os controles e não respondeu. Talvez não tivesse me ouvido por causa do rádio, que tocava “Crocodile Rock”. Ou talvez só quisesse que meu futuro como um dos Cães Felizes de Joyland fosse surpresa.

Ainda faltava mais de uma hora para reencontrar Fred Dean, então andei pelo Hound Dog Way na direção de um trailer que parecia estar indo bem nos negócios. Nem tudo em Joyland tinha tema de cachorro, mas muita coisa tinha, incluindo aquela lanchonete em particular que se chamava Pup-A-Licious, fazendo referência a um filhotinho delicioso. Eu estava com o

orçamento apertadíssimo naquela pequena viagem de procura de emprego, mas achei que poderia gastar uns dois dólares com um cachorro-quente e uma porção de batatas fritas.

Quando cheguei ao quiosque de quiromancia, Madame Fortuna se colocou no meu caminho. Só que, na verdade, ela era Madame Fortuna apenas entre o dia 15 de junho e o Labor Day. Durante aquelas dezesseis semanas, vestia saias compridas, camadas de blusas transparentes e xales decorados com vários símbolos cabalísticos. Pendurava aros dourados nas orelhas, tão pesados que puxavam os lóbulos para baixo, e falava com um pesado sotaque romani que a fazia parecer um personagem daqueles filmes de terror dos anos 1930, com castelos envoltos em névoa e lobos uivando.

Durante o restante do ano, ela era uma viúva do Brooklyn, sem filhos, que colecionava bonecos Hummel e gostava de cinema (principalmente de filmes tristes em que uma garota tinha câncer e morria de forma linda). Naquele dia ela estava bem-arrumada, com um terninho preto e saltos baixos. Um lenço cor-de-rosa no pescoço acrescentava um pouco de vida ao visual. Como Fortuna, ela usava uma cabeleira grisalha cacheada, mas era peruca, e ainda estava guardada embaixo do domo de vidro na casinha dela em Heaven's Bay. Seu cabelo de verdade era curto e pintado de preto. A fã de *Love Story — Uma história de amor* do Brooklyn e a Madame Fortuna só tinham uma coisa em comum: as duas se achavam médiuns.

— Tem uma sombra pairando sobre você, meu jovem — anunciou ela.

Olhei para baixo e vi que ela estava coberta de razão. Eu estava de pé na sombra da Carolina Spin. Nós dois estávamos.

— Não essa, seu burro. Sobre o seu futuro. Você vai ter fome.

Eu já estava com bastante fome, mas um cachorro-quente do Pup-A-Licious logo cuidaria disso.

— Que interessante, senhora… hã…

— Rosalind Gold — apresentou-se ela, estendendo a mão. — Mas pode me chamar de Rozzie. Todo mundo chama. Mas durante o verão… — Ela incorporou o personagem, o que quer dizer que falou como um Béla Lugosi com peitos. — Durrante o verrão, sou… *Forrtuna*!

Apertei a mão dela. Se Rozzie estivesse também vestida como o personagem, umas seis pulseiras estariam tilintando em seu pulso.

— Muito prazer em conhecê-la. — E, tentando usar o mesmo sotaque: — Eu sou… *Devin*!

Ela não achou graça.

— Nome irlandês?

— Isso.

— Os irlandeses são cheios de tristeza e muitos têm sexto sentido. Não sei se é o seu caso, mas vai conhecer uma pessoa que tem.

Na verdade, eu estava cheio de alegria… e de vontade crescente de enfiar um cachorrinho Pup-A-Licious, de preferência cheio de molho, garganta abaixo. Aquilo estava parecendo uma aventura. Eu disse a mim mesmo que provavelmente não pensaria assim quando estivesse esfregando banheiros no final de um dia movimentado ou limpando vômito das cadeiras daquelas xícaras rodopiantes, as Whirly Cups, mas naquele momento tudo parecia perfeito.

— Você está treinando seu número?

Ela se empertigou ao máximo, o que deve tê-la deixado com um metro e sessenta.

— Não é um número, meu rapaz. — Ela disse *nímerro* em vez de *número*. — Judeus são a raça mais mediúnica na face da Terra. Todo mundo sabe disso.

Ela parou de usar o sotaque.

— Além do mais, Joyland é melhor do que uma barraquinha de leitura de mãos na Second Avenue. Triste ou não, gosto de você. Me passa boas vibrações.

— "Good Vibrations" é o nome de uma das minhas músicas favoritas dos Beach Boys.

— Mas você está à beira de grande tristeza. — Ela fez uma pausa para dar ênfase. — E talvez corra perigo.

— Você vê uma bela mulher de cabelo escuro no meu futuro?

Wendy era uma bela mulher de cabelo escuro.

— Não — disse Rozzie, e o que veio em seguida me fez congelar. — Ela está no seu passado.

Oh-kay.

Eu a contornei e fui em direção à Pup-A-Licious, tomando o cuidado de não encostar nela. Rozzie era uma charlatã, eu não tinha a menor dúvida disso, mas tocá-la naquele momento ainda parecia uma péssima ideia.

Não adiantou. Ela começou a me acompanhar.

— No seu futuro, há uma garotinha e um garotinho. O garoto tem um cachorro.

— Um Cão Feliz, aposto. Provavelmente chamado Howie.

Ela ignorou essa última tentativa de piada.

— A garota usa um chapéu vermelho e carrega uma boneca. Uma dessas crianças tem sexto sentido. Não sei qual. Não consigo ver.

Quase não prestei atenção nessa última parte do número dela. Eu estava pensando na revelação anterior, feita com sotaque do Brooklyn: *Ela está no seu passado.*

Madame Fortuna errava muitas coisas, eu descobri depois, mas parece que tinha *mesmo* um quê de médium, e, no dia em que fiz a entrevista para aquele emprego de verão em Joyland, ela estava acertando todas as previsões.

Eu consegui o emprego. O sr. Dean ficou particularmente satisfeito com meu certificado do curso de primeiros socorros da Cruz Vermelha, que obtive na Associação Cristã de Moços no verão em que fiz dezesseis anos. Aquele tinha sido o Verão do Tédio, como eu o chamava. Nos anos seguintes, descobri que o tédio é subestimado.

Avisei para o sr. Dean quando terminariam minhas provas e prometi que estaria em Joyland dois dias depois, pronto para me juntar à equipe e começar o treinamento. Apertamos as mãos e ele me deu boas-vindas. Em dado momento, me perguntei se ele ia me pedir para dar o Latido do Cão Feliz com ele ou algo equivalente, mas Dean, um homenzinho de olhos atentos e passos leves, apenas me desejou um bom-dia e me acompanhou até a saída do escritório. Na varandinha de concreto do escritório, ouvindo o som das ondas e sentindo o cheiro de maresia no ar, fiquei empolgado de novo e ansioso para o verão começar.

— Você está no ramo da diversão agora, jovem sr. Jones — disse meu novo chefe. — Não no estilo dos parques itinerantes, não exatamente, não é assim que as coisas funcionam agora, mas

também não é tão diferente. Você sabe o que isso quer dizer, estar no ramo da diversão?

— Não, senhor, não exatamente.

Os olhos dele estavam solenes, mas havia um leve sorriso nos lábios.

— Quer dizer que os caipiras precisam ir embora com um sorriso no rosto. E, a propósito, se algum dia eu ouvir *você* chamando um cliente de caipira, vai estar no olho da rua tão rápido que nem vai saber como foi parar lá. Posso falar isso porque estou no ramo da diversão desde que comecei a ter barba na cara. Eles são caipiras, iguaizinhos aos matutos de Oklahoma e do Arkansas que ficavam maravilhados com todos os parquinhos em que trabalhei depois da Segunda Guerra Mundial. As pessoas que vêm a Joyland podem usar roupas melhores e dirigirem Fords e micro-ônibus da Volkswagen em vez de picapes Farmall, mas o lugar transforma todos em caipiras de queixo caído. Se não tiver esse efeito, não está funcionando bem. Mas você pode chamar todos de Bob. Para *eles*, vai parecer um apelido qualquer. Mas nós sabemos a verdade. Eles são bobos, sr. Jones, uns bobos deslumbrados que adoram diversão e pulam de brinquedo em brinquedo sem pensar em mais nada.

Ele piscou para mim e apertou meu ombro.

— Os Bobs têm que ir embora felizes, senão este lugar seca e morre. Já vi acontecer, e, quando acontece, é rápido. É um parque de diversões, jovem sr. Jones, então cuide bem dos Bobs e só dê puxões leves na orelha deles. Em uma palavra: *divirta-os*.

— Tudo bem — falei… embora não soubesse quanta diversão ofereceria aos frequentadores ao encerar os Devil Wagons (a versão de Joyland dos carrinhos bate-bate) ou limpar o Hound Dog Way depois do fechamento dos portões.

— E não ouse me abandonar quando mais precisarei de você. Esteja aqui na data combinada e cinco minutos antes do horário combinado.

— Certo.

— Há duas regras importantes no ramo da diversão, garoto: sempre saiba onde está sua carteira… e *apareça*.

Quando saí pelo amplo arco com BEM-VINDOS A JOYLAND escrito em letras néon (apagadas naquele momento) para o estacionamento quase vazio, Lane Hardy estava encostado em uma das bilheterias fechadas, fumando o cigarro anteriormente preso atrás da orelha.

— Não se pode mais fumar lá dentro — explicou ele. — Nova regra. O sr. Easterbrook diz que somos o primeiro parque dos Estados Unidos a determinar isso, mas não vamos ser o último. Conseguiu o emprego?

— Consegui.

— Parabéns. Freddy fez o discurso dos parques?

— Fez, mais ou menos.

— Falou sobre cuidar bem dos Bobs?

— Falou.

— Ele pode ser um saco, mas é experiente no ramo. Já viu de tudo, mais de uma vez, e não está errado. Acho que você vai se sair bem. Você tem aura de parque de diversões, garoto.

Ele balançou a mão na direção do parque, com os brinquedos se projetando contra o céu azul imaculado: a Thunderball, a Delirium Shaker, as curvas e espirais do toboágua do Captain Nemo e, claro, a Carolina Spin.

— Quem sabe... talvez este lugar seja seu futuro.

— Pode ser — falei, embora já soubesse o que queria para o futuro: escrever livros e o tipo de conto publicado na *The New Yorker*.

Eu já tinha planejado tudo. Claro que também tinha planejado me casar com Wendy Keegan e que esperaríamos até os trinta e poucos anos para ter dois filhos. Quando se tem vinte e um anos, a vida é um mapa rodoviário. Só quando se chega aos vinte e cinco, mais ou menos, é que se começa a desconfiar que estávamos olhando para o mapa de cabeça para baixo, e apenas aos quarenta temos certeza absoluta disso. Quando se chega aos sessenta, vai por mim, já se está completamente perdido.

— Rozzie Gold despejou em você aquela baboseira habitual de previsões da Fortuna?

— Hã…

Lane riu.

— Por que eu ainda pergunto? Mas lembre, garoto, noventa por cento do que ela fala é baboseira mesmo. Os outros dez… vamos apenas dizer que ela já disse coisas que deixaram algumas pessoas abaladas.

— E você? — perguntei. — Alguma revelação deixou *você* abalado?

Ele sorriu.

— O dia em que eu deixar Rozzie ler minha mão vai ser o dia em que vou voltar para a rua, para o circuito de parques itinerantes. O filhinho da sra. Hardy não se mete com tabuleiros Ouija nem com bolas de cristal.

Você vê uma bela mulher de cabelo escuro no meu futuro?, eu havia perguntado.

Não. Ela está no seu passado.

Hardy estava me olhando com atenção.

— O que foi? O gato comeu sua língua?

— Não foi nada.

— Vamos lá, filho. Ela falou a verdade ou falou baboseira? Coca-Cola ou Pepsi? Conte para o papai.

— Definitivamente baboseira. — Olhei para o relógio. — Tenho que estar no ônibus às cinco se quiser pegar o trem que sai para Boston às sete. É melhor eu ir.

— Ah, você tem bastante tempo. Onde vai ficar no verão?

— Ainda nem pensei nisso.

— Talvez queira dar uma parada na sra. Shoplaw, no caminho da rodoviária. Muitas pessoas de Heaven's Bay alugam quartos para gente que vem trabalhar no verão, mas ela é a melhor. Já acomodou muitos Ajudantes Felizes ao longo dos anos. A casa dela é fácil de achar: é na esquina da Main Street com a praia. Não dá para errar porque a placa é feita de conchas, e elas ficam caindo. Diz PENSÃO LITORÂNEA DA SRA. SHOPLAW. Diga que eu mandei você.

— Pode deixar, eu falo. Obrigado.

— Se alugar um quarto lá, pode vir para cá andando pela praia, se quiser economizar o dinheiro da gasolina para alguma coisa mais importante, como um passeio no seu dia de folga.

Essa caminhada pela praia é um jeito bonito de começar a manhã. Boa sorte, garoto. Estou ansioso para trabalhar com você.

Ele estendeu a mão. Eu a apertei e agradeci de novo.

Já que Hardy tinha mencionado, decidi fazer a caminhada de volta até a cidade. Economizaria vinte minutos de espera por um táxi que eu mal podia bancar, na verdade. Tinha quase alcançado a escada de madeira que descia para a areia quando ele me chamou:

— Ei, Jonesy! Quer saber uma coisa que Rozzie não vai contar para você?

— Claro.

— Temos um trem fantasma chamado Horror House. A velha Rozola não chega nem a cinquenta metros de lá. Ela odeia os bonecos que pulam, a câmara de tortura e as vozes gravadas, mas o verdadeiro motivo é que ela tem medo de ser realmente assombrado.

— Ah, é?

— É. E ela não é a única. Uma meia dúzia de pessoas que trabalha aqui alega já ter visto uma garota.

— Você está falando sério?

Mas era apenas uma daquelas perguntas que se fazem quando se está impressionado. Eu percebia que era sério.

— Eu contaria a história, mas meu intervalo acabou. Tenho que trocar uns cabos de força nos Devil Wagons, e o pessoal da inspeção de segurança vem olhar a Thunderball lá pelas três. Esses caras são um saco. Pergunte a Shoplaw. Quando o assunto é Joyland, Emmalina Shoplaw sabe mais do que eu. Pode-se dizer que ela é uma estudiosa do local. Em comparação a ela, sou calouro.

— Isso não é piada? Uma pegadinha que você faz com todos os novatos?

— Pareço estar brincando?

Não, mas parecia estar se divertindo. Ele até deu uma piscadela.

— Um parque de diversões de respeito tem que ter um fantasma, não é? Talvez você mesmo a veja. Os caipiras nunca a veem, isso é certo. Agora vá logo, garoto. Reserve um quarto antes de pegar o ônibus de volta a Wilmington. Você vai me agradecer depois.

Com um nome como Emmalina Shoplaw, era difícil não imaginar uma proprietária de bochechas rosadas saída de um romance de Charles Dickens, com seios balançando ao andar, e que dissesse coisas como “Deus nos ajude!”. Ela serviria chá e bolinhos enquanto um excêntrico e gentil elenco de apoio nos olharia com aprovação; talvez até apertasse minha bochecha quando nos sentássemos para torrar castanhas na lareira.

Mas raramente neste mundo a gente encontra o que imagina, e a mulher que atendeu a porta era alta, tinha uns cinquenta anos, peito reto e era pálida como uma vidraça coberta de gelo. Carregava um cinzeiro antiquado em uma das mãos e um cigarro aceso na outra. O cabelo castanho, sem vida, estava arrumado em cachos largos que lhe cobriam as orelhas. Faziam com que ela parecesse a versão idosa de uma princesa de um conto de fadas dos irmãos Grimm. Expliquei para ela por que eu estava lá.

— Vai trabalhar em Joyland, é? Bem, acho que é melhor você entrar. Tem referências?

— De apartamentos, não. Eu moro em alojamento. Mas tenho referência de trabalho do meu chefe no Bandejão. O Bandejão é o refeitório da UNH, onde eu…

— Eu sei o que é um bandejão. Sou jovem, mas não nasci ontem.

Ela me levou até a sala da frente, um cômodo comprido cheio de móveis que não combinavam uns com os outros, dominado por uma grande televisão, e apontou para o aparelho.

— Colorida. Meus inquilinos podem usar tanto a TV quanto a sala até as dez, durante a semana, e até meia-noite nos fins de semana. Às vezes, eu me junto aos jovens para ver um filme ou o jogo de beisebol de sábado à tarde. Comemos pizza ou eu faço pipoca. É divertido.

Divertido, pensei. *Divertido pra caramba.* E me pareceu divertido pra caramba mesmo.

— Me diga, sr. Jones, você bebe e fala alto? Considero esse tipo de comportamento antissocial, embora muitos não achem.

— Não, senhora.

Eu bebia um pouco, mas raramente falava alto. Em geral, depois de uma cerveja ou duas, eu ficava com sono.

— Perguntar se você usa drogas não faria sentido, você diria que não mesmo que usasse, não é? Mas é claro que esse tipo de coisa sempre acaba se revelando com o tempo, e eu convido o inquilino a procurar novas acomodações quando isso acontece. Nem maconha, estamos claros?

— Sim.

Ela me olhou com atenção.

— Você não tem *cara* de maconheiro.

— E não sou.

— Tenho quatro cômodos para solteiros, e só um deles está ocupado no momento. Pela srta. Ackerley. Ela é bibliotecária. Todos os meus aluguéis são de quartos simples, mas são bem melhores do que você encontraria em um hotelzinho. O que estou pensando para você fica no segundo andar. Tem banheiro próprio, com chuveiro, o que os do terceiro andar não têm. Tem uma escada externa também, o que é conveniente se você tiver uma namorada. Não tenho nada contra namoradas, pois também sou mulher e sou bem simpática. Você tem namorada, sr. Jones?

— Tenho, mas ela vai trabalhar em Boston no verão.

— Bem, talvez você conheça alguém aqui. É como diz a música: o amor está por toda parte.

Eu apenas sorri ao ouvir isso. No verão de 1973, a ideia de amar qualquer outra pessoa que não fosse Wendy Keegan parecia totalmente impossível para mim.

— Imagino que você tenha um carro. Só tem duas vagas lá atrás para os quatro inquilinos, então todo verão é por ordem de chegada. Você chegou primeiro, e acho que vai ficar. Se eu decidir que não, você vai para o olho da rua. Parece justo?

— Sim, senhora.

— Que bom, porque é assim que funciona. Vou precisar do de sempre: primeiro mês, último mês, depósito contra danos.

Ela citou um valor que também parecia justo. Mesmo assim, ia arrasar com minha conta no First New Hampshire Trust.

— A senhora aceita cheque?

— Vai ter fundos?
— Vai, senhora, por pouco.
Ela inclinou a cabeça para trás e riu.
— Então aceito, supondo que você ainda queira o quarto depois de vê-lo. — Ela apagou o cigarro e se levantou. — Aliás, nada de fumar lá em cima. É por causa do seguro. E nada de fumar aqui dentro depois que chegarem mais inquilinos. É questão de educação. Você sabia que o velho Easterbrook está instituindo uma política de não fumar no parque?
— Eu soube. Acho que ele vai perder clientes.
— Talvez no começo. Mas depois pode ganhar alguns. Eu apostaria meu dinheiro em Brad. Ele é um cara astuto, tem alma de parque de diversões. — Pensei em perguntar o que exatamente isso queria dizer, mas ela já tinha mudado de assunto: — Vamos dar uma olhada no quarto?
E uma olhada no quarto foi o suficiente para me convencer de que serviria muito bem. A cama era grande, o que era bom, e a janela tinha vista para o mar, o que era ainda melhor. O banheiro era quase uma piada, tão pequeno que, quando eu me sentava no vaso, meus pés ficavam no chuveiro, mas estudantes universitários que só tinham migalhas no banco não podiam ser exigentes. E a vista era um ponto muito positivo. Eu duvidava que os ricos tivessem uma vista melhor de suas casas de verão ao longo da Beach Row. Imaginei levar Wendy para lá, nós dois admirando a vista, e então… naquela cama grande, com o som ritmado e preguiçoso das ondas lá fora…
“Aquilo.” Finalmente, “aquilo”.
— Eu quero — concordei, e senti minhas bochechas esquentarem. Não era só do quarto que eu estava falando.
— Sei que quer. Dá para ver na sua cara — disse ela, como se soubesse o que eu estava pensando, e talvez soubesse mesmo.
Ela sorriu, e foi um sorriso grande e largo que quase a fez parecer uma personagem de Dickens, apesar do busto reto e da pele pálida.
— Seu próprio ninho. Não é o Palácio de Versalhes, mas é seu. Não é como um quarto de alojamento, é? Mesmo um individual?
— Não — admiti.
Eu estava pensando que teria que convencer meu pai a colocar mais quinhentos dólares em minha conta para cobrir as despesas até eu começar a receber. Ele resmungaria, mas ia concordar. Eu só esperava não ter que usar a cartada da mãe morta. Ela havia partido havia quase quatro anos, mas papai carregava várias fotos dela na carteira e ainda usava a aliança.
— Seu próprio emprego e sua própria casa — disse ela, parecendo meio sonhadora. — É coisa boa, Devin. Tem problema se eu chamar você de Devin?
— Pode me chamar de Dev.
— Está bem então.
Ela olhou para o quartinho com o teto inclinado — ficava sob uma calha — e suspirou.
— A emoção não dura muito, mas, enquanto dura, é bem gostosa. Essa sensação de independência. Acho que você vai se encaixar bem aqui. Você tem uma aura de parque de diversões.

— A senhora é a segunda pessoa que me diz isso. — Mas me lembrei da conversa com Lane Hardy no estacionamento. — Terceira, na verdade.

— E aposto que sei quem foram as outras duas. Tem mais alguma coisa que eu possa mostrar? O banheiro não é nada de mais, eu sei, mas é melhor do que ter que cagar no banheiro do alojamento enquanto dois caras nas pias peidam e contam mentiras sobre as garotas com quem saíram na noite anterior.

Eu explodi em gargalhadas, e a sra. Emmalina Shoplaw se juntou a mim.

Nós descemos pela escada externa.

— Como está Lane Hardy? — perguntou ela quando chegamos lá embaixo. — Ainda usando aquele gorro ridículo?

— Me pareceu um chapéu-coco.

Ela deu de ombros.

— Gorro, chapéu-coco, qual é a diferença?

— Ele está bem, mas me contou uma coisa…

Ela estava me olhando com a cabeça inclinada. Quase sorrindo, mas só quase.

— Ele me contou que o trem fantasma de Joyland, que ele chamou de Horror House, é assombrado. Perguntei se ele estava de brincadeira, e ele disse que não. Disse que a senhora sabia sobre isso.

— Ah, disse?

— Sim. Ele falou que, quando o assunto é Joyland, a senhora sabe mais do que ele.

— Bem — disse ela, enfiando a mão no bolso da calça e tirando um maço de cigarros Winston. — Sei bastante coisa. Meu marido foi engenheiro-chefe de lá até ter um ataque cardíaco e morrer. Quando descobri que o seguro de vida dele era péssimo e precisei pedir um empréstimo, comecei a alugar os dois andares de cima desta casa. O que mais eu poderia fazer? Nós só tivemos uma filha, e agora ela está em Nova York, trabalhando em uma agência de publicidade. — Ela acendeu o cigarro, tragou e expirou com uma gargalhada. — E também está tentando perder o sotaque sulista, mas isso é outra história. Essa monstruosidade enorme de casa era o brinquedinho de Howie, e nunca me ressenti disso. Pelo menos, compensou. E eu gosto de ficar ligada ao parque, porque me faz sentir que ainda estou ligada a ele. Entende?

— Claro.

Ela me avaliou através de uma nuvem de fumaça de cigarro, sorriu e balançou a cabeça.

— Não… você está sendo gentil, mas é um pouco jovem demais.

— Perdi minha mãe quatro anos atrás. Meu pai ainda está de luto. Ele diz que há um motivo para *mulher* e *viver* terem a mesma terminação. Eu, pelo menos, tenho a faculdade e minha namorada. Papai fica vagando por uma casa ao norte de Kittery que é grande demais para ele. Ele sabe que deveria vender e comprar uma menor, mais perto do trabalho, nós dois sabemos, mas ele continua lá. Então eu sei, sim, o que a senhora quer dizer.

— Sinto pela sua perda — disse a sra. Shoplaw. — Um dia vou abrir demais minha boca e acabar me engolindo. Esse seu ônibus é o de cinco e dez?

— É.

— Venha até a cozinha, então. Vou fazer um queijo-quente e esquentar uma tigela de sopa de tomate. Ainda tem tempo. E vou contar a história triste do fantasma de Joyland, enquanto você come, se quiser ouvir.

— É mesmo uma história de fantasma?

— Eu nunca entrei naquela porcaria de trem fantasma, então não tenho certeza. Mas é uma história de assassinato. *Disso* eu tenho certeza.

Era só uma sopa Campbell, mas o queijo-quente era com queijo Munster, meu favorito, e estava divino. Ela me serviu um copo de leite e insistiu que eu bebesse. Eu era, segundo a sra. Shoplaw, um garoto em fase de crescimento. Ela se sentou à minha frente com uma tigela de sopa, mas sem sanduíche ("Sou uma moça, tenho que me cuidar"), e me contou a história. Parte ela havia lido em jornais e visto em noticiários de TV. As partes mais pesadas ela ouvira de seus contatos em Joyland, e tinha muitos.

— Foi quatro anos atrás, imagino que mais ou menos na mesma época em que sua mãe morreu. Sabe o primeiro que sempre me vem à mente quando penso nisso? A camisa do cara. E as luvas. Pensar nessas coisas me dá arrepios. Porque significa que ele *planejou*.

— Acho que talvez você esteja começando no meio — comentei.

A sra. Shoplaw riu.

— É, acho que estou mesmo. O nome do suposto fantasma é Linda Gray, e ela era de Florence. É lá na Carolina do Sul. Ela e o namorado, se é que eram mesmo namorados... os policiais verificaram o passado dela minuciosamente e não encontraram sinal dele... Bom, os dois passaram a última noite de vida dela no hotel Luna Inn, a um quilômetro ao sul daqui, seguindo pela praia. Eles entraram em Joyland por volta das onze horas da manhã do dia seguinte. Compraram ingressos para o dia inteiro e pagaram em dinheiro. Andaram em alguns brinquedos e almoçaram no Rock Lobster, o restaurante de frutos do mar perto do salão de shows. Isso foi pouco depois da uma da tarde. Quanto à hora da morte, você deve saber que eles determinam isso… pelo conteúdo do estômago e tal…

— Sei.

Meu sanduíche tinha terminado e voltei a atenção para a sopa. A história não afetava em nada meu apetite. É importante lembrar que eu tinha vinte e um anos e, embora na época eu talvez negasse isso, no fundo estava convencido de que jamais morreria. Nem mesmo a morte de minha mãe foi capaz de abalar essa crença.

— Ele a levou para comer e então foram à Carolina Spin, um brinquedo lento, sabe, tranquilo para a digestão, depois para o Horror House. Entraram juntos, mas só ele saiu. Na metade do brinquedo, que dura uns nove minutos, ele cortou a garganta dela e a jogou na lateral do trilho pelo qual o carrinho segue. Como se ela fosse lixo. Ele devia saber que se sujaria, porque estava com duas camisas e tinha colocado um par de luvas de trabalho amarelas. Encontraram a camisa de cima, a que pegou a maior parte do sangue, a uns cem metros do corpo. As luvas, um pouco mais para a frente.

Eu conseguia imaginar: primeiro o corpo, ainda quente e pulsando, depois a camisa, depois as luvas. O assassino, enquanto isso, fica sentadinho até o fim brinquedo. A sra. Shoplaw tinha razão, *era* apavorante.

— Quando o passeio terminou, o filho da mãe apenas se levantou e foi embora. A camisa que encontraram estava encharcada... ele tinha limpado o carrinho, mas não tirou todo o sangue. Um dos Ajudantes viu um pouco no banco, antes de a volta seguinte começar, e limpou. Nem pensou duas vezes no assunto. Sangue em brinquedos de parque de diversões não é incomum; em geral, é de algum garoto que se empolgou demais e teve uma hemorragia nasal. Você vai descobrir isso por si mesmo. Mas não deixe de usar luvas quando for limpar, para se proteger de doenças. Há luvas em todas as estações de primeiros socorros, e tem estações de primeiros socorros por todo o parque.

— Ninguém reparou que ele saiu do brinquedo sem a namorada?

— Não. Eram meados de julho, o pico da temporada, e o parque estava uma loucura. Só encontraram o corpo à uma da madrugada, bem depois que o parque estava fechado, quando acenderam as luzes do Horror House. No turno da noite, sabe. Você vai ter sua chance de passar por isso; todas as equipes de Ajudantes Felizes ficam responsáveis pela limpeza uma semana por mês, e é melhor você dormir bem antes da sua, porque esse turno da noite é o pior.

— As pessoas passaram por ela até o parque fechar e não a viram?

— Se viram, acharam que fazia parte do brinquedo. Mas o corpo deve ter mesmo passado despercebido. Lembre que o Horror House é um trem fantasma. O único brinquedo escuro de Joyland, na verdade. Outros parques têm mais.

Um trem fantasma. Isso me provocou um arrepio, mas não intenso a ponto de me impedir de terminar a sopa.

— E uma descrição dele? Talvez feita pela pessoa que os serviu no restaurante.

— Eles tinham coisa melhor. Tinham fotos. A polícia cuidou para que aparecessem na TV e no jornal.

— Como conseguiram isso?

— As Garotas de Hollywood — explicou a sra. Shoplaw. — Sempre tem umas seis trabalhando no parque quando o movimento está grande. Nunca houve nada parecido com um bordel em Joyland, mas o velho Easterbrook não passou tantos anos em parques itinerantes à toa. Ele sabe que as pessoas gostam de um pouco de apelo sexual para acompanhar os brinquedos e os cachorros-quentes. Tem uma Garota de Hollywood em cada equipe de Ajudantes. Você vai ter a sua e, junto com os outros caras da equipe, vai ter que ficar de olho para o caso de alguém incomodá-la. Elas andam todas de verde, com uns vestidinhos curtos, saltos altos e chapeuzinhos que sempre me fazem pensar em Robin Hood e seus Homens Alegres. Só que são Mocinhas Alegres. Elas carregam câmeras Speed Graphic, do tipo que a gente vê em filmes antigos, e tiram fotos dos caipiras. — Ela fez uma pausa. — Mas devo aconselhá-lo a não chamar os visitantes assim.

— Já fui avisado pelo sr. Dean.

— Imaginei. De qualquer modo, todas as Garotas de Hollywood são instruídas a se concentrarem em grupos de famílias e em casais que aparentem mais de vinte e um anos. Os mais novos normalmente não estão interessados em fotos de recordação; preferem gastar o

dinheiro em comida e fliperama. A jogada é que a garota primeiro tira a foto, depois faz a abordagem. — Ela fez uma voz sussurrada, no estilo Marilyn Monroe: — "Oi, bem-vindos a Joyland, sou Karen! Se quiser uma versão impressa da foto que tirei, é só me dar seu nome e buscá-la no quiosque de Fotos de Hollywood, no Hound Dog Way, quando estiverem saindo do parque." Mais ou menos assim.

"Uma delas tirou uma foto de Linda Gray com o namorado no tiro ao alvo Annie Oakley, mas, quando ela os abordou, o cara deu um passa-fora nela. Um passa-fora *grosseiro*. Ela falou para a polícia, depois, que parecia que ele pegaria a câmera e a quebraria se pudesse escapar ileso. Disse que os olhos dele haviam provocado arrepios de medo nela. Duros e cinzentos, foi como a garota descreveu."

A sra. Shoplaw sorriu e deu de ombros.

— Só que ele estava de óculos escuros. Você sabe como algumas garotas gostam de fazer drama.

É, eu sabia mesmo. A amiga de Wendy, Renee, era capaz de transformar uma ida rotineira ao dentista em uma cena de filme de terror.

— Essa foi a melhor fotografia, mas não foi a única. A polícia olhou todas as fotos das Garotas de Hollywood daquele dia e encontrou a garota Gray com o amigo no fundo de pelo menos mais quatro. Na melhor imagem, os dois estão na fila das Whirly Cups, e ele está com a mão no traseiro da menina. Muito íntimo para uma pessoa que ninguém da família dela conhecia.

— Pena que não tem circuito interno de TV — comentei. — Minha namorada arrumou um emprego de verão no Filene's, em Boston, e diz que lá tem algumas câmeras e que estão colocando mais. Para impedir furtos.

— Daqui a pouco, todo lugar terá câmeras — disse ela. — Como naquele livro de ficção científica sobre a Polícia do Pensamento. E não estou ansiosa para ver isso acontecer. Mas nunca vão colocar em brinquedos como o Horror House. Nem mesmo as de infravermelho, que filmam no escuro.

— Não?

— Não. Não tem Túnel do Amor em Joyland, mas o Horror House é, com certeza, o Túnel da Mão Boba. Meu marido certa vez comentou que, quando a equipe que limpa à noite não encontra pelo menos três calcinhas ao lado dos trilhos, é porque foi um dia bem lento.

"Mas eles tinham uma ótima foto do cara no tiro ao alvo. Quase um close. Apareceu nos jornais e na TV por uma semana. Ele encostadinho nela, quadril com quadril, mostrando como segurar a espingarda, como os homens sempre fazem. Todo mundo na Carolina do Sul e do Norte deve ter visto. Ela está sorrindo, mas ele está totalmente sério."

— Com as luvas e a faca no bolso o tempo todo — comentei, impressionado com a ideia.

— Navalha.

— Hã?

— Ele usou uma navalha ou algo parecido, foi o que o legista concluiu. De qualquer modo, eles tinham aquelas fotos, incluindo a boa, e quer saber? Não dá para identificar o rosto dele em nenhuma delas.

— Por causa dos óculos escuros.

— Também. Além disso, um cavanhaque cobria o queixo, e um boné com aba comprida fazia sombra no pouco do rosto que os óculos e o cavanhaque não escondiam. Podia ser qualquer pessoa. Podia ser você, só que você tem cabelo escuro em vez de louro e não tem uma cabeça de pássaro tatuada em uma das mãos. O cara tinha. Uma águia ou talvez um falcão. Apareceu claramente na foto do tiro ao alvo. Imprimiram a tatuagem ampliada no jornal cinco dias seguidos, na esperança de alguém reconhecer. Ninguém reconheceu.

— Nenhuma pista no hotel onde eles passaram a noite anterior?

— Hã-hã. Ele mostrou uma carteira de motorista da Carolina do Sul quando fez o registro, mas tinha sido roubada um ano antes. Ninguém viu a Linda. Ela deve ter ficado esperando no carro. O corpo ficou sem identificação por quase uma semana, mas a polícia liberou um desenho do rosto. Parecia que ela estava apenas dormindo, e não morta com a garganta cortada. Alguém, uma amiga com quem ela estudou enfermagem, eu acho, a viu e reconheceu. Contou para os pais da garota. Não consigo nem imaginar o que eles sentiram, dirigindo até aqui, torcendo para que, quando chegassem ao necrotério, encontrassem com a filha querida de outra pessoa. — Ela balançou a cabeça lentamente. — Filhos são um risco muito grande, Dev. Já pensou nisso?

— Acho que sim.

— Isso quer dizer que não. Eu… Acho que, se puxassem aquele lençol e fosse minha filha deitada lá, eu ficaria louca.

— Você não acha que Linda Gray realmente assombra o brinquedo, acha?

— Não posso responder isso, porque não tenho opinião sobre vida após a morte, não acredito nem desacredito. O que penso é que vou descobrir quando chegar minha hora, e isso basta. Só sei que muita gente que trabalha em Joyland alega ter visto a garota de pé ao lado do trilho, com a roupa que usava quando foi encontrada: blusa sem manga e saia azuis. Ninguém pode ter visto a cor nas fotos que liberaram para o público porque as câmeras Speed Graphic que as Garotas de Hollywood usam só tiram em preto e branco. É mais fácil e mais barato de revelar, eu acho.

— Talvez a cor das roupas tenha sido mencionada nos artigos.

Ela deu de ombros.

— É possível; eu não lembro. Mas várias pessoas também mencionaram que a garota que viram de pé ao lado do trilho estava usando uma faixa de cabelo azul, e *isso* não estava nos artigos de jornal. Seguraram essa informação por quase um ano na esperança de usar com um suspeito, se encontrassem algum.

— Lane disse que os caipiras nunca a veem.

— Não, ela só aparece de madrugada. Em geral são Ajudantes Felizes do turno da noite que a veem, mas sei de pelo menos um inspetor de segurança de Raleigh que alega ter visto também, porque tomei uma bebida com ele no Sand Dollar. Disse que ela estava ali, de pé, quando ele passou inspecionando. Ele achou que fosse só um boneco novo até ela levantar as mãos, assim.

A sra. Shoplaw levantou as mãos com as palmas viradas para cima, em um gesto de súplica.

— Ele disse que foi como se a temperatura tivesse caído uns cinco graus. O ar ficou frio como aço, foi o que me falou. Quando se virou e olhou para trás, ela havia sumido.

Pensei em Lane, de jeans apertado, botas surradas e chapéu-coco inclinado. *Verdade ou baboseira?*, perguntara ele. *Coca-Cola ou Pepsi?* Eu achava que o fantasma de Linda Gray era quase

certamente baboseira, mas torcia para que não. Torcia para vê-la. Seria uma ótima história para contar a Wendy, e, naqueles dias, todos os meus pensamentos se voltavam para ela. Se eu comprasse tal camisa, será que agradaria Wendy? Se eu escrevesse uma história sobre uma jovem que dá o primeiro beijo em um passeio a cavalo, Wendy gostaria? Se eu visse o fantasma de uma garota assassinada, Wendy ficaria fascinada? Talvez o bastante para querer vir ver com os próprios olhos?

— Saiu um artigo no *News and Courier* de Charleston, uns seis meses depois do assassinato — disse a sra. Shoplaw. — Parece que, desde 1961, houve quatro assassinatos parecidos em Georgia e nas Carolinas. Todas moças jovens. Uma esfaqueada, as outras três com a garganta cortada. O repórter conseguiu pelo menos um policial que disse que todas podem ter sido mortas pelo cara que matou Linda Gray.

— Cuidado com o Assassino do Trem Fantasma! — falei com voz grave no estilo apresentador.

— Foi exatamente assim que os jornais o chamaram. Você estava com fome, não estava? Limpou o prato. Agora acho que é melhor preencher o cheque e ir andando para a rodoviária, senão vai ter que passar a noite no meu sofá.

O sofá até parecia bem confortável, mas eu estava ansioso para voltar para o norte. Faltavam dois dias para o fim das férias de primavera, e logo eu estaria de volta às aulas com o braço na cintura de Wendy Keegan.

Peguei meu talão de cheques, preenchi e, ao fazer isso, aluguei um quarto com uma encantadora vista para o mar que Wendy Keegan, minha namorada, jamais teve a chance de ver. Foi naquele quarto que passei algumas noites ouvindo música baixinho no rádio, Jimi Hendrix ou The Doors, tendo pensamentos suicidas ocasionais. Eram pensamentos mais amadores do que sérios, apenas fantasias de um jovem muito criativo que estava sofrendo… ou pelo menos é o que digo para mim mesmo agora, tantos anos depois, mas quem pode ter certeza?

Quando se trata do passado, *todo mundo* escreve ficção.

Tentei falar com Wendy da rodoviária, mas a madrasta disse que ela havia saído com Renee. Quando o ônibus chegou a Wilmington, tentei de novo, mas ela ainda estava na rua. Perguntei a Nadine, a madrasta, se fazia ideia de aonde Wendy tinha ido. Nadine respondeu que não. Ela soava como se aquela ligação fosse a mais desinteressante que recebera o dia todo. Talvez o ano todo. Talvez na vida. Eu me dava bem com o pai de Wendy, mas Nadine Keegan nunca fora uma das minhas maiores fãs.

Por fim, quando já estava em Boston, consegui falar com Wendy. Ela parecia sonolenta, apesar de serem só onze horas, o auge da noite para a maioria dos estudantes universitários em férias de primavera. Contei a ela que conseguira o emprego.

— Parabéns — respondeu Wendy. — Está indo para casa?

— Estou, assim que pegar o carro.

E isso se um dos pneus não estivesse furado. Naquela época, eu vivia com pneus carecas, e parecia que um deles sempre estava furado. Não tinha estepe?, poderia me perguntar. Que

engraçadinho.

— Posso passar a noite em Portsmouth, em vez de ir direto para casa, e ver você amanhã se…

— Não seria uma boa ideia. Renee vai dormir aqui, e Nadine não aguenta mais gente do que isso. Você sabe como ela é *sensível* sobre visitas.

Sobre certas visitas, talvez, mas, na minha opinião, Nadine e Renee combinavam tanto quanto fogo e gasolina, bebendo infinitas xícaras de café e fofocando sobre seus artistas de cinema favoritos como se fossem amigos íntimos. Mas aquele não pareceu o momento de mencionar isso.

— Normalmente eu adoraria falar com você, Dev, mas estava me preparando para dormir. Ren e eu tivemos um dia agitado. Fazendo compras e… outras coisas.

Ela não se aprofundou na parte do *outras coisas*, e eu não quis perguntar. Outro sinal de alerta.

— Eu te amo, Wendy.

— Também te amo. — Soou mais rotineiro do que apaixonado.

Ela só está cansada, disse a mim mesmo.

Segui de Boston para o norte com uma inquietação esquisita. Foi o jeito como Wendy falou? A falta de entusiasmo? Eu não sabia. Nem tinha certeza de que queria saber. Mas me questionei. Às vezes, mesmo agora, tantos anos depois, ainda me questiono. Atualmente, ela não é nada para mim além de uma cicatriz e uma lembrança, alguém que me magoou como moças magoam rapazes de tempos em tempos. Uma garota de outra época da minha vida. Mesmo assim, não consigo deixar de pensar em onde ela esteve naquele dia. Em que *coisas* eram aquelas. E se era mesmo com Renee St. Claire que ela estava.

Poderíamos discutir sobre qual é o verso mais macabro da música pop, mas, para mim, é um do início da carreira dos Beatles; John Lennon canta "Prefiro ver você morta, menina, a ver você com outro homem". Eu poderia dizer que nunca pensei isso de Wendy, depois do rompimento, mas seria mentira. Não era constante, mas eu pensei nela com certa crueldade depois que terminamos? Sim. Houve noites longas e insones em que pensei que ela merecia que algo ruim, talvez bem ruim, acontecesse, pela forma como me magoou. Eu ficava amargurado por pensar assim, mas às vezes pensava. Mas então eu me lembrava do homem que entrou no Horror House com o braço ao redor de Linda Gray, usando duas camisas. O homem com o pássaro tatuado na mão e uma navalha no bolso.

Na primavera de 1973 — que considero o último ano de minha infância, quando penso no assunto —, vi um futuro em que Wendy Keegan seria Wendy Jones… ou talvez Wendy Keegan-Jones, se ela quisesse ser moderna e manter o nome de solteira com o de casada. Haveria uma casa em um lago, no Maine ou em New Hampshire (talvez no oeste de Massachusetts), preenchido pela gritaria de dois pequenos Keegan-Jones. Uma casa onde eu escreveria livros que não seriam exatamente best-sellers, mas populares o bastante para nos sustentar com conforto e que receberiam (o que é *muito* importante) boas críticas. Wendy realizaria o sonho de abrir uma pequena boutique (também com boas críticas) e eu daria alguns cursos de escrita criativa, nos

quais estudantes talentosos competiriam para entrar. Nada disso aconteceu, claro, então fez sentido que nosso último momento como casal tenha sido na sala do professor George B. Nako, um homem que nunca existiu.

No outono de 1968, alunos da Universidade de New Hampshire, voltando às aulas, descobriram a "sala" do professor Nako debaixo da escada, no porão do Prédio Hamilton Smith. O local estava lotado de diplomas falsos, aquarelas peculiares intituladas de arte albanesa e mapas de sala de aula com nomes como Elizabeth Taylor, Robert Zimmerman e Lyndon Beans Johnson escritos a lápis nos quadradinhos. Também havia trabalhos de alunos que não existiam. Eu lembro que um se chamava "Estrelas sexuais do Oriente". Outro se chamava "Primeiras poesias de Cthulhu: uma análise". Havia três cinzeiros. Em um cartaz preso na parte debaixo da escada se lia PROFESSOR NAKO DIZ: "É SEMPRE PERMITIDO FUMAR!". Havia duas cadeiras velhas e um sofá igualmente gasto, bem útil para alunos em busca de um local confortável para amassos.

A quarta-feira antes da minha última prova foi atipicamente quente e úmida. Por volta de uma da tarde, nuvens escuras começaram a surgir, e, por volta das quatro, quando Wendy aceitou se encontrar comigo na "sala" subterrânea de George B. Nako, o céu desabou. Cheguei lá primeiro. Wendy chegou cinco minutos depois, encharcada, mas de bom humor. Gotas de água brilhavam no cabelo dela. Ela se jogou em meus braços e se contorceu, rindo. Um trovão explodiu; as poucas luzes do corredor escuro do porão piscaram.

— Me abrace, me abrace, me abrace — disse ela. — Essa chuva está *muito* gelada.

Eu a aqueci e ela me aqueceu. Em pouco tempo, estávamos emaranhados no velho sofá, minha mão esquerda segurando um seio sem sutiã, a direita avançada o bastante sob a saia para roçar em seda e renda. Ela deixou minha mão ali por um minuto ou dois, depois se sentou, se afastou de mim e ajeitou o cabelo.

— Chega disso — disse ela, mais séria. — E se o professor Nako entrar?

— Improvável, você não acha?

Eu estava sorrindo, mas abaixo do cinto sentia um latejar conhecido. Às vezes, Wendy aliviava esse latejamento — já tinha ficado especialista no que chamávamos de "serviço por cima da calça" —, mas eu não achava que seria o caso daquele dia.

— Um aluno dele então — argumentou ela. — Implorando por nota para passar. "Por favor, professor Nako, por favor, por favor, *por favor*. Faço qualquer coisa."

Isso também era improvável, mas as chances de sermos interrompidos eram altas, nisso ela estava certa. Alunos sempre entravam para acrescentar novos trabalhos falsos ou quadros de arte albanesa. O sofá era bom para amassos, mas o local, não. No passado, talvez, mas não desde que aquele local virara uma espécie de ponto de referência mítico para os alunos da Faculdade de Ciências Humanas.

— Como foi sua prova final de sociologia? — perguntei a ela.

— Foi boa. Duvido que tenha gabaritado, mas sei que passei, e já está bom. Principalmente porque é a última. — Ela se espreguiçou, os dedos tocando o zigue-zague das escadas acima e os seios se empinando de forma hipnotizante. — Caio fora daqui em… — Ela olhou para o relógio. — Exatamente uma hora e dez minutos.

— Você e Renee?

Eu não gostava muito da colega de quarto de Wendy, mas sabia que não devia expressar isso. Na única vez em que falei, Wendy e eu tivemos uma briga curta e amarga na qual ela me acusou de tentar mandar em sua vida.

— Correto, senhor. Ela vai me deixar na casa do meu pai e da minha madrasta. E, em uma semana, seremos oficialmente funcionárias do Filene's!

Ela fazia parecer que as duas tinham conseguido emprego na Casa Branca, mas também guardei isso para mim. Eu tinha outras preocupações.

— Você ainda vai a Berwick no sábado, não vai?

O plano era ela chegar de manhã, passar o dia e dormir lá. Wendy ficaria no quarto de hóspedes, claro, mas eram apenas seis passos de distância no corredor. Considerando que talvez só nos víssemos de novo no outono, achei que a possibilidade de "aquilo" acontecer era grande. Claro, criancinhas acreditam em Papai Noel, e calouros da UNH às vezes passavam um semestre inteiro acreditando que George B. Nako era um professor de verdade, que dava aulas de inglês de verdade.

— Claaaaro.

Ela olhou ao redor, não viu ninguém e deslizou a mão por minha coxa. Quando chegou à virilha, tocou delicadamente o que encontrou entre minhas pernas.

— Vem cá...

Assim, acabei ganhando meu serviço por cima da calça. Foi um dos melhores dela, lento e rítmico. Os trovões explodiam, e em determinado momento o suspiro da chuva virou um estrepitar alto e seco quando começou a cair granizo. No final, Wendy o apertou, aumentando e prolongando o prazer do meu orgasmo.

— Lembre-se de ficar bem molhado no caminho de volta para o alojamento, senão o mundo todo vai saber o que estávamos fazendo aqui embaixo. — Ela ficou de pé. — Tenho que ir, Dev. Ainda tenho que botar umas coisas na mala.

— Pego você ao meio-dia de sábado. Meu pai vai fazer o famoso ensopado de frango no jantar.

Ela disse "claaaro" mais uma vez; assim como ficar nas pontas dos pés para me beijar, aquela palavra era uma marca registrada de Wendy Keegan. Só que na noite de sexta eu recebi uma ligação dela dizendo que os planos de Renee tinham mudado e elas partiriam para Boston dois dias antes.

— Me desculpe, Dev, mas ela vai me dar carona.

— Você pode ir de ônibus — argumentei, já sabendo que não adiantaria.

— Eu prometi, querido. E temos ingressos para *Pippin* no Imperial. O pai de Renee comprou para nós, foi surpresa. — Ela fez uma pausa. — Fique feliz por mim. Você vai para a Carolina do Norte e eu estou feliz por *você*.

— Feliz — falei. — Felizaço.

— Melhor assim. — A voz dela ficou mais baixa, íntima. — Na próxima vez em que estivermos juntos, vou compensar. Prometo.

Foi uma promessa que ela não cumpriu, mas que também não precisou quebrar, porque nunca mais vi Wendy Keegan depois daquele dia na "sala" do professor Nako. Não houve nem um telefonema final cheio de lágrimas e acusações. Isso foi um palpite de Tom Kennedy (daqui a

pouco chegamos nele), e provavelmente foi o melhor. Wendy talvez estivesse esperando uma ligação desse tipo, talvez até desejasse. Se foi esse o caso, ela se decepcionou.

Espero que sim. Tantos anos depois, nesses velhos delírios febris sobre o passado, ainda espero que ela tenha se decepcionado.

O amor deixa cicatrizes.

Eu nunca escrevi os livros com os quais sonhei, os quase best-sellers com boas críticas, mas ganho bem como escritor e sou grato pelo que tenho; há milhares que não têm tanta sorte. Meu salário aumentou regularmente até eu chegar onde estou agora, trabalhando no *Commercial Flight*, um periódico do qual você nunca deve ter ouvido falar.

Um ano depois de assumir o cargo de editor-chefe, voltei ao campus da UNH. Fui até lá para um simpósio de dois dias sobre o futuro das publicações no século XXI. Durante um intervalo, no segundo dia, caminhei por impulso até o Prédio Hamilton Smith e espiei debaixo da escada do porão. Os trabalhos, os mapas de sala de aula com celebridades e toda a arte albanesa não existiam mais. Nem as cadeiras, o sofá e os cinzeiros. Mas, mesmo assim, *alguém* lembrou. Presa com fita adesiva embaixo da escada, onde antes houvera um cartaz proclamando que fumar era sempre permitido, vi uma folha de papel com uma única linha impressa, tão pequena que precisei me aproximar e ficar na ponta dos pés para ler:

O professor Nako agora dá aula na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

Bem, por que não?

Por que não, porra?

Sobre Wendy, eu sei tanto quanto você. Imagino que eu possa usar o Google, esse equivalente do século XXI à Bola 8 Mágica, para procurá-la e descobrir se ela realizou seu sonho de ter uma boutique exclusiva, mas para quê? O que já foi já foi. O que acabou acabou. E, depois do que aconteceu em Joyland (que ficava pertinho da praia de uma cidade chamada Heaven's Bay, não esqueçamos isso), meu coração partido parecia bem menos importante. Mike e Annie Ross tiveram muito a ver com isso.

Meu pai e eu acabamos jantando o famoso ensopado de frango, mesmo sem uma visita, o que Timothy Jones provavelmente apreciou; embora tentasse esconder, por respeito a mim, eu sabia que ele pensava de Wendy quase o mesmo que eu pensava de Renee. Na época, achava que era porque papai tinha um pouco de ciúmes do lugar que Wendy ocupava em minha vida. Agora, acho que ele a via com mais clareza do que eu. Não posso dizer com certeza; nunca falamos sobre isso. Acho que homens não sabem falar de mulheres de forma significativa.

Depois que terminamos de comer e lavar os pratos, nos sentamos no sofá para tomar cerveja, comer pipoca e ver um filme em que Gene Hackman era um policial durão com fetiche por pés. Eu estava com saudade de Wendy — que naquele momento provavelmente ouvia a companhia de teatro de *Pippin* cantar "Spread a Little Sunshine" —, mas há vantagens em estar na presença apenas de outro homem, como poder arrotar e peidar sem precisar disfarçar.

No dia seguinte, meu último em casa, fizemos uma caminhada ao longo dos trilhos abandonados que passavam pelo bosque atrás da casa onde cresci. Minha mãe estabelecera uma regra rígida de que eu e meus amigos tínhamos que ficar longe daqueles trilhos. O último trem de carga passara por eles dez anos antes, e ervas daninhas cresciam entre os trilhos enferrujados, mas isso não fazia diferença para mamãe. Ela estava convencida de que, se brincássemos ali, um último trem (vamos chamá-lo de Especial Comedor de Criancinhas) apareceria em disparada e nos transformaria em patê. Só que foi ela a atingida por um trem inesperado, um câncer de mama em metástase aos quarenta e sete anos. Um expresso dos mais cruéis.

— Vou sentir falta de você aqui no verão — disse meu pai.

— Eu também vou sentir sua falta.

— Ah! Antes que eu esqueça. — Ele enfiou a mão no bolso da camisa e tirou um cheque. — Abra uma conta e deposite logo. Peça para acelerarem a liberação se puderem.

Olhei a quantia: não os quinhentos dólares que eu tinha pedido, mas mil.

— Pai, você tem esse dinheiro?

— Tenho. Principalmente porque você manteve seu emprego no refeitório, e isso me poupou de precisar compensar a diferença. Pense nisso como um bônus.

Eu beijei a bochecha dele, que estava áspera. Ele não tinha feito a barba naquela manhã.

— Obrigado.

— Garoto, você merece muito mais que isso. — Ele pegou um lenço no bolso e secou os olhos com objetividade, sem constrangimento. — Me desculpe pela torneirinha. É difícil quando os filhos vão embora. Um dia você vai descobrir isso, mas espero que tenha uma boa mulher para lhe fazer companhia depois que eles partirem.

Pensei na sra. Shoplaw dizendo "Filhos são um risco muito grande".

— Pai, você vai ficar bem?

Ele colocou o lenço de volta no bolso e abriu um sorriso, alegre e natural.

— É só você me ligar de tempos em tempos que vou ficar bem. Além disso, não deixe que mandem você trabalhar lá em cima de uma porcaria de montanha-russa.

Na verdade, a ideia me pareceu empolgante, mas falei que não deixaria.

— E… — Mas nunca cheguei a ouvir o que ele pretendia dizer em seguida, se seria um conselho ou uma repreensão. Ele apontou. — Olhe só para isso!

Cinquenta metros à frente, uma corça saiu do bosque. Ela passou delicadamente pelo trilho, até ficar no meio do caminho, onde a vegetação era tão alta que roçava os flancos do corpo dela. A corça fez uma pausa, nos olhando com toda a calma, as orelhas em pé. O que me lembro daquele momento é o silêncio. Nenhum pássaro cantava, nenhum avião passava no céu. Se minha mãe estivesse conosco, estaria com a câmera e teria começado a tirar um milhão de fotos. Pensar nisso me fez sentir saudade dela de uma forma que eu não sentia havia anos.

Dei um abraço forte e rápido em meu pai.

— Eu te amo, pai.
— Eu sei — disse ele. — Eu sei.
Quando olhei de novo, a corça tinha ido embora. Um dia depois, eu também fui.

Quando voltei para a grande casa cinza no fim da Main Street, em Heaven's Bay, a placa feita de conchas tinha sido retirada e guardada porque a sra. Shoplaw estava com a casa cheia para o verão. Agradeci mentalmente a Lane Hardy por ter me dito para reservar logo um quarto. As tropas de empregados de verão de Joyland tinham chegado, e todas as hospedarias da cidade estavam cheias.

Eu dividia o segundo andar com Tina Ackerley, a bibliotecária. A sra. Shoplaw alugara as acomodações do terceiro piso para uma ruiva magrela, estudante de artes, chamada Erin Cook, e um estudante corpulento da Universidade Rutgers chamado Tom Kennedy. Erin, que fizera cursos de fotografia tanto no ensino médio quanto na Universidade Bard, fora contratada como uma Garota de Hollywood. Quanto a mim e a Tom…

— Ajudantes Felizes — disse ele. — Serviços gerais, em outras palavras. Foi o que aquele cara, Fred Dean, marcou no meu formulário. Você?

— Mesma coisa — respondi. — Acho que quer dizer que somos zeladores.

— Duvido.

— É mesmo? Por quê?

— Porque somos brancos — disse ele e, apesar de fazermos parte das tarefas de limpeza, tinha razão.

A equipe de zeladores — vinte homens e mais de trinta mulheres usando macacões com emblemas de Howie, o Cão Feliz, nos bolsos do peito — era inteira composta de haitianos e dominicanos, e quase certamente eram todos ilegais. Eles moravam em um vilarejo próprio, a dezesseis quilômetros de distância da costa, e eram trazidos e levados em dois ônibus escolares antigos. Tom e eu ganhávamos quatro dólares por hora; Erin, um pouco mais. Só Deus sabe quanto os faxineiros ganhavam. Eram explorados, claro, e dizer que havia trabalhadores ilegais por todo o sul em situação pior não exime a situação, nem pontuar que isso aconteceu quarenta anos atrás. Embora se possa dizer: eles nunca tiveram que vestir a fantasia. Nem Erin.

Tom e eu, sim.

Na noite anterior ao nosso primeiro dia de trabalho, nós três estávamos sentados na sala da *Maison* Shoplaw, nos conhecendo e especulando sobre o verão à frente. Enquanto conversávamos, a lua subiu sobre o Atlântico, tão calmamente linda quanto a corça que eu e meu pai tínhamos visto nos velhos trilhos.

— É um parque de diversões, caramba — disse Erin. — Que dificuldade pode ter?

— É fácil para você falar — respondeu Tom. — Ninguém espera que você lave as Whirly Cups depois que todos os pestinhas do Clube de Escoteiros vomitarem o almoço no meio do brinquedo.

— Vou ajudar no que tiver que ajudar — afirmou Erin. — Se incluir limpar vômito além de tirar fotos, tudo bem. Eu preciso desse emprego. Quero fazer mestrado ano que vem e estou a exatos dois passos da falência.

— Nós temos que tentar ficar na mesma equipe — disse Tom.

No fim das contas, ficamos mesmo. Todas as equipes de trabalho de Joyland tinham nome de cachorro, e a nossa era a Equipe Beagle.

Naquele momento, Emmalina Shoplaw entrou na sala carregando uma bandeja com cinco taças de champanhe. A srta. Ackerley, um poste com olhos enormes que a faziam parecer Joyce Carol Oates, a acompanhava segurando a garrafa. Tom Kennedy se animou.

— Isso é ginger ale francês? Parece um pouquinho elegante demais para ser bebida de supermercado.

— É champanhe mesmo — respondeu a sra. Shoplaw —, mas, se estiver esperando *Moët & Chandon*, jovem sr. Kennedy, vai se decepcionar. Não é vagabundo, mas também não é de marca cara.

— Não posso falar por meus novos colegas de trabalho — disse Tom —, mas, como alguém que acostumou o paladar a conhaque de maçã, acho que não vou me decepcionar.

A sra. Shoplaw sorriu.

— Eu sempre marco o início do verão desse jeito para dar boa sorte. Parece funcionar. Nunca perdi um hóspede. Cada um de vocês pegue uma taça, por favor.

Fizemos o que ela mandou.

— Tina, você serve?

Quando todas as taças estavam cheias, a sra. Shoplaw ergueu a dela e nós erguemos as nossas.

— A Erin, Tom e Devin — disse ela. — Que eles tenham um verão maravilhoso e só usem a fantasia quando a temperatura estiver abaixo de vinte e cinco graus.

Brindamos e bebemos. Talvez não fosse do tipo caro, mas era bem gostoso e havia o suficiente para todos tomarem mais um pouco. Dessa vez, foi Tom quem fez o brinde.

— À sra. Shoplaw, que nos dá abrigo na tempestade!

— Nossa, obrigada, Tom, isso é lindo. Mas não vou dar desconto no aluguel.

Bebemos. Coloquei a taça na mesa me sentindo um pouquinho alegre.

— Que papo é esse de usar a fantasia? — perguntei.

A sra. Shoplaw e a srta. Ackerley se entreolharam e sorriram. Foi a bibliotecária quem respondeu, embora não tenha sido realmente uma resposta.

— Vocês vão descobrir.

— Não fiquem acordados até tarde, crianças — aconselhou a sra. Shoplaw. — Vocês têm que estar lá cedo. Uma carreira no show business os aguarda.

♥

Nós tínhamos *mesmo* que estar lá cedo: às sete da manhã, duas horas antes de o parque abrir as portas para mais um verão. Andamos pela praia juntos. Tom falou por quase todo o caminho. Ele sempre falava. Seria cansativo se ele não fosse tão divertido e incansavelmente alegre. Eu via, pela forma como Erin (caminhando perto da arrebentação com os tênis pendurados nos dedos da mão esquerda) olhava para ele, que ela estava encantada e fascinada. Eu invejava aquela capacidade de Tom. Ele era atarracado e estava longe de ser bonito, mas era animado e sabia conversar, um dom que, infelizmente, me faltava. Sabe aquela velha história da jovem estrela que era tão perdida que dormiu com o roteirista?

— Cara, quanto dinheiro vocês acham que os donos daquelas casas têm? — perguntou ele, apontando as casas ao longo da Beach Row.

Nós estávamos passando pela mansão grande e verde que mais parecia um castelo, mas não havia sinal da mulher e do garoto na cadeira de rodas naquele dia. Annie e Mike Ross vieram depois.

— Milhões, provavelmente — disse Erin. — Não é Hamptons, mas, como meu pai diria, não são cheesebúrgueres.

— O parque de diversões deve baixar um pouco o valor das propriedades — comentei.

Eu estava olhando para os três marcos mais distintos de Joyland, projetados contra o céu azul da manhã: Thunderball, Delirium Shaker, Carolina Spin.

— Não, você não entende a mentalidade do rico — disse Tom. — É como quando passam por mendigos pedindo esmola na rua. Eles não os veem de verdade. Mendigos? Que mendigos? Aquele parque é a mesma coisa. Que parque? Os donos dessas casas vivem em outro plano de existência.

Ele parou, protegeu os olhos e olhou para a casa verde vitoriana que teria um papel tão importante em minha vida naquele outono, depois que Erin Cook e Tom Kennedy, já um casal, tivessem voltado para a faculdade.

— Aquela vai ser minha. Espero tomar posse dela no dia… hummm… primeiro de junho de 1987.

— Eu levo o champanhe — disse Erin, e nós todos rimos.

Naquela manhã, vi toda a equipe contratada para o verão em Joyland em um só lugar pela primeira e última vez. Nós nos reunimos no Auditório Surf, o salão de shows em que todos aqueles velhos artistas de música country e antigas estrelas do rock tocavam. Éramos quase duzentas pessoas. A maioria, como Tom, Erin e eu, era de universitários dispostos a trabalhar por pouco. Alguns dos funcionários fixos também estavam presentes. Vi Rozzie Gold vestida para o trabalho com a roupa de cigana e os brincos pendurados. Lane Hardy estava no palco, colocando um microfone atrás de um púlpito e testando-o com uma série de batidas com o dedo. Usava o chapéu-coco inclinado naquele ângulo exato. Não sei como ele me encontrou em meio a todos aqueles jovens, mas me viu e fez uma pequena saudação com a mão na aba do chapéu. Eu fiz o mesmo.

Ele terminou o trabalho, assentiu, pulou do palco e foi se sentar no lugar que Rozzie estava guardando para ele. Fred Dean entrou andando bruscamente, saído das coxias.

— Fiquem sentados, por favor, fiquem todos sentados. Antes que saibam quais são suas tarefas e equipes, o dono de Joyland, empregador de vocês, gostaria de dizer algumas palavras. Uma salva de palmas para o sr. Bradley Easterbrook.

Fizemos o que ele mandou, e um homem idoso saiu da coxia, andando com os passos cuidadosos e exagerados de uma pessoa com problema no quadril, nas costas ou nos dois. Ele era alto, incrivelmente magro e usava um terno preto que o fazia parecer mais um coveiro do que um dono de parque de diversões. O rosto era comprido, pálido, coberto de caroços e verrugas. O mero ato de se barbear devia ser uma tortura para ele, mas estava barbeado. O cabelo — tão preto que devia ser tingido — estava penteado para trás, expondo a testa enrugada. Ele ficou de pé ao lado do púlpito, com as mãos enormes, que pareciam feitas apenas de nós de dedos, unidas na frente do corpo. Havia bolsas sob seus olhos.

A velhice olhou para a juventude, e o aplauso da juventude foi enfraquecendo até morrer.

Não sei o que eu esperava; talvez uma voz esganiçada e triste dizendo que a Morte Rubra logo tomaria conta de todos nós. Mas ele sorriu, e o sorriso o iluminou como uma jukebox. Dava quase para ouvir um suspiro de alívio se espalhando entre os contratados para o verão. Descobri mais tarde que aquele foi o verão em que Bradley Easterbrook completou noventa e três anos.

— Pessoal — disse ele —, bem-vindos a Joyland.

E então, antes de ir para trás do púlpito, nos fez uma reverência. Demorou vários segundos ajustando o microfone, o que produziu uma série de estalos e guinchos amplificados. Easterbrook manteve os olhos em nós o tempo todo.

— Vejo muitos rostos conhecidos, o que sempre me deixa feliz. Para os novatos, espero que seja o melhor verão da vida de vocês, o padrão pelo qual vão julgar todos os empregos futuros. É, sem dúvida, um desejo extravagante, mas qualquer pessoa que cuida de um lugar assim, ano após ano, tem que ter um toque generoso de extravagância. É certo que jamais terão outro emprego como este.

Ele nos observou enquanto dava outra girada no pobre suporte articulado do microfone.

— Em poucos instantes, o sr. Dean e a sra. Brenda Rafferty, que é a rainha do escritório principal, vão distribuir as tarefas de vocês. Cada equipe será formada por sete pessoas, e esperamos que ajam como uma equipe e trabalhem em equipe. As tarefas serão designadas pelo líder da equipe e vão variar de semana a semana, às vezes de um dia para o outro. Se a variedade é o tempero da vida, vocês vão achar os próximos três meses bastante temperados. Espero que pensem sempre em uma coisa, jovens senhoras e senhores. Podem fazer isso?

Ele fez uma pausa, como se esperasse uma resposta, mas ninguém fez nenhum ruído. Apenas olhamos para ele, um homem muito velho de terno preto e camisa branca aberta no colarinho. Quando Easterbrook voltou a falar, parecia ser para si mesmo, pelo menos no começo.

— Este é um mundo muito conturbado, cheio de guerras, crueldade e tragédias sem sentido. Cada ser humano que o habita recebe sua porção de infelicidade e noites insones. Aqueles de vocês que ainda não passaram por isso passarão um dia. Considerando esses fatos tristes, porém inegáveis, da condição humana, vocês receberam um presente valiosíssimo este verão: estão aqui para vender diversão. Em troca dos dólares suados dos clientes, vão distribuir felicidade. Crianças

vão voltar para casa e sonhar com o que viram e fizeram aqui. Espero que se lembrem disso quando o trabalho estiver pesado, como vai ficar mesmo, às vezes, ou quando as pessoas forem grosseiras, como serão com frequência, ou quando vocês sentirem que seu trabalho duro não foi valorizado. Este é um mundo diferente, um mundo com seus próprios costumes e sua própria língua, que chamamos simplesmente de Colóquio. Vocês vão começar a aprender hoje. Conforme aprenderem a falar Colóquio, também vão aprender a fazer as coisas como devem ser feitas. Não vou tentar explicar porque não pode ser explicado, só pode ser aprendido.

Tom se inclinou para perto de mim e sussurrou:

— Falar Colóquio? Fazer as coisas como devem ser feitas? Por acaso viemos parar em uma reunião do AA?

Eu o fiz se calar. Tinha ido até lá esperando uma lista de mandamentos, a maioria no formato *vocês não devem*, mas acabei dando de cara com uma espécie de poesia rudimentar e fiquei encantado. Bradley Easterbrook nos olhou, depois exibiu subitamente seus dentes de cavalo em outro sorriso. Esse pareceu grande o suficiente para engolir o mundo. Erin Cook olhava para ele, arrebatada. Assim como a maioria dos novos contratados. Como alunos que olham para um professor que lhes oferece uma forma nova e possivelmente maravilhosa de encarar a realidade.

— Espero que gostem do trabalho aqui, mas, quando não gostarem, quando, por exemplo, for sua vez de usar a fantasia, tentem lembrar quanto são privilegiados. Em um mundo triste e sombrio, somos uma verdadeira ilha de felicidade. Muitos de vocês já têm planos na vida, esperam se tornar médicos, advogados, sei lá, políticos…

— *MEU DEUS, NÃO!* — gritou alguém, e a gargalhada foi geral.

Eu teria dito que o sorriso de Easterbrook não tinha como aumentar, mas aumentou. Tom estava balançando a cabeça em negativa, mas também tinha se entregado.

— Tudo bem, agora entendi — sussurrou ele em meu ouvido. — Esse cara é o Jesus da Diversão.

— Vocês terão vidas interessantes e produtivas, meus jovens amigos. Vão fazer muitas coisas boas e ter experiências incríveis. Mas espero que sempre vejam o tempo que passaram em Joyland como algo especial. Nós não vendemos mobília. Não vendemos carros. Não vendemos terrenos, nem casas, nem fundos de aposentadoria. Não temos interesse político. *Nós vendemos diversão*. Nunca se esqueçam disso. Obrigado pela atenção. Agora, prossigam.

Ele se afastou do púlpito, fez outra reverência e saiu do palco com aquele mesmo jeito doloroso de andar, com passos exagerados. Sumiu quase antes de os aplausos começarem. Foi um dos melhores discursos que ouvi porque foi verdadeiro, em vez de um monte de merda. Afinal, veja bem: quantos caipiras podem colocar no currículo "Vendi diversão por três meses em 1973"?

Todos os líderes de equipe eram funcionários antigos de Joyland que, fora do período de temporada, trabalhavam no circuito de parques itinerantes. A maioria também era do Comitê de Serviços de Parques, ou seja, lidava com as regulamentações estaduais e federais (ambas bem

tranquilas em 1973) e as reclamações dos clientes. Naquele verão, a maioria das reclamações foi sobre a política de não fumar.

O líder de nossa equipe era um sujeitinho animado chamado Gary Allen, um homem de setenta e tantos anos que cuidava do tiro ao alvo Annie Oakley. Só que, depois do primeiro dia, nenhum de nós chamou mais o brinquedo por esse nome. No Colóquio, o tiro ao alvo se chamava bang-bang, e Gary era o agente do bang-bang. Nós sete da Equipe Beagle o encontramos por lá, onde ele estava prendendo espingardas em correntes. Meu primeiro trabalho oficial em Joyland, junto com Erin, Tom e as outras quatro pessoas da equipe, foi colocar os prêmios nas prateleiras. Os bichos de pelúcia maiores, que quase ninguém ganhava, ocuparam os melhores lugares… apesar de Gary ter dito que tinha o cuidado de dar ao menos um por noite, quando a grana estava correndo solta.

— Gosto dos patetas — disse ele. — Gosto mesmo. E meus patetas favoritos são as graças, sabe, as garotas bonitas, e minhas graças favoritas são as que usam blusas decotadas e se inclinam para a frente para atirar assim.

Ele pegou uma .22 modificada para disparar bolinhas (também tinha sido modificada para fazer um estrondo alto e satisfatório cada vez que se puxava o gatilho) e se curvou para demonstrar.

— Quando um cara faz isso, eu aviso que ele está ultrapassando a linha de tiro. Às graças? Nunca.

Ronnie Houston, um jovem de óculos e aparência ansiosa, usando boné da Universidade Estadual da Flórida, disse:

— Não vejo nenhuma linha de tiro, sr. Allen.

Gary olhou para ele com as mãos fechadas apoiadas no quadril inexistente. Tinha a impressão de que a calça jeans só não caía em desafio à gravidade.

— Escute aqui, filho. Tenho três coisas para dizer para você. Pronto?

Ronnie assentiu. Ele parecia querer tomar nota. Também parecia querer se esconder atrás do restante de nós.

— Primeira coisa: você pode me chamar de Gary, Pop ou "venha aqui, seu velho filhodaputa", mas não sou professor de escola, então esqueça esse papo de senhor. Segunda coisa: nunca mais quero ver essa porra de boné de estudante na sua cabeça. Terceira coisa: a linha de tiro fica onde eu digo que fica quando eu quiser que fique. Posso fazer isso porque está na minha *cabeeeeeça*. — Ele bateu com o dedo na têmpora ossuda e cheia de veias para deixar bem claro, depois indicou os prêmios, os alvos e a bancada onde os Bobs, os caipiras, deixavam a grana. — Isso tudo está na minha *cabeeeeeça. O bang-bang é mental*. Entendeu?

Ronnie não entendeu, mas assentiu vigorosamente.

— Agora tire esse boné de estudante que mais parece um cocô. Compre uma viseira de Joyland ou uma cãobertura do Howie, o Cão Feliz. Esse vai ser seu primeiro trabalho.

Ronnie tirou rapidamente o boné da universidade e o enfiou no bolso de trás. No mesmo dia, acho que em menos de uma hora, o tinha substituído por um boné de Howie, conhecido no Colóquio como cãobertura. Depois de três dias sendo chamado de novato, ele levou a cãobertura ao estacionamento, encontrou um local sujo de graxa e pisou um pouco nela. Quando a recolocou na cabeça, ele tinha a aparência correta. Ou quase. Ronnie Houston nunca conseguiu

realmente ter a aparência correta; algumas pessoas apenas são destinadas a serem novatas para sempre. Eu me lembro de Tom se aproximando dele um dia e sugerindo que mijasse na cãobertura para dar aquele toque final tão importante. Quando viu que Ronnie ia levá-lo a sério, Tom voltou atrás e disse que molhar na água do Atlântico surtiria o mesmo efeito.

Enquanto isso, Pop nos observava.

— Falando em moças bonitas, percebo que temos uma entre nós.

Erin deu um sorriso modesto.

— Garota de Hollywood, querida?

— Foi isso que o sr. Dean disse que eu faria, sim.

— Então você precisa falar com Brenda Rafferty. Ela é a subcomandante aqui e também é a Mãe das Garotas do parque. Ela vai arrumar para você um daqueles vestidinhos verdes lindos. Diga a ela que quer o seu bem curto.

— De jeito nenhum, seu velho tarado — disse Erin, e se juntou a ele quando Pop jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Atrevida! Ousada! Se gostei? Gostei! Quando não estiver tirando fotos dos Bobs, volte para seu Pop e vou te dar algo pra fazer… mas troque de roupa primeiro. Não vai querer sujar o vestido de graxa e de serragem. *Capisce*?

— Sim — disse Erin.

A atitude dela se tornou puramente profissional de novo.

Pop Allen olhou para o relógio.

— O parque abre em uma hora, garotada, aí vocês vão aprender fazendo. Comecem com os brinquedos.

Ele apontou para cada um de nós, indicando os brinquedos. Fiquei com a Carolina Spin, o que me agradou.

— Tenho tempo para uma ou duas perguntas, mas só isso. Alguém tem uma boa ou já está tudo resolvido?

Eu levantei a mão. Ele assentiu em minha direção e perguntou meu nome.

— Devin Jones, senhor.

— Se me chamar de senhor de novo, está despedido, garoto.

— Devin Jones, Pop.

É claro que não o chamaria de *venha aqui, seu velho filhodaputa*, pelo menos ainda não. Talvez quando nos conhecêssemos melhor.

— Isso aí — disse ele, assentindo. — Em que está pensando, Jonesy? Além daquela bela cabecinha ruiva?

— O que quer dizer “alma de parque de diversões”?

— Quer dizer uma pessoa como o velho Easterbrook. O pai dele trabalhou no circuito de parques itinerantes nos anos 1930, e o avô dele trabalhava com isso na época em que ainda se faziam falsos shows indígenas com o Grande Chefe Yowlatcha.

— Você está de *sacanagem*! — exclamou Tom de forma quase exultante.

Pop o olhou com uma expressão gelada que fez Tom sossegar na hora, algo que nem sempre era fácil de se conseguir.

— Filho, você sabe o que é história?

— Hã… coisas que aconteceram no passado?

— Não — disse ele, afivelando o cinto de lona com um bolso para dinheiro. — História é a merda coletiva e ancestral da raça humana, uma grande e crescente pilha de merda. Agora, estamos no topo dela, mas em pouco tempo vamos estar enterrados na caca de gerações que ainda virão. É por isso que as roupas dos pais de vocês parecem tão engraçadas nas fotos, só para citar um exemplo. E, como alguém destinado a ser enterrado na merda de seus filhos e netos, acho que vocês deviam ser um *pouquiiiinho* mais tolerantes.

Tom abriu a boca, provavelmente para dar uma resposta atrevida, mas foi inteligente o bastante para fechá-la logo em seguida.

George Preston, outro integrante da Equipe Beagle, falou:

— *Você* tem alma de parque?

— Não. Meu pai era criador de gado no Oregon; agora, meus irmãos cuidam da fazenda. Sou a ovelha negra da família e tenho muito orgulho disso. Bem, se não tiver mais nada, vamos parar com a falação e começar o trabalho.

— Posso perguntar mais uma coisa? — questionou Erin.

— Só porque você é bonita.

— O que quer dizer "usar a fantasia"?

Pop Allen sorriu, apoiando as mãos na bancada da barraca.

— Me diga, mocinha, você faz alguma ideia do que *pode* querer dizer?

— Bem… sim.

O sorriso se alargou, exibindo todos os dentes amarelados na boca do líder de nossa equipe.

— Então você deve estar certa.

O que eu fiz em Joyland naquele verão? Tudo. Vendi ingressos. Circulei com um carrinho de pipoca. Vendi bolinhos, algodão-doce e um zilhão de cachorros-quentes (que chamávamos de Cão-quente, mas você provavelmente já sabia disso). Na verdade, foi um Cão-quente que fez minha foto sair no jornal, embora não tenha sido eu quem vendeu o sanduíche infeliz; foi George Preston. Trabalhei como salva-vidas, tanto na praia quanto no Lago Feliz, a piscina coberta onde terminava o toboágua Splash & Crash. Dancei em fila na Vila Wiggle-Waggle com os outros integrantes da Equipe Beagle ao som de "Bird Dance Beat", "Does Your Chewing Gum Lose Its Flavor on the Bedpost Overnight", "Rippy-Rappy, Zippy-Zappy" e um monte de outras músicas sem sentido. Também passei um tempo — boa parte dele alegremente — como cuidador de crianças. Na Wiggle-Waggle, a exclamação oficial para quando esbarrássemos em uma criança chorando era "Vamos virar essa carinha triste de cabeça para baixo!", e, além de gostar dessa fala, eu era bom nela. Foi na Wiggle-Waggle que decidi que ter filhos, algum dia, seria uma boa ideia de verdade, e não outra fantasia com Wendy.

Eu e todos os outros Ajudantes Felizes aprendemos a correr de um lado a outro de Joyland em um piscar de olhos, usando as vielas atrás das barracas, dos quiosques, brinquedos e lanchonetes ou um dos três túneis de serviço conhecidos como Joyland Subterrâneo, Hound Dog Subterrâneo e Boulevard, caminhos escuros e sinistros iluminados por antigas lâmpadas

fluorescentes que piscavam e zumbiam. Eu até trabalhei algumas vezes como ajudante nos shows, carregando amplificadores e monitores quando um dos artistas aparecia tarde e sem equipe.

Aprendi o Colóquio. Algumas expressões — como "borla" para show de graça ou "deu louro" para um brinquedo que quebrara — eram puro linguajar de parques itinerantes, velho como as montanhas. Outros termos, como "graças" para garotas bonitas e "peidos" para os reclamadores crônicos, eram típicos de Joyland. Imagino que outros parques tenham suas versões do Colóquio, mas no fundo tudo remete à alma de parque. Um Abobrinha é um Bob (e normalmente um peido) que reclama de ter que esperar na fila. A última hora do dia (em Joyland, isso era entre dez e onze da noite) era a explosão. Um Bob que perdia em alguma barraca e queria a grana de volta era um chorão. O pinto era o banheiro, como em "Ei, Jonesy, corra até o pinto perto do Moon Rocket, algum peido idiota vomitou em uma das pias".

Cuidar das lojas e dos quiosques (conhecidos como espeluncas) era fácil para quase todos nós. Na verdade, qualquer pessoa que conseguisse calcular troco era qualificado o bastante para empurrar um carrinho de pipoca ou trabalhar no balcão de uma lojinha de suvenires. Aprender a controlar os brinquedos não era muito mais difícil, mas era assustador no começo, porque havia vidas em suas mãos, muitas delas de criancinhas.

— Veio para a aula? — perguntou Lane Hardy quando me juntei a ele na Carolina Spin. — Que bom. Bem na hora. O parque abre em vinte minutos. Vamos fazer como se faz na marinha, ver uma vez, fazer uma vez, ensinar uma vez. Agora, aquele garoto grandão que estava do seu lado…

— Tom Kennedy.

— Certo. Bem agora, Tom está aprendendo sobre os Devil Wagons. Em algum momento, talvez hoje mesmo, ele vai ensinar você a cuidar do brinquedo, e você vai ensinar a ele como cuidar da Spin. Que, por sinal, é uma roda australiana, o que quer dizer que gira no sentido contrário ao do relógio.

— Isso é importante?

— Não, mas acho interessante. Só existem umas poucas nos Estados Unidos. Ela tem duas velocidades: devagar e *muito* devagar.

— Porque é um brinquedo de vovó.

— Isso aí.

Ele fez uma demonstração com a alavanca comprida que o vi operando no dia em que consegui o emprego, depois me fez assumir o controle que tinha um guidão de bicicleta em cima.

— Sentiu estalar quando engrenou?

— Senti.

— Aqui é para parar.

Ele colocou a mão sobre a minha e puxou a alavanca toda para cima. Dessa vez, o estalo foi mais forte, e a enorme roda parou na mesma hora, com as cabines balançando de leve.

— Está acompanhando?

— Acho que estou. Escute, eu não preciso de algum tipo de permissão ou habilitação para pilotar essa coisa?

— Você *tem* carteira de motorista, não tem?

— Claro, para dirigir, mas…

— Na Carolina do Norte, é só disso que você precisa. Em algum momento a regulamentação vai mudar, sempre muda, mas pelo menos este ano está tudo tranquilo para você. Agora preste atenção, porque esta é a parte mais importante. Está vendo aquela linha amarela na lateral da armação?

Eu via. Ficava bem à direita da rampa que levava ao brinquedo.

— Cada cabine tem um adesivo do Cão Feliz na porta. Quando o Cão estiver na reta da linha amarela, você aciona a parada, e vai ter uma cabine bem onde as pessoas entram. — Ele baixou a alavanca de novo. — Viu?

Eu disse que sim.

— Até a roda estar torta…

— O quê?

— Cheia. Torta quer dizer cheia. Não me pergunte por quê. Até a roda estar torta, você fica alternando entre superdevagar e parada. Quando estiver lotada, o que vai acontecer a maior parte do tempo, se tivermos uma boa temporada, você passa para a velocidade lenta normal. Eles ficam quatro minutos. — Ele apontou para o rádio. — É meu som, mas a regra é que quem cuida do brinquedo escolhe as músicas. Só não ponha rock'n'roll barulhento, Who, Zep, Stones, essas coisas, antes do pôr do sol. Entendeu?

— Entendi. E na hora de soltar os passageiros?

— É exatamente a mesma coisa. Superdevagar, para. Superdevagar, para. Sempre alinhe a marca amarela com o Cão Feliz e terá uma cabine bem na rampa. Deve dar uns dez giros por hora. Se a roda ficar lotada o tempo todo, são mais de setecentos clientes, o que é quase uma nota D.

— Traduzindo...?

— Quinhentos.

Olhei para ele com insegurança.

— Não vou ter que fazer isso de verdade, vou? Quer dizer, é seu brinquedo.

— É o brinquedo de Brad Easterbrook, garoto. Todos são. Sou só mais um funcionário, apesar de já estar aqui há alguns anos. Vou pilotar o guindaste a maior parte do tempo, mas não o tempo *todo*. E pode parar de esquentar a cabeça. Tem parques em que motoqueiros meio bêbados cobertos de tatuagem fazem isso, e, se eles conseguem, você também.

— Se você diz.

Lane apontou.

— Assim que os portões abrem, os Bobs entram correndo pela Joyland Avenue. Você vai ficar comigo nas três primeiras voltas. Mais tarde, vai ensinar ao restante de sua equipe, e isso inclui sua Garota de Hollywood. Tudo bem?

Não estava nem um pouco perto de bem; eu tinha que erguer gente a cinquenta metros de altura depois de um tutorial de cinco minutos? Era loucura.

Ele apertou meu ombro.

— Você consegue, Jonesy. Deixe o “se você diz” pra lá. Me diga que está tudo bem.

— Está tudo bem — falei.

— Bom garoto.

Ele aumentou o rádio, agora ligado a um alto-falante no topo da moldura da Spin. The Hollies começaram a cantar “Long Cool Woman in a Black Dress” enquanto Lane pegava um par de luvas de couro cru no bolso de trás da calça jeans.

— E arrume um par desses, você vai precisar. Além disso, é melhor começar a aprender a cantar.

Ele se inclinou, pegou um microfone na onipresente caixa laranja, colocou um pé em cima dela e começou a chamar a multidão.

— Ei, pessoal, cheguem mais perto, a Spin já está aberta, vamos, o verão não vai durar para sempre, façam um passeio até o topo, onde o ar é pouco, é aqui que a diversão começa, a Spin é legal à beça.

Ele baixou o microfone e me deu uma piscadela.

— É mais ou menos assim que eu canto; quando eu tomo um gole ou três, fica bem melhor. Você tem que encontrar seu jeito.

Na primeira vez em que controlei a Spin sozinho, minhas mãos tremeram de pavor, mas no final daquela semana eu já cuidava da roda-gigante como um profissional (embora Lane tenha dito que meu canto precisava melhorar). Eu também sabia controlar as Whirly Cups e os Devil Wagons… embora neste último eu só precisasse apertar o botão verde de INICIAR, o vermelho de PARAR e desemaranhar os carrinhos quando os caipiras os prendiam pelos para-choques de borracha, o que acontecia pelo menos quatro vezes durante cada sessão de quatro minutos. Só que nos Devil Wagons não se chamava de sessão; cada vez era uma rodada.

Eu aprendi o Colóquio; aprendi a geografia, tanto acima quanto abaixo do chão; aprendi a cuidar de uma espelunca, a assumir o bang-bang e a dar bichinhos para graças bonitas. Demorei uma semana, mais ou menos, para pegar o jeito de tudo e duas semanas para começar a me sentir à vontade. Mas compreendi exatamente o que era usar a fantasia ao meio-dia e meia do meu primeiro dia, e foi sorte minha (boa ou má) Bradley Easterbrook estar na Vila Wiggle-Waggle, bem naquela hora, sentado em um banco comendo seu habitual almoço de broto de feijão e tofu — nada de gororoba de parque de diversões, mas vamos lembrar que o sistema digestório do homem não era novo desde a época da Lei Seca.

Depois da minha primeira performance como Howie, o Cão Feliz, usei a fantasia muitas vezes. Porque eu era bom nisso, entende? E o sr. Easterbrook *sabia* que eu era bom. E eu estava fantasiado quando, um mês depois, conheci a garotinha de chapéu vermelho na Joyland Avenue.

Aquele primeiro dia foi uma coisa de louco. Cuidei da Carolina Spin com Lane até as dez da manhã, depois sozinho pelos noventa minutos seguintes, enquanto ele andava pelo parque apagando incêndios de primeiro dia. Àquela altura, eu já não achava que a roda-gigante ia dar defeito e começar a girar descontroladamente, como o carrossel naquele filme de Alfred Hitchcock. O mais assustador era como as pessoas eram *confiantes*. Nenhum pai passeando com

os filhos foi até mim para perguntar se eu sabia o que estava fazendo. Não dei tantas voltas quanto deveria, pois estava tão concentrado naquela faixa amarela que fiquei com dor de cabeça, mas cada volta que dei estava torta.

Erin passou lá uma vez, linda demais naquele vestido verde de Garota de Hollywood, e tirou fotos de algumas famílias que estavam esperando para entrar. Tirou uma foto minha também, ainda a tenho em algum lugar. Quando a roda estava girando de novo, ela me segurou pelo braço, com gotículas de suor na testa, os lábios abertos em um sorriso e os olhos brilhando.

— Isso não é demais? — perguntou ela.

— Se eu não matar ninguém, é.

— Se alguma criancinha cair da cabine, é só você pegar.

Depois de ter me dado uma nova preocupação, ela saiu andando em busca de mais pessoas para fotografar. Não faltava gente disposta a fazer pose para uma linda ruiva em uma manhã de verão. E ela estava certa, para falar a verdade. Era mesmo demais.

Por volta das onze e meia, Lane voltou. Então, eu já estava bem à vontade no controle da Spin, a ponto de ficar relutante em me afastar do manejo rudimentar do brinquedo.

— Quem é o líder de sua equipe, Jonesy? Gary Allen?

— Isso mesmo.

— Passe na barraca dele e veja o que tem para fazer. Com sorte, ele vai mandar você para o cemitério para almoçar.

— O que é o cemitério?

— É para onde os funcionários vão quando têm uma folguinha. Na maioria dos parques fica no estacionamento ou atrás dos caminhões, mas o de Joyland é um luxo. Tem uma boa sala de descanso onde o Boulevard e o Hound Dog Subterrâneo se cruzam. É só descer a escada entre o jogo de balões e o show de facas. Você vai gostar de lá, mas só vá comer se Pop disser que pode. Não quero arrumar confusão com aquele velho filho da mãe. A equipe é dele; eu tenho a minha. Você tem marmita?

— Eu não sabia que era para trazer.

Ele sorriu.

— Você vai aprender. Hoje, pare na espelunca do Ernie, a de frango frito, com o galo enorme de plástico no alto. Mostre seu crachá de Joyland que ele vai dar o desconto da empresa.

Acabei comendo mesmo o frango frito na espelunca do Ernie, mas só às duas da tarde. Pop tinha outros planos para mim.

— Vá até o camarim, o trailer entre o de Serviços do Parque e a carpintaria. Diga a Dottie Lassen que mandei você. A maldita já está quase explodindo a cinta.

— Quer que eu ajude a recarregar primeiro?

O tiro ao alvo também estava torto, com o balcão cheio de adolescentes ansiosos para ganhar os elusivos bichos de pelúcia. Mais caipiras (eu já pensava neles assim) formavam fila atrás dos atiradores. As mãos de Pop Allen não pararam de trabalhar enquanto ele falava comigo.

— O que quero é que você suba no seu pônei e vá embora. Eu já fazia essa merda antes de você nascer. Qual dos dois você é, afinal, Jonesy ou Kennedy? Sei que você não é o bostinha de boné universitário, mas, fora isso, não consigo lembrar.

— Sou Jonesy.

— Bem, Jonesy, você vai passar uma hora edificante na Wiggle-Waggle. Edificante para as crianças, pelo menos. Para você, talvez não tanto.

Ele mostrou os dentes amarelos em um sorriso típico de Pop Allen, aquele que o fazia parecer um tubarão idoso.

— Divirta-se com a fantasia.

O camarim também estava uma loucura, lotado de mulheres correndo para todo lado. Dottie Lassen, uma mulher magrela que precisava de cinta tanto quanto eu precisava de sapatos plataforma, caiu em cima de mim assim que entrei pela porta. Enfiou os dedos com unhas compridas em minha axila e me arrastou por roupas de palhaço, de caubói, por uma fantasia enorme de tio Sam (com pernas de pau apoiadas na parede ao lado), algumas roupas de princesa, uma arara com vestidos de Garotas de Hollywood e uma arara de roupas de banho antiquadas no estilo dos anos 1890… que descobri estar condenado a usar quando trabalhasse como salva-vidas. No fundo daquele pequeno império lotado havia uns doze cachorros murchos. Howies, na verdade, com direito até ao sorriso alegre, idiota e adorável, os olhos azuis e as orelhas viradas. Havia zíperes nas costas das roupas que iam do pescoço à base do rabo.

— Meu Deus, você é dos grandes — disse Dottie. — Ainda bem que mandei consertar a extragrande, na semana passada. O último garoto que a usou rasgou debaixo dos dois braços. Tinha um buraco embaixo do rabo também. Ele deve ter comido comida mexicana.

Ela pegou o Howie GG na arara e o colocou em meus braços. O rabo envolveu minha perna como uma serpente.

— Você vai para a Wiggle-Waggle, e tem que ir rápido pra cacete. Butch Hadley ia cuidar disso com a Equipe Corgi, ou foi o que eu pensei, mas ele disse que a equipe toda está por aí com uma chave da área central.

Eu não fazia ideia do que isso queria dizer, e Dottie não me deu tempo de perguntar. Ela revirou os olhos de um jeito que indicava que estava de bom humor ou que era maluca e prosseguiu:

— Você pode perguntar “O que tem de mais?”. Vou dizer o que tem de mais, novato: o sr. Easterbrook costuma almoçar lá. *Sempre* faz isso no primeiro dia em que estamos lotados e vai ficar muito decepcionado se não tiver nenhum Howie lá.

— Tipo alguém vai ser despedido?

— Não, decepcionado mesmo. Se ficar algum tempo por aqui, vai perceber que isso já é bem ruim. Ninguém quer decepcioná-lo porque ele é um ótimo homem. O que é legal, eu acho, mas o mais importante é que ele é do bem. Nessa área, há menos homens de bem do que galinhas com dentes.

Ela olhou para mim e fez um som que parecia o de um animal pequeno com a pata presa em uma armadilha.

— Meu *Deus*, você é grande. E verde como grama. Mas não posso fazer nada.

Eu tinha um bilhão de perguntas, mas minha língua estava congelada. Eu só conseguia olhar para o Howie murcho. Que me olhava de volta. Sabe como me senti naquela hora? Como James

Bond no filme em que ele está preso a um tipo maluco de aparelho de exercícios. *Você espera que eu fale?*, pergunta ele a Goldfinger, e Goldfinger responde com um bom humor apavorante: *Não, sr. Bond! Eu espero que você morra!* Eu estava amarrado a uma máquina de diversões em vez de a uma máquina de exercícios, mas, bom, a ideia era a mesma. Por mais que eu me esforçasse para acompanhar o ritmo, naquele primeiro dia, a maldita coisa apenas acelerava.

— Leve para o cemitério, garoto. Me diga que sabe onde é.

— Sei.

Ainda bem que Lane tinha me dito.

— Ponto positivo então. Quando chegar lá, fique só de cueca. Se você usar mais do que isso por baixo da fantasia, vai assar. E… alguém já falou qual é a Primeira Regra dos Parques, garoto?

Eu achava que sim, mas parecia mais seguro ficar de boca calada.

— Sempre saiba onde está sua carteira. O parque não é tão ruim quanto alguns lugares onde trabalhei na flor da juventude, graças a Deus, mas essa ainda é a Primeira Regra. Se você deixar comigo, eu guardo.

Entreguei a carteira a ela sem protestar.

— Agora vá. Mas antes de tirar a roupa, beba muita água. Até sua barriga parecer inchada. E não coma nada, por mais esfomeado que esteja. Já aconteceu de garotos terem insolação e vomitarem nas fantasias de Howie, e o resultado não é bonito. Quase sempre temos que jogar fora. Beba, tire a roupa, coloque a fantasia, peça que alguém feche o zíper e corra pelo Boulevard até a Wiggle-Waggle. Tem uma placa, não dá para errar.

Olhei para os olhos grandes e azuis de Howie, inseguro.

— São de tela — explicou a mulher. — Não se preocupe, você vai enxergar direitinho.

— Mas o que eu *faço*?

Ela olhou para mim, a princípio séria. Mas depois seu rosto — não só a boca e os olhos, mas o rosto todo — se abriu em um sorriso. A gargalhada que veio junto soou como uma buzina estranha que pareceu sair pelo nariz.

— Você vai ficar bem — disse ela. As pessoas não paravam de repetir isso para mim. — É um método de interpretação, garoto. Basta encontrar seu cachorro interior.

Havia mais de doze novatos e alguns funcionários antigos almoçando no cemitério quando cheguei. Duas das novatas eram Garotas de Hollywood, mas eu não tinha tempo para sentir vergonha. Depois de encher a barriga de água do bebedouro, fiquei só de cueca e tênis. Sacudi a fantasia de Howie e me vesti, tomando cuidado de enfiar o pé até as patas.

— Fantasia! — gritou um dos antigos e bateu com o punho na mesa. — Fantasia! Fantasia! Fantasia!

Os outros se juntaram a ele, e o cemitério ecoou com a cantoria enquanto eu estava de cueca, com um Howie murcho ao redor dos tornozelos. Era como estar no meio de uma rebelião no refeitório da prisão. Poucas vezes me senti tão enormemente idiota… ou tão bizarramente heroico. Era o showbiz, afinal, e eu estava tapando um buraco. Por um momento, não importou que eu não soubesse que porra estava fazendo.

— Fantasia! Fantasia! Fantasia! Fantasia!

— *Alguém feche a porra do zíper!* — gritei. — *Tenho que ir para a Wiggle-Waggle correndo!*

Uma das garotas fez as honras, e logo entendi por que se falava tanto sobre usar a fantasia. O cemitério tinha ar-condicionado, todo o Joyland Subterrâneo tinha, mas eu já estava suando profusamente.

Um dos funcionários antigos se aproximou e deu uma batidinha gentil em minha cabeça de Howie.

— Eu lhe dou carona, filho. O carrinho está bem aqui. Suba.

— Obrigado. — Minha voz saiu abafada.

— Au-au, Bowser! — gritou alguém, e todos caíram na gargalhada.

Descemos pelo Boulevard com as sinistras luzes fluorescentes que piscavam; um coroa grisalho com roupa verde de zelador e um pastor- -alemão gigante de olhos azuis como copiloto. Quando parou ao lado da escada marcada com uma seta e a legenda wigwag, ele disse:

— Não fale. Howie nunca fala, só dá abraços e afaga cabeças. Boa sorte. E, se começar a ficar meio tonto, saia de lá. As crianças não podem ver Howie cair duro de insolação.

— Eu nem imagino o que tenho que fazer — confessei. — Ninguém me falou.

Não sei se o cara tinha alma de parque ou não, mas sabia algumas coisas sobre Joyland.

— Não importa. Todas as crianças amam Howie. *Elas* vão saber o que fazer.

Saí do carrinho, quase tropecei no rabo, então o peguei com a pata esquerda da frente e o puxei para tirar a porcaria do caminho. Cambaleei escada acima e sofri para abrir a porta. Eu ouvia música, algo vagamente familiar, do começo da minha infância. Depois de muito esforço, consegui empurrar a maçaneta para baixo. A porta se abriu e a luz intensa de junho entrou pelos olhos azuis de tela de Howie e me cegou por um momento.

A música estava mais alta agora, emitida pelos alto-falantes acima, e lembrei o nome dela: “Pop Pop”, um eterno sucesso nas creches. Vi balanços, escorregas e gangorras, um trepa-trepa elaborado e um carrossel sendo empurrado por um novato usando orelhas compridas e peludas de coelho e com um rabo peludinho preso no traseiro da calça jeans. O Choo-Choo Wiggle, um trenzinho que alcançava a velocidade impressionante de seis quilômetros por hora, passou soltando fumaça, carregado de criancinhas acenando de forma obediente para os pais segurando câmeras. Um zilhão de crianças passeavam ao redor, sob os cuidados de vários dos contratados de verão, além de dois funcionários fixos que provavelmente *tinham* licença para cuidar de crianças. Esses dois, um homem e uma mulher, usavam moletons com a inscrição amamos crianças felizes. Bem à frente ficava à Howie’s Howdy House, um prédio comprido dedicado às crianças.

Também vi o sr. Easterbrook. Ele estava sentado em um banco, embaixo de um guarda-sol de Joyland, usando seu terno de coveiro e almoçando com palitinhos chineses. Ele não me viu de cara; estava olhando para uma fila de crianças sendo levadas para a Howdy House por dois novatos. As crianças podiam ser deixadas lá (descobri isso depois) por um máximo de duas horas enquanto os pais levavam os filhos mais velhos nos brinquedos maiores ou almoçavam no Rock Lobster, o restaurante classe A do parque.

Também descobri depois que as crianças permitidas na Howdy House tinham de três a seis anos. Muitas das que estavam sendo levadas naquele momento pareciam bem tranquilas, provavelmente porque tinham experiência com creches, sendo filhos de pai e mãe que

trabalhavam fora. Outras não estavam aceitando tão bem. Talvez tivessem concordado, no começo, quando mamãe e papai disseram que voltariam em uma hora ou duas (como se uma criança de 4 anos tivesse ideia de quanto é uma hora), mas agora estavam sozinhas, em um lugar barulhento e confuso, cheio de estranhos e sem mamãe e papai por perto. Algumas delas estavam chorando. Enfiado na fantasia de Howie, observando pela tela que servia de olhos e já suando como um porco, pensei que estava testemunhando uma forma de maus-tratos infantis típica dos americanos. Por que você levaria seu filho, seu filho *pequeno*, pelo amor de Deus, para a confusão de um parque de diversões se ia entregá-lo na mão de uma equipe de babás estranhas, mesmo que por pouco tempo?

Os novatos encarregados viam as lágrimas se espalhando (nervosismo infantil também é contagioso, como sarampo), mas o rosto deles dizia que não tinham ideia do que fazer. Por que teriam? Era o Primeiro Dia e eles haviam sido jogados naquela confusão com tão pouco preparo quanto eu quando Lane Hardy se afastara e me deixara encarregado da enorme roda-gigante. *Mas pelo menos as crianças com menos de oito anos não podem andar na Spin sem um adulto*, pensei. *Esses pestinhas aqui estão sozinhos.*

Eu também não sabia o que fazer, mas achei que precisava tentar alguma coisa. Andei na direção da fila de crianças, com as patas da frente levantadas e balançando o rabo loucamente (eu não conseguia ver, mas conseguia sentir). E, na hora em que os primeiros dois ou três me viram e apontaram, a inspiração chegou. Foi a música. Parei no cruzamento da Jellybean Road com a Candy Cane Avenue, que por acaso ficava entre dois alto-falantes. Com quase 2,10 metros, das patas peludas até as orelhas erguidas, tenho certeza de que eu era uma presença e tanto. Fiz uma reverência para as crianças, todas agora me encarando com queixos caídos e olhos arregalados. Enquanto elas observavam, comecei a dançar o Pop Pop.

A tristeza e o medo pelos pais ausentes foram esquecidos, pelo menos momentaneamente. Elas riram, algumas com lágrimas ainda brilhando nas bochechas. Não ousaram se aproximar, não enquanto eu fazia minha dancinha desajeitada, mas avançaram juntas para mais perto. Pareciam impressionadas, mas não com medo. Todas conheciam Howie; os que moravam nas Carolinas já tinham visto o desenho animado que passava de tarde na TV, e mesmo os que moravam em locais mais distantes e exóticos, como St. Louis e Omaha, já o tinham visto em revistas ou nas propagandas que passavam entre os desenhos de sábado de manhã. Elas entediam que, apesar de Howie ser um cachorro *grande*, ele era um cachorro *bonzinho*. Ele jamais morderia. Era amigo delas.

Eu pus o pezinho para a frente, pus o pezinho para o lado. Pus o pezinho para a frente e balancei ele agora. Dancei o Pop Pop, dancei o Pop Pop, porque — como quase toda criancinha sabia — assim é bem melhor. Esqueci o calor e o desconforto. Não pensei em como a cueca estava grudada na bunda. Mais tarde, eu teria uma dor de cabeça horrível provocada pelo calor, mas naquele momento eu estava me sentindo bem; estava ótimo, na verdade. E quer saber? Wendy Keegan nem passou pela minha cabeça.

Quando a música mudou para o tema de *Vila Sésamo*, parei de dançar, me apoiei em um joelho acolchoado e estiquei os braços como Al Jolson.

— *HOWWWIE!* — gritou uma garotinha, e mesmo tantos anos depois ainda consigo ouvir o tom de euforia na voz dela.

Ela veio correndo, com a saia cor-de-rosa balançando ao redor dos joelhos gordinhos. E isso foi o suficiente. A fila ordenada se desfez.

As crianças vão saber o que fazer, dissera o antigo funcionário do parque, e como ele tinha razão! Primeiro, elas se reuniram ao meu redor, depois me derrubaram, depois se aproximaram, me abraçando e rindo. A garotinha de saia cor-de-rosa beijou meu focinho repetidamente enquanto gritava "Howie, Howie, Howie!".

Alguns dos pais que tinham se aventurado pela Vila Wiggle-Waggle para tirar fotos se aproximaram, igualmente fascinados. Mexi as patas para conseguir abrir espaço, rolei e me levantei antes que elas me esmagassem com tanto amor. Embora, naquele momento, eu também as amasse. Para um dia tão quente, foi muito legal.

Não vi o sr. Easterbrook enfiar a mão no bolso do paletó de coveiro, tirar um walkie-talkie e falar nele rapidamente. Só percebi que a música de *Vila Sésamo* de repente foi interrompida e "Pop Pop" recomeçou a tocar. Pus a mãozinha para a frente, pus a mãozinha para o lado. As crianças logo começaram a dançar junto, sem tirar os olhos de mim, sem querer perder o movimento seguinte e ficar para trás.

Em pouco tempo, todos estávamos dançando o Pop Pop no cruzamento da Jellybean com a Candy Cane. Os cuidadores novatos participaram. E juro que alguns pais também. Até pus o rabo comprido para a frente e o rabo comprido para o lado. Rindo muito, as crianças se viraram e fizeram o mesmo, só que com rabos invisíveis.

Quando a música estava acabando, fiz um gesto exagerado de "Venham, crianças!" com a pata esquerda (inadvertidamente puxando o rabo com tanta força que quase arranquei aquela merda) e os levei na direção da Howdy House. Elas me seguiram com tanta disposição quanto as crianças de Hamelin seguiram o flautista, e nenhuma delas estava chorando. Aquele nem foi o melhor dia da minha brilhante (se é que posso dizer isso, e acho que posso) carreira como Howie, o Cão Feliz, mas chegou bem perto.

Quando elas estavam em segurança dentro da Howdy House (a garotinha de saia cor-de-rosa ficou tempo suficiente na porta para me dar tchau), eu me virei, e o mundo pareceu continuar girando mesmo depois que eu estava parado. Suor escorreu em meus olhos, fazendo a Vila Wiggle-Waggle e tudo nela parecer duplicado. Eu oscilei nas patas traseiras. A performance toda, desde o primeiro Pop Pop até o tchauzinho da garota, só levara sete minutos, no máximo nove, mas eu estava fervendo. Comecei a voltar pelo caminho por onde tinha ido, sem saber o que fazer agora.

— Filho — chamou uma voz. — Aqui.

Era o sr. Easterbrook. Ele estava segurando uma porta aberta na parte de trás da lanchonete Wishing Well. Talvez fosse a porta por onde eu saíra, provavelmente era, mas eu estava ansioso e empolgado demais para reparar na hora.

Ele me guiou para dentro, fechou a porta e puxou o zíper na parte de trás da fantasia. A cabeça surpreendentemente pesada de Howie caiu de cima da minha, e minha pele úmida

absorveu o abençoado ar-condicionado. Minha pele, ainda branca do inverno (não ficaria assim por muito tempo), foi tomada por um arrepio. Eu respirei fundo.

— Sente-se nos degraus — disse ele. — Vou chamar um carrinho em um minuto, mas agora você precisa se recuperar. As primeiras vezes como Howie sempre são difíceis, e a performance que você acabou de fazer foi particularmente cansativa. Também foi extraordinária.

— Obrigado. — Foi tudo o que consegui falar. Só percebi quanto estava perto do meu limite quando voltei para um local tranquilo e fresco. — Muito obrigado.

— Abaixe a cabeça se achar que vai desmaiar.

— Desmaiar, não. Mas estou com dor de cabeça.

Tirei um braço de dentro da fantasia e passei a mão no rosto, de onde pingava suor.

— O senhor me salvou.

— O tempo máximo usando Howie, em um dia quente, e estou falando de julho e agosto, quando a umidade é alta e a temperatura chega aos trinta e poucos, é de quinze minutos — disse o sr. Easterbrook. — Se alguém tentar convencer você de outra coisa, mande vir falar diretamente comigo. E o aconselho a tomar umas pílulas de sal. Queremos que nosso pessoal de verão trabalhe bastante, mas não queremos matar vocês.

Ele pegou o walkie-talkie e falou rapidamente, bem baixinho. Cinco minutos depois, aquele funcionário antigo reapareceu com o carrinho, dois comprimidos e uma garrafa de água abençoadamente gelada. Enquanto isso, o sr. Easterbrook ficou sentado ao meu lado, depois de se abaixar até o degrau da escada que levava ao Boulevard com um cuidado que me deixou meio nervoso.

— Qual é seu nome, filho?

— Devin Jones, senhor.

— Chamam você de Jonesy? — Ele não esperou que eu respondesse. — É claro que chamam, é o jeito dos parquinhos. E é isso que Joyland realmente é, um parquinho de diversões maldisfarçado. Lugares assim não vão durar muito mais. Lugares como a Disney e o Knott's Berry Farm vão dominar o mundo da diversão, exceto talvez aqui no centro-sul. Me conte, fora o calor, você gostou de sua primeira experiência usando a fantasia?

— Gostei.

— Por quê?

— Porque algumas delas estavam chorando, eu acho.

Ele sorriu.

— E?

— Em pouco tempo, *todas* estariam chorando, mas eu impedi.

— Sim. Você dançou o Pop Pop. Foi um toque de gênio. Como sabia que daria certo?

— Eu não sabia.

Mas, na verdade… eu sabia, sim. De alguma forma, eu sabia.

Ele sorriu.

— Em Joyland, nós jogamos os recém-contratados, os novatos, na fogueira sem muita preparação, porque, para algumas pessoas, algumas pessoas com um *dom*, isso encoraja uma espécie de espontaneidade que é muito especial e valiosa, tanto para nós quanto para os clientes. Você aprendeu alguma coisa sobre si mesmo agora?

— Nossa, não sei. Talvez. Mas… posso dizer uma coisa, senhor?

— Fique à vontade.

Eu hesitei, mas decidi acreditar na palavra dele.

— Deixar aquelas crianças aos cuidados de estranhos em um parque de diversões parece, sei lá, meio cruel. — E acrescentei rapidamente: — Mas a Vila Wiggle-Waggle parece muito boa para as criancinhas. Bem divertida.

— Você precisa entender uma coisa, filho. Em Joyland, nós não estamos no vermelho por isso aqui. — Ele mostrou a mão com o indicador e o polegar só um pouquinho separados. — Quando os pais sabem que há um serviço para cuidar dos pequenos, mesmo que só por duas horas, eles trazem a família toda. Se precisassem contratar uma babá, talvez nem viessem, e nossa margem de lucro desapareceria. Entendo o seu lado, mas também entendo o meu. A maioria desses pequenos nunca foi a um lugar assim. Eles vão se lembrar disso, assim como vão se lembrar do primeiro filme ou do primeiro dia de aula. Por sua causa, eles vão se esquecer de chorar por terem sido abandonados pelos pais por um tempinho; vão se lembrar de terem dançado o Pop Pop com Howie, o Cão Feliz, que apareceu magicamente.

— Entendi.

Ele esticou a mão, não na minha direção, mas na de Howie. Acariciou o pelo com os dedos retorcidos enquanto falava.

— Os parques da Disney têm roteiro, e eu odeio isso. *Odeio*. Acho que o que eles estão fazendo em Orlando é cafetinagem da diversão. Sou fã do improviso e do instinto, e às vezes encontro alguém que é um gênio nisso. Você pode ser um. É cedo demais para ter certeza, mas, sim, você pode ser um. — Ele colocou as mãos na própria lombar e se alongou. Ouvi uma série alarmante de estalos altos. — Posso ir no carrinho com você até o cemitério? Acho que já peguei sol o bastante por hoje.

— Meu carrinho é seu carrinho.

Como Joyland era dele, isso era literalmente verdade.

— Acho que você vai usar muito a fantasia este verão. A maioria dos jovens vê isso como um peso, até como punição. Acho que com você não vai ser assim. Estou errado?

Não estava. Tive muitos empregos nos anos seguintes, e meu trabalho editorial do momento, provavelmente o último antes que a aposentadoria me agarre, é incrível, mas nunca me senti tão estranhamente feliz, com uma sensação tão forte de estar no lugar certo, como quando tinha vinte e um anos, quando estava usando a fantasia e dançando o Pop Pop em um dia quente de junho. Puro instinto, baby.

Continuei amigo de Tom e de Erin depois daquele verão, e ainda sou amigo de Erin, embora hoje em dia sejamos basicamente colegas de e-mail e de Facebook que às vezes se encontram para um almoço em Nova York. Nunca conheci seu segundo marido. Ela diz que ele é um cara legal, e eu acredito. Por que não acreditaria? Depois de ser casada com o sr. Cara Legal Original por dezoito anos e ter esse parâmetro de comparação, duvido que ela escolhesse um imbecil.

Na primavera de 1992, Tom foi diagnosticado com tumor cerebral. Morreu seis meses depois. Quando me ligou e contou que estava doente — sua fala, sempre acelerada, soando mais devagar por causa da bola de demolição em sua cabeça —, fiquei perplexo e deprimido, como quase qualquer pessoa ficaria, eu acho, ao ouvir que um cara que deveria estar no auge da vida estava se aproximando da linha de chegada. Dá vontade de perguntar como uma coisa assim pode ser justa. Não deveria haver mais coisas boas na vida de Tom? Como uns dois netos e talvez aquela viagem tão sonhada para Maui?

Durante a época que passei em Joyland, uma vez ouvi Pop Allen falando sobre queimar a sorte. No Colóquio, isso queria dizer roubar descaradamente dos caipiras no que era para ser um jogo honesto. Pensei nisso pela primeira vez em anos quando Tom ligou e deu a má notícia.

Mas a mente se defende tanto quanto pode. Depois que o choque inicial de uma notícia dessas passa, talvez você pense *É ruim, verdade, entendo isso, mas não é a palavra final; talvez ainda haja uma chance. Mesmo que noventa e cinco por cento das pessoas nessa situação não resistam, sempre tem aqueles cinco por cento de sorte. Além do mais, médicos erram diagnósticos o tempo todo. E, em último caso, às vezes milagres acontecem.*

Você pensa em tudo isso, mas depois recebe outra ligação. A mulher que faz essa outra ligação já foi uma jovem linda que andava por Joyland com um vestidinho verde e um chapeuzinho bobo da floresta de Sherwood, carregando uma grande e velha câmera Speed Graphic, e os Bobs que ela escolhia quase nunca diziam não. Como eles poderiam dizer não para aquele cabelo ruivo flamejante e aquele sorriso ansioso? Como qualquer pessoa poderia dizer não a Erin Cook?

Bem, Deus disse não. Deus queimou a sorte de Tom Kennedy, e a de Erin por tabela. Quando atendi o telefone às cinco e meia da tarde de uma linda tarde de outubro, em Westchester, aquela garota tinha se transformado em uma mulher cuja voz, embargada de lágrimas, parecia velha e muito cansada.

— Tom morreu às duas da tarde. Foi muito tranquilo. Ele não conseguia falar, mas estava consciente. Ele… Dev, ele apertou minha mão quando disse adeus.

— Eu queria estar lá — respondi.

— Sim. — A voz dela oscilou, depois ficou firme. — Sim, isso teria sido bom.

Você pensa “Tudo bem, entendi, estou preparado para o pior”, mas guarda aquela pequena esperança, sabe, e é isso que fode tudo. É isso que mata você.

Eu conversei com ela, falei quanto a amava e quanto amei Tom, disse que sim, iria ao enterro e, se houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer antes disso, ela deveria ligar. Dia ou noite. Em seguida, desliguei o telefone, baixei a cabeça e chorei até meus olhos incharem.

O fim do meu primeiro amor não chega nem perto da morte de um velho amigo e do luto por outra, mas seguiu o mesmo padrão. Exatamente o mesmo. E, se pareceu o fim do mundo para mim — causando primeiro aqueles pensamentos suicidas (por mais bobos e desanimados que tenham sido) e depois uma mudança sísmica no curso antes inquestionável da minha vida —, você precisa entender que eu não tinha uma escala pela qual medir. Isso se chama ser jovem.

Conforme junho foi passando, percebi que meu relacionamento com Wendy estava tão doente quanto a rosa de William Blake, mas me recusei a acreditar que estivesse *mortalmente* doente, mesmo quando os sinais ficaram cada vez mais claros.

Cartas, por exemplo. Durante minha primeira semana na sra. Shoplaw, escrevi quatro longas cartas para Wendy, embora estivesse trabalhando arduamente em Joyland e me arrastasse até o segundo andar todas as noites com a cabeça cheia de novas informações e experiências, sentindo-me como um garoto jogado em uma matéria desafiadora (podemos chamar de Física Avançada da Diversão) no meio do semestre.

O que recebi em resposta foi um único cartão-postal com o Boston Common na frente e uma mensagem colaborativa peculiar atrás. No alto, escrito em uma caligrafia que não reconheci, estava o seguinte: Wenny escreve o cartão enquanto Rennie dirige o ônibus! Abaixo, com uma caligrafia familiar, Wendy (ou Wenny, se você preferir; eu odiava esse apelido) escrevera de forma jovial: Viva! Nós é vendedoras em uma aventura em Cape Cod! É uma festa! Múzica animada! Não se preocupe segurei o volante enquanto Ren escrevia a parte dela. Espero que você está bem. W.

Múzika animada? Espero que você está bem? Nada de “Com amor”, nada de “Está com saudade?”, só “Espero que você está bem”? E, apesar de o cartão ter sido escrito com o carro de Renee em movimento (Wendy não tinha carro), as duas pareciam chapadas ou bêbadas. Na semana seguinte, mandei mais quatro cartas, além de uma foto que Erin tirou de mim usando a fantasia. De Wendy, nenhuma resposta.

Você começa a se preocupar, depois começa a entender e, de repente, sabe. Talvez não queira saber, talvez pense que namorados, assim como médicos, erram diagnósticos o tempo todo, mas no fundo você sabe.

Duas vezes, tentei ligar para ela. A mesma garota mal-humorada atendeu em ambas. Eu a imaginava usando óculos de gatinha, um vestido de vovó até o tornozelo e nenhum batom. Wendy não estava, disse ela na primeira vez. Tinha saído com Ren. Não estava nem devia voltar tão cedo, disse a Garota Rabugenta na segunda vez. Tinha se mudado.

— Se mudou para onde? — perguntei, alarmado.

Isso foi na sala da *Maison* Shoplaw, onde havia uma lista de ligações interurbanas ao lado do telefone. Meus dedos apertavam tanto o fone antiquado que eles chegaram a ficar dormentes. Wendy tinha ido para a faculdade em um tapete mágico de retalhos feito de bolsas de estudo, empréstimos e emprego estudantil, assim como eu. Não tinha dinheiro para um apartamento. Não sem ajuda.

— Não sei e não ligo — disse a Garota Rabugenta. — Me cansei das bebedeiras e das festas às duas da manhã. Algumas pessoas gostam de conseguir dormir um pouco. Pode parecer estranho, mas é verdade.

Meu coração estava batendo tão forte que o sentia pulsando nas têmporas.

— Renee foi com ela?

— Não, elas brigaram. Por causa daquele cara. O que ajudou Wennie com a mudança.

Ela falou *Wennie* com um desprezo tão intenso que me deixou enjoado. Claro que não foi a parte do cara que me deixou assim; *eu* era o cara dela. Se algum amigo, alguém que ela conhecera

no trabalho, decidira ajudar na mudança, qual era o problema? Claro que ela podia ter amigos homens. Eu tinha feito amizade com pelo menos uma *garota*, não tinha?

— Renee está? Posso falar com ela?

— Não, ela foi a um encontro. — A ficha deve finalmente ter caído, porque de repente a Garota Rabugenta pareceu interessada na conversa. — Eeeei, seu nome é Devin?

Eu desliguei. Não foi planejado, apenas fiz. Disse a mim mesmo que não tinha ouvido a Garota Rabugenta se transformar, subitamente, em Garota Rabugenta *Achando Graça*, como se eu fizesse parte de alguma piada. Como se eu *fosse* a piada. Como acredito que já disse, a mente se defende tanto quanto pode.

Três dias depois, recebi a única carta de Wendy Keegan daquele verão. A última carta. Fora escrita no papel de carta dela, um com bordas irregulares e desenhos de gatinhos brincando com novelos de lã. Era o papel de carta de uma garotinha de quinto ano, embora esse pensamento só fosse me ocorrer bem depois. Havia três páginas afobadas, a maioria dizendo quanto ela lamentava e quanto tinha lutado contra a atração, mas não tinha jeito, e que ela sabia que eu ficaria magoado, então eu não devia ligar para ela nem tentar vê-la por algum tempo, e que ela esperava que pudéssemos ser bons amigos depois que o choque inicial passasse, e que ele era um cara legal, estudava em Dartmouth, jogava lacrosse, ela sabia que eu gostaria dele, talvez pudesse apresentá-lo para mim quando o semestre de outono começasse etc., etc., porra.

Naquela noite, me sentei na areia a uns cinquenta metros da Pensão Litorânea da sra. Shoplaw, planejando ficar bêbado. Pelo menos, pensei, não seria caro. Naquela época, seis latas de cerveja bastavam para me derrubar. Em determinado momento, Tom e Erin se juntaram a mim, e observamos as ondas juntos: os três mosqueteiros de Joyland.

— O que houve? — perguntou Erin.

Eu dei de ombros, como se faz quando é algo bobo, mas irritante mesmo assim.

— Minha namorada terminou comigo. Me mandou uma carta estilo "o problema não é você, sou eu".

— Que, no seu caso — disse Tom —, seria uma carta de "o problema é só seu".

— Mostre um pouco de compaixão — disse Erin a ele. — Devin está triste e magoado, e tentando não demonstrar. Ou você é idiota demais para perceber?

— Não — respondeu Tom. Ele passou o braço por meus ombros e me deu um abraço rápido. — Lamento por você, amigo. Dá para sentir a dor emanando de você como uma frente fria vinda do Canadá ou até do Ártico. Posso tomar uma das suas cervejas?

— Claro.

Ficamos sentados ali por algum tempo e, com Erin fazendo perguntas delicadamente, contei parte da história, mas não tudo. Eu *estava* triste. Eu *estava* magoado. Mas havia muito mais, e não queria que eles vissem. Parte disso era porque meus pais me criaram com a crença de que despejar os próprios sentimentos nos outros é o cúmulo da indelicadeza, mas principalmente porque eu estava consternado pela profundidade e pela força do meu ciúme. Eu não queria que eles vissem aquele verme (ele era de *Dartmouth*, ah, Deus, *sim*, ele devia ser da melhor

fraternidade e dirigir um Mustang de seus pais, presente na formatura do ensino médio). E o ciúme nem era o pior. O pior era a percepção apavorante — que naquela noite estava apenas começando a ficar clara — de que eu tinha sido rejeitado pela primeira vez na vida. Ela não queria mais saber de mim, mas eu não conseguia me imaginar não querendo saber dela.

Erin também pegou uma cerveja e ergueu a lata.

— Vamos fazer um brinde à próxima que aparecer. Não sei quem será, Dev, só sei que o dia em que se conhecerem vai ser o dia de sorte dela.

— Isso aí! — disse Tom, erguendo sua lata. E, como era Tom, achou que devia acrescentar "Isso aqui!" e "Aquilo ali!".

Acho que nenhum dos dois percebeu, nem naquele momento nem no resto do verão, quanto o chão onde eu pisava tinha se transformado. Quanto eu me sentia perdido. Eu não queria que eles soubessem. Era mais do que constrangedor; parecia vergonhoso. Portanto, eu me obriguei a sorrir, levantei minha lata de cerveja e bebi.

Com eles me ajudando a beber a cerveja, pelo menos não acordei de ressaca na manhã seguinte, além de com o coração partido. E isso foi bom, porque, quando chegamos a Joyland, Pop Allen me disse que eu teria que usar a fantasia naquela tarde, na Joyland Avenue, em três turnos de quinze minutos às três, às quatro e às cinco horas. Eu reclamei só para cumprir o protocolo (todo mundo tinha que reclamar de usar a fantasia), mas fiquei grato. Eu gostava de ser cercado pelas crianças e, nas semanas seguintes, interpretar Howie foi meio divertido, de um jeito amargurado. Enquanto eu andava balançando o rabo pela Joyland Avenue, seguido por multidões de crianças gargalhando, pensava que não era de surpreender que Wendy tivesse me dado o pé na bunda. Seu novo namorado estudava em Dartmouth e jogava lacrosse. O antigo estava passando o verão em um parque de diversões de terceira categoria. Onde se fantasiava de cachorro.

O verão em Joyland.

Eu controlei brinquedos. Reabasteci as barracas de manhã — o que queria dizer que fazia a reposição do estoque de prêmios — e cuidei de algumas de tarde. Desemaranhei Devil Wagons aos montes, aprendi a fritar massa sem queimar os dedos e cumpri turnos na Carolina Spin. Dancei e cantei com os outros novatos no Palco de Histórias da Vila Wiggle-Waggle. Várias vezes, Fred Dean me mandou ir raspar a área central, uma demonstração de confiança, porque isso significava coletar a renda do meio-dia ou das cinco horas de várias das lanchonetes e lojas. Fui a Heaven's Bay ou a Wilmington quando algumas peças das máquinas quebraram e fiquei até tarde nas noites de quarta, normalmente com Tom, George Preston e Ronnie Houston para lubrificar as Whirly Cups e um brinquedo terrível que causava torcicolos chamado Zipper. Os dois consumiam óleo como camelos consomem água quando chegam a um oásis. E, é claro, eu usei a fantasia.

Apesar disso tudo, não dormia nada. Às vezes, ficava deitado na cama, colocava meus velhos fones de ouvido remendados com fita adesiva e ouvia os discos do The Doors. (Eu gostava muito das músicas mais alegres como "Cars Hiss by My Window", "Riders on the Storm" e, claro, "The

End".) Quando a voz de Jim Morrison e o órgão místico de Ray Manzarek não eram suficientes para me sedar, eu descia pela escada externa e andava na praia. Uma ou duas vezes, cheguei a *dormir* na praia. Pelo menos, eu não tinha pesadelos quando conseguia adormecer por um tempinho. Não me lembro de ter tido sonho algum naquele verão.

Eu via as olheiras quando fazia a barba de manhã e, às vezes, me sentia tonto depois de um trabalho particularmente extenuante como Howie (festas de aniversário na confusão escaldante da Howdy House eram o pior), mas isso era normal; o sr. Easterbrook tinha me dito. Um descanso rápido no cemitério sempre me deixava bem. De modo geral, eu pensava estar *representando*, como dizem hoje em dia. Descobri que estava enganado na primeira segunda-feira de julho, dois dias antes do Quatro de Julho.

Minha equipe, a Beagle, foi para a barraca de Pop Allen logo cedo, como sempre, e ele nos passou nossas tarefas enquanto arrumava as espingardas. Normalmente, nossas primeiras tarefas envolviam carregar caixas de prêmios (com MADE IN TAIWAN impresso na maioria) e reabastecer as barracas até a hora do Primeiro Portão, que era como chamávamos a abertura do parque. Mas naquela manhã Pop me disse que Lane Hardy precisava de mim. Isso me surpreendeu; geralmente Lane só botava a cara para fora do cemitério faltando uns vinte minutos para o Primeiro Portão. Comecei a andar para lá, mas Pop gritou:

— Não, não, ele está no guindaste dos patetas.

Aquele era um termo depreciativo para a roda-gigante que ele não usaria se Lane estivesse por perto.

— Pé na tábua, Jonesy. Tem muita coisa para fazer hoje.

Eu corri, mas não vi ninguém na Spin, que estava impávida, imóvel e silencioso, esperando os primeiros clientes do dia.

— Aqui — chamou uma mulher.

Eu me virei para a esquerda e vi Rozzie Gold em frente à barraca cheia de estrelas, toda enfeitada com um dos trajes esvoaçantes de Madame Fortuna. Em sua cabeça havia um lenço azul-vibrante, cuja ponta chegava quase à lombar. Lane estava de pé ao lado dela, com o próprio traje tradicional: calça jeans reta, desbotada, e regata justa, exibindo os músculos. O chapéu estava inclinado no ângulo certo. Ao olhar para ele, você não pensaria que Lane fosse inteligente, mas ele era, e muito.

Os dois estavam vestidos para o show, e ambos tinham uma expressão de más notícias. Pensei rapidamente nos dias anteriores, tentando lembrar qualquer coisa que eu pudesse ter feito para provocar aquelas caras. Passou pela minha cabeça que Lane talvez tivesse recebido ordens para me suspender… ou talvez até me demitir. Mas no pico do verão? E isso não seria trabalho de Fred Dean ou Brenda Rafferty? Além do mais, por que Rozzie estava ali?

— Quem morreu, pessoal? — perguntei.

— Desde que não tenha sido você… — respondeu Rozzie.

Ela estava entrando no personagem, para começar o dia, e falou de um jeito engraçado: em parte com sotaque do Brooklyn e em parte com sotaque ucraniano.

— Hã?

— Nos acompanhe, Jonesy — disse Lane, e saiu andando pela área central, que estava deserta noventa minutos antes do Primeiro Portão; não havia ninguém no local além de alguns integrantes da equipe de zeladores (bicos, como se dizia no Colóquio, e nenhum deles devia ter green card) varrendo as lojas, trabalho que deveria ter sido feito na noite anterior. Rozzie abriu espaço para que eu caminhasse entre eles quando os alcancei. Eu me senti um criminoso sendo escoltado até a cadeia por dois policiais.

— Do que se trata?

— Você vai ver — disse Rozzie/Fortuna de forma ameaçadora, e em pouco tempo eu vi.

Ao lado do Horror House ficava a Mysterio's Mirror Mansion. Na verdade, o trem fantasma e a casa dos espelhos. Ao lado da entrada havia um espelho normal com uma placa acima dizendo PARA VOCÊ NÃO ESQUECER COMO É **DE VERDADE**. Lane segurou um braço meu e Rozzie segurou o outro. Agora eu me sentia mesmo um bandido sendo levado para fazer a ficha criminal.

Eles me colocaram em frente ao espelho.

— O que você vê? — perguntou Lane.

— Eu — respondi e acrescentei, porque aquela não pareceu ser a resposta que eles queriam: — Eu precisando de um corte de cabelo.

— Olhe para suas roupas, seu bobo — disse Rozzie, a última palavra soando como *popo*.

Eu olhei. Acima das botas amarelas, vi uma calça jeans (com luvas da marca recomendada enfiadas no bolso de trás) e, acima da calça, uma camisa azul de cambraia, desbotada, mas até que limpa. Na cabeça estava uma cãobertura do Howie admiravelmente surrada, o toque final tão importante.

— O que tem? — questionei.

Eu estava começando a ficar meio irritado.

— Estão meio frouxas em você, não estão? — disse Lane. — Não era assim. Quanto peso você perdeu?

— Meu Deus, não sei. Talvez devêssemos visitar o Wally Gordo.

Wally Gordo era quem cuidava da barraca de “adivinhe quanto pesa”.

— Não é engraçado — disse Fortuna. — Você não pode usar aquela porcaria de fantasia de cachorro durante metade do dia, debaixo do sol forte de verão, tomar dois comprimidos de sal e achar que foi uma refeição. Pode sofrer quanto quiser pelo seu amor perdido, mas não deixe de comer enquanto sofre. *Coma*, caramba!

— Quem falou com você? Tom? — Não, ele não faria isso. — Erin. Ela não tinha nada que…

— Ninguém falou comigo — disse Rozzie. Ela se empertigou de forma impressionante. — Eu tenho visão.

— Não sei quanto à visão, mas você tem muita cara de pau.

Na mesma hora, ela voltou a ser Rozzie.

— Não estou falando de visão mediúnica, garoto, estou falando da visão normal de uma mulher. Acha que não reconheço um Romeu apaixonado quando vejo um? Depois de todos esses anos lendo mãos e olhando bolas de cristal? *Ha!* — Ela deu um passo à frente, os seios consideráveis se projetando primeiro. — Não ligo para sua vida amorosa; só não quero ver você sendo levado para o hospital no Quatro de Julho, quando a temperatura deve chegar a trinta e cinco graus à sombra, aliás, com insolação ou coisa pior.

Lane tirou o chapéu, olhou dentro dele e o recolocou na cabeça, inclinado para o outro lado.

— O que ela não vai dizer diretamente, porque precisa manter a reputação de durona, é que nós gostamos de você, garoto. Você aprende rápido, faz o que pedimos, é honesto, não causa problema e as crianças o adoram quando está usando a fantasia. Mas é preciso ser cego para não ver que tem alguma coisa errada. Rozzie acha que é problema com mulher. Talvez ela esteja certa. Talvez não.

Rozzie lançou a ele um olhar de “como você ousa duvidar de mim”.

— Talvez seus pais estejam se divorciando. Quando os meus se divorciaram eu quase morri. Talvez seu irmão mais velho tenha sido preso por vender drogas…

— Minha mãe morreu e sou filho único — falei com mau humor.

— Não ligo para quem você é no mundo lá fora — disse ele. — Aqui é Joyland. O *show*. E você é um de nós. O que quer dizer que temos direito de cuidar de você, goste ou não. Então coma alguma coisa.

— Coma *muita* coisa — corrigiu Rozzie. — Agora, ao meio-dia, o dia todo. *Todos* os dias. E tente comer outras coisas além de frango frito, que, aviso logo, tem um ataque cardíaco espreitando em cada asinha. Vá ao Rock Lobster e diga que quer peixe com salada para viagem. Peça para fazerem porção dupla. Aumente esse peso para não parecer um Esqueleto Humano em um show de aberrações.

Ela olhou para Lane.

— É uma garota, claro que é. Qualquer um consegue ver.

— Seja o que for, pare de ficar morrendo, porra — disse Lane.

— Isso não é linguagem que se use perto de uma dama — reclamou Rozzie.

Ela estava falando como Fortuna de novo. Em pouco tempo, diria algo como “É issssso que ossss esssspíritossss querem” ou qualquer coisa equivalente.

— Ah, não enche — disse Lane, e andou de volta para a Spin.

Quando ele foi embora, olhei para Rozzie. Ela não era grande coisa no departamento figura materna, mas naquele momento era o que eu tinha.

— Roz, *todo mundo* sabe?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Para a maioria do pessoal antigo, você é só mais um faz-tudo novato… embora não tão novato quanto algumas semanas atrás. Mas muita gente aqui gosta de você e percebeu que tem alguma coisa errada. Sua amiga Erin, por exemplo. Seu amigo Tom também. — Ela pronunciou *amigo* como *amico*. — Eu também sou uma amiga e, como amiga, digo que você não pode consertar seu coração. Só o tempo é capaz disso, mas você pode dar um jeito em seu corpo. Coma!

— Você parece uma mãe judia de alguma piada — comentei.

— Eu *sou* uma mãe judia, e, acredite, não é piada.

— *Eu* sou a piada — falei. — Penso nela o tempo todo.

— Isso não dá para evitar, ao menos por enquanto. Mas você precisa ignorar os outros pensamentos que lhe ocorrem às vezes.

Acho que meu queixo caiu. Não tenho certeza. Sei que fiquei encarando-a. As pessoas que trabalham naquele ramo pelo tempo que Rozzie Gold estava, já naquela época — elas eram chamadas de *luvas* no Colóquio, por causa do dom da quiromancia —, têm um jeito de absorver informações de modo que o que dizem parece resultado de telepatia, mas normalmente é só observação atenta.

Só que nem sempre.

— Não entendi.

— Deixe essas ideias mórbidas pra lá, entendeu? — Ela olhou com tristeza para meu rosto, mas riu da surpresa que viu lá. — Rozzie Gold pode ser só uma mãe e avó judia, mas Madame Fortuna vê muita coisa.

Minha senhoria também via, e descobri depois — ao ver Rozzie e a sra. Shoplaw almoçando juntas em Heaven’s Bay, em um dos raros dias de folga de Madame Fortuna — que elas eram amigas íntimas e se conheciam havia anos. A sra. Shoplaw tirava pó e aspirava meu quarto uma vez por semana; devia ter visto meus discos. Quanto ao resto, as famosas ideias suicidas que às vezes me ocorriam, será que uma mulher que passara a maior parte da vida observando a natureza humana e procurando pistas psicológicas (chamadas *dicas* no Colóquio e no pôquer profissional) não poderia adivinhar que um jovem sensível que acabara de levar um fora poderia pensar em comprimidos, cordas e mares agitados?

— Vou comer melhor — prometi.

Eu tinha mil coisas a fazer antes do Primeiro Portão, mas queria muito me afastar antes que ela dissesse alguma coisa bizarra como “O nome dela é Vendy e você ainda penssa nela quando sse massturba”.

— Além disso, tome um copo grande de leite antes de ir dormir.

Ela ergueu um dedo acusatório.

— Nada de café. Apenas leite. Vai ajudar você a dormir.

— Vou tentar.

Ela voltou a falar como Roz.

— No dia em que nos conhecemos, você perguntou se eu via uma mulher bonita de cabelo escuro no seu futuro. Você se lembra disso?

— Lembro.

— O que eu disse?

— Que ela estava no meu passado.

Rozzie assentiu uma única vez, um movimento rígido e imperioso.

— E está mesmo. E, quando quiser ligar para ela e implorar por uma segunda chance, e você vai querer, tenha coragem. Tenha respeito próprio. E lembre que ligações interurbanas são caras.

Como se eu não soubesse disso, pensei.

— Escute, eu tenho mesmo que ir, Roz. Tenho muita coisa para fazer.

— Sim, vai ser um dia agitado para todos nós. Mas, antes de ir, Jonesy, você já conheceu o garoto? O que tem o cachorro? Ou a garota com chapéu vermelho carregando a boneca? Eu também falei sobre eles no dia em que nos conhecemos.

— Roz, eu conheci um bilhão de crianças nos últimos…

— Então não. Tudo bem. Você vai conhecer os dois.

Ela projetou o lábio inferior e soprou, balançando a franja do cabelo preso sob o lenço. Em seguida, segurou meu pulso.

— Vejo perigo em sua vida, Jonesy. Dor e perigo.

Pensei por um momento que ela fosse sussurrar qualquer coisa do tipo "Cuidado com o estranho sombrio! Ele anda de monociclo!". Mas ela me soltou e apontou para o Horror House.

— Que equipe cuida daquele buraco desagradável? Não é a sua, é?

— Não, é a Equipe Dobermann.

Os Dobies também eram responsáveis pelas atrações adjacentes: a Mysterio's Mirror Mansion e o museu de cera. Aqueles três brinquedos eram o jeito de Joyland seguir, sem muito entusiasmo, a tradição de atrações de terror dos antigos parques itinerantes.

— Que bom. Fique longe dali. É assombrado, e um garoto com pensamentos ruins precisa visitar uma casa assombrada tanto quanto precisa de arsênico no enxaguante bucal. *Capisce*?

— Sim.

Eu olhei para o relógio.

Ela entendeu e recuou um passo.

— Fique alerta para essas crianças. E olhe por onde anda, rapazinho. Tem uma sombra pairando sobre você.

Lane e Rozzie me deram uma boa sacudida, admito. Não parei de ouvir meus discos do The Doors, ao menos não imediatamente, mas me obriguei a comer mais e comecei a tomar uns três milk-shakes por dia. Eu sentia uma nova energia vibrando por meu corpo, como se alguém

tivesse aberto uma torneira, e fiquei muito grato por isso na tarde do dia Quatro de Julho. Joyland ficou torta e tive que usar a pele dez vezes, um recorde de todos os tempos.

O próprio Fred Dean foi me entregar a programação, junto com um bilhete do velho sr. Easterbrook. *Se passar do limite, pare na mesma hora e mande o líder de sua equipe encontrar um substituto.*

— Eu vou ficar bem — afirmei.

— Pode ser, mas mostre esse memorando a Pop.

— Tudo bem.

— Brad gosta de você, Jonesy. Isso é raro. Ele quase nunca repara nos novatos, a não ser que veja um deles fazendo besteira.

Eu também gostava dele, mas não falei isso para Fred. Achei que pareceria puxa-saquismo.

Todos os meus turnos do Quatro de Julho foram de dez minutos, o que não foi ruim, apesar de a maioria dos turnos de dez acabar virando de quinze, mas o calor estava absurdo. *Trinta e cinco graus à sombra*, Rozzie tinha dito, mas ao meio-dia estava fazendo trinta e nove, segundo o termômetro pendurado na parte de fora do trailer de Serviços do Parque. Para minha sorte, Dottie Lassen tinha consertado a outra roupa GG de Howie, e eu pude variar entre as duas. Enquanto eu usava uma, Dottie virava a outra do avesso tanto quanto conseguia e colocava em frente a três ventiladores para secar a parte interna encharcada de suor.

Pelo menos eu conseguia tirar a fantasia sozinho; àquela altura, eu já tinha descoberto o segredo. A pata direita de Howie era, na verdade, uma luva, e puxar o zíper no pescoço da fantasia era moleza depois que se sabia disso. Depois de tirar a cabeça, o resto era mais fácil ainda. Isso era bom porque eu podia trocar de roupa sozinho atrás de uma cortina. Nada de exibir minha cueca suada e semitransparente para as moças do camarim.

Durante a tarde patriota do Quatro de Julho, fui dispensado de todas as outras tarefas. Eu fazia minhas palhaçadas, voltava para o Joyland Subterrâneo e desabava no velho sofá do cemitério por um tempo, aproveitando o ar-condicionado. Quando me sentia recuperado, usava os corredores para ir até o camarim trocar uma fantasia pela outra. Entre turnos, eu tomava garrafas de água e um pouco de chá gelado sem açúcar. Você pode não acreditar que eu estava me divertindo, mas estava. Até os pestinhas estavam me adorando naquele dia.

Então, eram quinze para as quatro da tarde. Eu estava dançando na Joyland Avenue, nossa avenida principal, enquanto os alto-falantes cuspiam “Chick-A-Boom, Chick-A-Boom, Don’t Ya Jes’ Love It”, de Daddy Dewdrop. Estava dando abraços nas crianças e distribuindo cupons de Agosto Incrível para os adultos, porque o movimento em Joyland sempre caía no final do verão. Estava posando para fotos (algumas tiradas por Garotas de Hollywood, a maioria por hordas de pais paparazzi queimados de sol e encharcados de suor) e sendo seguido por uma fila de crianças apaixonadas, como um cometa esplendoroso. Também procurava a porta mais próxima para o Subterrâneo, porque já estava exausto. Tinha só mais um turno como Howie naquele dia, porque Howie, o Cão Feliz, nunca mostrava seus olhos azuis nem suas orelhas empinadas depois do pôr do sol. E não sabia por quê; era só uma tradição.

Se reparei na garotinha de chapéu vermelho antes de ela cair no asfalto quente da Joyland Avenue, se contorcendo e estremecendo? Acho que sim, mas não posso afirmar, porque o tempo cria lembranças falsas e altera as verdadeiras. Sei que não reparei no cachorro-quente que ela segurava nem na cãobertura vermelha brilhante do Howie; em um parque de diversões, uma criança com um cachorro-quente não é uma visão incomum, e devemos ter vendido mil cãoberturas vermelhas do Howie naquele dia. Se reparei nela, foi por causa da boneca que segurava junto ao peito com a mão que não estava ocupada pelo cachorro-quente cheio de mostarda. Era uma boneca de pano, grande e velha. Madame Fortuna tinha me dito apenas dois dias antes para prestar atenção em uma garotinha com uma boneca, então talvez eu tenha reparado nela. Ou talvez só estivesse pensando em sair da avenida principal antes de desmaiar. De qualquer modo, a boneca não foi o problema. O cachorro-quente que ela estava comendo, *esse* foi o problema.

Eu *acho* que me lembro dela correndo em minha direção (ei, todos corriam), mas sei o que aconteceu em seguida e por que aconteceu. Ela estava com um pedaço de cachorro-quente na boca e, quando inspirou para gritar *HOWWWIE*, o pedaço desceu pela garganta. Cachorro-quente, a comida perfeita para engasgar. Para a sorte dela, parte de toda a baboseira que a versão Fortuna de Rozzie Gold me dissera tinha ficado em minha cabeça, e eu agi rápido.

Quando os joelhos da garotinha se dobraram, sua expressão de êxtase feliz virando primeiro de surpresa e depois de pavor, eu já estava esticando a mão para trás e puxando o zíper com a pata-luva. A cabeça do Howie caiu e ficou pendurada de lado, revelando o rosto vermelho e encharcado de suor e o cabelo desgrenhado do sr. Devin Jones. A garotinha largou a boneca. O chapéu caiu. Ela começou a arranhar o pescoço.

— Hallie — gritou uma mulher. — Hallie, o que *foi*?

Demos ainda mais sorte: além de saber qual era o problema, eu sabia o que fazer. Não sei se você entende o tamanho da sorte. Estamos falando de 1973, e Henry Heimlich só publicaria o trabalho que daria nome à Manobra de Heimlich um ano depois. Mesmo assim, esse sempre foi o jeito mais conhecido para se lidar com engasgos, e o aprendemos em nossa primeira e única sessão de orientação antes de começar o trabalho no refeitório da UNH. O professor era um veterano durão das guerras de restaurante que perdera o café que tinha em Nashua um ano depois de um McDonald's abrir na região.

— Apenas lembrem que não funciona se não for com força — dissera ele. — Não tenham medo de quebrar uma costela se virem uma pessoa morrendo na sua frente.

Vi o rosto da garotinha ficar roxo e nem pensei nas costelas dela. Segurei-a em um abraço amplo e peludo, com a pata esquerda que puxava o rabo apertada contra o arco ossudo na barriga dela, onde as costelas se juntavam. Dei um único apertão forte, e um pedaço de cachorro-quente manchado de amarelo, de quase cinco centímetros, escapou da boca da menina como uma rolha de uma garrafa de champanhe. Voou mais de um metro. E não, eu não quebrei nenhuma costela dela. Crianças são flexíveis, graças a Deus.

Não percebi que eu e Hallie Stansfield — era esse o nome dela — estávamos cercados por um grupo crescente de adultos. E certamente não percebi que estávamos sendo fotografados dezenas de vezes, inclusive por Erin Cook, cuja foto acabou saindo no *Weekly* de Heaven's Bay e em vários jornais maiores, como o *Star-News* de Wilmington. Ainda tenho uma cópia emoldurada

dessa foto em uma caixa no sótão. Mostra a garotinha caída nos braços de um estranho híbrido de homem/cachorro com uma das duas cabeças penduradas no ombro. A garota está com os bracinhos estendidos para a mãe, uma imagem capturada à perfeição pela Speed Graphic de Erin bem na hora em que a mãe desabou de joelhos na nossa frente.

Tudo isso é uma confusão em minha cabeça, mas eu me lembro da mãe pegando a garotinha nos braços e do pai dizendo "Garoto, acho que você salvou a vida dela". E me lembro, muito claramente, da garotinha olhando para mim com seus grandes olhos azuis e dizendo:

— Ah, tadinho do Howie, sua cabeça caiu.

A manchete clássica de jornal, como todo mundo sabe, é HOMEM VENCE CACHORRO. O *Star-News* não teve como igualar isso, mas a manchete acima da foto de Erin chegava bem perto: CACHORRO SALVA GAROTA EM PARQUE DE DIVERSÕES.

Quer saber qual foi meu primeiro impulso? Recortar o artigo e mandar para Wendy Keegan. Talvez até tivesse mandado se eu não parecesse tanto um rato afogado na foto de Erin. Mas mandei para meu pai, que ligou para dizer quanto sentia orgulho de mim. Notei, pelo tremor na voz, que ele estava à beira das lágrimas.

— Deus colocou você no lugar certo na hora certa, Dev — disse ele.

Talvez tenha sido Deus. Talvez tenha sido Rozzie Gold, também conhecida como Madame Fortuna. Talvez um pouco dos dois.

No dia seguinte, fui chamado ao escritório do sr. Easterbrook, uma sala com painéis de madeira cobertos de pôsteres e fotos de parques itinerantes. Fui particularmente atraído por uma fotografia que mostrava um rapaz com chapéu de palha e um bigode elegante, de pé ao lado de uma barraca de teste-sua-força. Ele se apoiava em uma marreta como se fosse uma bengala, as mangas de sua camisa branca estavam enroladas: um malandro perfeito. No alto do marcador de força, ao lado do sino, havia um cartaz dizendo: BEIJEM O RAPAZ, MOÇAS, ELE É UM SUPER-HOMEM!

— Esse cara é o senhor? — perguntei.

— Eu mesmo, embora só tenha ficado no medidor de força por uma temporada. Não me agradava. Brinquedos que trapaceiam nunca me agradaram. Gosto que meus jogos sejam honestos. Sente-se, Jonesy. Quer uma Coca ou alguma outra coisa?

— Não, senhor. Estou bem.

Na verdade, eu estava de barriga cheia por causa do milk-shake daquela manhã.

— Vou ser bem direto. Ontem à tarde, você fez uma publicidade positiva para este parque no valor de vinte mil dólares, e mesmo assim não tenho dinheiro para lhe dar um bônus. Se você soubesse… mas não importa. — Ele se inclinou para a frente. — O que *posso* é ficar devendo um favor a você. Se precisar de um, é só pedir. Se eu puder fazer, farei. Pode ser?

— Claro.

— Que bom. E você estaria disposto a fazer mais uma aparição como Howie e com a garotinha? Os pais dela querem agradecer em particular, mas uma aparição pública seria excelente para Joyland. Mas a decisão é toda sua, claro.

— Quando?

— Sábado, depois do desfile do meio-dia. Montaríamos um palco no cruzamento da Joyland Avenue com o Hound Dog Way. Convidaríamos a imprensa.

— Com todo o prazer — respondi.

Eu gostava da ideia de aparecer de novo nos jornais, admito. Estava sendo um verão difícil para meu ego e minha autoimagem, e eu agarraria qualquer oportunidade de me sentir melhor.

Ele se ergueu daquele jeito cuidadoso e inseguro e esticou a mão para mim.

— Obrigado de novo. Em nome daquela garotinha, mas também em nome de Joyland. Os contadores que tomam conta da minha porcaria de vida vão ficar bem felizes com isso.

Quando saí do prédio comercial, que ficava junto dos outros prédios administrativos no que chamávamos de quintal, minha equipe toda estava lá. Até Pop Allen tinha ido. Erin, vestida maravilhosamente com o verde das Garotas de Hollywood, deu um passo à frente segurando uma coroa de louros metálica e cintilante feita de latas de sopa Campbell's. Ela se apoiou em um joelho.

— Para você, meu herói.

Eu pensei que estivesse bronzeado demais para ficar vermelho, mas não era verdade.

— Ah, meu Deus, levanta.

— Salvador de garotinhas — disse Tom Kennedy. — Sem mencionar salvador do nosso local de trabalho, que podia ser processado e possivelmente ia ter que fechar as portas.

Erin ficou de pé, colocou a ridícula coroa de latas de sopa em minha cabeça e me deu um grande beijo.

Todo mundo da Equipe Beagle gritou.

— Tudo bem — disse Pop quando o barulho morreu. — Todo mundo sabe que você é um cavaleiro de armadura brilhante, Jonesy. Também não é o primeiro cara a salvar uma caipira de cair dura na avenida central. Será que podemos voltar ao trabalho agora?

Por mim, tudo bem. Ser famoso era divertido, mas a mensagem implícita para o feito não me subir à cabeça, transmitida pela coroa de latas, não passou despercebida.

Eu estava usando a fantasia naquele sábado, no palco improvisado no meio de nossa avenida central. Fiquei feliz de segurar Hallie nos braços, e ela estava bem feliz de estar lá. Eu diria que uns quinze quilômetros de filme foram usados enquanto ela proclamava o amor por seu cachorro favorito e o beijava sem parar para as câmeras.

Erin ficou um tempo na primeira fila, com sua câmera, mas os fotógrafos da imprensa eram maiores que ela, e todos homens. Em pouco tempo, ela foi deslocada para uma posição menos favorável, e o que todos eles queriam? O que Erin já tinha conseguido, uma foto minha sem a cabeça de Howie. Essa era a única coisa que eu não queria fazer, embora tivesse certeza de que nem Fred, nem Lane, nem o próprio sr. Easterbrook me penalizariam. Eu não queria fazer

porque ia contra a tradição do parque: Howie *nunca* tirava a fantasia em público; fazer isso era como revelar a verdade sobre a fada do dente. Eu tinha feito quando Hallie Stansfield estava engasgada, mas fora uma exceção necessária. Eu não violaria a regra deliberadamente. Portanto, acho que eu tinha mesmo aura de parque, afinal (embora não alma de parque, nunca).

Mais tarde, já com minha própria roupa de novo, me encontrei com Hallie e os pais dela no Centro de Atendimento ao Cliente. De perto, vi que a mãe estava grávida do segundo filho, embora ainda devesse ter três ou quatro meses de desejos inusitados pela frente. Ela me abraçou e chorou mais um pouco. Hallie não parecia muito preocupada. Estava sentada em uma cadeira de plástico, balançando os pés e folheando exemplares antigos da *Screen Time*, dizendo os nomes das celebridades com a voz declamatória de um pajem da corte anunciando a realeza chegando em visita. Dei tapinhas nas costas da mãe e disse *pronto, pronto*. O pai não chorou, mas os olhos estavam marejados quando se aproximou de mim e esticou a mão com um cheque no valor de quinhentos dólares, feito no meu nome. Quando perguntei em que trabalhava, ele disse que tinha aberto a própria empresa de reformas havia um ano, que ainda era pequena, mas estava indo bem. Considerei isso, contei uma filha e outro bebê a caminho e rasguei o cheque. Disse a ele que não podia aceitar dinheiro por algo que fazia parte do meu emprego.

Lembre que eu só tinha vinte e um anos.

Não havia *exatamente* fins de semana para os funcionários de verão de Joyland; tínhamos um dia e meio de folga a cada nove, ou seja, nunca caía nos mesmos dias. Havia uma lista para organizar os dias livres, então Tom, Erin e eu quase sempre conseguíamos ser liberados ao mesmo tempo. Por isso estávamos juntos em uma noite de quarta-feira, no começo de agosto, sentados em volta de uma fogueira na praia, comendo o tipo de coisa que só alimenta os jovens: cerveja, hambúrgueres, batatas sabor churrasco e salada de repolho. De sobremesa comemos sanduíches de marshmallow e chocolate que Erin tinha feito na fogueira usando uma grelha que pegara emprestada na barraca de sorvetes e waffles Pirate Pete's. Funcionou bem.

Víamos outras fogueiras — algumas enormes e intensas, outras menores, para se cozinhar — por toda a praia, até a metrópole cintilante que era Joyland. Elas formavam uma bela cadeia de pedras preciosas brilhantes. Essas fogueiras devem ser ilegais no século XXI; as autoridades têm muito talento para proibir coisas bonitas feitas por pessoas comuns. Não sei por que é assim, só sei que é.

Enquanto jantávamos, contei a eles sobre a previsão de Madame Fortuna de que eu conheceria um garoto com um cachorro e uma garotinha de chapéu vermelho carregando uma boneca. Terminei dizendo:

— Um já foi, falta o outro.

— Uau — disse Erin. — Talvez ela seja *mesmo* médium. Várias pessoas me disseram isso, mas eu não…

— Como quem? — perguntou Tom.

— Bem… Dottie Lassen do camarim, por exemplo. Tina Ackerley também. Sabe, a bibliotecária do outro lado do corredor, que Dev visita escondido à noite?

Mostrei o dedo do meio para ela. Erin riu.

— Duas pessoas não são várias — disse Tom, usando sua voz de Professor Fodão.

— Com Lane Hardy são três — retruquei. — Ele me disse que as previsões de Rozzie já deixaram algumas pessoas abaladas. — E, por uma questão de honestidade, tive que acrescentar: — É claro que ele também disse que noventa por cento das previsões dela são infundadas.

— Deve estar mais para noventa e cinco — disse o Professor Fodão. — Prever o futuro é um tipo de golpe, meninos e meninas. Um Ikey Heyman, no vocabulário do Colóquio. Vejam o negócio do chapéu. Os de Joyland só têm três cores, vermelho, azul e amarelo. O vermelho é, de longe, o mais popular. Quanto à boneca, pelo amor de Deus. Quantas garotinhas levam brinquedo para o parque de diversões? É um lugar desconhecido, e levar o brinquedo favorito é uma espécie de conforto. Se ela não tivesse se engasgado com o cachorro-quente bem na sua frente, se tivesse apenas dado um abraço em Howie e ido embora, você teria visto alguma outra garotinha de chapéu vermelho com uma boneca e dito: "Ahá! Madame Fortuna consegue *mesmo* prever o futuro, preciso botar umas moedas na mão dela para que me conte mais".

— Você é tão cínico — disse Erin, dando uma cotovelada nele. — Rozzie Gold nunca tentaria tirar dinheiro de alguém que trabalha no parque.

— Ela não pediu dinheiro — falei, mas achava que o argumento de Tom fazia muito sentido.

Era verdade que ela soubera (ou *parecera* saber) que minha garota de cabelo escuro estava no passado, não no futuro, mas isso podia ter sido apenas um palpite baseado em porcentagens… ou na expressão do meu rosto quando perguntei.

— Claro que não — disse Tom, pegando mais um sanduíche. — Ela só estava treinando com você. Tentando não perder a prática. Aposto que ela falou coisas para vários outros novatos.

— Você seria um deles? — perguntei.

— Bem… não. Mas isso não quer dizer nada.

Olhei para Erin, que balançou a cabeça em negativa.

— Ela também acha que o Horror House é assombrado — comentei.

— Isso eu também já ouvi — disse Erin. — Por uma garota que foi assassinada lá dentro.

— Bobagem! — gritou Tom. — Daqui a pouco vocês vão me dizer que foi um serial killer de uma lenda urbana qualquer e que ele ainda se esconde atrás do Screaming Skull!

— Teve mesmo um assassinato — contei. — De uma garota chamada Linda Gray. Ela era de Florence, Carolina do Sul. Há fotos dela com o cara que a matou no tiro ao alvo e na fila das Whirly Cups. Ele tinha uma tatuagem de pássaro na mão. Um gavião ou uma águia.

Isso o silenciou, ao menos por um momento.

— Lane Hardy disse que Roz só *acha* que o Horror House é assombrado porque ela não quer entrar para ter certeza. Nem chega perto, se puder evitar. Lane acha irônico, porque diz que é assombrado mesmo.

Erin arregalou os olhos e chegou para mais perto do fogo… acho que em parte para causar um clima, mas principalmente para fazer Tom passar o braço pelos ombros dela.

— Ele *viu*…?

— Não sei. Ele me disse para perguntar à sra. Shoplaw, e ela me contou a história toda.

Eu repeti a narrativa da sra. Shoplaw. Era uma boa história para se contar à noite, sob as estrelas, com as ondas quebrando e uma fogueira começando a morrer e a virar carvão. Até Tom

pareceu fascinado.

— *Ela* viu Linda Gray? — perguntou ele quando terminei. — La Shoplaw?

Repassei mentalmente a história como ela me contara no dia em que aluguei o quarto no segundo andar.

— Acho que não. Ela teria dito.

Tom assentiu, satisfeito.

— Uma aula perfeita de como essas coisas funcionam. Todo mundo *conhece* alguém que viu um disco voador, e todo mundo *conhece* alguém que viu um fantasma. Evidências baseadas em boatos, inadmissíveis no tribunal. Eu estou mais para São Tomé. Entendeu? Tom Kennedy, São Tomé?

Erin deu uma cotovelada mais forte nele.

— Nós entendemos. — Ela olhou pensativa para a fogueira. — Quer saber? Dois terços do verão já passaram e não fui à barraca dos gritos de Joyland nem uma vez, nem mesmo na parte boba do início. É uma área proibida para fotos. Brenda Rafferty disse que é porque muitos casais vão lá para dar uns amassos. — Ela me observou. — Por que você está sorrindo?

— Nada.

Eu estava pensando no marido falecido de La Shoplaw entrando no local depois do Último Portão e pegando calcinhas esquecidas.

— Algum de vocês dois já foi?

Nós balançamos a cabeça negativamente.

— O HH é trabalho da Equipe Dobie — disse Tom.

— Vamos amanhã. Nós três em um carrinho. Talvez a gente a veja.

— Ir a Joyland na nossa folga quando podemos passar o dia todo na praia? — perguntou Tom. — Isso é masoquismo ao extremo.

Dessa vez, em vez de dar uma cotovelada, ela o cutucou nas costelas. Eu não sabia se eles já estavam dormindo juntos, mas parecia provável; a relação já estava cheia de contatos físicos.

— Não me importo! Como funcionários nós entramos de graça, e quanto tempo dura o brinquedo? Cinco minutos?

— Acho que um pouco mais — falei. — Nove ou dez. E um pouco mais na parte boba. Uns quinze minutos, no total.

Tom apoiou o queixo na cabeça dela e olhou para mim por entre os delicados fios de cabelo.

— Não me importo, ela diz. Dá para perceber que há aqui uma jovem com uma bela educação universitária. Antes de começar a andar com garotas das irmandades, ela teria dito *caguei* e pronto.

— O dia em que eu começar a andar com aquele bando de piranhas mortas de fome que só andam combinadinhas vai ser o dia em que vou me encolher em um canto e morrer!

Por algum motivo, aquele discurso me divertiu muito. Provavelmente porque Wendy era veterana na arte de se vestir combinadinha.

— Você, Thomas Patrick Kennedy, só está com medo de *ver* a garota e de ter que morder a língua depois do que disse sobre Madame Fortuna, fantasmas, discos voadores e…

Tom ergueu as mãos.

— Desisto. Vamos entrar na fila com o restante dos caipiras, quer dizer, dos Bobs, e fazer o passeio do Horror House. Só insisto que seja à tarde. Preciso do meu sono de beleza.

— Claro que precisa — concordei.

— Vindo de alguém com a sua cara, isso é bem engraçado. Me dê uma cerveja, Jonesy.

Eu dei uma cerveja a ele.

— Nos conte como foi com a família Stansfield — pediu Erin. — Eles ficaram babando seu ovo e lhe chamando de herói?

Tinha sido quase isso, mas eu não quis dizer.

— Os pais eram legais. A menina ficou sentada no canto, lendo a *Screen Time* e dizendo que estava de olho em Dean Martin.

— Esqueça os detalhes e vá direto ao ponto — disse Tom. — Você ganhou algum dinheiro com isso?

Eu estava pensando em como a garotinha que anunciava aquelas celebridades com tanta reverência poderia estar em coma se as coisas tivessem sido diferentes. Ou em um caixão. Distraído, respondi com sinceridade.

— O sujeito me ofereceu quinhentos dólares, mas não aceitei.

Tom arregalou os olhos.

— Como é?

Olhei para o resto do sanduíche que eu estava segurando. O marshmallow escorria por meus dedos, então o joguei no fogo. Estava satisfeito, de qualquer modo. Também estava constrangido e furioso por me sentir assim.

— O cara acabou de montar um pequeno negócio e, pelo que ele me disse, está naquele ponto em que pode dar certo ou afundar. Além do mais, ele tem uma mulher, uma filha e um bebê a caminho. Acho que não estava em condições de desperdiçar dinheiro.

— *Ele* não estava? E *você*?

Eu pisquei, sem entender.

— O que tem eu?

Até hoje, não sei se Tom estava mesmo com raiva ou apenas fingindo. Acho que talvez tenha começado fingindo, mas foi se irritando conforme compreendia totalmente o que eu tinha feito. Eu não fazia ideia de como era a situação familiar dele, mas sabia que Tom não tinha poupança nem carro. Quando queria levar Erin para sair, pegava o meu emprestado… e era bem cuidadoso, meticuloso até, na hora de pagar pela gasolina que usava. O dinheiro fazia diferença para ele. Nunca tive a sensação de que era a coisa mais importante, mas, sim, fazia bastante diferença.

— Você está na faculdade aos trancos e barrancos, como Erin e eu, e trabalhar em Joyland não vai fazer a gente passar a andar de limusine. Qual é o seu problema? Sua mãe deixou você cair de cabeça quando era bebê?

— Vai com calma — disse Erin.

Ele nem ouviu.

— Você *quer* passar o semestre de outono do ano que vem acordando cedo para tirar pratos sujos de café da manhã de uma esteira do refeitório? Deve querer, porque quinhentos dólares por semestre é quanto se ganha na Rutgers. Eu sei porque verifiquei antes de escolher ser monitor.

Quer saber como sobrevivi ao primeiro ano? Escrevendo trabalhos para os riquinhos que estavam se formando em aulas de porre de cerveja avançado. Se eu tivesse sido pego, poderia ter sido suspenso por um semestre ou até expulso. Vou dizer o que foi seu gesto generoso: um desperdício de vinte horas por semana que você poderia passar estudando. — Ele se deu conta do próprio discurso, parou e abriu um sorriso. — Ou cantando mulheres gostosas.

— *Eu* vou lhe mostrar o que é gostoso — disse Erin e pulou em cima dele.

Os dois saíram rolando pela areia, Erin fazendo cócegas e Tom gritando (com uma notável falta de convicção) para que ela parasse. Eu não me incomodei porque não queria mesmo rebater os pontos que Tom levantara. Já tinha me decidido sobre certas coisas, ao que parecia, e tudo o que minha mente consciente podia fazer era aceitar.

No dia seguinte, às três e quinze da tarde, estávamos na fila do Horror House. Um garoto chamado Brady Waterman estava cuidando do brinquedo. Eu me lembro dele porque também era bom no papel de Howie. (Mas não tão bom quanto eu, tenho que acrescentar… por uma questão de honestidade.) Apesar de bem corpulento no início do verão, Brady agora estava magro e em forma. Como programa de dieta, usar a fantasia superava de longe os Vigilantes do Peso.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou ele. — Não é o dia de folga de vocês?

— Tínhamos que conferir o único brinquedo sombrio de Joyland — explicou Tom —, e já estou satisfeito com essa junção dramática: Brady Waterman e o Horror House. É o par perfeito.

Ele fez uma expressão irritada.

— Vocês três vão tentar se apertar em um carrinho, não vão?

— Temos que fazer isso — disse Erin. Então se inclinou para uma das orelhas de abano de Brady e sussurrou: — Por causa de uma brincadeira de Verdade ou Consequência.

Enquanto Brady pensava a respeito, levou a ponta da língua ao lábio superior. Eu conseguia vê-lo calculando as possibilidades.

— Garotos, vocês podem andar? — falou o cara atrás de nós. — Eu soube que tem ar-condicionado lá dentro e estou precisando disso.

— Podem ir — disse Brady. — Piquem a mula de uma vez.

Vindo de Brady, isso era sabedoria rabelaisiana.

— Tem um fantasma aí dentro? — perguntei.

— Centenas, e espero que voem direto para o seu cu.

Começamos com a Mysterio's Mirror Mansion fazendo uma breve parada para nos observarmos esticados e achatados nos espelhos. Depois dessa pequena brincadeira, seguimos os pontinhos vermelhos na parte de baixo de alguns espelhos. Eles nos levaram direto para o Museu de Cera.

Com aquele mapa secreto, chegamos bem antes do restante do grupo daquela rodada, que ficou andando de um lado para o outro, rindo e dando de cara com vários espelhos.

Para a decepção de Tom, não havia assassinos famosos no Museu de Cera, apenas políticos e celebridades. Um John F. Kennedy sorridente e um Elvis Presley de macacão ladeavam a porta. Ignorando a placa de NÃO TOQUE, Erin dedilhou um acorde no violão de Elvis.

— Desafin… — começou a dizer, mas se sobressaltou quando Elvis ganhou vida e começou a cantar "Can't Help Falling in Love with You".

— Peguei você! — disse Tom alegremente, e a abraçou.

Depois do Museu de Cera, havia uma porta que levava ao Salão da Ponte e do Barril, um cômodo que zumbia com um maquinário que parecia perigoso (não era) e tremia com luzes estroboscópicas de cores conflitantes. Erin atravessou a ponte que tremia e balançava, enquanto os homens muito machos que a acompanhavam se arriscaram pelo barril. Eu tropecei pelo caminho todo e oscilei como um bêbado, mas só caí uma vez. Tom parou no meio, esticou as mãos e os pés como um boneco de papel e deu uma volta de 360 graus.

— Pare, seu pateta, você vai quebrar o pescoço! — gritou Erin.

— Ele não vai quebrar o pescoço nem se cair — respondi. — É acolchoado.

Tom nos alcançou, sorrindo e vermelho até a raiz dos cabelos.

— Isso despertou neurônios que deviam estar adormecidos desde que eu tinha três anos.

— É, mas e todos os outros que matou? — perguntou Erin.

Em seguida, vinha a Sala Torta, e depois havia um fliperama cheio de adolescentes jogando pinball e skeeball. Erin observou o skeeball por um tempo, os braços cruzados e uma expressão reprovadora no rosto.

— Eles não sabem que esse jogo só serve para arrancar o couro deles?

— As pessoas vêm aqui para ter o próprio couro arrancado — respondi. — Faz parte da atração.

Erin suspirou.

— E eu achava que *Tom* era cínico.

Do outro lado do fliperama, embaixo de um crânio verde-brilhante, havia um cartaz dizendo: DEPOIS DESTA PASSAGEM FICA O HORROR HOUSE! CUIDADO! MULHERES GRÁVIDAS E PESSOAS COM CRIANÇAS PEQUENAS PODEM SAIR PELA ESQUERDA.

Chegamos a uma antecâmara cheia de risadas gravadas. Uma luz vermelha pulsante iluminava um único trilho de aço e a entrada escura de um túnel, mais adiante. Lá de dentro vinham ecos, luzes piscantes e mais gritos. Esses não eram gravados. De longe não pareciam particularmente felizes, mas deviam ser. Ao menos alguns.

Eddie Parks, que cuidava do Horror House e era chefe da Equipe Dobermann, se aproximou de nós. Usava luvas de couro cru e uma cãobertura tão velha que tinha desbotado até ficar sem cor (embora ficasse vermelho-sangue cada vez que as luzes pulsavam). Ele bufou para nós com desdém.

— Deve estar sendo um dia de folga bem chato.

— A gente só queria ver como funciona a outra metade — disse Tom.

Erin abriu seu sorriso mais encantador. Que não foi retribuído.

— Os três em um carrinho. É isso que vocês querem?

— É — respondi.

— Por mim, tudo bem. Só lembrem que a regra se aplica a vocês como a todo mundo. Mantenham as porras das mãos dentro do carrinho.

— Sim, senhor — disse Tom, e bateu uma continência rápida.

Eddie olhou para ele como um homem que olha para uma nova espécie de inseto e voltou para os controles, que consistiam em três alavancas com bolas nas pontas, projetadas de um pódio na altura da cintura. Também havia alguns botões iluminados por uma lâmpada pendurada bem baixo para minimizar sua luz branca nada fantasmagórica.

— Sujeito encantador — murmurou Tom.

Erin passou um braço pelo cotovelo direito de Tom e pelo meu esquerdo, nos puxando para perto.

— Alguém gosta dele? — murmurou ela.

— Não — disse Tom. — Nem a própria equipe. Ele já despediu dois.

O restante do grupo começou a nos alcançar na hora em que um trenzinho cheio de Bobs sorridentes (e algumas crianças chorando, cujos pais deviam ter acatado o aviso e saído pelo fliperama) chegou. Erin perguntou a uma das garotas se dava medo.

— Fiquei com medo na hora de tentar manter as mãos *dele* onde deveriam ficar — disse ela, e riu alegremente quando o namorado beijou seu pescoço e a puxou na direção do fliperama.

Nós subimos. Ficamos bem apertados, pois éramos três em um carrinho feito para dois, e eu sentia muito nitidamente a coxa de Erin pressionada contra a minha e o seio dela roçando meu braço. Senti um latejar repentino e nada desagradável mais ao sul. Eu diria que — sem contar as fantasias — a maioria dos homens é monogâmico do queixo para cima. Mas, abaixo da fivela do cinto, há um sujeito desesperado que não está nem aí.

— Mãos dentro do carriiiiiim! — gritou Eddie Parks naquela voz monótona e entediada que era a antítese completa da voz alegre de Lane Hardy. — Mãos dentro do carriiiiiim! Se tiverem uma criança com menos de um metro de altura, coloquem ela no colo ou saiam do carriiiiim! Fiquem parados e esperem o fechamento da baaaaarra!

As barras de segurança desceram com um estalo, e algumas garotas ensaiaram seus primeiros gritos. Como se ajustassem as cordas vocais para os sustos que viriam naquele brinquedo. Houve um solavanco e seguimos para o Horror House.

Nove minutos depois, saímos pelo fliperama com o restante do grupo. Atrás de nós, ouvimos Eddie mandando o próximo grupo manter as mãos dentro do carriiiiim e prestar atenção na baaaaaarra. Ele sequer nos olhou.

— A parte do calabouço não deu medo porque todos os prisioneiros eram da Equipe Dobie — disse Erin. — Aquele vestido de pirata era o Billy Ruggerio. — Ela estava corada, o cabelo bagunçado por causa dos ventiladores, e eu a achei mais bonita do que nunca. — Mas o Screaming Skull me deu medo, e a Câmara de Tortura… ah, meu Deus!

— Bem nojento — concordei.

Eu tinha visto muitos filmes de terror nos anos de ensino médio e me achava imune, mas ver uma cabeça com olhos saltados rolando pela vala embaixo de uma guilhotina me deixou

apavorado. A boca ainda estava se movendo!

Quando chegamos novamente à Joyland Avenue, vimos Cam Jorgensen, da Equipe Foxhound, vendendo limonada.

— Quem quer uma? — perguntou Erin. Ela ainda estava agitada. — Eu pago!

— Claro — respondi.

— Tom?

Ele deu de ombros e concordou. Erin o encarou, confusa, e foi buscar as bebidas. Olhei para Tom, mas ele estava observando o Rocket dar suas voltas. Ou talvez estivesse apenas olhando para o nada.

Erin voltou com três copos grandes, e meio limão flutuando na superfície de cada um. Levamos as bebidas até um banco no jardim, chamado Joyland Park, logo depois da Vila Wiggle-Waggle, e nos sentamos à sombra. Erin comentava sobre os morcegos no final do Horror House, ciente de que eram brinquedos de corda pendurados, mas morcegos sempre a deixavam apavorada e…

De repente, ela parou.

— Tom, você está bem? Não disse nada. Ficou enjoado com aquele giro no barril?

— Meu estômago está ótimo. — Ele tomou um gole de limonada como se quisesse comprovar. — O que ela estava vestindo, Dev? Você sabe?

— Hã?

— A garota que foi assassinada. Laurie Gray.

— *Linda* Gray.

— Laurie, Larkin, Linda, tanto faz. O que ela estava vestindo? Era uma saia rodada e comprida que ia até os tornozelos e uma blusa sem mangas?

Eu o olhei com atenção. Nós dois olhamos, pensando que era outra brincadeira típica de Tom Kennedy. Só que ele não parecia estar brincando. Reparando melhor, ele parecia mesmo estar morrendo de medo.

— Tom. — Erin tocou o ombro dele. — Você viu a garota? Não brinque com isso.

Ele colocou a mão sobre a dela, mas não olhou para Erin. Estava olhando para mim.

— Vi, saia comprida e blusa sem manga. Você sabe porque La Shoplaw contou.

— De que cor? — perguntei.

— Difícil dizer com as luzes mudando de cor o tempo todo, mas acho que azul. Tanto a saia quanto a blusa.

De repente, Erin entendeu.

— Puta merda — disse ela em um tipo de suspiro.

A cor estava desaparecendo rapidamente de suas bochechas.

Havia outra coisa. Algo que a polícia não revelara por muito tempo, de acordo com a sra. Shoplaw.

— E o cabelo dela, Tom? Rabo de cavalo, não é?

Ele balançou a cabeça. Tomou um pequeno gole de limonada. Limpou a boca com as costas da mão. O cabelo de Tom não tinha ficado grisalho, ele não estava com olhos arregalados nem mãos tremendo, mas também não parecia o mesmo cara que fizera brincadeiras por todo o caminho, desde a Mirror Mansion até a Sala da Ponte e do Barril. Ele parecia um cara em quem

a realidade tinha acabado de fazer uma lavagem intestinal, tirando de seu corpo toda a merda de piadinhas daquele emprego de verão.

— Rabo de cavalo, não. O cabelo é comprido, sim, mas ela estava usando uma coisa no alto da cabeça, para o cabelo não cair no rosto. Já vi um bilhão desses troços, mas não consigo lembrar como as garotas chamam.

— Faixa de cabelo — disse Erin.

— É. Acho que era azul também. Ela estava com as mãos estendidas.

Ele estendeu as mãos do mesmo jeito que Emmalina Shoplaw estendera as dela no dia em que me contara a história.

— Como se estivesse pedindo ajuda.

— Você já ouviu isso tudo da sra. Shoplaw — afirmei. — Não é verdade? Pode contar, não vamos ficar chateados. Não é, Erin?

— Não, hã-hã.

Mas Tom balançou a cabeça negativamente.

— Só estou contando o que vi. Vocês não a viram?

Não, e dissemos isso a ele.

— Por que eu? — perguntou Tom com voz suplicante. — Quando entramos, eu nem estava pensando nela. Só estava me divertindo. Então, *por que eu*?

Erin tentou arrancar mais detalhes dele enquanto voltávamos para Heaven's Bay na minha lata-velha. Tom respondeu às primeiras duas ou três perguntas, depois disse que não queria mais falar sobre o assunto, com um tom abrupto que eu nunca o ouvira usar com Erin. Acho que ela também não tinha ouvido, porque ficou calada o resto do caminho. Talvez eles tenham conversado a respeito depois, mas posso dizer que Tom não falou mais comigo sobre esse tema até um mês antes de morrer, e mesmo assim rapidamente. Foi ao fim de uma conversa telefônica bem sofrida, por causa da voz hesitante e anasalada dele, e da forma como às vezes se confundia.

— Pelo menos… eu sei… que existe *alguma coisa* — disse ele. — Eu vi… com meus olhos… naquele verão. No Hasty Hut. — Não me dei ao trabalho de corrigir o nome do brinquedo; eu sabia o que ele queria dizer. — Você… lembra?

— Lembro — respondi.

— Mas não sei se… essa *alguma coisa*… é boa… ou ruim. — A voz moribunda se encheu de horror. — O jeito como ela… Dev, *o jeito como ela estendia as mãos…*

Sim.

O jeito como ela estendia as mãos.

A vez seguinte em que conseguimos um dia inteiro de folga foi quase no meio de agosto, e a maré de Bobs estava diminuindo. Eu não precisava mais correr em zigue-zague e desviar das

pessoas para ir da Joyland Avenue até a Carolina Spin… e até a barraca de Madame Fortuna, que ficava à sombra da roda-gigante.

Lane e Fortuna — ela estava totalmente Fortuna naquele dia, com a roupa de cigana completa — conversavam perto dos controles da Spin. Lane me viu e inclinou o chapéu-coco. Esse gesto era sua forma de dizer que tinha reparado na minha presença.

— Olha quem apareceu — disse ele. — Como vai, Jonesy?

— Bem — respondi, embora não fosse totalmente verdade.

As noites insones tinham voltado agora que eu só estava usando a fantasia quatro ou cinco vezes por dia. Eu ficava na cama, esperando que a madrugada acabasse, com a janela aberta para ouvir as ondas quebrando, pensando em Wendy e em seu namorado. Pensando também na garota que Tom vira de pé ao lado do trilho no Horror House, no túnel falso de tijolos entre o Calabouço e a Câmara de Tortura.

Eu me virei para Fortuna.

— Posso falar com você?

Ela não perguntou por quê, apenas me levou até sua barraca, abriu a cortina roxa pendurada na porta e me guiou para dentro. Havia uma mesa redonda com uma toalha cor-de-rosa. Em cima ficava a bola de cristal de Fortuna, agora coberta. Duas cadeiras dobráveis simples estavam posicionadas de forma que a vidente e o cliente pudessem se olhar sobre a bola de cristal (que eu, por acaso, sabia que era iluminada por uma pequena lâmpada que Madame Fortuna podia acender com o pé). Na parede de trás havia uma gigantesca mão estampada, com os dedos abertos e a palma virada. Nela, bem marcadas, estavam as Sete: linha da vida, linha do coração, linha da cabeça, linha do amor (também conhecida como anel de Vênus), linha do sol, linha do destino e linha da saúde.

Madame Fortuna segurou a saia e se sentou. Fez sinal para que eu fizesse o mesmo. Ela não tirou o pano de cima da bola de cristal nem pediu que lhe entregasse alguma prata para saber meu futuro.

— Pergunte o que veio perguntar — disse ela.

— Quero saber se a garotinha foi apenas um palpite de sorte ou se você sabe mesmo de alguma coisa. Se viu alguma coisa.

Ela me olhou demoradamente, com uma expressão firme. A sala de Madame Fortuna tinha um cheiro leve de incenso em vez de pipoca e fritura. As paredes eram finas, mas a música, o barulho dos Bobs e o zumbido dos brinquedos pareciam muito distantes. Eu queria baixar os olhos, mas consegui não fazer isso.

— Na verdade, você quer saber se sou uma fraude. Não é isso?

— Eu… Madame, sinceramente, não sei *o que* eu quero.

Ao ouvir isso, ela sorriu. Foi um sorriso bom, como se eu tivesse passado em algum tipo de teste.

— Você é um garoto gentil, Jonesy, mas, como tantos garotos gentis, é um tremendo mentiroso.

Comecei a argumentar; ela me calou com um movimento da mão direita cheia de anéis. Depois esticou a mão para debaixo da mesa e pegou a caixa de dinheiro. As leituras de Madame Fortuna eram de graça, estavam incluídas no preço da entrada, senhoras e senhores, meninos e

meninas, mas gorjetas eram bem-vindas. E estavam dentro da lei da Carolina do Norte. Quando ela abriu a tampa, vi um amontoado de notas amassadas, a maioria de um dólar, algo que parecia uma cartela de loteria (*proibida* pela lei da Carolina do Norte) e um único envelope pequeno. Meu nome estava escrito na frente. Ela o estendeu para mim. Eu hesitei, mas o peguei.

— Você não veio a Joyland hoje só para me perguntar isso — disse ela.

— Bem…

Ela fez outro gesto com a mão.

— Você sabe *exatamente* o que quer. A curto prazo, pelo menos. E, como a curto prazo é tudo o que todos nós temos, quem é Fortuna, e quem é Rozzie Gold, na verdade, para discutir com você? Agora vá. Faça o que veio fazer. Quando acabar, abra isso e leia o que escrevi. — Ela sorriu. — Não cobro de funcionários. Principalmente de bons rapazes como você.

— Eu não…

Ela se levantou em um balançar de saias e bijuterias.

— Vá, Jonesy. Já terminamos aqui.

Saí atordoado da pequena sala dela. Músicas de dezenas de espeluncas e brinquedos me atingiram como ventos vindos de várias direções, e o sol parecia um martelo. Fui direto para o prédio da administração (na verdade, era um trailer duas vezes maior que o normal), bati educadamente na porta, entrei e disse “oi” para Brenda Rafferty, que se revezava entre um livro de contabilidade e sua fiel calculadora.

— Oi, Devin — disse ela. — Está cuidando bem de sua Garota de Hollywood?

— Sim, senhora, nós todos cuidamos dela.

— É Dana Elkhart, não é?

— Erin Cook, senhora.

— Erin, claro. Da Equipe Beagle. A ruiva. O que posso fazer por você?

— Eu gostaria de saber se posso falar com o sr. Easterbrook.

— Ele está descansando e odeio incomodá-lo. Ele teve que dar uns telefonemas terríveis mais cedo, e ainda temos que avaliar os números, por mais que eu odeie perturbá-lo com isso. Ele se cansa bem facilmente hoje em dia.

— Eu não vou demorar.

Ela suspirou.

— Acho que posso conferir se ele ainda está acordado. Pode me dizer do que se trata?

— Um favor — respondi. — Ele vai entender.

Ele entendeu e só me fez duas perguntas. A primeira foi se eu tinha certeza. Eu disse que sim. A segunda…

— Você já contou para seus pais, Jonesy?

— Só somos eu e meu pai, sr. Easterbrook, e vou falar com ele hoje.

— Muito bem então. Informe Brenda antes de sair. Ela vai ter toda a papelada necessária, e você pode preencher…

Antes que terminasse a frase, abriu a boca e revelou aqueles dentes de cavalo em um grande bocejo.

— Peço desculpas, filho. Foi um dia cansativo. Um *verão* cansativo.

— Obrigado, sr. Easterbrook.

Ele fez um aceno de mão.

— De nada. Tenho certeza de que você vai ser uma excelente aquisição, mas, se fizer isso sem o consentimento de seu pai, vou ficar decepcionado. Feche a porta quando sair, por favor.

Tentei não reparar na testa franzida de Brenda enquanto ela procurava nos arquivos pelos vários formulários que a Joyland Inc. exigia para os empregados de tempo integral. Mas não fazia diferença, porque sentia sua reprovação. Dobrei a papelada, enfiei no bolso de trás da calça jeans e saí.

Atrás da fileira de pintos, lá para o fim do quintal, havia um bosque de gomeiros-negros. Fui até lá, me sentei encostado em um e abri o envelope que Madame Fortuna tinha me dado. O bilhete era curto e direto.

Você vai procurar o sr. Easterbrook para perguntar se pode continuar no parque depois do Labor Day. Sabe que ele não vai recusar seu pedido.

Fortuna tinha razão, eu queria saber se ela era uma fraude. Ali estava a resposta. E sim, eu tinha decidido o que viria em seguida na vida de Devin Jones. Ela também tinha razão nisso.

Mas havia mais uma linha.

Você salvou a garotinha; mas, meu querido rapaz! Você não pode salvar todo mundo.

Depois que contei a meu pai que não voltaria para a UNH — que precisava de um ano fora da faculdade e planejava passá-lo em Joyland —, houve um longo silêncio no lado da linha que ficava no sul do Maine. Achei que ele fosse gritar comigo, mas não. Ele apenas soou cansado.

— É aquela garota, não é?

Eu tinha contado para ele, quase dois meses antes, que Wendy e eu estávamos “dando um tempo”, mas papai entendera direitinho o que estava acontecendo. Desde então, não falara o nome dela uma única vez em nossas conversas telefônicas semanais. Agora, ela era apenas *aquela garota*. Depois das primeiras vezes em que ele disse isso, tentei fazer piada perguntando se ele achava que eu estava namorando Marlo Thomas. Ele não achou graça. Não fiz a piada de novo.

— É por causa de Wendy também — admiti —, mas não é só isso. Preciso de um tempo. Preciso respirar. E passei a gostar daqui.

Ele suspirou.

— Talvez você precise mesmo de um tempo. Pelo menos, vai estar trabalhando em vez de pedindo carona pela Europa, como a filha de Dewey Michaud. Catorze meses em albergues da juventude! Catorze, e ela ainda está viajando! Minha nossa! É capaz de voltar com micose e um bebê na barriga.

— Bem, acho que consigo evitar as duas coisas. Se eu tomar cuidado.

— Fique alerta para os furacões. Vai ser uma estação ruim.

— Você concorda mesmo que eu faça isso, pai?

— Por quê? Queria que eu discutisse? Que tentasse convencer você do contrário? Se é isso que você quer, estou disposto a tentar, mas sei o que sua mãe diria: se ele tem idade para comprar bebida, tem idade para tomar as próprias decisões.

Eu sorri.

— É. Parece mesmo algo que ela diria.

— E eu acho que não quero que você volte para a faculdade, se vai passar o tempo sofrendo por aquela garota e tirando notas baixas. Se pintar brinquedos e consertar lanchonetes vai ajudar a tirá-la da cabeça, ótimo. Mas e sua bolsa e seu empréstimo, se você quiser voltar no outono de 1974?

— Não vai ter problema. Tenho uma média alta, meu rendimento pode ser bastante persuasivo.

— Aquela garota — disse ele em tom infinitamente enojado, e então mudamos de assunto.

Eu ainda estava triste e deprimido por causa do término com Wendy, nisso ele tinha razão, mas eu tinha começado a difícil passagem (*a jornada*, como dizem atualmente em grupos de autoajuda) da negação para a aceitação. Eu ainda estava bem longe de ficar realmente em paz, mas já não pensava, como pensara por longos e dolorosos dias e noites em junho, que ficar em paz estava fora de cogitação.

Eu queria ficar em Joyland por motivos que não conseguia nem começar a formular, porque eram confusos, empilhados em minha cabeça e amarrados por uma linha tênue chamada intuição. Hallie Stansfield era um deles. Assim como o discurso de Bradley Easterbrook, bem no começo do verão, dizendo "Nós vendemos diversão". O som do mar à noite também, e a forma como as brisas vindas da praia assobiavam ao passar pela estrutura da Carolina Spin. Os túneis frios sob o parque eram um motivo. E o Colóquio, aquela língua secreta que os outros novatos já teriam esquecido quando chegassem as férias de Natal. Eu não queria esquecer; era rica demais. Eu sentia que Joyland tinha mais a me oferecer. Eu não sabia o que era, só… mais.

Mas o principal — e isso é estranho, eu já examinei e reexaminei minhas memórias daqueles dias para ter certeza de que é uma lembrança verdadeira, e parece ser — foi o fato de justamente nosso São Tomé ter visto o fantasma de Linda Gray. Isso gerou em Tom mudanças pequenas, mas fundamentais. Acho que ele *não queria* mudar, acho que era feliz com seu jeito, mas *eu* queria.

Eu também queria vê-la.

♥

Na segunda metade de agosto, vários dos funcionários antigos — Pop Allen, por exemplo, e Dottie Lassen também — me disseram para rezar por chuva no fim de semana do Labor Day. Mas não choveu, e na tarde de sábado eu entendi o que eles queriam dizer. Os Bobs voltaram para uma última grande invasão, e Joyland ficou torta até quase cair. E, para piorar, metade dos contratados de verão já tinha voltado para suas respectivas faculdades. Os que sobraram trabalharam como cachorros.

Alguns de nós não só trabalharam *como* cachorros, mas *sendo* cachorros. Um cachorro em particular. Vi a maior parte daquele fim de semana através dos olhos de tela de Howie, o Cão Feliz. No domingo, vesti aquela porcaria de fantasia mais de dez vezes. Depois da penúltima, na metade do Boulevard, que ficava sob a Joyland Avenue, o mundo começou a girar, envolto em tons de cinza. *Tons de Linda Gray*, eu me lembro de ter pensado.

Eu estava dirigindo um dos carrinhos elétricos, com a fantasia abaixada até a cintura para sentir o ar-condicionado no peito suado e, quando percebi que estava perdendo os sentidos, tive o bom senso de parar perto da parede e tirar o pé do botão de borracha que servia de acelerador. Wally Gordo Schmidt, que cuidava da barraca de "adivinhe quanto pesa", por acaso estava descansando no cemitério na hora. Ele me viu estacionado, todo torto e caído sobre o volante do carrinho. Pegou uma jarra de água gelada na geladeira, andou até mim e ergueu meu queixo com a mão gorducha.

— Ei, novato. Você tem outra roupa ou essa é a única que cabe em você?

— Tem outra — respondi. Eu parecia bêbado. — No camrim. Exxxtra grande.

— Ah, que bom — disse ele, e virou a jarra em minha cabeça.

Meu grito de surpresa ecoou por todo o Boulevard e fez várias pessoas se aproximarem correndo.

— Que *porra* é essa, Wally Gordo?

Ele sorriu.

— Acorda, não acorda? Acorda mesmo. Fim de semana do Labor Day, novato. Isso quer dizer que você trabalha. Nada de dormir. Fique feliz por não estar fazendo quarenta e três graus lá fora.

Se *estivesse* fazendo quarenta e três graus, eu não estaria contando esta história; teria morrido de cérebro cozido no meio de uma Dança Feliz do Howie, no palco Wiggle-Waggle. Mas o Labor Day foi nublado, com uma brisa marítima gostosa. De algum modo, eu sobrevivi.

Por volta das quatro da tarde naquela segunda, quando eu estava vestindo a outra fantasia para meu último show do verão, Tom Kennedy entrou no camarim. Não usava mais a cãobertura nem os tênis imundos. Ele vestia uma calça de sarja (*Onde você estava guardando isso?*, me perguntei), uma camisa da Ivy League para dentro da calça e um par de mocassins de couro. O filho da puta de bochechas rosadas tinha até cortado o cabelo. Ele parecia, em cada detalhe, um universitário atento ao mundo dos negócios. Você jamais imaginaria que, apenas dois dias antes, ele estava usando uma calça jeans imunda, mostrando uns dois centímetros de cofrinho ao entrar embaixo do Zipper com um balde de óleo e xingando Pop Allen, nosso destemido líder da Equipe Beagle, a cada vez que batia a cabeça em uma viga.

— Está indo embora? — perguntei.

— Afirmativo, amigão. Vou pegar o trem para a Filadélfia às oito amanhã. Passo uma semana em casa e volto para os estudos.

— Que bom.

— Erin tem umas coisas para terminar, mas vai me encontrar em Wilmington de noite. Reservei um quarto em um hotelzinho bacana.

Senti um latejar de inveja ao ouvir isso.

— Que bom.

— Ela é pra valer — disse ele.

— Eu sei.

— Você também, Dev. Vamos manter contato. As pessoas dizem isso da boca para fora, mas eu estou falando sério. Nós *vamos* manter contato.

Ele estendeu a mão. Eu a segurei e apertei.

— Isso mesmo, vamos sim. Você é legal, Tom, e Erin é uma garota de ouro. Cuide bem dela.

— Pode deixar. — Ele sorriu. — No semestre da primavera, ela vai pedir transferência para a Rutgers. Já até ensinei a ela a música de guerra dos Scarlet Knights. Você sabe, "Rio acima, Redteam, Redteam, rio acima…"

— Parece complicada — comentei.

Ele balançou o dedo para mim.

— O sarcasmo não vai levar você a lugar algum, garoto. A não ser que pretenda arrumar um emprego de escritor na revista *Mad*, claro.

— Será que vocês podem andar logo com as despedidas e economizar nas lágrimas? — falou Dottie Lassen. — Você tem um show a fazer, Jonesy.

Tom se virou para ela e estendeu os braços.

— Dottie, como amo você! Como vou sentir *sua falta*!

Ela bateu no traseiro para mostrar quanto aquilo a havia emocionado e se virou para uma fantasia precisando de reparos.

Tom me entregou um pedaço de papel.

— Meu endereço de casa, meu endereço da faculdade, números de telefone dos dois. Espero que você use.

— Vou usar.

— Vai mesmo abrir mão de um ano que poderia passar bebendo cerveja e transando para raspar tinta aqui em Joyland?

— Vou.

— Você é maluco?

Eu considerei a pergunta.

— Provavelmente. Um pouco. Mas melhorando.

Eu estava suado e as roupas dele estavam limpas, mas Tom me deu um abraço rápido mesmo assim. Depois foi até a porta, fazendo uma pausa para dar um beijo na bochecha enrugada de Dottie. Ela não podia xingá-lo, estava com a boca cheia de alfinetes na hora, mas o dispensou com um aceno.

Na porta, Tom se virou para mim:

— Quer um conselho, Dev? Fique longe do…

Ele concluiu com um movimento de cabeça, e eu sabia bem o que queria dizer: o Horror House. Então sumiu, provavelmente pensando na visita que faria à família, em Erin, no carro que pretendia comprar, em Erin, no ano letivo que já ia começar e em Erin. Rio acima, Redteam, Redteam, rio acima. No semestre da primavera, eles poderiam cantar juntos. Eles poderiam cantar naquela mesma noite se quisessem, caramba. Em Wilmington. Na cama. Juntos.

Não havia relógio de ponto no parque; nossas idas e vindas eram supervisionadas pelos líderes de equipe. Depois da minha última performance como Howie, naquela primeira segunda-feira de setembro, Pop Allen me mandou levar o cartão de ponto para ele.

— Tenho mais uma hora — argumentei.

— Não, tem uma pessoa esperando no portão para voltar andando com você.

Eu imaginava quem fosse. Era difícil acreditar que havia lugar para alguém no coração de pedra de Pop, mas naquele verão quem conseguiu esse feito foi a srta. Erin Cook.

— Sabe qual é o horário de amanhã?

— Das sete e meia às seis — respondi.

E sem a fantasia. Que bênção.

— Vou supervisionar você nas primeiras duas semanas, depois viajo para a ensolarada Flórida. Depois disso, você é responsabilidade de Lane Hardy. E de Freddy Dean, imagino, se ele por acaso reparar que você ainda está por aqui.

— Entendi.

— Que bom. Vou assinar seu cartão e você está o.k.

No Colóquio, isso significava o mesmo que nos programas de TV tão populares na época: *liberado*.

— E Jonesy. Peça para aquela garota me mandar um cartão-postal de vez em quando. Vou sentir falta dela.

Ele não era o único.

Erin também já tinha começado a fazer a transição de volta para a vida real. A calça jeans surrada e a camiseta com mangas enroladas até os ombros haviam sumido; assim como o vestidinho verde de Garota de Hollywood e o chapéu de Sherwood. A garota sob o reflexo do néon vermelho, do lado de fora do portão, usava uma blusa de seda azul, sem manga, por dentro de uma saia rodada com cinto. O cabelo estava preso e ela estava linda.

— Ande comigo até a praia — pediu ela. — Estou com o tempo contado para pegar o ônibus para Wilmington. Vou encontrar Tom.

— Ele me disse. Mas esqueça o ônibus. Eu levo você de carro.

— Mesmo?
— Claro.
Andamos pela fina areia branca. Havia uma meia-lua no céu que criava um longo reflexo na água. Na metade do caminho — não muito longe da grande casa vitoriana verde que teve um papel tão importante em minha vida naquele outono —, ela segurou minha mão e caminhamos assim. Não falamos muito até chegarmos aos degraus que levavam ao estacionamento da praia. Ali, Erin se virou para mim.
— Você vai esquecê-la.
Ela estava me olhando nos olhos. Não usava maquiagem naquela noite, nem precisava. O luar era o suficiente.
— Vou — respondi.
Eu sabia que era verdade, e parte de mim lamentava o fato. Era difícil deixar tudo aquilo para trás. Mesmo quando as lembranças machucam, é difícil esquecer. Talvez seja ainda mais difícil quando machuca.
— E, por enquanto, este é o lugar certo para você. Posso sentir.
— Tom concorda?
— Não, mas ele nunca gostou de Joyland como você gosta… e como eu gostei neste verão. E, depois do que aconteceu aquele dia, no Horror House… do que ele viu…
— Vocês dois conversaram a respeito?
— Eu tentei. Agora, não tento mais. Não se encaixa na visão de mundo dele, então está tentando esquecer. Mas acho que Tom está preocupado com você.
— *Você* está preocupada comigo?
— Com você e o fantasma de Linda Gray, não. Com você e o fantasma daquela Wendy, um pouco.
Eu sorri.
— Meu pai não fala mais o nome dela. Só chama de “aquela garota”. Erin, você me faz um favor quando voltar às aulas? Se tiver tempo?
— Claro! O que é?
Eu falei.

Ela pediu que eu a deixasse na rodoviária de Wilmington em vez de levá-la diretamente à pousada que Tom reservara. Disse que preferia pegar um táxi até lá. Comecei a protestar que era um desperdício de dinheiro, mas parei. Ela estava corada, meio constrangida, e acho que tinha alguma coisa a ver com não querer sair do meu carro e tirar as roupas para ir para a cama com Tom Kennedy dois minutos depois.
Quando parei em frente ao ponto de táxi, ela segurou meu rosto com as duas mãos e me beijou na boca. Foi um beijo longo e profundo.
— Se não fosse por Tom, *eu* teria feito você esquecer aquela garota idiota — disse Erin.
— Mas Tom estava lá — respondi.
— Sim. Estava. Mantenha contato, Dev.

— Lembre o que pedi a você. Se tiver oportunidade, claro.
— Eu vou lembrar. Você é um bom homem.
Não sei por quê, mas isso me deu vontade de chorar. Em vez disso, sorri.
— Além do mais, admita, fui um Howie incrível.
— Foi mesmo. Devin Jones, o salvador de garotinhas.
Por um momento, pensei que ela fosse me beijar de novo, mas não beijou. Apenas saiu do carro e atravessou a rua até os táxis, com a saia esvoaçando. Fiquei sentado ali até ela entrar no banco de trás de um carro amarelinho e ir embora. Em seguida, voltei para a pensão, para a sra. Shoplaw e para meu outono em Joyland, o melhor e o pior outono de minha vida.

Será que Annie e Mike Ross estavam sentados ao fim da passarela daquela casa vitoriana verde quando segui pela praia até o parque na terça depois do Labor Day? Lembro-me dos croissants quentes que comi enquanto andava e das gaivotas voando no céu, mas deles eu não tenho certeza. Eles se tornaram parte tão importante do cenário, um marco tão grande que é impossível determinar a primeira vez em que reparei na presença deles. Nada estraga tanto a memória quanto a repetição.

Dez anos depois dos eventos que estou narrando, passei a escrever para a revista *Cleveland* (para pagar meus pecados, talvez). Eu escrevia quase todos os meus rascunhos em blocos amarelos, em um café na West Third Street, perto do Lakefront Stadium, que era o território dos Indians na época. Todos os dias, às dez, uma jovem entrava, comprava quatro ou cinco cafés e levava para a imobiliária ao lado. Eu também não saberia dizer quando foi a primeira vez em que a vi. Só sei que um dia eu a *vi* e percebi que ela, às vezes, olhava para mim quando estava saindo. Chegou o dia em que retribuí o olhar e, quando ela sorriu, eu sorri de volta. Oito meses depois, estávamos casados.

Annie e Mike foram assim; um dia, eles se tornaram parte do meu mundo. Eu sempre acenava, o garoto na cadeira de rodas sempre acenava de volta, e o cachorro ficava sentado, me olhando com orelhas de pé e o vento balançando o pelo dele. A mulher era loura e bonita, com maçãs do rosto proeminentes, olhos azuis um tanto afastados e lábios carnudos, do tipo que sempre parecem meio inchados. O garoto na cadeira de rodas usava um boné do White Sox que ia até as orelhas. Ele parecia muito doente. Mas o sorriso era bastante saudável. Estivesse eu indo ou vindo, ele sempre abria um. Vez ou outra, também me fazia o sinal da paz, que eu retribuía. Eu me tornei parte da paisagem dele, assim como ele se tornou da minha. Acho que até Milo, o cachorro, passou a me reconhecer como parte da paisagem. Só a mãe se isolava. Normalmente, quando eu passava, ela nem erguia o olhar do livro que estivesse lendo. E, quando olhava, não acenava, e nunca fez o sinal da paz.

Eu tinha muita coisa com que ocupar meu tempo em Joyland, e, embora o trabalho não fosse tão interessante e variado quanto no verão, pelo menos era mais regular e menos exaustivo. Até tive uma oportunidade de reprisar meu papel espetacular como Howie e de cantar mais alguns versos de "Parabéns pra você" na Vila Wiggle-Waggle, porque Joyland ficou aberto ao público nas três primeiras semanas de setembro. Mas a clientela era bem menor, e não cuidei de um único brinquedo que chegasse a ficar torto. Nem mesmo a Carolina Spin, que só ficava atrás do carrossel como atração mais popular.

— No norte, na Nova Inglaterra, a maioria dos parques fica aberta nos fins de semana até o Halloween — explicou Fred Dean certo dia. Estávamos sentados em um banco, almoçando uma refeição nutritiva e rica em vitaminas: hambúrguer com chili e torresmo. — Lá no sul, na Flórida, ficam abertos o ano todo. Estamos em uma zona intermediária. O sr. Easterbrook tentou forçar uma temporada de outono, nos anos 1960, gastou um dinheiro com propagandas, mas não deu muito certo. Quando as noites começam a ficar frias, as pessoas daqui pensam em feiras regionais e coisas do tipo. Além do mais, muitos dos idosos desta área vão para o sul ou para o oeste no inverno. — Ele olhou para o Hound Dog Way, largo e vazio, e suspirou. — Este lugar fica meio solitário nessa época do ano.

— Eu gosto — comentei.

E gostava mesmo. Aquele foi meu ano de mergulhar na solidão. Às vezes, eu ia ao cinema, em Lumberton ou Myrtle Beach, com a sra. Shoplaw e Tina Ackerley, a bibliotecária com olhos grandes e saltados, mas passava a maioria das noites no quarto, relendo *O senhor dos anéis* e escrevendo cartas para Erin, Tom e meu pai. Também escrevi muitos poemas, dos quais agora me envergonho só de pensar. Graças a Deus queimei tudo. Acrescentei um disco novo e satisfatoriamente melancólico à minha pequena coleção: *The Dark Side of the Moon*. No *Livro dos Provérbios*, lemos que, "como um cachorro volta ao próprio vômito, um tolo também repete sua tolice". Naquele outono, voltei a *Dark Side* repetidas vezes, dando a Floyd um descanso ocasional só para poder ouvir Jim Morrison entoar mais uma vez: "This is the end, beautiful friend". Foi um caso grave de vinte e um anos, eu sei, eu sei.

Pelo menos, Joyland ocupava muito dos meus dias. Nas primeiras duas semanas, quando o parque ainda ficava aberto meio período, nos dedicamos à limpeza de outono. Fred Dean me pôs no comando de um grupo pequeno de bicos, e, quando a placa de FECHADO PELO RESTO DA ESTAÇÃO foi pendurada na frente do parque, já tínhamos limpado e cortado todos os gramados, preparado todos os canteiros de flores para o inverno e esfregado todas as espeluncas e barracas. Erguemos um abrigo desmontável no quintal e guardamos os carrinhos de comida (chamados no Colóquio de gororoba-móvel) para o período de inverno, com cada carrinho de pipoca, sorvete e cachorro-quente coberto por sua própria lona verde.

Quando os bicos seguiram para o norte para colher maçãs, comecei a preparação para o inverno com Lane Hardy e Eddie Parks, o funcionário antigo e mal-humorado que cuidava do Horror House (e da Equipe Dobermann) durante o verão. Esvaziamos o chafariz na interseção da Joyland Avenue com o Hound Dog Way e já tínhamos seguido para o Captain Nemo's Splash & Crash, um trabalho bem maior, quando Bradley Easterbrook, vestido para viagem com seu terno preto, se aproximou.

— Vou para Sarasota hoje à noite — disse ele. — Brenda Rafferty vai comigo, como sempre. — Ele sorriu, exibindo aqueles dentes de cavalo. — Estou dando uma volta pelo parque e distribuindo meus agradecimentos. Para os que sobraram, claro.

— Tenha um inverno maravilhoso, sr. Easterbrook — desejou Lane.

Eddie murmurou alguma coisa que me pareceu "*chuta o varapau*", mas provavelmente era "*tenha um bom Natal*".

— Obrigado por tudo — agradeci.

Ele apertou a mão de nós três, me deixando por último.

— Espero vê-lo de novo ano que vem, Jonesy. Acho que você é um jovem com mais do que um pouco de aura de parque.

No entanto, ele não me viu no ano seguinte, e ninguém o viu. O sr. Easterbrook morreu no dia de Ano-novo, em um apartamento em John Ringling Boulevard, a menos de um quilômetro de onde ficavam os famosos circos de inverno.

— Velho maluco — disse Parks, vendo Easterbrook andar até o carro onde Brenda esperava para recebê-lo e ajudá-lo a entrar.

Lane olhou-o demorada e seriamente, então disse:

— Cala a boca, Eddie.

Eddie calou. O que provavelmente foi inteligente da parte dele.

Certa manhã, enquanto eu andava para Joyland com meus croissants, o jack russell finalmente trotou até a praia para me investigar.

— Milo, volte! — chamou a mulher.

Milo se virou para olhá-la, depois me encarou com olhos negros e brilhantes. De impulso, parti um pedaço do croissant, me agachei e estendi para ele. Milo veio em disparada.

— Não dê comida a ele! — gritou a mulher rispidamente.

— Ah, mãe, deixa pra lá — disse o garoto.

Milo a ouviu e não pegou o pedaço de croissant… mas se sentou na minha frente com a pata estendida. Dei o pedaço a ele.

— Não vou fazer de novo — falei, me levantando —, mas não podia desperdiçar um truque tão bom.

A mulher fez um ruído de desagrado e voltou para o livro, que era grosso e parecia complexo.

— Damos comida a ele o tempo todo! — gritou o garoto. — Ele nunca ganha peso, só corre e gasta!

Sem erguer o olhar do livro, a mãe disse:

— O que sabemos sobre falar com estranhos, Mike?

— Ele não é exatamente um estranho, nós o vemos todo dia — observou ele. E com bastante razão, pelo menos do meu ponto de vista.

— Sou Devin Jones — apresentei-me. — Moro no fim da praia. Trabalho em Joyland.

— Então não vai querer se atrasar. — Ainda sem erguer o rosto.

O garoto deu de ombros em um gesto de *fazer o quê?*. Ele era pálido e curvado como um idoso, mas achei que havia um senso de humor alegre naquele dar de ombros e no olhar que o acompanhou. Devolvi o gesto e saí andando.

Na manhã seguinte, terminei o croissant antes de chegar à grande casa vitoriana verde, para que Milo não viesse até mim, mas acenei. O garoto, Mike, também acenou. A mulher estava no lugar de sempre, debaixo do guarda-sol, sem nenhum livro, mas, como de costume, não acenou para mim. Seu lindo rosto estava fechado. *Não há nada aqui para você*, aparentava dizer. *Volte para seu parque de diversões insignificante e nos deixe em paz.*

E foi o que fiz. Mas continuei a acenar, e o garoto sempre respondia. Manhã e noite, ele sempre respondia.

Na manhã seguinte à partida de Gary "Pop" Allen para a Flórida — para o Alston's All-Star Carnival, em Jacksonville, onde tinha um emprego esperando como chefe de barraca —, eu cheguei a Joyland e encontrei Eddie Parks, o funcionário antigo de quem eu menos gostava, sentado em uma caixa de maçãs em frente ao Horror House. Era proibido fumar no parque, mas sem o sr. Easterbrook e Fred Dean por perto, Eddie parecia se sentir confiante o bastante para burlar a regra. Estava fumando de luvas, o que eu acharia estranho se ele as tirasse em algum momento, mas parecia que nunca tirava.

— Aí está você, garoto, e só cinco minutos atrasado.

Todo mundo me chamava de Dev ou Jonesy, mas para Eddie eu era apenas *garoto*, e sempre seria.

— Cheguei sete e meia em ponto — falei, e bati no relógio.

— Então seu relógio está atrasado. Por que você não vem de carro, como todo mundo? Chegaria aqui em cinco minutos.

— Eu gosto da praia.

— Estou cagando para o que você gosta, garoto, só trate de chegar na hora. Isso aqui não é uma de suas aulas da faculdade, em que você pode entrar e sair a hora que quiser. Isso é um *emprego*, e, agora que o Beagle Chefe se foi, você vai trabalhar como se fosse mesmo um emprego.

Eu poderia ter comentado que Pop dissera que Lane Hardy ficaria responsável por mim, depois que ele fosse embora, mas fiquei de boca fechada. Não fazia sentido piorar uma situação que já estava ruim. O motivo de Eddie não gostar de mim era bem óbvio: ele não gostava de absolutamente ninguém. Se Eddie resolvesse dificultar demais minha vida, eu procuraria Lane, mas apenas em último caso. Meu pai me ensinara, mais por exemplos do que qualquer outra coisa, que, se um homem queria estar no comando da própria vida, tinha que estar no comando de seus problemas.

— O que tem para mim, sr. Parks?

— Muita coisa. Quero que você pegue um tubo de cera Turtle no depósito, para começar, e não fique lá batendo papo com seus amigos. Depois, quero que vá para o Horror e encere todos

os carrinhos. — Só que, claro, ele disse *carriiiiiiins*. — Sabe que enceramos todos quando a temporada acaba, não sabe?

— Na verdade, eu não sabia.

— Meu Deus, vocês, garotos!

Ele pisou na guimba de cigarro, depois levantou um pouco a caixa de maçã onde estava sentado para jogar debaixo.

— É bom encerar bem encerado, senão vou mandar você voltar para fazer de novo. Entendeu?

— Entendi.

— Que bom.

Ele enfiou outro cigarro na boca e procurou o isqueiro no bolso da calça. Com as luvas, demorou um pouco. Mas finalmente conseguiu, abriu a tampa e então parou.

— O que você está olhando?

— Nada.

— Então ande logo. Acenda as luzes para ver a merda que vai ter que fazer. Você sabe onde ficam os interruptores, não sabe?

Eu não sabia, mas encontraria sozinho.

— Claro.

Ele me olhou com expressão azeda.

— Você é um espertinho.

Espertiiiiin.

Encontrei uma caixa de metal com a sigla LST na parede entre o Museu de Cera e a Sala do Barril e da Ponte. Abri-a e liguei todos os interruptores com a base da mão. O Horror House deveria perder toda aquela aura brega e sinistra com as luzes acesas, mas, por algum motivo, não perdia. Ainda havia cantos escuros, e eu ouvia o vento, bem forte naquela manhã, soprando nas paredes finas do brinquedo e chacoalhando uma tábua solta em algum lugar. Precisava me lembrar de procurá-la e de consertá-la depois.

Eu segurava uma cesta de arame cheia de panos limpos e uma lata gigantesca de cera Turtle. Carreguei-a pela Sala Torta, agora congelada em uma inclinação leve, e entrei no fliperama. Olhei para as máquinas de skeeball e me lembrei da reprovação de Erin: *Eles não sabem que esse jogo só serve para arrancar o couro deles?* Sorri com a lembrança, mas meu coração batia forte. Eu já sabia o que ia fazer quando terminasse o serviço, entende?

Os carrinhos, vinte no total, estavam enfileirados na plataforma de embarque. À frente, o túnel que levava ao interior do Horror House estava iluminado por um par de luzes brancas, em vez das estroboscópicas. Ficava bem mais prosaico assim.

Eu tinha certeza absoluta de que Eddie não passara nem um pano molhado nos carrinhos durante todo o verão, e isso significava que eu tinha que começar lavando-os. Ou seja, pegar sabão em pó no depósito e carregar baldes de água da torneira mais próxima. Quando terminei de lavar e enxaguar os vinte, era hora do intervalo, mas decidi continuar trabalhando em vez de

ir para o quintal ou para o cemitério tomar um café. Eu talvez encontrasse Eddie, e já tinha ouvido o suficiente da ladainha mal-humorada dele por uma manhã. Então comecei a encerar passando uma camada grossa de cera Turtle e espalhando bem, de carrinho em carrinho, fazendo-os brilhar sob as luzes até parecerem novos. Não que o próximo grupo de aventureiros fosse perceber ao se amontoar esperando o passeio de nove minutos. Minhas luvas estavam destruídas quando terminei. Eu teria que comprar um novo par na loja de material de construção na cidade, e as boas não eram baratas. Me diverti pensando em como Eddie reagiria se eu pedisse que ele pagasse por elas.

Coloquei a cesta de panos sujos e a lata de cera (agora quase vazia) perto da porta de saída do fliperama. Era meio-dia e dez, mas não era comida o que eu queria naquele momento. Tentei alongar os braços e as pernas para aliviar a dor, depois voltei para o local de embarque. Parei para admirar os carrinhos brilhando sob as luzes, depois andei lentamente pelo trilho e entrei no Horror House.

Precisei baixar a cabeça quando passei sob o Screaming Skull, apesar de ele agora estar levantado e preso. Adiante ficava o Calabouço, onde os talentos da Equipe Dobermann de Eddie tinham tentado (e quase sempre conseguido) apavorar crianças de todas as idades com gemidos e uivos. Ali, pude ficar ereto de novo, pois era um aposento alto. Meus passos ecoavam no piso de madeira pintado para parecer pedra. Eu ouvia minha respiração. Soava áspera e seca. Eu estava com medo, o.k.? Tom tinha me mandado ficar longe daquele lugar, mas ele não mandava em mim, e Eddie Parks também não. Eu tinha The Doors, tinha Pink Floyd, mas queria mais. Queria Linda Gray.

Entre o Calabouço e a Câmara de Tortura, os trilhos desciam e faziam uma curva de duplo S, onde os carrinhos ganhavam velocidade e jogavam os passageiros de um lado para o outro. O Horror House era um brinquedo sombrio, mas, quando estava funcionando, aquela área era a única completamente escura. Exatamente onde o assassino cortara a garganta da garota e deixara o corpo. Ele deve ter sido muito rápido e ficado muito seguro do que ia fazer. Depois da última curva, os passageiros eram cegados por uma mistura de luzes piscantes multicoloridas. Embora Tom nunca tivesse dito isso claramente, eu tinha certeza de que fora ali que ele a vira.

Segui lentamente pelo S duplo, pensando que seria a cara de Eddie me ouvir e apagar as luzes para me sacanear. Eu teria que tatear por todo o local do crime com apenas o som do vento e aquela tábua chacoalhante de companhia. E imagine… apenas imagine… se a mão de uma jovem surgisse na escuridão e segurasse a minha, como Erin segurara naquela última noite, na praia?

As luzes continuaram acesas. Nem camisa nem luvas sujas de sangue apareceram ao lado do trilho, com brilho espectral. E, quando cheguei ao que eu sabia ser o local certo, logo antes da entrada da Câmara de Tortura, não havia nenhuma garota fantasma estendendo as mãos para mim.

Mas havia alguma coisa ali. Eu soube naquele momento e sei agora. O ar estava mais frio. Não o bastante para que minha respiração virasse vapor, mas definitivamente mais frio. Meus braços, pernas e virilha formigaram com arrepios, e os cabelos da nuca ficaram de pé.

— Me deixe ver você — sussurrei, me sentindo idiota e apavorado. Querendo que acontecesse, esperando que não.

Houve um som. Um suspiro longo e lento. Não um suspiro humano, nem de perto. Era como se alguém tivesse aberto uma válvula invisível de vapor. E sumiu. Não houve mais nada. Não naquele dia.

— Até que enfim — disse Eddie quando finalmente apareci, quinze para a uma.

Ele estava sentado na mesma caixa de maçã, agora com o fim de um sanduíche em uma das mãos e um copo de isopor com café na outra. Eu estava imundo do pescoço para baixo. Eddie, por sua vez, parecia viçoso como uma flor.

— Os carrinhos estavam sujos. Precisei lavá-los antes de encerar.

Eddie puxou catarro, virou a cabeça e cuspiu.

— Se o que você quer é uma medalha, as minhas acabaram. Vá procurar Hardy. Ele disse que está na hora de drenar o sistema de irrigação. Isso deve deixar um lerdinho como você ocupado até o fim do dia. Se terminar antes, venha me procurar e arrumo mais alguma coisa para você fazer. Tenho uma lista enorme, pode acreditar.

— Tudo bem.

Saí andando, feliz por me afastar.

— Garoto!

Eu me virei com relutância.

— Você viu a garota lá dentro?

— Hã?

Ele abriu um sorriso desagradável.

— Não me venha com "hã". Sei o que estava fazendo. Você não foi o primeiro nem vai ser o último. Você viu?

— *Você* viu?

— Não.

Fui analisado por aqueles olhos maliciosos brilhando em um rosto queimado de sol. Quantos anos ele tinha? Trinta? Sessenta? Era impossível saber, assim como era impossível saber se ele estava dizendo a verdade. Eu não me importava. Só queria ficar longe dele. Eddie me deixava nervoso.

O homem ergueu as mãos enluvadas.

— O sujeito usou um par assim. Você sabia?

Eu assenti e disse:

— E uma camisa por cima de outra.

— Isso mesmo. — O sorriso dele se alargou. — Para não sujar a dele de sangue. E deu certo, não deu? Nunca o pegaram. Agora dê o fora daqui.

Quando cheguei à Spin, só havia a sombra de Lane para me receber. O homem a quem ela pertencia estava na metade da roda, subindo pela armação. Ele testava cada viga de aço antes de apoiar o peso nela. Havia uma bolsinha de ferramentas, feita de couro, pendurada no quadril, e de vez em quando ele enfiava a mão ali e pegava uma chave. Joyland só tinha um brinquedo de terror, mas quase doze dos chamados brinquedos altos, incluindo a Spin, o Zipper, a Thunderball e a Delirium Shaker. Havia uma equipe de manutenção, composta de três homens, que os verificava todos os dias antes do Primeiro Portão, durante a temporada de funcionamento, e claro que havia visitas (anunciadas ou não) da Inspeção de Parques do Estado da Carolina do Norte, mas Lane disse que um controlador que não verificava o próprio brinquedo era preguiçoso e irresponsável. E eu me perguntei quando Eddie Parks teria pegado um dos *carriiiiins* dele pela última vez e verificado as *baaaaaarras* de segurança.

Lane olhou para baixo, me viu e gritou:

— Aquele filho da puta medonho deixou você ir almoçar?

— Eu trabalhei no horário do almoço — respondi. — Perdi a noção do tempo.

Mas agora eu *estava* com fome.

— Tem salada de atum com macarrão na minha casinha de cachorro, se você quiser. Fiz muito ontem à noite.

Fui até a pequena cabine de controle, encontrei um Tupperware de bom tamanho e abri. Quando Lane voltou ao chão, o atum com macarrão estava em meu estômago e eu comia de sobremesa alguns biscoitos Fig Newtons que tinham sobrado no pacote.

— Obrigado, Lane. Estava gostoso.

— É, já posso me casar. Me dá um desses biscoitos antes que engula todos.

Eu entreguei o pacote.

— Como está o brinquedo?

— A Spin está com tudo no lugar. Quer me ajudar com o motor depois de digerir um pouco do almoço?

— Claro.

Ele tirou o chapéu e o girou no dedo. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo apertado, e reparei alguns fios brancos em meio aos pretos. Eles não estavam lá no começo do verão, eu tinha quase certeza.

— Escute, Jonesy, Eddie Parks tem alma de parque, mas isso não muda o fato de que ele é um filho da puta sacana. Aos olhos dele, você tem dois defeitos: é jovem e continuou estudando depois do ensino fundamental. Quando cansar das merdas dele, me avise que faço com que ele pare.

— Obrigado, mas por enquanto está tudo bem.

— Sei que está. Vejo como você se vira e estou impressionado. Mas Eddie é mais babaca que o normal.

— Ele gosta de fazer bullying — comentei.

— É, mas a boa notícia é a seguinte: como a maioria das pessoas assim, se você raspar a superfície, encontra apenas bosta de galinha por baixo. E nem precisa ir muito fundo. Ele tem medo de algumas pessoas daqui, e por acaso sou uma delas. Já dei umas porradas nele e não me

importo de dar de novo. Só estou dizendo que, se um dia você quiser algum espaço, vou garantir que tenha.

— Posso fazer uma pergunta sobre ele?

— Manda.

— Por que ele sempre usa luvas?

Lane riu, colocou o chapéu na cabeça e o inclinou daquele jeito certeiro.

— Psoríase. As mãos dele descascam, pelo menos é o que ele diz. Não lembro a última vez em que vi. Ele diz que, sem as luvas, coça até sangrarem.

— Talvez seja por isso que ele é tão mal-humorado.

— Acho mais provável que seja o contrário: o mau humor gerou a pele ruim. — Ele bateu na têmpora. — A cabeça controla o corpo, é nisso que acredito. Venha, Jonesy, vamos trabalhar.

Terminamos de ajeitar a Spin para sua longa soneca de inverno e seguimos para o sistema de irrigação. O sol já estava baixando na direção das árvores, a oeste do parque, e as sombras se alongavam quando terminamos de soprar os canos com ar comprimido e os ralos engoliram vários galões de líquido anticongelante.

— Já chega por hoje — disse Lane. — Fizemos mais do que o bastante. Pegue seu cartão e eu assino.

Bati no relógio para mostrar que eram apenas cinco e quinze.

Ele balançou a cabeça e sorriu.

— Não tenho problema nenhum em escrever seis no cartão. Você trabalhou o equivalente a doze horas hoje, garoto. Doze, fácil.

— Tudo bem, mas não me chame de garoto. É como *ele* me chama.

Indiquei o Horror House com um movimento de cabeça.

— Vou me lembrar disso. Agora me dê seu cartão e vá embora.

O vento tinha diminuído um pouco durante a tarde, mas ainda estava quente e uma brisa soprava quando saí andando pela praia. Em muitas daquelas caminhadas de volta para a cidade, eu gostava de olhar minha sombra comprida nas ondas, mas naquele fim de tarde eu praticamente só olhei para meus pés. Estava exausto. O que queria era um sanduíche de queijo e presunto da Padaria da Betty e umas cervejas do 7-Eleven. Eu voltaria para meu quarto, me sentaria na cadeira em frente à janela e leria um pouco de Tolkien enquanto comia. Eu estava no meio de *As duas torres*.

O que me fez erguer o rosto foi a voz do garoto. A brisa estava soprando na minha direção, e eu o ouvi claramente.

— *Mais rápido, mãe! Você está quase c…* — Ele foi temporariamente interrompido por um ataque de tosse. Depois: — *Você está quase conseguindo!*

A mãe de Mike estava na praia, em vez de embaixo do guarda-sol. Corria em minha direção, mas não estava me vendo, pois olhava para a pipa que segurava acima da cabeça. A linha ia até o garoto, sentado na cadeira de rodas no fim da passarela.

Está indo para o lado errado, mãe, pensei.

Ela soltou a pipa, que subiu cerca de meio metro, se agitou inutilmente de um lado para outro e mergulhou na areia. A brisa aumentou, e a pipa saiu rolando. Ann precisou correr atrás.

— *De novo!* — gritou Mike. — *Naquela hora…* — Cof-cof-cof, um som rouco e profundo. — *Naquela hora você quase conseguiu!*

— Não é verdade. — Ela parecia cansada e zangada. — Essa porcaria me odeia. Vamos entrar para jant…

Milo estava sentado ao lado da cadeira de rodas de Mike, observando tudo com olhos brilhantes. Quando me viu, disparou como uma bala de canhão, latindo. Enquanto o olhava se aproximar, me lembrei do pronunciamento de Madame Fortuna no dia em que a conheci: *No seu futuro, há uma garotinha e um garotinho. O garoto tem um cachorro*.

— Milo, volte! — gritou a mãe.

Ela provavelmente estava de cabelo preso no início da tarde, mas, depois de vários experimentos com aviação, mechas caíam ao redor do rosto. Ela as afastou da frente do rosto usando as costas das mãos, em um gesto cansado.

Milo não prestou atenção. Parou de repente na minha frente com as patas espalhando areia e se sentou. Eu ri e acariciei a cabeça dele.

— Isso é tudo o que você vai ganhar, amigo. Não tenho croissants hoje.

Ele latiu para mim uma vez e voltou correndo para a mãe, que estava com os tornozelos enterrados na areia, respirando pesadamente e me olhando com desconfiança. A pipa fujona estava pendurada ao lado da perna dela.

— Está vendo? — disse ela. — Era por isso que eu não queria que você desse comida para ele. Ele vive pedindo e acha que qualquer pessoa que dá migalhas é amiga.

— Bem, sou um sujeito amigável.

— Bom saber — respondeu ela. — Mas não dê mais comida ao nosso cachorro.

Ela estava usando uma calça capri e uma velha camiseta azul com um desenho apagado na frente. A julgar pelas manchas de suor, estava tentando fazer a pipa subir havia um tempo. Ela estava se esforçando, e por que não? Se eu tivesse um filho preso a uma cadeira de rodas, provavelmente também ia querer dar a ele algo que voasse.

— Você está indo na direção errada com essa coisa — expliquei. — E não precisa correr com a pipa. Não sei por que todo mundo pensa isso.

— Tenho certeza de que você é um tremendo especialista, mas está tarde e tenho que dar o jantar a Mike.

— Mãe, deixa ele tentar — pediu Mike. — Por favor.

Ela ficou mais alguns segundos parada, com a cabeça baixa e as mechas soltas de cabelo, também molhadas de suor, grudadas no pescoço. Então suspirou e me entregou a pipa. Consegui ler o que estava escrito na camiseta: COMPETIÇÃO DE TIRO DE CAMP PERRY (DEITADO) 1959. A parte da frente da pipa era bem melhor, e tive que rir. Tinha o rosto de Jesus.

— Piada interna — disse ela. — Não pergunte.

— Tudo bem.

— Você tem uma tentativa, sr. Joyland, depois vou levar Mike para jantar. Ele não pode pegar friagem. Ficou doente ano passado e ainda não está totalmente bom. Ele acha que está, mas não está.

A temperatura na praia ainda era de pelo menos vinte e quatro graus, mas não comentei isso; obviamente, a mãe não estava com humor para discussões. Em vez disso, falei de novo que meu nome era Devin Jones. Ela ergueu e baixou as mãos: *Tanto faz, moleque.*

Eu olhei para o garoto.

— Mike.

— O quê?

— Enrole a linha. Eu aviso quando puder parar.

Ele fez o que pedi. Eu acompanhei e, quando cheguei ao lugar onde ele estava sentado, olhei para Jesus.

— Você vai voar desta vez, sr. Cristo?

Mike riu. A mãe não, mas pensei ter visto os lábios dela tremerem.

— Ele disse que vai — falei para Mike.

— Que bom, porque… — Cof. Cof-cof-cof. Ela estava certa, ele ainda não estava bom. Fosse lá do que fosse. — Porque até agora ele só comeu areia.

Segurei a pipa acima da cabeça, mas virado para Heaven's Bay. Senti o vento puxando-a na mesma hora. O plástico tremeu.

— Vou soltar, Mike. Quando eu fizer isso, comece a puxar a linha de novo.

— Mas só vai…

— Não, não vai. Mas você tem que ser rápido e tomar cuidado.

Eu estava fazendo com que parecesse mais difícil do que era porque queria que ele se sentisse alegre e habilidoso quando a pipa subisse. E subiria, desde que a brisa não morresse. Eu realmente esperava que isso não acontecesse, porque achava que a mãe tinha falado sério ao dizer que eu só teria uma chance.

— A pipa vai subir. Quando isso acontecer, comece a desenrolar a linha. Mas a deixe bastante esticada, está bem? Isso quer dizer que, se ela começar a descer, você…

— Eu puxo um pouco de volta. Entendi. Pelo amor de Deus.

— Tudo bem. Pronto?

— Pronto!

Milo estava sentado entre mim e a mãe, olhando para a pipa.

— Tudo bem, então. Três… dois… um… decolagem!

O garoto estava encurvado na cadeira, e as pernas sob o short não se moviam, mas não havia nada de errado com as mãos e ele sabia seguir ordens. Mike começou a puxar, e a pipa subiu na mesma hora. Ele desenrolou a linha, um pouco demais a princípio, e a pipa balançou, mas o menino corrigiu o movimento e a pipa voltou a subir. Ele riu.

— Estou sentindo! Estou sentindo nas mãos!

— O que você está sentindo é o vento — expliquei. — Continue, Mike. Quando ela subir mais um pouco, o vento vai tomar conta. Aí, a única coisa que você vai precisar fazer é não soltar.

Ele desenrolou a linha e a pipa subiu, primeiro sobre a areia e depois sobre o mar, indo cada vez mais alto naquele azul de fim de tarde em setembro. Eu observei por algum tempo, depois arrisquei um olhar para a mulher. Ela não se enrijeceu com meu olhar porque não o viu. Toda a sua atenção estava no filho. Acho que nunca vi tanto amor e tanta felicidade no rosto de uma pessoa. Porque *ele* estava feliz. Os olhos dele brilhavam e a tosse havia parado.

— Mamãe, parece que está *viva*!

E está, pensei, lembrando quando meu pai me ensinara a soltar pipa no parque da cidade. Eu tinha a idade de Mike, mas pernas boas sobre as quais ficar de pé. *Enquanto estiver lá em cima, onde deve estar, ela está viva.*

— Vem sentir!

Ela subiu pela areia até a passarela e ficou de pé ao lado dele. Estava olhando para a pipa, mas a mão acariciava o cabelo castanho do menino.

— Tem certeza, querido? A pipa é sua.

— É, mas você tem que experimentar. É incrível!

Ela pegou o carretel, que ficava consideravelmente mais fino conforme a linha se desenrolava e a pipa subia (agora era apenas um diamante negro, e o rosto de Jesus nem estava mais visível), e o segurou na frente do corpo. Por um momento, pareceu apreensiva. Então sorriu. Quando um sopro puxou a pipa e a fez balançar para um lado e para outro acima das ondas, o sorriso da mãe se alargou.

Depois de segurar a pipa por um tempo, Mike disse:

— Passa para *ele*.

— Não, tudo bem — falei.

Mas ela esticou o carretel na minha direção.

— Nós insistimos, sr. Jones. Você é o mestre de voo, afinal.

Então peguei o carretel e senti a velha e familiar emoção. O puxão parecia o de uma linha de pesca quando uma truta de tamanho considerável morde a isca, mas o legal de soltar pipa é que nada tem que morrer.

— Até que altura a pipa vai? — perguntou Mike.

— Não sei, mas talvez não devesse subir muito mais hoje. O vento lá em cima está forte e talvez acabe rasgando a pipa. Além do mais, vocês precisam comer.

— O sr. Jones pode jantar com a gente, mãe?

Ela pareceu surpresa com a ideia, e não de um jeito bom. Mesmo assim, vi que concordaria porque eu tinha feito a pipa voar.

— Não precisa — falei. — Agradeço o convite, mas tive um dia cheio no parque. Estamos preparando tudo para o inverno, e estou sujo da cabeça aos pés.

— Você pode tomar banho lá em casa — ofereceu Mike. — Temos uns setenta banheiros.

— Michael Ross, isso não é verdade!

— Talvez uns setenta e cinco, com uma Jacuzzi em cada.

Ele começou a rir. Foi um som lindo e contagiante, ao menos até virar tosse. A tosse virou um engasgo pesado. Mas, quando a mãe começou a parecer preocupada (eu já estava), ele controlou o ataque.

— Fica para a próxima — falei, e entreguei o carretel de linha a ele. — Adorei sua pipa-Cristo. E seu cachorro também é legal.

Eu me abaixei e fiz carinho na cabeça de Milo.

— Ah… tudo bem. Fica para a próxima. Mas não demore muito, porque…

A mãe o interrompeu rapidamente:

— Você pode sair um pouco mais cedo para ir ao trabalho amanhã, sr. Jones?

— Claro.

— Podemos tomar uma vitamina bem aqui, se o tempo estiver bom. Faço uma deliciosa.

Eu podia apostar que sim. E, desse jeito, ela não teria que levar um estranho para dentro de casa.

— Você vem? — perguntou Mike. — Seria legal.

— Vou adorar. Trago umas coisinhas da Betty.

— Ah, não precisa… — começou ela a dizer.

— Vai ser um prazer, senhora.

— Ah! — Ela pareceu surpresa. — Não me apresentei, não foi? Sou Ann Ross.

Ela estendeu a mão.

— Eu a apertaria, sra. Ross, mas estou mesmo imundo. — Mostrei as mãos para ela. — A pipa também deve ter ficado suja.

— Você devia ter desenhado um bigode em Jesus! — gritou Mike, e riu até ter outro ataque de tosse.

— Você está soltando muito a linha, Mike — avisei. — É melhor enrolar um pouco.

Quando ele começou a fazer isso, fiz um carinho de despedida em Milo e segui para a praia.

— Sr. Jones! — chamou ela.

Eu me virei. Ela estava ereta, com o queixo erguido. O suor tinha grudado a camiseta ao corpo, e os seios dela eram incríveis.

— É *srta.* Ross. Mas como agora fomos apresentados, por que você não me chama de Annie?

— Posso fazer isso. — Apontei para a camiseta dela. — Por que essa camiseta de competição de tiro? E por que é deitado?

— É uma competição em que se atira deitado mesmo — explicou Mike.

— Não faço isso há séculos — disse ela em um tom brusco que sugeria que preferia que o assunto fosse encerrado.

Por mim, tudo bem. Acenei para Mike e ele respondeu. Estava sorrindo. O garoto tinha um sorriso lindo.

Quarenta ou cinquenta metros depois, eu me virei para olhar de novo. A pipa estava descendo, mas o vento ainda estava no controle. Eles olhavam, a mulher com a mão no ombro do filho.

Senhorita, pensei. *Senhorita, e não senhora. E será que tem algum senhor com eles na velha e grande casa vitoriana com setenta banheiros?* O fato de eu nunca ter visto não significava que não havia um, mas eu achava que não. Eu achava que eram só os dois. Sozinhos.

♥

Annie Ross não me deu maiores explicações na manhã seguinte, mas ouvi muita coisa de Mike. Também tomei uma vitamina deliciosa. Ela disse que fazia o iogurte em casa e que tinha batido com morangos frescos sei lá de onde. Eu levei croissants e muffins de mirtilo da Padaria da Betty. Mike não quis pão nem bolinho, mas tomou toda a vitamina e pediu mais. Pelo jeito como o queixo da mãe caiu, percebi que aquilo tinha sido impressionante. Mas não de um jeito ruim.

— Tem certeza de que você consegue tomar mais uma?

— Talvez só metade do copo — disse ele. — O que tem, mãe? Você mesma sempre diz que iogurte ajuda meu intestino a funcionar.

— Acho que não precisamos falar do seu intestino às sete da manhã, Mike.

Ela se levantou e olhou para mim com uma expressão de dúvida.

— Não se preocupe — disse Mike alegremente. — Se ele tentar alguma coisa comigo, mando Milo atacar.

As bochechas dela ficaram vermelhas.

— *Michael Everett Ross!*

— Desculpe — disse ele, mas não parecia arrependido. Os olhos brilhavam.

— Não peça desculpas a mim, peça desculpas ao sr. Jones.

— Desculpas aceitas.

— Pode ficar de olho nele, sr. Jones? Não vou demorar.

— Só se você me chamar de Devin.

— Então eu chamo.

Ela seguiu a passos rápidos pela passarela e parou uma vez para olhar para trás. Acho que pensou em voltar, mas a perspectiva de enfiar mais algumas calorias no garoto dolorosamente magrelo foi demais para que resistisse, e ela seguiu em frente.

Mike viu-a subir a escada da varanda dos fundos e suspirou.

— Agora vou ter que tomar.

— Bom… vai. Você pediu, não foi?

— Só para poder falar contigo sem ela se meter. Quer dizer, eu amo minha mãe, mas ela sempre se mete. Como se meu problema fosse um segredo enorme e vergonhoso que temos que esconder. — Ele deu de ombros. — Tenho distrofia muscular, só isso. É por isso que fico na cadeira de rodas. Eu *consigo* andar, sabe, mas as órteses e muletas são um saco.

— Sinto muito. Isso é uma droga, Mike.

— Acho que é mesmo, mas nem me lembro de quando *não* tinha isso, então, e daí? Só que é um tipo especial de distrofia. Se chama distrofia muscular de Duchenne. A maioria das crianças que têm isso bate as botas na adolescência ou com vinte e poucos anos.

Então, me diz, o que se fala para um garoto de dez anos que acabou de lhe contar que está vivendo com uma sentença de morte?

— *Mas.* — Ele ergueu um dedo professoral. — Lembra ela falando que eu estava doente ano passado?

— Mike, você não precisa me contar tudo isso se não quiser.

— Sim, mas eu quero. — Ele me olhava com evidente intensidade. Talvez até com certa urgência. — Porque eu quero que você saiba. Talvez você até precise saber.

Eu estava de novo pensando em Fortuna. Duas crianças, ela me dissera, uma garota de chapéu vermelho e um garoto com um cachorro. Ela havia dito que uma tinha a visão, mas não sabia qual. Eu achava que sabia agora.

— Mamãe disse que eu acho que fiquei bom. Parece que fiquei?

— Você está com uma tosse ruim — arrisquei. — Mas, fora isso…

Eu não conseguia pensar em como terminar. *Fora isso, suas pernas são uns palitos? Fora isso, parece que sua mãe e eu podíamos amarrar uma linha em sua camiseta e fazermos você voar como uma pipa? Fora isso, se eu tivesse que apostar em quem viveria mais tempo, você ou Milo, eu apostaria no cachorro?*

— Peguei pneumonia logo depois do Dia de Ação de Graças, sabe? Como não melhorei em duas semanas no hospital, o médico disse para minha mãe que eu ia morrer e que ela precisava se preparar para isso.

Mas não contou perto de você, pensei. *Eles nunca conversam sobre essas coisas perto de você.*

— Mas eu sobrevivi — disse ele com certo orgulho. — Meu avô ligou para mamãe, e acho que foi a primeira vez em que eles conversaram em muito tempo. Não sei quem falou para ele o

que estava acontecendo, mas ele conhece gente de todos os lugares. Pode ter sido qualquer um.

Gente de todos os lugares soou meio paranoico, mas fiquei de boca fechada. Depois, descobri que não era paranoia alguma. O avô de Mike *conhecia mesmo* gente de todo lugar, e todos batiam continência para Jesus, para a bandeira e para a Associação Nacional de Rifles, embora possivelmente não nessa ordem.

— Vovô disse que fiquei bom da pneumonia por causa da vontade de Deus. Mamãe respondeu que ele só falava merda, como quando disse que eu ter DMD era uma punição de Deus. Ela disse que eu sobrevivi porque sou um filho da puta resistente e que Deus não tinha nada a ver com isso. E desligou na cara dele.

Mike poderia até ter ouvido o lado dela da conversa, mas não o do avô, e eu duvidava que a mãe tivesse contado para ele. Mas não achei que estivesse inventando. Eu me vi torcendo para Annie não voltar rápido. Aquilo não era como ouvir Madame Fortuna. Eu achava (e ainda acho, tantos anos depois) que o que ela tinha era um pouquinho de habilidade mediúnica autêntica aumentada por uma compreensão da natureza humana e embrulhada em baboseira cintilante de parque de diversões. O que Mike tinha era mais claro. Mais simples. *Mais puro*. Não era como ver o fantasma de Linda Gray, mas também não era tão diferente. Era tocar outro mundo.

— Mamãe disse que nunca voltaria aqui, mas aqui estamos nós. Porque eu queria voltar para a praia e porque queria soltar pipa e porque não vou nem chegar aos doze anos, muito menos aos vinte. Foi a pneumonia, sabe? Tomo esteroides e eles ajudam, mas a pneumonia combinada com a distrofia de Duchenne fodeu com meus pulmões e meu coração de forma permanente.

Ele me olhou com um desafio infantil, observando como eu reagiria ao que hoje em dia chamam, de forma tão delicada, de "palavra com f". Eu não reagi, claro. Estava ocupado demais absorvendo o sentido para me preocupar com a escolha de palavras dele.

— Então... Acho que o que você está dizendo é que uma vitamina de frutas a mais não vai ajudar.

Mike inclinou a cabeça para trás e riu. A gargalhada virou o pior ataque de tosse de todos. Alarmado, fui até ele e bati em suas costas… mas com delicadeza. Parecia não haver nada ali além de ossos de galinha. Milo latiu uma vez e apoiou as patas em uma das pernas magras de Mike.

Havia duas jarras na mesa, uma com água e outra com suco de laranja fresco. Mike apontou para a água, e eu servi meio copo. Quando tentei segurá-lo para ele, Mike me olhou com impaciência, mesmo em meio ao ataque de tosse, e segurou ele mesmo. Derramou um pouco na camisa, mas a maior parte desceu pela garganta, e a tosse melhorou.

— Esse foi ruim — disse ele, batendo no peito. — Meu coração está batendo desesperado. Não conte para minha mãe.

— Meu Deus, garoto! Como se ela não soubesse!

— Ela sabe demais, é isso que eu acho — respondeu Mike. — Sabe que eu talvez só tenha mais uns três meses bons e uns quatro ou cinco bem ruins. Tipo, na cama o tempo todo, sem conseguir fazer nada além de respirar e ver *M*A*S*H* e *Fat Albert*. A única dúvida é se ela vai deixar ou não a vovó e o vovô Ross irem ao enterro.

Ele tinha tossido a ponto de fazer os olhos ficarem úmidos, mas não confundi com lágrimas. O menino era melancólico, mas controlado. Na tarde do dia anterior, quando a pipa havia subido e ele sentira a linha puxando, agira como alguém mais novo do que realmente era. Agora,

eu o via lutar para parecer bem mais velho. O assustador era quanto estava se saindo bem. Ele olhou bem nos meus olhos.

— Ela sabe. Só não sabe que *eu* sei.

A porta de trás bateu. Nós olhamos e vimos Annie atravessando o quintal e seguindo para a passarela.

— Por que *eu* precisaria saber, Mike?

Ele balançou a cabeça.

— Não faço ideia. Mas você não pode falar sobre isso com mamãe, o.k.? Ela fica chateada. Sou tudo o que ela tem.

Ele disse isso não com orgulho, mas com uma espécie de realismo sombrio.

— Tudo bem.

— Ah, mais uma coisa. Quase esqueci.

Ele lançou um olhar para ela, viu que só estava na metade da passarela e se virou para mim.

— Não é branco.

— O que não é branco?

Mike Ross pareceu intrigado.

— Não faço ideia. Quando acordei hoje de manhã, eu lembrei que você vinha tomar vitamina aqui e isso surgiu na minha cabeça. Eu pensei que *você* saberia.

Annie chegou. Ela havia servido uma minivitamina em um copo de suco. Em cima, havia um morango.

— Oba! — disse Mike. — Obrigado, mãe!

— De nada, querido.

Ela olhou para a camiseta molhada dele, mas não falou nada. Quando me perguntou se eu queria mais suco, Mike piscou para mim. Eu falei que mais suco seria ótimo. Enquanto ela servia, Mike deu para Milo duas colheradas cheias de vitamina.

Ela se virou para ele e olhou para o copo, agora pela metade.

— Nossa, você estava *mesmo* com fome.

— Eu falei.

— Sobre o que você e o sr. Jones, Devin, estavam conversando?

— Nada de mais — respondeu Mike. — Ele estava triste, mas está melhor agora.

Não falei nada, mas senti minhas bochechas ficando quentes. Quando ousei olhar para Annie, ela estava sorrindo.

— Bem-vindo ao mundo de Mike, Devin — disse ela, e eu devo ter feito cara de quem engoliu um peixe-dourado, porque ela caiu na gargalhada.

Foi um som agradável.

Naquela noite, quando voltei de Joyland, ela estava de pé no fim da passarela, me esperando. Foi a primeira vez em que a vi de blusa e saia. E estava sozinha. Isso também foi novidade.

— Devin. Tem um segundo?

— Claro — respondi, subindo pela areia na direção dela. — Onde está Mike?

— Ele faz fisioterapia três vezes por semana. Normalmente, Janice, a fisioterapeuta, vem de manhã, mas combinei que viesse no fim do dia desta vez porque queria falar com você sozinha.

— Mike sabe disso?

Annie abriu um sorriso pesaroso.

— Provavelmente. Mike sabe bem mais do que deveria. Não vou perguntar sobre o que vocês dois conversaram depois que ele deu um jeito de se livrar de mim hoje de manhã, mas acho que as… percepções dele… não são uma surpresa para você.

— Ele me contou por que está na cadeira de rodas, só isso. E mencionou que teve pneumonia na época do dia de Ação de Graças.

— Eu queria agradecer pela pipa, Dev. Meu filho tem noites muito agitadas. Não sente dor, exatamente, mas tem dificuldade para respirar quando está dormindo. É como apneia. Ele precisa dormir em uma posição meio sentada, e isso não ajuda. Às vezes ele para de respirar, e, quando isso acontece, um alarme dispara e o acorda. Só que ontem à noite, depois da pipa, ele dormiu direto. Até fui ao quarto dele uma vez, por volta das duas da madrugada, para ver se o monitor não estava quebrado. Ele estava dormindo como um bebê. Sem agitação, sem pesadelos, coisa que ele costuma ter, e sem gemidos. Foi a pipa. Deixou Mike feliz de um jeito que nada mais deixaria. Exceto, talvez, ir àquele seu maldito parque de diversões, o que está totalmente fora de cogitação. — Ela parou e sorriu. — Ah, merda. Estou fazendo um discurso.

— Tudo bem.

— É que tenho muito pouca gente com quem conversar. Uma mulher muito gentil de Heaven's Bay me ajuda com a limpeza da casa, e claro que tem Janice, mas não é a mesma coisa. — Ela respirou fundo. — A outra parte é o seguinte: fui grosseira com você em várias ocasiões, e sem motivo. Me desculpe.

— Senhora… senhorita… — Merda. — Annie, você não precisa pedir desculpas por nada.

— Preciso, sim. Você poderia ter simplesmente seguido em frente quando me viu tendo problemas com a pipa, e aí Mike não teria tido uma boa noite de descanso. Só posso dizer que tenho dificuldade em confiar nas pessoas.

É agora que ela me convida para jantar, pensei. Mas ela não convidou. Talvez por causa do que falei logo depois.

— Sabe, ele *poderia* ir ao parque. Seria fácil dar um jeito, e, considerando que está fechado, ele poderia ser o dono do lugar.

O rosto dela se fechou, como uma mão se fecha em punho.

— Ah, não. De jeito nenhum. Se você acha isso, então ele não lhe contou tanto quanto pensei sobre a situação. Por favor, não mencione isso para ele. Na verdade, eu insisto.

— Tudo bem. Mas, se mudar de ideia…

Parei de falar. Ela não ia mudar de ideia. Annie olhou para o relógio, e um novo sorriso iluminou seu rosto. Era tão intenso que quase não se percebia que ele não chegava aos olhos.

— Nossa, olhe como está tarde. Mike vai estar com fome depois da fisioterapia, e não fiz nada para o jantar. Você me dá licença?

— Claro.

Eu a vi voltar correndo pela passarela até a casa vitoriana verde, cujo interior eu provavelmente jamais conheceria, graças à minha boca enorme. Mas a ideia de levar Mike a

Joyland parecera bastante certa. Durante o verão, recebíamos grupos de crianças com todos os tipos de problema e incapacidade: deficientes físicas, cegas, com câncer, deficientes mentais (que chamávamos de *retardadas* nos limitados anos 1970). Afinal, eu não esperava deixar Mike no carrinho da frente da Delirium Shaker e lançá-lo para o ar. Mesmo que a Shaker não estivesse fechada para o inverno, não sou completamente idiota.

Mas o carrossel ainda estava funcionando, e com certeza Mike podia andar nele. O mesmo valia para o trem que percorria a Vila Wiggle-Waggle. Eu também tinha certeza de que Fred Dean não se importaria de eu levar o garoto pela Mysterio's Mirror Mansion. Mas não. Não. Ele era uma flor de estufa delicada, e ela pretendia mantê-lo assim. A brincadeira com a pipa fora apenas uma anomalia, e o pedido de desculpas fora como um comprimido amargo que ela achava que tinha de engolir.

Mesmo assim, não pude deixar de admirar quanto ela era rápida e leve, movendo-se com uma graça que o filho jamais teria. Vi as pernas nuas sob a barra da saia e não pensei nem um pouco em Wendy Keegan.

Eu tinha o fim de semana de folga, e você sabe o que aconteceu. Acho que a ideia de que sempre chove nos fins de semana deve ser ilusão, mas não *parece* ser; pergunte a qualquer trabalhador que já planejou acampar ou pescar em dias de folga.

Bem, sempre havia Tolkien. Eu estava sentado na cadeira perto da janela, na tarde de sábado, mergulhado cada vez mais nas montanhas de Mordor com Frodo e Sam, quando a sra. Shoplaw bateu na porta e perguntou se eu gostaria de ir à sala jogar Scrabble com ela e Tina Ackerley. Não sou muito fã de Scrabble, pois já sofri muitas humilhações nas mãos das minhas tias Tansy e Naomi, cada uma com um enorme vocabulário mental do que ainda considero "palavras de merda só para jogar Scrabble", coisas como *soer*, *quaga* e *bhoot* (um fantasma indiano, caso esteja se perguntando). Mesmo assim, eu disse que adoraria jogar com elas. Afinal, sra. Shoplaw era minha senhoria, e a diplomacia assume muitas formas.

No caminho escada abaixo, ela me confidenciou:

— Estamos ajudando Tina a se preparar. Ela é fera em Scrabble. Vai participar de um tipo de torneio em Atlantic City na semana que vem. Acho que o prêmio é em dinheiro.

Não demorei muito — talvez umas quatro rodadas — para descobrir que a bibliotecária teria sido capaz de enfrentar minhas tias e até pior. Quando a srta. Ackerley montou a palavra *nubilidade* (com o sorriso constrangido que todos os feras em Scrabble parecem ter; acho que treinam na frente do espelho), Emmalina Shoplaw estava oitenta pontos atrás. E eu… ah, não importa.

— Vocês não saberiam alguma coisa sobre Annie e Mike Ross, saberiam? — perguntei durante uma pausa na ação (as duas analisavam o tabuleiro por *muuuuito* tempo antes de colocar uma pecinha que fosse). — Eles moram em Beach Row, na casa vitoriana grande e verde.

A srta. Ackerley parou com a mão ainda dentro do saquinho marrom de letras. Os olhos dela eram grandes, e as lentes grossas os deixavam ainda maiores.

— *Você* os conheceu?

— Aham. Eles estavam tentando fazer uma pipa voar… bem, *ela* estava… e eu ajudei um pouco. Eles são legais. Só fiquei curioso… os dois sozinhos naquela casa grande, com ele tão doente…

O olhar que elas trocaram foi de pura incredulidade, e comecei a desejar não ter tocado no assunto.

— Ela *fala* com você? — perguntou a sra. Shoplaw. — A Rainha do Gelo *fala* com você?

Não apenas falou como me serviu vitamina. Me agradeceu. Até me pediu desculpas. Mas não falei nada disso. Não porque Annie tinha mesmo me dado um gelo quando fui longe demais, mas porque parecia um tanto desleal.

— Ah, um pouco. Eu fiz a pipa deles voar, só isso. — Virei o tabuleiro. O jogo era de Tina, do modelo mais caro, com roleta embutida. — Vamos lá, sra. S. É sua vez. Talvez a senhora até forme uma palavra que exista no meu exíguo vocabulário.

— Na posição certa, *exíguo* pode valer setenta pontos — disse Tina Ackerley. — Mais até, se tiver outra palavra com X cruzando com ela.

A sra. Shoplaw ignorou o tabuleiro e o conselho.

— Você sabe quem é o pai dela, claro.

— Não posso dizer que sei.

Mas eu *sabia* que ela não se dava bem com ele, nem um pouco.

— Buddy Ross? De *A Hora do Poder de Buddy Ross*? Conhece?

Eu o conhecia vagamente. Achei que talvez já tivesse ouvido um pastor chamado Ross no rádio do camarim. Fazia sentido. Em uma de minhas rápidas transformações em Howie, Dottie Lassen me perguntara, meio que do nada, se eu já tinha encontrado Jesus. Meu primeiro impulso fora dizer que eu não sabia que Ele estava perdido, mas me controlei.

— Um daqueles pregadores da Bíblia, não é?

— Em comparação a Oral Roberts e aquele tal de Jimmy Swaggart, ele é o mais famoso — disse a sra. S. — Ele apresenta o programa de uma igreja gigantesca, que chama de Cidadela de Deus, em Atlanta. O programa de rádio é transmitido no país todo, e agora ele está aparecendo cada vez mais na TV. Não sei se as emissoras dão tempo de graça ou se ele precisa pagar. Tenho certeza de que ele tem dinheiro para isso, principalmente para o horário da madrugada. É a hora em que os idosos estão acordados com suas dores e seus tormentos. Os programas são metade de curas milagrosas e metade de pedidos para mais contribuições.

— Parece que ele não teve sorte na hora de curar o neto — comentei.

Tina tirou a mão do saco de letras sem pegar nenhuma peça. No momento, tinha esquecido o jogo, o que era bom para suas pobres vítimas. Os olhos dela brilhavam.

— Você não sabe nada dessa história, sabe? Normalmente, não acredito em fofocas, mas… — Ela baixou a voz a um tom confidencial, pouco acima de um sussurro. — Mas como você os *conheceu*, eu poderia contar.

— Por favor — pedi.

Achei que uma de minhas perguntas — como Annie e Mike tinham ido morar em uma casa enorme em uma das praias mais ricas da Carolina do Norte — já tinha sido respondida. Era o refúgio de verão do vovô Buddy, comprado com donativos.

— Ele tem dois filhos homens — disse Tina. — Os dois ocupam posições altas na igreja dele, como diáconos ou pastores assistentes, não sei exatamente como chamam, porque não sou fã dessas coisas sagradas. Mas a filha era diferente. Fazia o tipo esportivo. Gostava de equitação, tênis, arquearia, de caçar cervos com o pai, participava de competições de tiro. Tudo isso saiu nos jornais depois que a confusão começou.

Agora, a camiseta de CAMP PERRY fazia sentido.

— Por volta da época em que ela fez dezoito anos, a situação ficou infernal, e quase literalmente, segundo a opinião dele. Ela foi estudar no que chamam de "faculdade humanista secular" e, pelo que se comenta, virou a filha rebelde. Desistir das competições de tiro e dos torneios de tênis era uma coisa; desistir de ir à igreja por causa de festas, bebida e homens era outra bem diferente. Além disso… — Tina baixou a voz. — *Maconha*.

— Nossa, isso não! — exclamei.

A sra. Shoplaw me lançou um olhar, mas Tina não percebeu.

— *Pois é!* Ela foi parar nos jornais, naqueles tabloides, porque era bonita e rica, mas principalmente por causa do pai. E por ter perdido o rumo. Foi assim que descreveram. Ela era um escândalo para a igreja dele, usando minissaias e andando sem sutiã e tudo o mais. Bem, você sabe que o que os fundamentalistas pregam vem do Velho Testamento, tudo aquilo sobre a retidão ser recompensada e os pecadores serem punidos até a sétima geração. E ela fez mais do que participar do circuito de festas em Green Witch Village. — Os olhos de Tina estavam tão arregalados que pareciam prestes a cair e sair rolando pelas bochechas. — *Ela abandonou a Associação Nacional de Rifles e entrou para a Sociedade Americana dos Ateus!*

— Ah. E *isso* saiu nos jornais?

— Claro! E depois ela engravidou, o que não foi surpresa, e, quando o bebê acabou tendo algum tipo de problema, acho que paralisia cerebral…

— Distrofia muscular.

— Seja lá o que for, perguntaram sobre isso ao pai dela em uma das cruzadas, e sabe o que ele disse?

Eu fiz que não com a cabeça, mas achava que tinha um bom palpite.

— Ele disse que Deus pune o descrente e o pecador. Disse que a filha não era diferente e que talvez o mal do filho dela a levasse de volta a Deus.

— Acho que ainda não aconteceu — comentei. Pensei na pipa com a cara de Jesus.

— Não entendo por que as pessoas usam a religião para se magoarem quando já existe tanta dor no mundo — disse a sra. Shoplaw. — A religião deveria *reconfortar*.

— Ele é apenas um babaca arrogante — respondeu Tina. — Não importa com quantos homens esteve ou quantos baseados fumou, ela ainda é filha dele. E o menino ainda é neto dele. Já vi aquele garoto uma ou duas vezes, de cadeira de rodas ou se equilibrando naquelas órteses cruéis que precisa usar quando quer andar. Ele parece um bom garoto, e ela estava sóbria. E usando sutiã. — Tina fez uma pausa para pensar melhor. — Eu acho.

— O pai dela talvez mude — disse a sra. Shoplaw —, mas eu duvido. Os jovens crescem, mas os velhos só ficam mais velhos e mais seguros de que estão certos. Principalmente se conhecem as escrituras.

Eu me lembrei de algo que minha mãe dizia.

— O diabo sabe citar as escrituras.

— E com voz agradável — concordou a sra. Shoplaw com mau humor. Mas logo se animou. — Mas, se o reverendo Ross está deixando que eles usem a casa em Beach Row, talvez esteja disposto a esquecer o passado. *Talvez* tenha ocorrido a ele que ela era só uma menina, talvez nem tivesse idade para votar. Dev, não é sua vez?

Era. Formei a palavra *dor*. Ganhei três pontos.

A surra que levei não foi indolor, mas, depois que Tina Ackerley pegou o embalo, terminou rápido. Voltei para o quarto, me sentei na cadeira perto da janela e tentei me juntar a Frodo e a Sam no caminho para a Montanha da Perdição. Não consegui. Fechei o livro e fiquei olhando através do vidro molhado para a praia vazia e para o mar cinza adiante. Era uma vista solitária, e, em momentos assim, meus pensamentos acabavam voltando para Wendy: eu me perguntava onde ela estava, o que estava fazendo e com quem. Pensava no sorriso dela, no jeito como o cabelo caía no rosto, na curva suave dos seios em um dos milhares de suéteres que ela possuía.

Mas não naquele dia. Em vez de Wendy, me vi pensando em Annie Ross e percebi que tinha uma queda pequena, mas intensa, por ela. O fato de que não daria em nada, pois ela devia ser uns dez anos mais velha do que eu, talvez doze, parecia piorar tudo. Ou talvez melhorar, porque o amor não correspondido *tem* sua atração para os jovens.

A sra. S. sugerira que o pai hipócrita de Annie talvez estivesse disposto a esquecer o passado, e eu achava que ela podia ter razão. Já tinha ouvido dizer que netos amoleciam homens durões, e ele talvez quisesse conhecer o garoto enquanto podia. Talvez tivesse descoberto (com as pessoas que conhecia em todos os lugares) que Mike era esperto, além de deficiente. Podia até ter ouvido boatos de que Mike tinha o que Madame Fortuna chamava de "visão". Ou talvez isso fosse otimismo demais. Talvez o sr. Fogo do Inferno tivesse deixado a filha usar a casa em troca de ela ficar de boca calada, sem gerar novos escândalos sobre minissaias e maconha enquanto ele fazia a crucial transição do rádio para a televisão.

Eu podia especular até que o sol atrás das nuvens se pusesse, e não chegaria a nenhuma conclusão sobre Buddy Ross, mas achava que sabia algo sobre Annie: *ela* não estava disposta a esquecer o passado.

Eu me levantei e desci a escada até a sala, tirando um pedaço de papel com um número de telefone da carteira. Eu ouvia Tina e a sra. S. na cozinha, conversando animadamente. Liguei para o alojamento de Erin Cook, mas não esperava conseguir falar com ela em uma tarde de sábado; ela devia estar em Nova Jersey com Tom, vendo algum jogo de futebol americano da Rutgers e cantando a música de guerra dos Scarlet Knights.

Mas a garota que atendeu disse que ia chamá-la, e, três minutos depois, ouvi a voz dela.

— Dev, eu ia mesmo ligar. Na verdade, quero visitar você, e vou tentar levar Tom comigo. Acho que consigo, mas não no próximo fim de semana. Provavelmente no outro.

Olhei o calendário pendurado na parede e vi que seria o primeiro fim de semana de outubro.

— Descobriu alguma coisa?

— Não sei. Talvez. Adoro pesquisar e me envolvi mesmo nisso. Descobri um monte de coisas do passado, mas claro que não estou resolvendo o assassinato de Linda Gray aqui da biblioteca da faculdade nem nada do tipo. Mesmo assim… tem coisas que quero mostrar. Coisas que me perturbam.

— Perturbam por quê? Como?

— Não quero tentar explicar pelo telefone. Se eu não conseguir convencer Tom a ir comigo, coloco tudo em um envelope pardo e envio pelo correio. Mas acho que consigo. Ele quer ver você, só não quer se envolver em minha pequena investigação. Ele não quis nem olhar para as fotos.

Achei que ela estava sendo misteriosa demais, mas decidi não comentar.

— Escute, você já ouviu falar de um evangelista chamado Buddy Ross?

— Buddy… — Ela começou a dar risadinhas. — *A Hora do Poder de Buddy Ross*! Minha avó escuta esse velho charlatão o tempo todo! Ele finge tirar estômagos de bode das pessoas e diz que são tumores! Sabe o que Pop Allen diria?

— Alma de parque — respondi, sorrindo.

— Isso mesmo. O que você quer saber sobre ele? E por que não pode descobrir sozinho? Sua mãe se assustou com uma lista de biblioteca enquanto estava grávida de você?

— Não que eu saiba, mas quando saio do trabalho a biblioteca de Heaven's Bay já está fechada. E duvido que tenham o *Quem é quem*. Quer dizer, o lugar tem um cômodo só. E ele não importa, de qualquer modo. Quero saber sobre os dois filhos. Quero saber se eles têm filhos.

— Por quê?

— Porque a filha tem um. Ele é um garoto incrível, mas está morrendo.

Uma pausa. E então ela perguntou:

— No que você se meteu aí agora, Dev?

— Andei conhecendo gente nova. Venha até aqui. Eu adoraria ver vocês dois de novo. Diga a Tom que vamos ficar longe do trem fantasma.

Achei que isso talvez a fizesse rir, mas não fez.

— Ah, ele vai ficar bem longe. Você não conseguiria levá-lo nem a trinta metros do lugar.

Nós nos despedimos, escrevi a duração da chamada na lista, voltei para o quarto e me sentei em frente à janela. Eu estava com aquela inveja cega de novo. Por que fora Tom Kennedy a ver Linda Gray? Por que ele e não eu?

O jornal semanal de Heaven's Bay saía às quintas-feiras, e a manchete na edição de quatro de outubro dizia: FUNCIONÁRIO DE JOYLAND SALVA SEGUNDA VIDA. Achei um exagero. Aceito todo o crédito por Hallie Stansfield, mas apenas parte pelo desagradável Eddie Parks. O resto — sem querer tirar parte do mérito de Lane Hardy — pertence a Wendy Keegan, porque, se ela não tivesse terminado comigo em junho, eu estaria em Durham, New Hampshire, naquele semestre, a mais de mil quilômetros de Joyland.

Eu não fazia ideia de que havia mais salvamentos no meu caminho; premonições assim eram coisa de gente como Rozzie Gold e Mike Ross. Eu não estava pensando em nada além da visita

iminente de Erin e Tom quando cheguei ao parque, no dia primeiro de outubro, depois de mais um fim de semana chuvoso. Ainda estava nublado, mas, em homenagem à segunda-feira, a chuva tinha parado. Eddie estava sentado em seu trono de caixa de maçã, na frente do Horror House, fumando seu costumeiro cigarro matinal. Eu acenei para ele, que não se deu o trabalho de acenar de volta, apenas apagou a guimba e se inclinou para levantar a caixa e jogar o cigarro embaixo. Eu já o tinha visto fazer aquilo umas cinquenta vezes ou mais (e me perguntava quantas guimbas estariam empilhadas sob aquela caixa), mas, dessa vez, em vez de levantar a caixa para jogar o cigarro, ele apenas continuou se inclinando.

Havia uma expressão surpresa no rosto dele? Não sei dizer. Quando percebi que algo estava errado, tudo o que dava para ver era a cãobertura desbotada e manchada de graxa dele enquanto a cabeça de Eddie pendia entre os joelhos. Ele continuou caindo para a frente e acabou dando uma cambalhota completa, aterrissando de costas, com as pernas abertas e o rosto virado para o céu nublado. E, àquela altura, sua expressão era apenas uma careta de dor.

Larguei a marmita, corri até ele e caí de joelhos.

— Eddie? O que foi?

— Taque — foi o que ele conseguiu dizer.

Por um momento, pensei que estivesse me pedindo para tacar alguma coisa nele, talvez água, mas então reparei em como ele apertava o lado esquerdo do peito com a mão direita enluvada.

A versão pré-Joyland de Dev Jones teria simplesmente gritado pedindo socorro, mas, depois de quatro meses aprendendo o Colóquio, *socorro* nem passou pela minha mente. Enchi os pulmões, levantei a cabeça e gritei o mais alto que consegui no ar úmido da manhã:

— *EI, CAIPIRA!*

A única pessoa perto o bastante para ouvir foi Lane Hardy, e ele chegou rápido.

Os funcionários de verão que Fred Dean contratava não precisavam saber técnicas de ressuscitação quando se candidatavam, mas tinham que aprender. Graças à aula de primeiros socorros que tinha feito quando adolescente, eu já sabia. Eu e as outras poucas pessoas naquela aula praticamos, ao lado da piscina da ACM, em um boneco que, estranhamente, chamava-se Herkimer Saltfish. Agora, eu tinha a chance de colocar a teoria em prática pela primeira vez, e quer saber? Não foi tão diferente do movimento que usei para tirar o cachorro-quente da garganta da pequena garota Stansfield. Eu não estava usando a pele e não precisei abraçar ninguém, mas foi basicamente uma questão de aplicar força bruta. Lesionei quatro costelas do filho da mãe e quebrei uma. E não posso dizer que lamento.

Quando Lane chegou, eu estava ajoelhado ao lado de Eddie, fazendo compressões no peito dele, primeiro me balançando para a frente com meu peso apoiado na base das mãos, e depois para trás, prestando atenção para ver se ele inspiraria.

— Meu Deus — disse Lane. — Ataque cardíaco?

— É, tenho quase certeza. Chame uma ambulância.

O telefone mais próximo ficava na cabaninha ao lado do tiro ao alvo de Pop Allen, a casinha de cachorro dele, como se dizia no Colóquio. Estava trancada, mas Lane tinha as Chaves do Reino: três chaves mestras que abriam tudo no parque. Ele correu. Continuei fazendo a massagem cardíaca, me balançando para a frente e para trás, com as coxas doendo, os joelhos reclamando do longo contato com o asfalto áspero da Joyland Avenue. A cada cinco

compressões, eu contava lentamente até três, observando se Eddie inspiraria, mas nada acontecia. Não havia alegria em Joyland, não para Eddie. Nem depois das primeiras cinco, nem mesmo depois das segundas cinco, nem mesmo depois de meia dúzia de cinco. Ele apenas permaneceu deitado, as mãos enluvadas caídas ao lado do corpo e a boca aberta. Maldito Eddie Parks. Olhei para ele enquanto Lane voltava correndo, gritando que a ambulância estava a caminho.

Não vou fazer, pensei. *Que se dane, não vou fazer.*

Então me inclinei para a frente, fazendo outra compressão, e encostei a boca na dele. Não foi tão ruim quanto imaginei; foi pior. Os lábios de Eddie estavam amargos com o gosto do cigarro, e ainda havia algum outro fedor. Pelo amor de Deus, acho que era de pimenta-jalapeño, talvez da omelete do café da manhã. Mas cobri bem sua boca, apertei as narinas e assoprei pela garganta dele.

Fiz isso cinco ou seis vezes, até Eddie começar a respirar sozinho de novo. Parei as compressões para ver o que aconteceria, e ele continuou. O inferno devia estar lotado naquele dia, é tudo o que consigo pensar. Rolei-o de lado, para o caso de ele vomitar. Lane ficou de pé, perto, com a mão em meu ombro. Pouco tempo depois, ouvimos o berro da sirene se aproximando.

Lane correu para encontrar a ambulância no portão e guiar os paramédicos até lá. Quando ele se foi, me vi olhando para as caras verdes dos monstros que decoravam a fachada do Horror House. ENTRE, SE TIVER CORAGEM estava escrito acima das caras, em letras verdes que pareciam escorrer. Eu me peguei pensando de novo em Linda Gray, que tinha entrado ali viva e fora carregada para fora, horas depois, fria e morta. Acho que fiquei pensando nisso porque Erin ia me visitar levando informações. Informações que a *perturbavam*. Também pensei no assassino da garota.

Podia ser você, dissera a sra. Shoplaw. *Só que você tem cabelo escuro em vez de louro e não tem uma cabeça de pássaro tatuada em uma das mãos. O cara tinha. Uma águia ou talvez um falcão.*

O cabelo de Eddie era daquele tom grisalho prematuro de um fumante inveterado, mas podia ter sido louro, quatro anos antes. E ele sempre usava luvas. Claro que ele era velho demais para ser o homem que acompanhara Linda Gray em seu último passeio, *claro*, mas…

A ambulância estava bem próxima, mas ainda não tinha chegado, embora eu visse Lane no portão, acenando com as mãos acima da cabeça, fazendo gestos para eles se apressarem. Pensei *que se dane* e tirei as luvas de Eddie. Os dedos estavam cobertos de pele morta e as costas das mãos estavam vermelhas por baixo de uma camada grossa de um tipo de creme branco. Não havia tatuagens. Só psoríase.

Assim que ele foi colocado na ambulância e o veículo saiu a caminho do hospital de Heaven's Bay, fui até o banheiro mais próximo e lavei a boca repetidas vezes. Demorei para me livrar daquele maldito gosto de pimenta-jalapeño e nunca mais comi uma depois disso.

Quando saí, Lane Hardy estava de pé ao lado da porta.

— Isso foi bem sério — disse ele. — Você trouxe Eddie de volta.

— Ele ainda vai correr risco por um tempo e pode ter tido algum dano cerebral.

— Talvez sim, talvez não, mas, se você não estivesse aqui, ele teria batido as botas. Primeiro a garotinha, agora o velho nojento. Talvez eu comece a chamar você de Jesus em vez de Jonesy, porque, com certeza, você é um salvador.

— Se fizer isso, eu *SS*. — Isso era *Sigo para o Sul* no vocabulário do Colóquio, o que, por sua vez, queria dizer entregar o cartão de ponto.

— Tudo bem, mas você agiu certo, Jonesy. Na verdade, tenho que dizer que você deu um show.

— O *gosto* dele — comentei. — Meu Deus!

— É, imagino, mas veja o lado bom: sem ele aqui, você está finalmente livre, livre, enfim, graças ao bom Deus, você está livre. Acho que vai ficar melhor assim, não é?

Bem melhor.

Do bolso de trás da calça, Lane tirou um par de luvas de couro cru. As luvas de Eddie.

— Achei isso no chão. Por que você as tirou?

— Hã… eu queria deixar as mãos dele respirarem.

Parecia uma imbecilidade, mas a verdade soaria ainda mais imbecil. Eu não conseguia acreditar que considerara Eddie Parks o assassino de Linda Gray, mesmo que só por um momento.

— Quando fiz meu curso de primeiros socorros, disseram que vítimas de ataque cardíaco precisam ficar com o máximo de pele exposta possível. Ajuda, por algum motivo. — Eu dei de ombros. — Ao menos, é o que dizem.

— Hã. A gente aprende uma coisa nova todos os dias. — Ele balançou as luvas. — Acho que Eddie não vai voltar tão cedo, se voltar, então é melhor guardar isso na casinha de cachorro dele, certo?

— Tudo bem — respondi, e foi o que fiz. Mas, naquele mesmo dia, voltei e peguei de novo. E uma outra coisa também.

Eu não gostava dele, isso está bem claro, certo? Eddie não me dera motivo algum para gostar dele. Até onde eu sabia, não dera motivo algum a qualquer funcionário de Joyland para gostar dele. Até os mais antigos, como Rozzie Gold e Pop Allen, o evitavam. Mesmo assim, me vi entrando no Heaven's Bay Community Hospital, às quatro da tarde, e perguntando se Eddie Parks podia receber visita. Eu segurava as luvas dele junto com a outra coisa.

A recepcionista voluntária, de cabelo azul, olhou a papelada duas vezes, balançando a cabeça, e comecei a achar que Eddie tinha morrido, afinal, quando ela disse:

— Ah! É Edwin, e não Edward. Ele está no quarto 315. É CTI, então você tem que passar no balcão das enfermeiras primeiro.

Eu agradeci e fui para o elevador, um daqueles grandes em que cabia uma maca. Era mais lento que a morte mais lenta, o que me deu tempo suficiente para me perguntar o que eu estava fazendo ali. Se Eddie precisava da visita de algum funcionário do parque, era de Fred Dean, não minha, porque Fred era o responsável naquele outono. Mas ali estava eu. Provavelmente nem me deixariam vê-lo.

Mas, depois de uma olhada na ficha dele, a enfermeira-chefe me deu autorização.

— Mas ele pode estar dormindo.

— Alguma ideia sobre a…? — Eu dei uma batidinha na cabeça.

— Função mental? Bem… ele conseguiu nos dizer o nome dele.

Isso parecia um bom sinal.

Ele estava mesmo dormindo. Com os olhos fechados e a luz do sol de fim de tarde no rosto, a ideia de que ele tivesse sido o acompanhante de Linda Gray, quatro anos antes, era ainda mais ridícula. Ele parecia ter uns cem anos, talvez cento e vinte. E eu vi que não precisava ter levado as luvas. Alguém tinha feito um curativo nas mãos de Eddie, provavelmente depois de tratar a psoríase com alguma coisa um pouco mais poderosa do que o creme que ele usava. Olhar para aquelas ataduras grandes e brancas me fez sentir uma pena estranha e relutante.

Atravessei o quarto o mais silenciosamente que pude e coloquei as luvas no armário, onde estavam as roupas que ele estava usando quando fora levado. Isso me deixou apenas com a outra coisa: uma foto que estava presa à parede de sua cabaninha apertada e com cheiro de tabaco, ao lado de um calendário amarelado de dois anos antes. A foto mostrava Eddie e uma mulher de aparência comum de pé no quintal cheio de ervas daninhas de uma casa qualquer. Eddie parecia ter uns vinte e cinco anos. Estava com o braço por cima dos ombros da mulher. Ela sorria para ele. E, maravilha das maravilhas, ele sorria para ela.

Havia uma mesa de rodinhas ao lado da cama, com uma jarra de plástico e um copo em cima. Achei isso meio idiota; com as mãos enroladas em ataduras como estavam, ele não conseguiria se servir de nada por algum tempo. Mesmo assim, a jarra poderia ter uma utilidade. Apoiei a foto nela para que ele a visse quando acordasse. Depois de fazer isso, me virei para a porta.

Eu estava quase lá quando ele falou em uma voz sussurrada, bem diferente do som arrastado e mal-humorado de sempre:

— Garoto.

Voltei, desanimado, para o lado da cama. Havia uma cadeira no canto, mas eu não tinha intenção de pegá-la e me sentar.

— Como está se sentindo, Eddie?

— Não sei dizer. Difícil respirar. Me enrolaram todo.

— Eu trouxe suas luvas, mas vi que eles já…

Indiquei as mãos com ataduras.

— É. — Ele inspirou. — Se alguma coisa boa sair disso, talvez eles deem um jeito nas minhas mãos. Coçam o tempo todo, as duas. — Ele olhou para a foto. — Por que você trouxe isso? E o que foi fazer na minha casinha de cachorro?

— Lane me mandou botar suas luvas lá. Eu botei, mas depois pensei que você podia querer. E talvez quisesse a foto. Talvez ela seja alguém para quem você queira que Fred Dean ligue.

— Corinne? — Ele deu uma risada debochada. — Está morta há vinte anos. Me sirva água, garoto. Estou seco como bosta de cachorro de dez anos atrás.

Eu coloquei água no copo e o segurei para ele, e até limpei o canto da boca com o lençol quando ele babou. Era bem mais intimidade do que eu queria, mas não pareceu tão ruim quando lembrei que tinha feito boca a boca no filho da mãe poucas horas antes.

Ele não me agradeceu, nunca agradecia. O que ele disse foi:

— Segure essa foto.

Fiz o que ele pediu. Eddie a olhou fixamente por vários segundos e suspirou.

— Piranha infeliz e fofoqueira. Largar Corinne para entrar no Royal American Shows foi a coisa mais inteligente que já fiz.

Uma lágrima tremeu no canto de seu olho esquerdo, hesitou e desceu pela bochecha dele.

— Quer que eu leve a foto de volta e prenda na sua casinha de cachorro, Eddie?

— Não, pode deixar. Nós tivemos um bebê, sabia? Uma garotinha.

— É?

— É. Ela foi atropelada. Tinha três anos e morreu como um cachorro na rua. Aquela piranha infeliz estava tagarelando no telefone em vez de tomar conta dela. — Ele virou o rosto e fechou os olhos. — Ande, vá embora. Falar dói, e estou cansado. Tem um elefante sentado no meu peito.

— Tudo bem. Se cuide.

Ele fez uma careta, sem abrir os olhos.

— Que piada. Como é que posso me cuidar? Você tem alguma ideia? Eu não sei. Não tenho parentes, não tenho amigos, não tenho poupança, não tenho plano de saúde. O que vou fazer agora?

— Vai dar tudo certo — afirmei, sem jeito.

— Claro, nos filmes sempre dá. Vá, se mande.

Dessa vez, eu estava na porta quando ele falou de novo.

— Você devia ter me deixado morrer, garoto. — disse Eddie, sem melodrama, apenas como uma observação. — Eu poderia estar com a minha garotinha.

Quando voltei ao saguão do hospital, parei subitamente, na dúvida se estava vendo quem eu achava que estava vendo. Mas era ela mesma, com mais um daqueles seus incontáveis romances complexos aberto na frente do rosto. Esse se chamava *The Dissertation*.

— Annie.

Ela ergueu o rosto, a princípio com cautela, depois sorriu ao me reconhecer.

— Dev! O que está fazendo aqui?

— Visitando um cara do parque. Ele teve um ataque cardíaco hoje.

— Ah, meu Deus, lamento. Ele vai ficar bem?

Ela não me convidou a sentar ao lado dela, mas me sentei mesmo assim. Eu tinha ficado abalado com a visita a Eddie de formas que não compreendia, e meus nervos estavam em frangalhos. Não era infelicidade nem era sofrimento. Era uma raiva estranha e aleatória que tinha alguma coisa a ver com o gosto ruim de jalapeño que permanecia em minha boca. E com Wendy, só Deus sabia por quê. Era irritante saber que eu não a havia esquecido ainda. Um braço quebrado teria se curado mais rápido.

— Não sei. Não falei com um médico. *Mike* está bem?

— Está, viemos só para uma consulta de rotina. Para fazer uma radiografia do tórax e um hemograma completo. Por causa da pneumonia, sabe. Graças a Deus ele se curou. Exceto pela

tosse que não passa, Mike está bem.

Ela ainda estava segurando o livro aberto, o que provavelmente queria dizer que desejava que eu fosse embora, e isso me deixou com mais raiva. Lembre-se de que aquele foi o ano em que *todo mundo* queria que eu fosse embora, até o cara cuja vida eu salvara.

E deve ter sido por isso que falei:

— *Mike* não acha que está bem. Então em quem devo acreditar, Annie?

Os olhos dela se arregalaram de surpresa e se tornaram distantes.

— Não ligo para em quem ou em que você acredita, Devin. Não é da sua conta.

— É, sim.

Essas palavras vieram de trás de nós. Mike tinha se aproximado em sua cadeira. Não era do tipo motorizada, o que significava que ele girara as rodas com as mãos. Ele era um garoto forte, com ou sem tosse. Mas tinha abotoado a camisa errado.

Annie se virou para ele, surpresa.

— O que está fazendo aqui? Devia ter deixado a enfermeira…

— Falei para ela que conseguia vir sozinho e ela disse que tudo bem. É só virar uma vez à esquerda e duas à direita da radiologia até aqui, sabia? Não sou cego, só estou quase morr…

— O sr. Jones veio visitar um amigo, Mike.

Então eu tinha sido rebaixado a sr. Jones. Ela fechou o livro com força e ficou de pé.

— Ele deve estar ansioso para voltar para casa, e tenho certeza de que você deve estar cans…

— Quero que ele leve a gente ao parque. — Mike falou calmamente, mas a voz soou alta o bastante para fazer as pessoas ao redor olharem. — *Nós.*

— Mike, você sabe que não…

— A Joyland. A *Joy*… land. — Ainda calmo, mas falando mais alto. Agora, todo mundo estava olhando. As bochechas de Annie ficaram vermelhas. — Quero que vocês dois me levem. — A voz dele ficou ainda mais alta. — *Quero que vocês me levem a Joyland antes de eu morrer.*

Ela cobriu a boca com a mão. Seus olhos estavam enormes. As palavras dela, quando saíram, estavam abafadas, mas compreensíveis.

— Mike… você não vai *morrer*, quem falou… — Ela se virou para mim: — Tenho que agradecer a você por botar essa ideia na cabeça dele?

— É claro que não.

Eu estava muito consciente de que nossa plateia estava aumentando e agora incluía duas enfermeiras e um médico de uniforme azul, mas não me importei. Eu ainda estava com raiva.

— Foi *ele* quem *me* falou. Por que está surpresa, se sabe sobre as intuições dele?

Aquela foi minha tarde de provocar lágrimas. Primeiro, Eddie, depois, Annie. Já Mike estava com os olhos secos e parecia tão furioso quanto eu. Mas não disse nada quando ela segurou os apoios da cadeira de rodas, virou e o levou para a porta. Pensei que fossem se chocar contra o vidro, mas o sistema automático abriu bem na hora.

Deixe os dois irem, pensei, mas estava cansado de deixar as mulheres irem embora. Estava cansado de deixar as coisas acontecerem comigo e depois me sentir mal por elas.

Uma enfermeira se aproximou.

— Está tudo bem?

— Não — respondi, e os segui.

♥

Annie tinha parado no estacionamento adjacente ao hospital, onde uma placa dizia DUAS FILEIRAS RESERVADAS PARA DEFICIENTES. Vi que ela dirigia uma van, com bastante espaço para a cadeira de rodas dobrada atrás. Ela havia aberto a porta do passageiro, mas Mike estava se recusando a sair da cadeira. Estava segurando nos braços do equipamento com toda a força, as mãos completamente brancas.

— Entre! — gritou ela para ele.

Mike balançou a cabeça sem olhá-la.

— *Entre, droga!*

Dessa vez, ele nem se deu o trabalho de balançar a cabeça.

Ela o segurou e puxou. A cadeira de rodas estava com o freio acionado e se inclinou para a frente. Eu a segurei bem a tempo de impedir que virasse e derrubasse os dois dentro da van pela porta aberta.

O cabelo de Annie caíra no rosto, e os olhos que espiavam entre os fios estavam loucos. Eram quase os olhos de um cavalo irrequieto em uma tempestade.

— *Solte! É tudo culpa sua! Eu não devia…*

— Pare — falei.

Segurei os ombros dela. Havia vãos fundos, e os ossos pareciam perto demais da pele. *Ela anda ocupada demais enchendo o filho de calorias para se preocupar consigo mesma*, pensei.

— *ME SOLT…*

— Eu não quero tirá-lo de você. Annie, essa é a última coisa que eu quero.

Ela parou de lutar. Com cautela, eu a soltei. O romance que ela estava lendo caíra no chão, na confusão. Eu me inclinei, peguei o livro e o coloquei no bolso atrás da cadeira de rodas.

— Mãe. — Mike segurou a mão dela. — Não tem que ser nosso último momento feliz.

Então eu entendi. Mesmo antes de os ombros dela caírem e o choro começar, eu entendi. Não era medo de eu colocá-lo em algum brinquedo rápido e maluco e da explosão de adrenalina matá-lo. Não era medo de um estranho roubar aquele coração avariado que ela amava tanto. Era uma espécie de crença atávica — uma crença *materna* — de que, se eles nunca começassem a fazer certas últimas coisas, a vida continuaria como estava, com vitaminas matinais ao fim da passarela, tardes com a pipa na praia, em uma espécie de verão infinito. Só que agora era outubro, e a praia estava deserta. Os gritos felizes dos adolescentes na Thunderball e as criancinhas descendo pelo toboágua do Splash & Crash tinham sumido, e o ar esfriava com a passagem dos dias. Nenhum verão é infinito.

Ela cobriu o rosto com as mãos e se sentou no banco do passageiro da van. Era alto demais, e ela quase escorregou. Eu a segurei e firmei. Acho que ela nem percebeu.

— Vá, leve Mike — disse ela. — Não estou nem aí. Leve-o para pular de paraquedas, se quiser. Só não esperem que eu faça parte dessa… *aventura de meninos*.

— Não posso ir sem você — falou Mike.

Isso a fez baixar as mãos e olhar para ele.

— Michael, você é tudo o que eu tenho. Entende isso?

— Entendo — disse ele. Mike segurou uma das mãos dela com suas duas. — E você é tudo o que *eu* tenho.

Vi no rosto de Annie que aquela ideia nunca tinha passado realmente por sua cabeça.

— Me ajude a entrar — pediu Mike. — Vocês dois, por favor.

Quando ele estava acomodado (não me lembro de colocar o cinto de segurança em Mike, então talvez naquela época ainda não ligassem tanto para cintos de segurança), fechei a porta e fui para a frente da van com ela.

— A cadeira dele — disse Annie distraidamente. — Preciso pegar a cadeira dele.

— Eu guardo. Sente-se atrás do volante e se prepare para dirigir. Respire fundo algumas vezes.

Ela me deixou ajudá-la a entrar. Eu a segurei acima do cotovelo, e minha mão conseguiu envolver o braço inteiro. Pensei em dizer que ela não podia viver só de romances complexos, mas mudei de ideia. Ela já tinha passado por muita coisa naquela tarde.

Dobrei a cadeira de rodas e a coloquei no bagageiro, demorando mais do que precisava, dando a ela tempo para se recompor. Quando voltei para o lado do motorista, esperava que a janela estivesse fechada, mas ainda estava aberta. Ela havia secado os olhos e o nariz e ajeitado um pouco o cabelo.

— Ele não pode ir sem você, e eu também não — falei.

Ela falou comigo como se Mike não estivesse do lado, ouvindo.

— Tenho tanto medo por ele, o tempo todo. Ele vê muitas coisas, e várias delas o magoam. Os pesadelos são sobre isso, eu sei. Ele é um garoto tão bom... Por que não pode se curar? Por que isso? *Por quê?*

— Não sei — respondi.

Ela se virou para beijar a bochecha de Mike. Depois se voltou para mim. Respirou fundo e soltou o ar.

— E então, quando vamos?

O retorno do rei com certeza não era tão complexo quanto *The Dissertation*, mas naquela noite eu não teria conseguido ler nem *O gato do chapéu*. Depois de comer espaguete em lata no jantar (ignorando as indiretas da sra. Shoplaw de que algumas pessoas jovens pareciam determinadas a maltratar o corpo), fui para o quarto e fiquei sentado em frente à janela, olhando para a escuridão e ouvindo o quebrar ritmado das ondas.

Estava quase cochilando quando a sra. S. bateu de leve na porta e disse:

— Ligação para você, Dev. É um garotinho.

Desci até a sala apressadamente porque só conseguia pensar em um garotinho que poderia me ligar.

— Mike?

Ele falou com voz baixa.

— Minha mãe está dormindo. Disse que estava cansada.

— Aposto que estava — respondi, pensando em como tínhamos nos voltado contra ela.

— Sei que fizemos isso — disse Mike, como se eu tivesse pensado em voz alta. — Foi necessário.

— Mike… você consegue ler pensamentos? Está lendo os meus?

— Não sei, na verdade. Às vezes, eu vejo e ouço coisas, só isso. E às vezes tenho ideias. Foi ideia minha vir para a casa do vovô. Mamãe disse que ele nunca deixaria, mas eu sabia que sim. O que eu tenho, essa coisa especial, acho que veio dele. Ele cura pessoas, sabe? Às vezes ele finge, mas às vezes é de verdade.

— Por que você ligou, Mike?

Ele ficou mais animado.

— Por causa de Joyland! Podemos mesmo ir no carrossel e na roda-gigante?

— Tenho quase certeza de que sim.

— Atirar no tiro ao alvo?

— Talvez. Se sua mãe disser que pode. Tudo isso depende da aprovação dela. Isso quer dizer…

— Eu sei o que quer dizer. — Sua voz era impaciente. Mas a empolgação infantil voltou: — É tão incrível!

— Nenhum dos brinquedos rápidos. Estamos combinados? Primeiro, porque estão fechados por causa do inverno. — A Carolina Spin também estava, mas, com a ajuda de Lane Hardy, não demoraríamos nem quarenta minutos para fazê-la funcionar. — Além disso…

— É, eu sei, meu coração. A roda-gigante já seria o bastante. Dá para ver lá da praia, sabe. Do alto, deve ser como ver o mundo da minha pipa.

Eu sorri.

— É mais ou menos assim mesmo. Mas lembre, só se sua mãe disser que pode. É ela quem manda.

— A gente *vai* lá por ela. Ela vai saber quando a gente chegar. — Ele falou com uma estranha certeza. — E por você, Dev. Mas, principalmente, pela garota. Ela está lá há tempo demais. Ela quer ir embora.

Meu queixo caiu, mas não havia perigo de babar; minha boca ficou completamente seca.

— Como…? — Só saiu um grunhido. Engoli em seco. — Como você sabe sobre ela?

— Não sei, mas acho que foi por ela que eu vim. Eu falei para você que não é branco?

— Falou, mas disse que não sabia o que queria dizer. Já sabe agora?

— Não. — Ele começou a tossir. Eu esperei. Quando melhorou, ele falou: — Tenho que ir. Minha mãe está acordando do cochilo. Agora vai passar metade da noite acordada, lendo.

— É?

— É. Espero mesmo que ela me deixe ir na roda-gigante.

— O nome é Carolina Spin, mas as pessoas que trabalham lá chamam de guindaste. — Algumas pessoas, como Eddie, chamavam de guindaste dos patetas, mas não falei isso. — O pessoal de Joyland tem tipo uma língua secreta. Essa palavra faz parte dela.

— O guindaste. Vou lembrar. Tchau, Dev.

O telefone estalou em meu ouvido.

♥

Dessa vez, foi Fred Dean quem teve um ataque cardíaco.

Estava caído na rampa que levava à Carolina Spin, o rosto azul e contorcido. Eu me ajoelhei ao lado dele e comecei as compressões no peito. Quando isso não deu resultado, me inclinei para a frente, apertei as narinas e encostei meus lábios nos dele. Senti algo tocando meus dentes e língua. Afastei-me e vi uma onda negra de pequenas aranhas saindo da boca de Fred.

Acordei com metade do corpo para fora da cama, enrolado nas cobertas como uma múmia, o coração disparado, as mãos sobre a boca. Demorei vários segundos para perceber que não havia nada lá. Mesmo assim, me levantei, fui ao banheiro e bebi dois copos de água. Posso ter tido sonhos piores do que aquele que me acordou às três da madrugada daquela terça-feira, mas, se tive, não lembro. Rearrumei a cama e me deitei, convencido de que não conseguiria mais dormir naquela noite. Mas estava quase pegando no sono de novo quando me ocorreu que todo aquele sentimentalismo compartilhado na saída do hospital, no dia anterior, talvez tivesse sido por nada.

Claro que Joyland tinha o maior prazer em tomar providências para acomodar os retardados, os mancos e os cegos — que agora chamamos de "crianças com necessidades especiais" — durante a temporada de funcionamento, mas a temporada tinha acabado. Será que o seguro indubitavelmente caro do parque ainda ofereceria cobertura se alguma coisa acontecesse a Mike Ross em outubro? Eu já imaginava Fred Dean balançando a cabeça quando eu fizesse o pedido e dizendo que lamentava, mas…

Estava frio naquela manhã, com uma brisa forte, então fui de carro para o parque e estacionei ao lado da picape de Lane. Cheguei cedo, e os nossos eram os únicos veículos no Estacionamento A, que era grande o bastante para quinhentos carros. Folhas caídas rolavam pelo asfalto, produzindo um som de insetos que me fez lembrar as aranhas do sonho.

Lane estava sentado em uma cadeira de praia em frente à barraca de Madame Fortuna (que logo seria desmontada e guardada pelo período de inverno), comendo um *bagel* com uma camada generosa de cream cheese. O chapéu estava inclinado no ângulo de sempre, e havia um cigarro preso atrás da orelha. A única novidade era a jaqueta jeans que estava usando. Outro sinal, caso eu precisasse de um, de que nosso veranico tinha acabado.

— Jonesinho, Jonesinho, todo sozinho. Quer um *bagel*? Tenho mais.

— Claro — respondi. — Posso falar com você sobre uma coisa enquanto comemos?

— Veio confessar seus pecados, é? Sente-se, filho.

Ele apontou para a lateral da cabana, onde havia mais duas cadeiras de praia dobradas e encostadas na parede.

— Nenhum pecado — falei, abrindo uma das cadeiras. Eu me sentei e peguei o saco marrom que ele ofereceu. — Mas fiz uma promessa, e agora estou com medo de não conseguir cumprir.

Contei a ele sobre Mike e que eu tinha convencido sua mãe a deixá-lo ir ao parque, e que não fora uma tarefa fácil, considerando o estado emocional frágil dela. Terminei contando que tinha acordado no meio da noite convencido de que Fred Dean jamais permitiria. A única coisa que não mencionei foi o sonho que realmente me despertara.

— E então — disse Lane quando terminei. — Ela é gata? A mãe?

— Bem… é. É, sim. Mas não é por isso…

Ele deu um tapinha em meu ombro e abriu um sorriso condescendente que eu preferia não ter visto.

— Não diga mais nada, Jonesy, não diga mais nada.

— Lane, ela é dez anos mais velha do que eu!

— Tudo bem, e, se eu ganhasse um dólar para cada gata com quem saí que era dez anos mais *nova*, poderia pagar um prato de filé-mignon no Hanratty's, em Heaven's Bay. A idade é só um número, meu filho.

— Fantástico. Obrigado pela aula de aritmética. Agora me fale se fiz merda quando falei para o garoto que ele podia vir ao parque andar na Spin e no carrossel.

— Você fez merda — disse ele, e perdi as esperanças. Então ele ergueu um dedo. — *Mas.*

— Mas?

— Você já marcou a data desse pequeno passeio?

— Não exatamente. Eu estava pensando na quinta.

Antes de Erin e Tom chegarem, em outras palavras.

— Quinta não dá. Nem sexta. O garoto e a mãe gata ainda vão estar aqui semana que vem?

— Acho que sim, mas…

— Então marque para segunda ou terça.

— Por que esperar?

— O jornal.

Ele me olhou como se eu fosse o maior idiota do mundo.

— Jornal...?

— O jornal da cidade. Sai na quinta. Quando seu pequeno feito de ter salvado outra vida sair na primeira página, você vai ser o garoto de ouro de Fred Dean.

Lane jogou o resto do *bagel* na lixeira mais próxima — cesta de dois pontos — e ergueu as mãos, como se emoldurasse uma manchete de jornal.

— "Venham a Joyland! Além de vendermos diversão, nós salvamos vidas!" — Ele sorriu e inclinou o chapéu para o outro lado. — É publicidade valiosíssima. Fred vai ter mais um débito com você. Confie e agradeça.

— Como o jornal descobriria? Não imagino Eddie Parks contando.

E, se contasse, providenciaria para que citassem no primeiro parágrafo o fato de que quase quebrei sua caixa torácica.

Lane revirou os olhos.

— Vivo esquecendo que você chegou há pouco tempo nesta parte do mundo. Os únicos artigos interessantes naquele jornal porcaria são a página policial e a de chamadas da ambulância. Mas a de chamadas da ambulância vive vazia. Como favor especial a você, Jonesy, vou até o escritório do *Banner*, no horário de almoço, para contar aos caipiras seu ato de heroísmo. Vão mandar na hora alguém para entrevistar você.

— Eu não quero…

— Ah, caramba, um escoteiro com medalha de mérito em modéstia. Me poupe. Você quer que o garoto passeie no parque, não quer?

— Quero.

— Então dê a entrevista. E abra um belo sorriso para a câmera.

E, se posso dar uma adiantada na história, foi exatamente o que fiz.

Enquanto dobrava minha cadeira, Lane disse:

— Freddy Dean poderia até mandar o seguro à merda e resolver arriscar de qualquer jeito, sabe? Não parece, mas ele também tem alma de parque. O pai era um apresentador de voz grossa no circuito de parques itinerantes. Freddy me contou uma vez que o pai carregava um rolo de Michigan grande o bastante para fazer um cavalo engasgar.

Eu entendia o que era ser um apresentador de voz grossa no circuito de parques itinerantes, mas não fazia ideia do que era um rolo de Michigan. Lane riu quando perguntei.

— É um bolo de notas. Duas de vinte por fora, e o resto do rolinho de dinheiro todo de notas de um ou de papel verde cortado. Era um bom truque para conseguir umas gorjetas. Mas não é isso que importa para Freddy.

Ele ajeitou o chapéu.

— E o que importa?

— O pessoal que trabalha em parques tem uma fraqueza por meninas bonitas de saias curtas e crianças sem sorte. E também são bem alérgicos às regras dos caipiras. O que inclui toda a baboseira financeira.

— Então talvez eu não precise…

Ele ergueu as mãos para me interromper.

— Melhor não ter que descobrir. Dê a entrevista.

O fotógrafo do *Banner* me pôs na frente da Thunderball. Fiz uma careta ao ver a foto. Eu saí com os olhos meio fechados e cara de idiota, mas serviu ao propósito; o jornal estava na mesa de Fred quando fui vê-lo na sexta-feira de manhã. Ele hesitou e ficou na dúvida, mas acabou aceitando meu pedido, desde que Lane prometesse nos acompanhar durante todo o tempo em que o garoto e a mãe estivessem no parque.

Lane concordou sem hesitar, sem ficar na dúvida. Disse que queria ver minha namorada e caiu na gargalhada quando comecei a protestar.

Mais tarde, contei a Annie Ross que havia marcado um passeio no parque para a manhã da terça seguinte, se o tempo estivesse bom, ou se não estivesse, para quarta ou quinta. E prendi a respiração.

Houve uma longa pausa seguida de um suspiro.

Então ela disse que tudo bem.

Foi uma sexta-feira agitada. Saí cedo do parque, dirigi até Wilmington e estava esperando quando Tom e Erin desceram do trem. Erin correu por toda a plataforma, se jogou em meus braços e me beijou nas bochechas e na ponta do nariz. Era uma delícia abraçá-la, mas é

impossível confundir beijos fraternos com qualquer outra coisa. Soltei-a e permiti que Tom me puxasse para um abraço forte, batendo em minhas costas. Parecia que não nos víamos havia cinco anos em vez de cinco semanas. Eu era um trabalhador braçal agora, e, ainda que usasse minha melhor calça de sarja e minha melhor camisa, era isso que eu parecia ser. Mesmo com a calça jeans suja de graxa e a cãobertura desbotada pelo sol guardadas no armário do quarto na casa da sra. S., era o que eu parecia ser.

— É tão bom rever você! — disse Erin. — Meu Deus, que bronzeado!

Eu dei de ombros.

— O que posso dizer? Estou trabalhando na província mais ao norte da Riviera dos Matutos.

— Você tomou a decisão certa — afirmou Tom. — Eu jamais pensei que fosse achar isso, quando você disse que não ia voltar para a faculdade, mas tomou a decisão certa. Talvez *eu* devesse ter ficado em Joyland.

Ele sorriu daquele jeito sagaz e atraente capaz de seduzir pássaros a descerem das árvores, mas isso não disfarçou a sombra que perpassou seu rosto. Ele jamais poderia ter ficado em Joyland, não depois que entramos no trem fantasma.

Eles passaram o fim de semana na Pensão Litorânea da sra. Shoplaw (a sra. S. ficou feliz em recebê-los, e Tina Ackerley ficou feliz em vê-los), e nós cinco fizemos um piquenique hilário e meio embriagado na praia, com uma fogueira para nos aquecer. Mas, na tarde de sábado, quando chegou a hora de Erin compartilhar comigo as tais informações perturbadoras, Tom declarou sua intenção de dar uma surra em Tina e na sra. S. no Scrabble nos deixou sozinhos. Decidi que, se Annie e Mike estivessem no fim da passarela, eu apresentaria Erin a eles. Mas o dia estava frio, o vento marítimo soprava gelado, e a mesa de piquenique ao final da passarela estava vazia. Até o guarda-sol tinha sumido, já removido e guardado para a época de inverno.

Em Joyland, os quatro estacionamentos estariam vazios se não fosse pela pequena frota de picapes de serviço. Erin, usando um pesado suéter de gola alta e calças de lã, carregando uma pasta fina e profissional com suas iniciais gravadas, ergueu as sobrancelhas quando peguei meu chaveiro e usei a maior chave para abrir o portão.

— Ah — disse ela. — Você é um deles agora.

Isso me constrangeu. Não ficamos todos constrangidos (mesmo sem saber por quê) quando alguém diz que somos um *deles*?

— Não exatamente. Tenho a chave do portão para o caso de chegar aqui antes dos outros, ou ser o último a sair, mas só Fred e Lane têm todas as Chaves do Reino.

Ela riu como se eu tivesse dito algo engraçado e falou:

— A chave do portão é a chave do reino na minha opinião. — Então ela ficou séria e me olhou atentamente. — Você parece mais velho, Devin. Tive essa impressão antes mesmo de descermos do trem, quando vi você esperando na plataforma. Agora sei por quê. Você foi trabalhar e nós voltamos para a Terra do Nunca para brincar com os Garotos Perdidos. Aqueles que vão acabar usando ternos da Brooks Brothers com diplomas de mestrado no bolso.

Eu apontei para a pasta.

— Isso combinaria com um terno da Brooks Brothers… se a loja fizesse ternos para mulheres, claro.

Ela suspirou.

— Foi presente dos meus pais. Meu pai quer que eu seja advogada, como ele. Ainda não arrumei coragem para dizer que quero ser fotógrafa autônoma. Ele vai ter um ataque.

Andamos pela Joyland Avenue em silêncio, exceto pelo estalar das folhas caídas, que soavam como ossos chacoalhando. Ela olhou para os brinquedos cobertos, para o chafariz seco, para os cavalos paralisados no carrossel, para o palco vazio na deserta Vila Wiggle-Waggle.

— É meio triste ver isso tudo assim. Me faz pensar sobre o fim das coisas. — Ela me analisou. — Nós vimos o jornal. A sra. Shoplaw fez questão de deixar um no nosso quarto. Você fez de novo.

— Eddie? Eu só estava no lugar certo.

Tínhamos chegado à barraca de Madame Fortuna. As cadeiras ainda estavam encostadas na parede. Abri duas e fiz sinal para Erin se sentar. Sentei-me ao lado dela e peguei uma garrafa de Old Log Cabin no bolso do casaco.

— Uísque barato, mas afasta o frio.

Com uma expressão divertida, ela tomou um golinho. Também tomei um, tampei a garrafa e a guardei no bolso. A cinquenta metros, na Joyland Avenue, nossa avenida principal, eu via a entrada postiça do Horror House e as letras verdes escorrendo: ENTRE, SE TIVER CORAGEM.

A mão pequena de Erin segurou meu ombro com uma força surpreendente.

— Você salvou o velho filho da mãe. Salvou mesmo. Aceite o crédito.

Eu sorri e me lembrei de Lane dizendo que eu tinha uma medalha de mérito em modéstia. Talvez; aceitar o crédito pelas coisas não era um dos meus pontos fortes naquela época.

— Ele vai sobreviver?

— Provavelmente. Freddy Dean conversou com alguns médicos que disseram blá-blá-blá, o paciente precisa parar de fumar, blá-blá-blá, o paciente precisa parar de comer frituras, blá-blá-blá, o paciente precisa começar a fazer exercícios regularmente.

— Até consigo imaginar Eddie Parks correndo — disse Erin.

— Aham, com um cigarro na boca e um saco de torresmo na mão.

Ela riu. O vento soprou seu cabelo ao redor do rosto. Com o suéter pesado e a calça cinza séria, ela não estava parecendo muito aquela beleza bronzeada que correra por Joyland em um vestidinho verde, abrindo aquele belo sorriso-Erin e convencendo as pessoas a deixarem que ela tirasse uma foto com a câmera ultrapassada.

— O que você tem para mim? O que descobriu?

Ela abriu a pasta e pegou um envelope.

— Você tem certeza absoluta de que quer se envolver com isso? Porque não acho que você vá ouvir tudo, dizer “Elementar, minha cara Erin” e cuspir o nome do assassino, como Sherlock Holmes.

Se eu precisava de alguma evidência de que não era Sherlock Holmes, minha ideia maluca de que Eddie Parks poderia ser o chamado Assassino do Trem Fantasma era suficiente. Pensei em contar a ela que eu estava mais interessado em ajudar a vítima a descansar do que em pegar o assassino, mas teria parecido loucura, mesmo considerando a experiência de Tom.

— Também não estou esperando que isso aconteça.

— A propósito, você me deve quase quarenta dólares que gastei com empréstimos de livros em bibliotecas.

— Tudo bem.
Ela me cutucou nas costelas.
— É melhor mesmo. Não estou trabalhando e estudando porque acho divertido.
Ela colocou a pasta entre os pés e abriu o envelope. Vi fotocópias, duas ou três páginas de anotações datilografadas e algumas fotos brilhosas que pareciam as que os Bobs compravam das Garotas de Hollywood.
— Certo, vamos lá. Comecei com o artigo do *News and Courier,* de Charleston, que você citou. — Ela me entregou uma das fotocópias. — É um artigo de domingo, cinco mil palavras de especulação e talvez oitocentas de informação de verdade. Leia depois, se quiser, vou resumir os pontos importantes. Foram quatro garotas. Cinco, se você contar com *ela*.
Ela apontou para o Horror House.
— A primeira foi Delight Mowbray, DeeDee para as amigas. De Waycross, Geórgia. Branca, vinte e um anos. Dois ou três dias antes de morrer, ela contou para uma amiga próxima, Jasmine Withers, que tinha um novo namorado, mais velho e muito bonito. Ela foi encontrada em uma trilha na margem do pântano Okefenokee, no dia 31 de agosto de 1961, nove dias depois de desaparecer. Se o cara tivesse levado a garota para dentro do pântano, mesmo que só um pouquinho, talvez ela tivesse ficado bem mais tempo desaparecida.
— Talvez nem fosse encontrada — comentei. — Um corpo deixado lá teria sido isca para jacaré em vinte minutos.
— Nojento, mas verdade. — Ela me entregou outra fotocópia. — Este é o artigo do *Journal-Herald*, de Waycross.
Havia uma foto. Mostrava um policial sério segurando um molde de gesso de marcas de pneus.
— A teoria é de que ele largou o corpo no lugar onde cortou a garganta. As marcas de pneus foram feitas por uma picape, pelo que diz o artigo.
— Largou o corpo como se fosse lixo — falei.
— Também nojento, mas também verdade.
Ela me entregou outra fotocópia de um recorte de jornal.
— Aqui está a número dois. Claudine Sharp, de Rocky Mount, bem aqui na Carolina do Norte. Branca, vinte e três anos. Encontrada morta em um cinema local. Dia 2 de agosto de 1963. O filme que estava passando era *Lawrence da Arábia*, que por acaso é bem longo e bem barulhento. O sujeito que escreveu o artigo cita “uma fonte policial anônima” que teria dito que o cara deve ter cortado a garganta dela durante uma das cenas de batalha. Pura especulação, claro. Ele deixou uma camisa suja de sangue e luvas, e deve ter saído usando a camisa que tinha colocado por baixo.
— Só pode ser o mesmo cara que matou Linda Gray — comentei. — Você não acha?
— É o que parece. A polícia interrogou todos os amigos, mas Claudine não tinha dito nada sobre um novo namorado.
— Nem com quem ia ao cinema naquela noite? Nem para os pais?
Erin me lançou um olhar paciente.
— Ela tinha vinte e três anos, Dev, não catorze. Morava do outro lado da cidade. Trabalhava em uma farmácia e tinha um apartamentinho em cima.

— Você descobriu isso tudo em um artigo de jornal?

— Claro que não. Também fiz algumas ligações. Praticamente gastei os dedos de tanto discar, se quer saber. Você também me deve pelas ligações interurbanas. Volto a falar de Claudine Sharp depois. Por enquanto, vamos em frente. A vítima número três, segundo o artigo do *News and Courier*, foi uma garota de Santee, Carolina do Sul. Agora, estamos em 1965. Eva Longbottom, dezenove anos. Negra. Desapareceu no dia 4 de julho. O corpo foi encontrado nove dias depois por dois pescadores, caído na margem norte do rio Santee. Estuprada e com uma facada no coração. As outras não eram negras nem tinham sido estupradas. Você pode colocá-la na lista do Assassino do Trem Fantasma, se quiser, mas eu tenho minhas dúvidas. E a última vítima antes de Linda Gray foi essa...

Ela me entregou o que só podia ser uma foto de anuário de ensino médio de uma garota bonita, de cabelo dourado. Daquele tipo que é capitã das líderes de torcida, rainha do baile, que namora o *quarterback* do time de futebol americano… e *mesmo assim* todo mundo gosta dela.

— Darlene Stamnacher. Provavelmente teria mudado o sobrenome se tivesse ido trabalhar no cinema, o que era seu objetivo declarado. Branca, dezenove anos. De Maxton, Carolina do Norte. Desapareceu no dia 29 de junho de 1967. Encontrada em dois dias, depois de uma busca intensa, dentro de um abrigo de beira de estrada, nas áreas remotas cheias de pinheiros, ao sul de Elrod. Garganta cortada.

— Nossa, ela é linda. Não tinha namorado?

— Uma garota bonita assim, e você ainda pergunta? A polícia foi primeiro atrás dele, só que o rapaz não estava na cidade. Ele e três amigos tinham ido acampar em Blue Ridge, e todos os três confirmaram. A não ser que pudesse voar, não foi ele.

— E depois veio Linda Gray — falei. — A número cinco. Quer dizer, se é que todas foram assassinadas pelo mesmo cara.

Erin ergueu um dedo professoral.

— E são apenas cinco se todas as vítimas do cara tiverem sido encontradas. Pode ter havido outras em 1962, 1964, 1966… você entendeu.

O vento soprou, gemendo ao passar por entre a armação da Spin.

— Agora, as coisas que me perturbam — disse Erin… como se cinco garotas mortas não fosse perturbador o bastante.

Ela tirou outra fotocópia do envelope. Era um folheto — um berro, no Colóquio — anunciando algo chamado *Show de mil maravilhas de Manly Wellman*. Mostrava dois palhaços segurando um pergaminho com uma lista das maravilhas, e uma delas era A MELHOR COLEÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DE **BIZARRICES**! E **ESTRANHEZAS**! Havia também brinquedos, jogos, diversão para as crianças e O TREM FANTASMA MAIS ASSUSTADOR DO MUNDO!

Entre, se tiver coragem, pensei.

— Você conseguiu isto em uma biblioteca? — perguntei.

— Sim. Cheguei à conclusão de que se consegue qualquer coisa em bibliotecas se estiver disposto a pesquisar. Ou talvez eu devesse dizer “se apurar o ouvido”, porque é a maior rede de fofocas do mundo. Esse anúncio apareceu no *Journal-Herald* de Waycross. Foi publicado na primeira semana de agosto de 1961.

— O parque itinerante de Wellman estava em Waycross quando a primeira garota desapareceu?

— O nome dela era DeeDee Mowbray, e não, já tinha seguido em frente naquela época. Mas estava lá quando DeeDee contou para a amiga que tinha um novo namorado. Agora, olhe isso. É do *Telegram*, de Rocky Mount. Foi publicado por uma semana, em julho de 1963. Acho que nem preciso comentar.

Era outro anúncio de página inteira falando do *Show de mil maravilhas de Manly Wellman*. Os mesmos dois palhaços segurando o mesmo pergaminho, mas, dois anos depois da parada em Waycross, eles também prometiam um jogo de bingo com um prêmio de dez mil dólares, e a palavra *bizarrices* tinha desaparecido.

— O show estava na cidade quando a garota Sharp foi assassinada no cinema?

— Partiu no dia anterior. — Ela indicou o fim da página. — Você só precisa olhar as datas, Dev.

Eu não estava tão familiarizado com a linha do tempo quanto ela, mas não me dei o trabalho de me defender.

— E a terceira garota? Longbottom?

— Não encontrei nada sobre um parque itinerante na área de Santee, e não teria mesmo encontrado nada sobre o show de Wellman, porque ele acabou no outono de 1964. Descobri isso no *Outdoor Trade and Industry*. Até onde eu ou qualquer uma das minhas muitas ajudantes bibliotecárias conseguimos descobrir, essa é a única revista que publica notícias sobre parques fixos e itinerantes.

— Meu Deus, Erin, você deveria esquecer a fotografia e encontrar um escritor ou produtor de filmes rico. Para ser contratada como assistente de pesquisas.

— Eu prefiro tirar fotos. Pesquisa parece demais com trabalho. Mas não perca o fio da meada, Devin. Não havia parque itinerante na área de Santee, verdade, mas o assassinato de Eva Longbottom não se parece com os outros quatro. Não para mim. Não teve estupro nos outros, lembra?

— Que você saiba. Os jornais são evasivos com essas coisas.

— Isso é verdade, eles dizem molestada ou abusada sexualmente em vez de estuprada, mas sempre passam a informação, pode acreditar.

— E Darlene Shoemaker? Tinha algum…?

— *Stamnacher*. Essas garotas foram assassinadas, Dev, o mínimo que você pode fazer é acertar o nome delas.

— Eu vou acertar. Me dê um tempo.

Ela segurou minha mão.

— Desculpe. Estou despejando tudo em você de uma vez, não estou? Tive semanas para pensar no assunto.

— E pensou?

— Pensei. É bem horrível.

Erin tinha razão. Quando a gente lê um livro ou assiste a um filme de mistério, consegue passar tranquilamente por pilhas de cadáveres, interessado apenas em descobrir se foi o mordomo ou a madrasta. Mas aquelas tinham sido jovens reais. Provavelmente corvos

arrancaram a carne delas; vermes infestaram os olhos e se contorceram pelo nariz até a massa cinzenta no cérebro.

— Havia algum parque na área de Maxton quando a garota Stamnacher foi morta?

— Não, mas havia uma quermesse prestes a começar em Lumberton, a cidade mais próxima. Aqui.

Ela me entregou outra fotocópia, essa anunciando a Quermesse de Verão de Robeson County. Mais uma vez, Erin indicou o papel, agora chamando minha atenção para uma linha que dizia 50 ATRAÇÕES **SEGURAS** OFERECIDAS PELA SOUTHERN STAR AMUSEMENTS.

— Também pesquisei a Southern Star na revista *Outdoor Trade and Industry*. A empresa existe desde a Segunda Guerra Mundial. A sede é em Birmingham, e eles viajam por todo o sul montando brinquedos. Nada grandioso como a Thunderball ou a Delirium Shaker, mas um monte de espeluncas básicas e gente para cuidar delas.

Tive que sorrir ao ouvir isso. Ao que parecia, ela não tinha esquecido o Colóquio. Espeluncas básicas eram os brinquedos que podiam ser montados e desmontados com facilidade. Se você já andou nas xícaras ou em um minhocão, já andou em uma espelunca básica.

— Liguei para o chefe da Southern Star. Disse que tinha trabalhado em Joyland no verão e estava fazendo um trabalho sobre a indústria da diversão para a aula de sociologia. E talvez eu faça mesmo, na verdade. Depois de tudo isso, seria moleza. Ele me contou o que eu já tinha imaginado, que há um fluxo muito grande nessa linha de trabalho. Ele não tinha como me dizer, sem pesquisar, se eles tinham contratado alguém do show de Wellman, mas falou que era provável, um faz-tudo aqui, um controlador de brinquedos ali, talvez um apresentador ou dois. Então, o cara que matou DeeDee e Claudine podia estar naquela feira, e Darlene Stamnacher pode ter encontrado com ele. A feira ainda não estava oficialmente aberta, mas muita gente da cidade vai para a área para ver a montagem dos brinquedos. — Ela me encarou. — E acho que foi isso que aconteceu.

— Erin, esse padrão de ter parques nas áreas está no artigo que o *News and Courier* publicou depois que Linda Gray foi morta? Ou talvez eu deva chamar de padrão da diversão.

— Não. Posso tomar outro gole da sua garrafa? Estou com frio.

— Podemos entrar…

— Não, é esse papo de assassinato que me deixa com frio. Toda vez que repasso a história.

Dei a garrafa a ela, e, depois que Erin tomou um gole, eu também tomei um.

— Talvez *você* seja Sherlock Holmes — comentei. — E a polícia? Você acha que eles deixaram passar?

— Não tenho certeza, mas... acho que sim. Se isso fosse um programa policial da TV, teria um velho inteligente, no estilo tenente Columbo, que olharia o todo e ligaria as partes, mas acho que não existem muitos caras assim na vida real. Além do mais, é difícil ver o todo porque está espalhado em três estados e oito anos. Uma coisa de que você pode ter certeza é que, se ele já trabalhou em Joyland, foi embora faz tempo. Tenho certeza de que o entra e sai de pessoal em um parque de diversões não é tão grande quanto o de uma companhia itinerante como a Southern Star Amusements, mas ainda tem muita gente indo e vindo.

Disso eu sabia por experiência própria. Apresentadores e controladores são pessoas bastante nômades, e os bicos iam e vinham como a maré.

— Esta é a outra coisa que me perturba — disse ela e me entregou a pequena pilha de fotos 20x25. Impresso na borda branca, embaixo de cada uma, havia FOTO TIRADA POR SUA "GAROTA DE HOLLYWOOD" DE JOYLAND.

Dei uma olhada nas imagens e quis outro gole de uísque, então me dei conta do que eram: fotos mostrando Linda Gray e o homem que a matara.

— Meu Deus, Erin, essas não são fotos de jornal. Onde você conseguiu?

— Com Brenda Rafferty. Precisei puxar um pouco o saco dela, dizer quanto ela havia sido uma boa mãe para todas nós, Garotas de Hollywood, mas no final ela concordou. São impressões novas feitas dos negativos que ela guardava nos arquivos pessoais e me emprestou. Aqui tem uma coisa interessante, Dev. Está vendo o que a garota Gray está usando no cabelo?

— Estou.

Uma faixa de cabelo, como a sra. Shoplaw tinha chamado. Uma faixa *azul*.

— Brenda disse que mancharam essa parte das fotos que distribuíram para os jornais. Pensaram que ajudaria a pegar o cara, mas não ajudou.

— E o que perturba você?

Todas aquelas fotos me perturbavam, pelo amor de Deus, até aquelas em que Gray e o homem estavam só passando ao fundo, reconhecíveis apenas pela blusa sem mangas e pela faixa de cabelo dela e pelo boné e os óculos escuros dele. Só duas mostravam claramente Linda Gray e o assassino. A primeira mostrava os dois nas Whirly Cups, ele com a mão pousada com toda a naturalidade no traseiro de Gray. Na outra, a melhor de todas, eles estavam no tiro ao alvo Annie Oakley. Mas em nenhuma das imagens o rosto do homem estava realmente visível. Eu poderia passar por ele na rua e não reconhecer.

Erin pegou a foto das Whirly Cups.

— Olhe a mão dele.

— É, a tatuagem. Estou vendo, e a sra. Shoplaw tinha comentado. O que você acha que é? Um falcão ou uma águia?

— Acho que é uma águia, mas não importa.

— Não mesmo?

— Não mesmo. Lembra que falei que voltaria a Claudine Sharp? Uma jovem que teve a garganta cortada no cinema, ainda mais durante *Lawrence da Arábia*, claro que foi uma grande notícia em uma cidade pequena como Rocky Mount. O *Telegram* publicou matérias sobre o assunto por quase um mês. A polícia só conseguiu uma única pista, Dev. Uma garota com quem Claudine tinha estudado a viu na bonbonnière e disse oi. Claudine respondeu. A garota disse que tinha um homem de óculos escuros e boné ao lado dela, mas não achou que ele estivesse com Claudine porque era bem mais velho. Ela só reparou nele por estar usando óculos escuros em um cinema… e porque ele tinha uma tatuagem na mão.

— O pássaro.

— Não, Dev. Era uma cruz cóptica. Assim. — Ela pegou outra fotocópia e me mostrou. — A garota falou para a polícia que, quando viu, achou que fosse um tipo de símbolo nazista.

Olhei para a cruz. Era elegante, mas não se parecia em nada com um pássaro.

— Duas tatuagens, uma em cada mão — falei por fim. — O pássaro em uma, a cruz na outra.

Ela balançou a cabeça e me passou a foto das Whirly Cups de novo.

— Em que mão ele tem o pássaro?

Ele estava de pé à esquerda de Linda Gray, envolvendo a cintura dela. A mão apoiada no traseiro…

— Na direita.

— Sim. Mas a garota que o viu no cinema disse que a *cruz* ficava na direita.

Eu pensei a respeito.

— Ela cometeu um erro, só isso. Testemunhas erram o tempo todo.

— É verdade. Meu pai poderia passar um dia inteiro falando sobre o assunto. Mas olhe, Dev.

Erin me entregou a foto do tiro ao alvo, a melhor de todas porque eles não estavam apenas no pano de fundo. Uma Garota de Hollywood tinha visto os dois, reparado na pose bonitinha e tirado a foto na esperança de vendê-la. Só que o cara deu um passa-fora nela. Um passa-fora *grosseiro*, de acordo com a sra. Shoplaw. Isso me fez lembrar como ela descrevera a foto: *Ele encostadinho nela, quadril com quadril, mostrando como segurar a espingarda, como os homens sempre fazem*. A versão vista pela sra. S. teria sido uma reimpressão indistinta de jornal, granulada. Aquela era a original, tão intensa e límpida que quase parecia que eu podia entrar na foto e avisar a garota Gray. Ele *estava* encostadinho nela, com a mão sobre a dela no cano da arma de calibre .22, ajudando-a a mirar.

Era a mão *esquerda* dele. E não havia tatuagem alguma.

— Você está vendo, não está? — perguntou Erin.

— Não tem nada para ver.

— Essa é a questão, Dev. É exatamente essa a questão.

— Você está dizendo que foram dois caras diferentes? Que o da cruz na mão matou Claudine Sharp e *outro* cara, o do pássaro na mão, matou Linda Gray? Parece improvável.

— Concordo totalmente.

— Então o que você sugere?

— Pensei ter visto algo em uma das fotos, mas não tinha certeza, então levei a impressão e o negativo para um estudante chamado Phil Hendron. Ele é um gênio da sala escura, praticamente mora no Departamento de Fotografia. Sabe aquelas câmeras Speed Graphic pesadas que carregávamos?

— Claro.

— Eram mais para causar efeito, garotas bonitas carregando câmeras ultrapassadas, mas Phil diz que elas são incríveis. Dá para fazer muita coisa com os negativos. Por exemplo…

Erin me entregou uma ampliação da foto das Whirly Cups. O alvo da Garota de Hollywood era um casal jovem com uma criancinha entre eles, mas naquela versão ampliada o casal quase nem aparecia. Agora, Linda Gray e seu namorado assassino estavam no centro da imagem.

— Olhe para a mão dele, Dev. Olhe para a tatuagem!

Eu olhei e franzi a testa.

— É meio difícil de ver — reclamei. — A mão está mais borrada do que o resto.

— Acho que não.

Dessa vez, segurei a foto perto dos olhos.

— Está… Meu Deus, Erin. É a tinta? Escorrendo? Um pouquinho?

Ela abriu um sorriso triunfante.

— Julho de 1969. Uma noite quente em Dixie. Quase todo mundo estava suando baldes. Se você não acredita em mim, olhe algumas das outras fotos e repare nas marcas de transpiração. Além do mais, ele tinha mais um motivo para estar suando, não tinha? Estava com um assassinato em mente. Um assassinato arriscado, ainda por cima.

— Ah, merda. Pirate Pete's — murmurei.

Ela apontou o indicador para mim.

— Bingo.

Pirate Pete's era a loja de suvenir em frente ao Splash & Crash, que exibia orgulhosamente uma bandeira pirata no telhado. Dentro, dava para comprar coisas típicas: camisetas, canecas, toalhas e até roupa de banho, se seu filho tivesse esquecido, tudo com o logotipo de Joyland. Havia também uma bancada onde dava para comprar uma grande variedade de tatuagens falsas. Eram decalques. Se você não se achasse capaz de aplicar sozinho, o Pirata Pete (ou um de seus asseclas novatos) aplicaria por um pequeno adicional.

Erin estava assentindo.

— Duvido que ele tenha comprado lá, isso teria sido muita burrice, e esse cara não é burro, mas tenho certeza de que não é tatuagem de verdade. Assim como a cruz cóptica que a garota viu naquele cinema de Rocky Mount também não devia ser. — Ela se inclinou para a frente e segurou meu braço. — Sabe o que eu acho? Que ele faz porque chama atenção. As pessoas reparam em tatuagens, e todo o resto apenas…

Ela indicou as formas indistintas que eram o tema central da foto antes de o amigo dela em Bard ampliá-la.

— Todas as outras características dele viram pano de fundo.

— É. Depois, ele só apaga a tatuagem.

— A polícia sabe?

— Não faço ideia. Você poderia dizer para eles. Eu não, porque vou voltar para a faculdade. Mas não sei se eles ligariam depois de tanto tempo.

Mexi nas fotos de novo. Eu tinha certeza de que Erin realmente descobrira alguma coisa, embora eu duvidasse que aquilo, por si só, pudesse levar à captura do Assassino do Trem Fantasma. Mas havia algo mais nas fotos. *Alguma coisa.* Sabe quando uma palavra fica na ponta da língua, mas você não consegue lembrar? Era essa a sensação.

— Houve mais algum assassinato como esses cinco, ou quatro, se excluirmos Eva Longbottom, depois de Linda Gray? Você verificou?

— Eu tentei. A resposta curta é que eu acho que não, mas não posso ter certeza. Li sobre uns cinquenta assassinatos de garotas e mulheres, pelo menos cinquenta, e não descobri nada que se encaixasse nos parâmetros. — Ela pontuou cada um. — Sempre no verão. Sempre depois de um encontro com um homem mais velho desconhecido. Sempre a garganta cortada. E sempre com alguma ligação com parq…

— Oi, crianças.

Nós erguemos o rosto, assustados. Era Fred Dean. Usava camisa de golfe, calça larga vermelha e um boné de aba comprida com COUNTRY CLUB DE HEAVEN'S BAY bordado na frente. Eu estava bem mais acostumado a vê-lo de terno, quando a maior informalidade era puxar a gravata e abrir o

botão de cima de sua camisa Van Heusen. Vestido para jogar golfe, ele parecia absurdamente jovem. Exceto pelas costeletas grisalhas, claro.

— Oi, sr. Dean — cumprimentou Erin, ficando de pé. A maior parte da papelada e algumas das fotos ainda estavam em uma das mãos dela. O envelope estava na outra. — Não sei se o senhor se lembra de mim…

— É claro que lembro — disse ele, aproximando-se. — Eu nunca me esqueço de uma Garota de Hollywood, mas às vezes confundo os nomes. Você é Ashley ou Jerri?

Ela sorriu, colocou a papelada no envelope e a entregou para mim. Guardei também as fotos que eu ainda segurava.

— Sou Erin.

— É claro. Erin Cook. — Fred me deu uma piscadela, o que foi ainda mais estranho do que vê-lo com aquela antiquada calça de golfe. — Você tem excelente gosto para moças, Jonesy.

— Tenho, não é?

Pareceu complicado demais contar para ele que Erin era, na verdade, namorada de Tom Kennedy. Fred provavelmente não se lembraria de Tom, pois nunca o vira de vestidinho verde e saltos altos.

— Passei para pegar os livros de contabilidade. Está chegando a data do pagamento bimestral à receita. É um saco. Aproveitando a visita, Erin?

— Sim, senhor, muito.

— Vai voltar ano que vem?

Ela pareceu um pouco constrangida, mas não fugiu da verdade.

— Provavelmente não.

— Tudo bem, mas, se mudar de ideia, tenho certeza de que Brenda Rafferty encontra lugar para você. — Ele voltou a atenção para mim. — Esse garoto que você quer trazer ao parque, Jonesy. Já marcou uma data com a mãe?

— Terça. Quarta ou quinta se estiver chovendo. O garoto não pode pegar chuva.

Erin estava me olhando com curiosidade.

— Aconselho você a manter a data de terça — disse Fred. — Tem uma tempestade chegando na costa. Não é um furacão, graças a Deus, mas alguma agitação tropical. Dizem que haverá muita chuva e ventos intensos. Deve chegar no meio da manhã de quarta.

— Tudo bem — respondi. — Obrigado pela dica.

— Foi bom ver você de novo, Erin.

Ele tocou no boné em um cumprimento e saiu andando na direção dos fundos do parque.

Erin esperou até que ele estivesse longe para dar risadinhas.

— Que *calça* era aquela? Você reparou na *calça*?

— Reparei. Muito louca.

Mas eu não ri da calça. Nem dele. De acordo com Lane, Fred Dean mantinha Joyland funcionando com cuspe, fio de arame e fazendo mágica na contabilidade. Sendo esse o caso, eu achava que ele podia usar quantas calças de golfe quisesse. E pelo menos não era xadrez.

— O que foi esse papo de trazer um garoto para o parque?

— É uma longa história. Conto na caminhada de volta.

E contei, dando preferência para a versão do escoteiro com medalha de mérito em modéstia e deixando de fora a grande discussão no hospital. Erin ouviu sem interromper e só fez uma pergunta quando chegamos aos degraus que levavam da areia da praia de volta à rua.

— Me fale a verdade, Dev. A mãe é bonita?

Não paravam de me perguntar isso.

Naquela noite, Tom e Erin foram ao Surfer Joe's, um bar com música onde eles tinham passado mais do que algumas noites de folga durante o verão. Tom me convidou para ir junto, mas fiz uso do velho ditado de que três é demais. Além disso, eu duvidava que eles fossem encontrar o mesmo ambiente agitado e festeiro. Em cidades como Heaven's Bay, há uma grande diferença entre julho e outubro. Em meu papel de irmão mais velho, até falei isso.

— Você não entende, Dev — disse Tom. — Eu e Erin não *procuramos* diversão. Nós *proporcionamos* diversão. Foi o que aprendemos no verão passado.

De qualquer modo, ouvi os dois subindo a escada cedo e quase sóbrios, pelo barulho que fizeram. Mas houve sussurros e risadinhas abafadas, sons que me fizeram sentir um pouco solitário. Não por causa de Wendy, mas com vontade de ter *alguém*. Em retrospectiva, acho que isso foi até um avanço.

Li as anotações de Erin quando eles saíram, mas não encontrei nada de novo. Larguei os papéis, depois de quinze minutos, e voltei para as fotos, imagens nítidas em preto e branco TIRADAS POR SUA "GAROTA DE HOLLYWOOD" DE JOYLAND. Primeiro, só fui passando as fotos; depois, me sentei no chão e as espalhei em um quadrado, movendo-as de um ponto a outro como alguém que tenta montar um quebra-cabeça. E acho que era exatamente o que eu estava fazendo.

Erin estava perturbada por aquela ligação dos assassinatos com parques itinerantes e pelas tatuagens que deviam ser falsas. Essas coisas também me perturbavam, mas havia algo mais. Algo que eu não conseguia identificar. Era enlouquecedor, porque eu sentia que estava bem na minha cara. Finalmente, guardei todas as fotos no envelope, menos duas. As duas principais. Ergui as imagens, olhei primeiro para uma e depois para a outra.

Linda Gray e seu assassino na fila das Whirly Cups.

Linda Gray e seu assassino no tiro ao alvo.

Não se preocupe com a porcaria da tatuagem, falei para mim mesmo. *Não é isso. É outra coisa.*

Mas o que mais poderia ser? Os óculos escuros escondiam os olhos dele. O cavanhaque disfarçava a parte de baixo do rosto, e a aba levemente torta do boné lançava uma sombra sobre a testa e as sobrancelhas. O logotipo no boné mostrava um bagre espiando por um grande C vermelho, a marca de um time pequeno da Carolina do Sul, chamado Mudcats. Dezenas de bonés dos Mudcats passavam pelo parque todos os dias, no auge da estação, tantos que os chamávamos de peixeturas em vez de cãoberturas. O filho da mãe não poderia ter escolhido um boné mais anônimo, o que, sem dúvida, foi a intenção.

Fiquei intercalando entre a foto das Whirly Cups e a do tiro ao alvo. Por fim, coloquei-as no envelope e o joguei na mesinha. Fiquei lendo até Tom e Erin voltarem e depois fui para a cama.

Talvez a ficha caia de manhã, pensei. *Vou acordar e dizer*: *"Ah, merda, claro"*.

O som das ondas me ninou. Sonhei que estava na praia com Annie e Mike. Annie e eu estávamos com os pés na água, os braços ao redor um do outro, vendo Mike soltar pipa. Ele estava soltando a linha e correndo atrás da pipa. Podia correr porque não havia nada de errado com ele. Estava ótimo. Eu só tinha sonhado com aquela história de distrofia muscular de Duchenne.

Acordei cedo porque tinha me esquecido de baixar a persiana. Fui até o envelope, peguei as duas fotos e olhei na primeira luz do dia, certo de que encontraria a resposta.

Mas não a encontrei.

Uma coincidência nos horários permitira que Tom e Erin viajassem juntos de Nova Jersey até a Carolina do Norte, mas, quando se trata de horários de trem, coincidência é exceção, não regra. O único trecho que eles fizeram juntos, no domingo, foi o de Heaven's Bay até Wilmington, no meu Ford. O trem de Erin partiu para Nova York e Annandale-on-Hudson duas horas antes de o Coastal Express de Tom levá-lo de volta a Nova Jersey.

Coloquei um cheque no bolso do casaco dela.

— Empréstimos nas bibliotecas e interurbanos.

Ela pegou, olhou para a quantia e tentou devolver.

— Oitenta dólares é muito, Dev.

— Considerando tudo o que você descobriu, nem é o bastante. Aceite, tenente Columbo.

Ela riu, guardou o cheque no bolso e me deu um beijo de despedida, outro selinho fraternal, nada como o beijo daquela noite no fim do verão. Passou bem mais tempo se despedindo de Tom. Promessas foram feitas sobre passar o Dia de Ação de Graças na casa dos pais de Tom, no oeste da Pensilvânia. Dava para ver que ele não queria soltá-la, mas, quando os alto-falantes anunciaram a última chamada para Richmond, Baltimore, Wilkes-Barre e outras paradas ao norte, ele finalmente a soltou.

Quando Erin partiu, Tom e eu andamos pela rua e jantamos em um restaurante especializado em costela que não era muito ruim. Eu estava contemplando as opções de sobremesa quando ele limpou a garganta e disse:

— Escute, Dev.

Alguma coisa na voz dele me fez erguer o rosto rápido. Suas bochechas estavam até mais vermelhas do que o habitual. Coloquei o cardápio na mesa.

— Essas coisas que você pediu para Erin fazer… acho que deveriam parar. Ela está ficando perturbada e acho que anda negligenciando os estudos. — Ele riu, olhou pela janela para o movimento da estação de trem e depois para mim. — Pareço mais pai dela do que namorado, não é?

— Você parece preocupado, só isso. Porque você gosta dela.

— *Gosto* dela? Amigo, eu estou completamente apaixonado. Ela é a coisa mais importante da minha vida. Mas não estou falando isso por ciúmes. Não quero que você tenha essa impressão. A questão é a seguinte: se ela pedir transferência e quiser manter a bolsa de estudos, não pode deixar as notas caírem. Você entende, não entende?

Sim, eu entendia. Também entendia outra coisa, mesmo que Tom não entendesse. Ele a queria longe de Joyland, tanto física quanto mentalmente, porque ele vivera uma experiência que não conseguia compreender. E nem queria, o que, na minha opinião, fazia dele um tolo. Aquela onda insistente de inveja surgiu em mim de novo e fez meu estômago se contrair ao redor da comida que estava tentando digerir.

Eu sorri — foi difícil, não vou mentir — e falei:

— Mensagem recebida. No que me diz respeito, nosso pequeno projeto de pesquisa acabou.

Pode relaxar, Thomas. Pode parar de pensar no que aconteceu no Horror House. E no que você viu lá.

— Que bom. Ainda somos amigos, certo?

Eu estendi a mão por cima da mesa.

— Amigos até o fim — respondi.

Nós apertamos as mãos.

O Palco de Histórias da Vila Wiggle-Waggle tinha três imagens de fundo: o castelo do Príncipe Encantado, o pé de feijão mágico de João e um céu noturno estrelado com a Carolina Spin delineada em vermelho-néon. Os três tinham desbotado com o sol do verão. Eu estava na pequena área atrás do palco, na segunda de manhã, retocando cada um (e torcendo para não estragá-los, eu não era nenhum Van Gogh), quando um dos bicos de meio período chegou com uma mensagem de Fred Dean. Ele queria que eu fosse a seu escritório.

Andei até lá um tanto nervoso, me perguntando se receberia uma advertência por ter levado Erin ao parque no sábado. Fiquei surpreso de encontrar Fred vestindo não um terno nem o traje casual de golfe, mas calça jeans e camiseta de Joyland surradas, com as mangas curtas dobradas para exibir os músculos. Ele estava usando uma bandana estampada na cabeça. Não parecia um contador nem o chefe dos funcionários do parque. Parecia um controlador de brinquedo.

Ele percebeu minha surpresa e sorriu.

— Gostou da roupa? Admito que eu gosto. Era assim que eu me vestia quando trabalhava no show dos Blitz Brothers, no Meio-Oeste, nos anos 1950. Minha mãe gostava dos Blitzies, mas meu pai ficava horrorizado. E *ele* tinha alma de parque.

— Eu sei.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Sabe? As notícias se espalham, não é? Enfim, há muito a fazer esta tarde.

— É só me dar uma lista. Estou quase terminando de pintar os cenários do…

— De jeito nenhum, Jonesy. Você vai sair ao meio-dia hoje e só quero ver você de novo amanhã, às nove, quando vier com seus convidados. E não se preocupe com seu pagamento. Vou cuidar para que você não perca nada pelas horas de hoje.

— O que está acontecendo, Fred?

Ele abriu um sorriso que não consegui interpretar.

— É surpresa.

Aquela segunda-feira foi quente e ensolarada, e Annie e Mike estavam almoçando ao fim da passarela quando passei, indo de volta para Heaven's Bay. Milo me viu chegando e correu para me encontrar.

— Dev! — gritou Mike. — Venha comer um sanduíche! Temos um monte!

— Não, eu não devia…

— Nós insistimos — disse Annie. Então franziu a testa. — A não ser que você esteja doente ou algo do tipo. Não quero que Mike pegue nada.

— Eu estou bem, só fui dispensado cedo hoje. O sr. Dean, meu chefe, não quis me dizer por quê. Disse que era surpresa. Tem alguma coisa a ver com amanhã, eu acho. — Olhei para ela com certa ansiedade. — Tudo certo para amanhã, não é?

— Tudo certo. Quando eu me rendo, eu me rendo. Só que… não vamos cansá-lo. Vamos, Dev?

— *Mãe* — disse Mike.

Ela não prestou atenção.

— *Vamos?*

— Não, senhora.

Mas ver Fred Dean vestido como um funcionário comum do parque, com todos aqueles músculos inesperados à mostra, me deixara pouco à vontade. Eu tinha deixado claro para ele quanto a saúde de Mike era frágil? Eu achava que sim, mas…

— Então venha comer um sanduíche — convidou ela. — Espero que você goste de salada de ovo.

Não dormi bem na noite de segunda, meio convencido de que a tempestade tropical que Fred mencionara chegaria cedo e estragaria a ida de Mike ao parque, mas a terça-feira amanheceu sem nuvens. Desci até a sala e liguei a TV a tempo de pegar a previsão do tempo das 6h45 na WECT. A tempestade ainda estava vindo, mas, por enquanto, só havia atingido a costa da Flórida e da Geórgia. Eu esperava que o sr. Easterbrook tivesse levado as galochas.

— Você acordou cedo — disse a sra. Shoplaw, espiando da porta da cozinha. — Eu estava fazendo ovos mexidos com bacon. Venha comer um pouco.

— Não estou com tanta fome, sra. S.

— Besteira. Você ainda é um garoto em crescimento, Devin, e precisa comer. Erin me falou o que você planejou para hoje, e acho que está fazendo uma coisa incrível. Vai dar tudo certo.

— Espero que a senhora esteja certa — falei, mas fiquei pensando em Fred Dean e nas roupas de trabalho. Fred, que me mandara cedo para casa. Fred, que tinha uma surpresa planejada.

Tínhamos deixado tudo combinado no almoço do dia anterior, e, quando entrei com meu carro velho na garagem da casa vitoriana verde, às oito e meia da manhã de terça, Annie e Mike estavam prontos para ir. Milo também.

— Tem certeza de que ninguém vai se importar se nós o levarmos? — perguntara Mike na segunda-feira. — Não quero ter problemas.

— Cães de serviço são permitidos em Joyland — eu respondi —, e Milo vai ser um cão de serviço. Não vai, Milo?

Milo inclinou a cabeça, parecendo não saber o que era um cão de serviço.

Naquele dia, Mike estava usando órteses enormes e barulhentas. Fui ajudá-lo a chegar à van, mas ele me dispensou e avançou sozinho. Foi preciso muito esforço, e fiquei esperando por um ataque de tosse, mas não aconteceu. Ele estava quase saltitando de empolgação. Annie, parecendo ter pernas impossivelmente longas em uma calça jeans Lee Riders, me entregou a chave da van.

— Você dirige. — E, baixando a voz para Mike não ouvir: — Estou nervosa demais para isso.

Eu também estava nervoso. Eu a havia pressionado a fazer aquilo, afinal. Tivera ajuda de Mike, verdade, mas eu era o adulto. Se alguma coisa desse errado, a culpa seria minha. Eu não era muito de rezar, mas, enquanto colocava as muletas e a cadeira de rodas de Mike na parte de trás da van, pedi para que desse tudo certo. Depois saí de ré, virei na Beach Drive e passei pelo outdoor anunciando TRAGA SEUS FILHOS A JOYLAND PARA A MAIOR DIVERSÃO DA VIDA DELES!

Annie estava no banco do passageiro, e nunca a achei tão bonita quanto naquela manhã de outubro, com a calça jeans surrada, um suéter leve, e o cabelo preso com um pedaço de fita azul.

— Obrigada, Dev — disse ela. — Só espero que a gente esteja fazendo a coisa certa.

— Estamos — falei, tentando soar mais confiante do que me sentia. Porque, agora que era pra valer, eu tinha minhas dúvidas.

O letreiro de Joyland estava aceso. Foi a primeira coisa em que reparei. A segunda foi que as músicas alegres que tocavam durante o verão estavam soando nos alto-falantes: uma sequência de sucessos do fim dos anos 1960 e começo dos anos 1970. Eu pretendia parar em uma das vagas para deficientes no Estacionamento A, que ficava a quinze metros da entrada do parque, mas, antes que eu fizesse isso, Fred Dean apareceu no portão aberto e fez sinal para seguirmos para lá. Naquele dia, ele não estava usando um terno qualquer, mas o de três peças que guardava para alguma celebridade ocasional que pagasse pelo tour VIP. O terno eu já tinha visto, mas nunca a cartola preta de seda, como aquelas que diplomatas usavam em filmagens antigas de noticiário.

— Isso é comum? — perguntou Annie.

— Claro — respondi, um pouco perdido. Nada daquilo era comum.

Dirigi até a Joyland Avenue e estacionei ao lado do banco na entrada da Vila Wiggle-Waggle, onde o sr. Easterbrook se sentara quando fiz Howie pela primeira vez.

Mike queria sair da van como entrara: sozinho. Fiquei por perto, pronto para segurá-lo caso perdesse o equilíbrio, enquanto Annie tirava a cadeira de rodas da parte de trás do carro. Milo ficou sentado a meus pés, balançando o rabo, com as orelhas em pé e os olhos brilhando.

Quando Annie veio empurrando a cadeira de rodas, Fred se aproximou em uma nuvem de loção pós-barba. Ele estava… resplandecente. Não há outra palavra. Tirou a cartola, fez uma reverência para ela e estendeu a mão.

— Esta deve ser a mãe de Mike.

Tenha em mente que falar com uma mulher de estado civil indefinido não era simples naquela época, e, por mais nervoso que eu estivesse, parei um momento para admirar a destreza com que ele evitara usar senhorita ou senhora.

— Sou — disse ela.

Não sei se Annie ficou perturbada pelo jeito cortês de Fred ou pelo contraste com que estavam vestidos; ela com trajes casuais de quem vai a um parque de diversões, ele com trajes formais de quem recebe uma visita importante. Só sei que ela estava perturbada. Mas apertou a mão dele.

— E este jovem…

— … é Michael. — Ele estendeu a mão para o garoto de olhos arregalados, de pé em seus apoios de aço. — Obrigado por nos visitar hoje.

— De nada… quer dizer, eu que agradeço. Obrigado por nos receber. — Mike apertou a mão de Fred. — Este lugar é *enorme*.

Claro que não era; a Disney é enorme. Mas, para um garoto de dez anos que nunca tinha ido a um parque de diversões, tinha mesmo que parecer enorme. Por um momento, consegui me colocar no lugar dele, enxergar tudo como se fosse novidade, e as dúvidas sobre tê-lo levado até lá sumiram.

Fred se inclinou para observar o terceiro integrante da família Ross, com as mãos apoiadas nos joelhos.

— E você é Milo!

Milo latiu.

— Sim — disse Fred —, e eu também tenho o maior prazer em conhecê-lo.

Ele esticou a mão e esperou que Milo levantasse a pata. Quando ele fez exatamente isso, Fred a apertou.

— Como você sabe o nome do nosso cachorro? — perguntou Annie. — Dev contou?

Fred se empertigou e sorriu.

— Não. Eu sei porque este é um lugar mágico, minha querida. Por exemplo.

Ele mostrou as mãos vazias e as levou às costas.

— Qual mão?

— Esquerda — disse Annie, entrando na brincadeira.

Fred mostrou a mão esquerda vazia.

Ela revirou os olhos e sorriu.

— Ah, a direita então.

Então a mão direita surgiu segurando uma dúzia de rosas. Rosas de verdade. Annie e Mike ofegaram. Eu também. Tantos anos depois, ainda não sei como ele fez aquilo.

— Joyland é para as crianças, minha querida, e como hoje Mike é a única criança aqui, o parque pertence a ele. Mas isto é para você.

Ela pegou as rosas, parecendo impressionada, e afundou o rosto nas flores, inspirando o aroma doce e vermelho.

— Eu guardo o buquê na van para você — ofereci.

Ela o segurou por mais um momento e o entregou para mim.

— Mike — disse Fred —, você sabe o que a gente vende aqui?

Ele pareceu inseguro.

— Brinquedos? Brinquedos e jogos?

— Nós vendemos *diversão*. Que tal aproveitarmos um pouco?

Eu me lembro do dia de Mike (e de Annie) no parque como se tivesse sido na semana passada, mas seria preciso um escritor muito mais talentoso do que eu para exprimir a *sensação* ou para explicar como aquele dia desfez o último laço que Wendy Keegan ainda tinha ao redor de meu coração e de minhas emoções. Só posso dizer o que você já sabe: alguns dias são preciosos. Não muitos, mas acho que em quase toda vida há alguns. Aquele foi um dos meus, e, quando estou triste, quando a vida me dá uma rasteira e tudo parece ruim e sem graça, como a Joyland Avenue em um dia chuvoso, eu volto a ele, ao menos para lembrar a mim mesmo que a vida nem sempre arranca nosso couro. Às vezes, ela oferece verdadeiros prêmios. Às vezes, são preciosos.

Claro que nem todos os brinquedos estavam funcionando, o que não foi um problema porque vários deles eram demais para Mike. No entanto, mais da metade do parque estava em funcionamento naquela manhã: as luzes, a música, até algumas barracas, nas quais meia dúzia de bicos vendia pipoca, batata frita, refrigerante, algodão-doce, cachorro-quente. Eu não fazia ideia de como Fred e Lane tinham preparado tudo aquilo em uma tarde, mas eles tinham.

Começamos na Wiggle-Waggle, onde Lane estava esperando ao lado da locomotiva do Choo-Choo Wiggle. Ele usava um chapéu de maquinista em vez do chapéu-coco, mas estava inclinado no mesmo ângulo casual. Claro.

— Todos a bordo! Este é o passeio que alegra crianças de montão, então subam a bordo com animação. Cachorros não pagarão, mães não pagarão, crianças têm que me ajudar na direção.

Ele apontou para Mike e para o banco do passageiro na locomotiva. Mike se ergueu da cadeira, se apoiou nas muletas e foi até lá. Annie se adiantou na direção dele.

— Não, mãe. Estou bem. Eu consigo.

Ele se equilibrou e foi até a locomotiva — um garoto de carne e osso com pernas de robô —, deixando que Lane o pusesse no banco do passageiro.

— Essa é a cordinha que faz o apito tocar? Posso puxar?

— É para isso que ela serve — respondeu Lane —, mas cuidado com os porcos nos trilhos. Tem um lobo na área, e eles morrem de medo dele.

Annie e eu nos sentamos em um dos vagões. Os olhos dela brilhavam. As bochechas estavam coradas. Os lábios, apesar de bem apertados, tremiam.

— Você está bem? — perguntei a ela.

— Sim. — Ela segurou minha mão, entrelaçou os dedos nos meus e apertou tanto que quase me machucou. — Sim. Sim. Sim.

— O caminho está livre! — gritou Lane. — Confirme isso, Michael!

— Confirmado!

— Temos que tomar cuidado com o que nos trilhos?

— Porcos!

— Garoto, você tem um estilo que me deixa com um sorriso. Puxe esse apito sem demora, e vamos embora!

Mike puxou a cordinha. O apito soou. Milo latiu. Os freios bufaram e o trem começou a andar.

O Choo-Choo Wiggle era um brinquedo para pirralhos, entende? Todos os brinquedos na Wiggle-Waggle eram para pirralhos, feitos para garotos e garotas entre três e sete anos. Mas leve em conta a pouca frequência com que Mike Ross saía para passear, principalmente depois da pneumonia no ano anterior, e quantos dias passara sentado com a mãe ao fim daquela passarela, ouvindo o ruído dos brinquedos e os gritos felizes ecoando pela praia, sabendo que não poderia vivenciar nada daquilo. O que ele vivenciaria seria a luta para respirar enquanto seus pulmões falhavam, mais tosse, uma incapacidade gradual de andar, mesmo com a ajuda das muletas e das órteses, e, por fim, ficar deitado na cama em que morreria, usando fralda por baixo do pijama e uma máscara de oxigênio no rosto.

A Vila Wiggle-Waggle ficava meio vazia sem novatos para fazer o papel de personagens de contos de fadas, mas Fred e Lane tinham reativado tudo que era mecânico: o pé de feijão mágico que subia do chão em uma explosão de vapor, a bruxa rindo em frente à casa feita de doces, o chá do Chapeleiro Maluco, o lobo com touca de dormir que se escondia atrás de uma das passarelas e pulava no trem quando ele passava. Quando fizemos a última curva, passamos por três casas que todas as crianças conhecem bem: uma de palha, uma de madeira e uma de tijolos.

— Cuidado com os porquinhos! — gritou Lane, e nessa hora eles apareceram nos trilhos, emitindo grunhidos amplificados.

Mike gargalhou e puxou a cordinha do apito. Como sempre, os porquinhos escaparam… por pouco.

Quando paramos na estação, Annie soltou minha mão e correu até a locomotiva.

— Você está bem, querido? Quer seu inalador?

— Não, estou bem. — Mike se virou para Lane: — Obrigado, senhor maquinista!

— Foi um prazer, Mike. — Ele esticou a mão com a palma para cima. — Bate na minha mão se você é pura animação.

Mike bateu, e com força. Duvido que ele já tivesse sentido tanta animação.

— Agora eu tenho que ir — disse Lane. — Hoje, sou um homem de muitos chapéus.

Ele me deu uma piscadela.

Annie vetou as Whirly Cups, mas deixou que Mike fosse no carrossel voador — embora tenha ficado apreensiva. Quando a cadeira subiu a nove metros do chão e começou a girar, ela segurou meu braço com ainda mais força do que tinha apertado minha mão, depois relaxou de novo quando o ouviu gargalhando.

— Meu Deus — disse ela —, olhe o *cabelo* dele! Como fica esvoaçando!

Ela estava sorrindo. Também estava chorando, mas não pareceu perceber. Também não pareceu perceber meu braço, que tinha envolvido a cintura dela.

Fred estava cuidando dos controles e sabia que era melhor manter o brinquedo na velocidade mediana em vez de fazê-lo funcionar a toda, o que teria colocado Mike em paralelo ao chão, sustentado apenas pela força centrífuga. Quando ele finalmente desceu do brinquedo, estava tonto demais para andar. Annie e eu seguramos seus braços e o guiamos até a cadeira de rodas. Fred carregou as muletas.

— Caramba — foi tudo o que Mike conseguiu dizer. — Caramba. Caramba.

As Dizzy Speedboats, que era um brinquedo terrestre apesar de ter “lanchas” no nome, vieram em seguida. Mike entrou com Milo em uma das lanchas de brinquedo, passeando pelo mar pintado no chão, os dois adorando. Annie e eu fomos em outra. Apesar de eu estar trabalhando em Joyland havia mais de quatro meses, nunca tinha entrado naquele brinquedo, e gritei na primeira vez em que mergulhamos na direção da lancha de Mike e Milo, desviando apenas no último segundo.

— *Seu banana!* — gritou Annie em meu ouvido.

Quando saímos, Mike estava respirando pesadamente, mas não tossia. Nós o levamos até o Hound Dog Way e compramos refrigerantes. O bico se recusou a pegar a nota de cinco que Annie ofereceu.

— É tudo por conta da casa hoje, senhora.

— Posso comer um cachorro-quente, mãe? E algodão-doce?

Ela franziu a testa, depois suspirou e deu de ombros.

— Tudo bem. Desde que você entenda que essas coisas ainda são proibidas, espertinho. Hoje é exceção. E chega de brinquedos rápidos.

Ele rolou a cadeira adiante até a barraca de cachorro-quente, com Milo ao lado. Annie se virou para mim.

— Não é uma questão de vitaminas, se é o que você está pensando. Se ele ficar enjoado, pode vomitar. E vomitar é perigoso para crianças na situação de Mike. Elas…

Eu a beijei, apenas roçando os lábios nos dela suavemente. Foi como engolir uma pequena gota de algo incrivelmente doce.

— Shh — falei. — Ele parece enjoado?

Ela arregalou os olhos. Por um instante, tive certeza de que ia me dar um tapa e sair andando. O dia seria arruinado por culpa da minha idiotice. Mas então ela sorriu, me olhando de um jeito curioso que me deu frio na barriga.

— Aposto que você faria melhor do que isso se tivesse chance.

Antes que eu pudesse pensar em uma resposta, ela saiu correndo atrás do filho. Não teria feito diferença se tivesse ficado, porque eu estava totalmente perplexo.

Annie, Mike e Milo lotaram um carrinho do Gondola Glide, um teleférico que atravessava o parque por cima, na diagonal. Fred Dean e eu seguimos embaixo deles em um dos carrinhos elétricos, com a cadeira de rodas de Mike na parte de trás.

— Ele parece um ótimo garoto — comentou Fred.

— Ele é, mas eu não esperava que você preparasse tudo isso.

— É por você, tanto quanto por ele. Você fez mais por este parque do que imagina, Dev. Quando falei para o sr. Easterbrook que queria caprichar, ele me deu carta branca.

— Você ligou para ele?

— Liguei, sim.

— Aquela coisa das rosas… como foi que você fez?

Fred ajeitou os punhos da camisa e fez uma expressão modesta.

— Um mágico nunca revela seus segredos. Você não sabe disso?

— Você fazia o truque do coelho na cartola quando trabalhava nos Blitz Brothers?

— Não, senhor, não fazia. Tudo o que fiz lá foi cuidar de brinquedos e atrair as pessoas que estavam passando. E, apesar de não ter carteira de motorista, também dirigi um caminhão em algumas ocasiões, quanto tivemos que sair rápido de um terreno ou outro no meio da noite.

— E onde você aprendeu mágica?

Fred estendeu a mão para minha orelha, puxou uma moeda de um dólar de trás dela e a colocou no meu colo.

— Por aí. É melhor acelerar um pouco, Jonesy. Eles estão na nossa frente.

Da Estação Skytop, onde o teleférico terminava, fomos para o carrossel. Lane Hardy estava esperando. Ele tinha tirado o boné de maquinista e estava novamente usando o chapéu-coco. Os alto-falantes do parque ainda tocavam rock'n'roll, mas, debaixo da cobertura larga e tremeluzente

do que era conhecido no Colóquio como gira-gira, o rock era abafado por um realejo tocando “A Bicycle Built for Two”. Era uma gravação antiga, mas ainda doce.

Antes que Mike pudesse subir na plataforma, Fred se apoiou em um joelho e o olhou com seriedade.

— Você não pode andar no gira-gira sem um boné de Joyland — disse ele. — Nós os chamamos de cãoberturas. Você tem um?

— Não — respondeu Mike.

Ele ainda não estava tossindo, mas já havia um leve indício de olheiras. Onde as bochechas não estavam vermelhas de agitação, ele estava pálido.

— Eu não sabia que tinha que…

Fred tirou a cartola, espiou dentro e a mostrou para nós. Estava vazia, como todas as cartolas de mágico têm que estar quando são exibidas para a plateia. Ele olhou de novo e sorriu.

— Ah!

Fred tirou dali uma cãobertura novinha e a colocou na cabeça de Mike.

— Perfeito! Agora, em que animal você quer montar? Em um cavalo? No unicórnio? Em Marva, a sereia? Em Leo, o leão?

— Sim, no leão, por favor! — gritou Mike. — Mãe, você vai no tigre ao meu lado!

— Pode apostar — falou ela. — Eu sempre quis montar em um tigre.

— Ei, campeão — disse Lane —, me deixe ajudar você a subir a rampa.

Enquanto ele fazia isso, Annie baixou a voz e falou com Fred.

— Não muito mais, está bem? O dia está ótimo, ele nunca vai esquecer, mas…

— Ele está murchando — disse Fred. — Eu entendo.

Annie montou no tigre de olhos verdes que rugia, ao lado do leão de Mike. Milo se sentou entre os dois, esboçando seu sorriso de cachorro. Quando o carrossel começou a girar, “A Bicycle Built for Two” deu lugar a “Twelfth Street Rag”. Fred pôs a mão em meu ombro.

— É melhor nos encontrar na Spin, que vai ser o último brinquedo dele, mas você precisa ir ao camarim primeiro. E vá correndo.

Comecei a perguntar por quê, mas me dei conta de que não precisava. Segui para a parte dos fundos do parque. E fui correndo mesmo.

Aquela manhã de terça-feira, em outubro de 1973, foi a última vez em que usei a fantasia. Eu a vesti no camarim e usei o Joyland Subterrâneo para voltar ao meio do parque, acelerando ao máximo um dos carrinhos elétricos, com a cabeça de Howie sacudindo sobre um dos ombros. Subi à superfície atrás da barraca de Madame Fortuna bem na hora. Lane estava empurrando a cadeira de rodas de Mike. Nenhum deles me viu; estavam olhando com o pescoço inclinado para a Carolina Spin. Mas Fred me viu. Eu ergui uma pata. Ele assentiu, se virou e ergueu a própria mão para acenar para quem quer que estivesse na pequena cabine de som acima do prédio de Serviço de Atendimento ao Cliente. Segundos depois, músicas do Howie começaram a sair de todos os alto-falantes. Primeiro foi Elvis cantando “Hound Dog”.

Pulei do meu esconderijo e comecei minha dança do Howie, que era uma espécie de sapateado malfeito. Mike ficou boquiaberto. Annie colocou as mãos nas têmporas, como se tivesse sido acometida por uma dor de cabeça monstruosa, depois começou a rir. Acredito que o que se seguiu foi uma de minhas melhores performances. Eu pulei e deslizei ao redor da cadeira de Mike, sem nem perceber que Milo estava fazendo a mesma coisa, só que na outra direção. "Hound Dog" deu lugar à versão dos Rolling Stones de "Walking the Dog". É uma música bem curta, o que foi bom, pois eu não tinha noção de quanto estava fora de forma.

Terminei abrindo bem os braços e gritando "Mike! Mike! Mike!". Foi a única vez em que Howie falou, e só posso dizer em minha defesa que soou mais como um latido.

Mike se levantou da cadeira, abriu os braços e caiu para a frente. Ele sabia que eu o seguraria, e foi o que fiz. Crianças com a metade da idade dele tinham me abraçado muitas vezes durante todo o verão, mas nenhuma vez foi tão boa. Só desejei poder virá-lo e apertá-lo como tinha feito com Hallie Stansfield e fazer com que sua doença fosse expelida como um pedaço de cachorro-quente.

Com o rosto afundado no pelo da fantasia, ele disse:

— Você é um ótimo Howie, Dev.

Esfreguei a cabeça dele com uma pata e derrubei o boné. Eu não podia responder, vestido de Howie — latir o nome dele tinha sido o mais perto que pude chegar disso —, mas eu estava pensando: *Um bom garoto merece um bom cachorro. Pergunte a Milo*.

Mike olhou nos olhos azuis de tela de Howie.

— Você vai no guindaste com a gente?

Assenti de forma exagerada e esfreguei a cabeça dele de novo. Lane pegou a cãobertura nova de Mike e a recolocou na cabeça dele.

Annie se aproximou. As mãos estavam unidas discretamente na frente do corpo, mas os olhos estavam cheios de alegria.

— Posso abrir o zíper, sr. Howie?

Eu não teria me importado, mas obviamente não podia permitir. Todo show tem suas regras, e uma das regras de Joyland, e das rigorosas, era que Howie, o Cão Feliz, era *sempre* Howie, o Cão Feliz. Nunca se tirava a fantasia onde os Bobs pudessem ver.

Voltei para o Joyland Subterrâneo, deixei a fantasia no carro e me juntei a Annie e Mike na rampa que levava à Carolina Spin. Annie olhou para cima, nervosa, e disse:

— Tem certeza de que quer fazer isso, Mike?

— Tenho! É o que eu mais quero!

— Tudo bem então. Eu acho. — Para mim, ela acrescentou: — Não morro de medo de altura, mas também não me empolgo muito.

Lane estava segurando a porta da cabine.

— Suba, pessoal. Vou mandar vocês lá para o topo, onde o ar é pouco. — Ele se inclinou e coçou as orelhas de Milo. — Você vai ficar fora dessa, amigo.

Eu me sentei ao fundo, mais perto da roda. Annie se sentou no meio e Mike na ponta, onde a vista era melhor. Lane baixou a barra de segurança, voltou para os controles e ajeitou o chapéu em uma nova posição.

— O assombro os aguarda! — gritou ele, e começamos a subir, com a lentidão regular de uma procissão de coroação.

Aos poucos, o mundo se abriu sob nós: primeiro, o parque, depois o cobalto intenso do mar à nossa direita e todas as planícies da Carolina do Norte à esquerda. Quando chegamos ao alto do grande círculo que era a Spin, Mike soltou as mãos da barra de segurança, ergueu-as acima da cabeça e gritou:

— *Estamos voando!*

A mão em minha perna. De Annie. Olhei para ela e a vi formar uma palavra apenas com movimentos labiais: *Obrigada*. Não sei quantas voltas Lane nos deixou fazer, mais do que o habitual, eu acho, mas não tenho certeza. Minha lembrança mais nítida é a do rosto de Mike, pálido e maravilhado, e a da mão de Annie em minha coxa, onde parecia queimar. Ela só a afastou quando paramos.

Mike se virou para mim:

— Agora sei como minha pipa se sente.

Eu também sabia.

Quando Annie falou para Mike que já tinham passeado o bastante, ele não protestou. Estava exausto. Lane o ajudou a se sentar na cadeira de rodas, e Mike estendeu a mão com a palma para cima e disse:

— Bate na minha mão se você é pura animação.

Sorrindo, Lane bateu na mão dele.

— Volte quando quiser, Mike.

— Obrigado. Foi incrível.

Lane e eu o empurramos pela avenida principal. As barracas dos dois lados estavam fechadas de novo, mas uma estava aberta: o tiro ao alvo Annie Oakley. De pé na plataforma onde Pop Allen ficara durante todo o verão estava Fred Dean, com seu terno de três peças. Atrás dele, coelhos e patos deslizavam em direções opostas. Acima, havia pintinhos amarelos de cerâmica. Esses ficavam parados, mas eram bem pequenos.

— Quer testar sua mira antes de ir embora do parque? — perguntou Fred. — Hoje ninguém perde. Hoje, *todo mundo* ganha prêmio.

Mike olhou para Annie.

— Posso, mãe?

— Claro, querido. Mas rapidinho, está bem?

Ele tentou se levantar da cadeira, mas não conseguiu. Estava cansado demais. Lane e eu o seguramos, um de cada lado. Mike pegou uma espingarda e deu dois tiros, depois não conseguiu mais firmar os braços, apesar de a arma ser leve. As bolinhas acertaram a lona no fundo e caíram na calha embaixo.

— Pelo visto, sou uma droga — disse ele, colocando a espingarda no lugar.

— Bem, você não foi exatamente maravilhoso — admitiu Fred —, mas, como falei, hoje todo mundo ganha prêmio.

Com isso, ele entregou a Mike o maior Howie da prateleira, um bicho de pelúcia de qualidade que nem os melhores atiradores conseguiam ganhar sem gastar oito ou nove dólares com recargas.

Mike agradeceu e se sentou, parecendo impressionado. O cachorro de pelúcia era quase do tamanho dele.

— Sua vez, mãe.

— Não, estou bem — disse Annie, mas achei que queria. Havia alguma coisa nos olhos dela enquanto media a distância entre a bancada e os alvos.

— Por favor? — Primeiro ele olhou para mim e depois para Lane. — Ela é muito boa. Ganhou o torneio de tiro deitado no Camp Perry antes de eu nascer e ficou em segundo lugar duas vezes. O Camp Perry fica em Ohio.

— Eu não…

Lane já estava segurando um dos .22 modificados quando disse:

— Pode se aproximar. Vamos ver se você incorpora Annie Oakley, Annie.

Ela pegou a espingarda e a examinou de uma forma que poucos Bobs faziam.

— Quantos tiros?

— Dez por rodada — disse Fred.

— Se vou fazer isso, posso ter duas rodadas?

— Quantas quiser, madame. Hoje é seu dia.

— Mamãe também fazia tiro ao prato com o vovô — contou Mike.

Annie ergueu a .22 e disparou dez vezes, pausando talvez dois segundos entre cada tiro. Ela derrubou dois patos e três coelhos em movimento. Os pintinhos de cerâmica pequenos ela ignorou completamente.

— Uma atiradora de primeira! — disse Fred. — Qualquer prêmio da prateleira do meio à sua escolha!

Ela sorriu.

— Cinquenta por cento das minhas tentativas não chegaram nem perto de ser de primeira. Meu pai teria escondido o rosto de vergonha. Vou aceitar a recarga, se não tiver problema.

Fred pegou um cone de papel debaixo da bancada — uma rodada, como dizíamos no Colóquio — e colocou a ponta menor em um buraco na parte de cima da espingarda. Houve um barulho metálico quando mais dez bolinhas rolaram para dentro.

— A mira dessas espingardas é alterada? — perguntou ela a Fred.

— Não, senhora. Todos os jogos em Joyland são honestos. Mas, se eu dissesse que Pop Allen, o homem que costuma cuidar desta barraca, passa muito tempo calibrando as miras, eu estaria mentindo.

Tendo trabalhado na equipe de Pop Allen, eu sabia que aquilo era, no mínimo, um eufemismo. Calibrar as miras era a *última* coisa que Pop faria. Quanto melhores fossem os tiros dos caipiras, mais prêmios ele teria que distribuir… e Pop tinha que comprar os prêmios da

própria barraca. Todos os chefes de barraca tinham que fazer isso. Eram prêmios baratos, mas não *gratuitos*.

— Disparar para a esquerda e para o alto — disse ela, mais para si mesma do que para nós.

Annie ergueu a espingarda, apoiou-a no ombro direito e disparou dez vezes. Dessa vez, não houve pausa discernível entre os tiros, e ela ignorou os patos e coelhos. Mirou nos pintinhos de cerâmica e explodiu oito.

Quando ela colocou a arma na bancada, Lane usou a bandana para limpar suor e fuligem da nuca enquanto sussurrava:

— Jesus Horácio Cristo. Ninguém acerta oito pintinhos.

— Só raspei no último, e a esta distância devia ter acertado todos.

Ela não estava se gabando, apenas declarando um fato.

— Eu falei que ela era boa — disse Mike, quase em tom de desculpas. Ele pôs a mão fechada na frente da boca e tossiu. — Minha mãe estava considerando os Jogos Olímpicos, mas acabou largando a faculdade.

— Você é *mesmo* Annie Oakley — disse Lane, enfiando a bandana no bolso de trás. — Qualquer prêmio, moça bonita. Você escolhe.

— Eu já tenho meu prêmio — respondeu ela. — Hoje foi um dia maravilhoso. Nunca vou conseguir lhes agradecer o bastante. — Ela se virou em minha direção. — E a *esse* cara, que precisou me convencer disso, porque sou uma tola. — Ela beijou a cabeça de Mike. — Mas agora é melhor eu levar meu garoto para casa. Onde está Milo?

Olhamos ao redor e o vimos no meio da Joyland Avenue, sentado em frente ao Horror House com o rabo ao redor das patas.

— Milo, vem cá! — chamou Annie.

Ele levantou as orelhas, mas não foi. Nem se virou para ela, apenas ficou olhando para a fachada do único brinquedo de terror de Joyland. Eu quase acreditei que ele estivesse lendo o convite escrito naquelas letras escorridas, cheias de teias de aranha: ENTRE, SE TIVER CORAGEM.

Enquanto Annie olhava para Milo, observei Mike. Apesar de estar exausto pela agitação do dia, a expressão dele era difícil de confundir. Era de satisfação. Sei que é loucura pensar que ele e o cachorro tinham planejado aquilo com antecedência, mas foi o que pensei.

Ainda penso.

— Me leve até lá, mãe — pediu Mike. — Ele vai vir comigo.

— Não precisa — falou Lane. — Se você tiver uma coleira, posso ir buscá-lo.

— Está no bolso na parte de trás da cadeira de rodas de Mike — disse Annie.

— Hã, acho que não — respondeu Mike. — Você pode olhar, mas tenho certeza de que esqueci.

Annie o encarou enquanto eu pensava: *Uma pinoia que você esqueceu*.

— Ah, Mike — disse Annie com reprovação. — Seu cachorro, sua responsabilidade. Quantas vezes já falei?

— Desculpe, mãe. — Para Fred e Lane, ele disse: — É que raramente usamos, porque Milo *sempre* vem.

— Menos quando precisamos que venha. — Annie pôs as mãos em concha ao redor da boca. — Milo, *venha*! É hora de ir para casa! — E, com uma voz bem mais doce: — Biscoito, Milo!

Venha pegar um biscoito!

O tom atraente dela teria me feito disparar, provavelmente com a língua para fora, mas Milo nem se mexeu.

— *Vamos*, Dev — incitou Mike, como se eu também estivesse envolvido no plano, mas tivesse perdido minha deixa.

Segurei os apoios da cadeira de rodas e empurrei Mike pela Joyland Avenue na direção do brinquedo. Annie veio atrás. Fred e Lane ficaram onde estavam, com Lane apoiado na bancada junto com as armas presas por correntes. Ele tinha tirado o chapéu e o estava girando no dedo.

Quando chegamos ao cachorro, Annie olhou para ele com irritação.

— Qual é seu problema, Milo?

Milo abanou o rabo ao ouvir a voz de Annie, mas não olhou para ela. Nem se mexeu. Estava alerta e pretendia ficar assim, a não ser que fosse arrastado.

— Mike, *por favor*, faça seu cachorro andar para podermos ir para casa. Você precisa desc…

Duas coisas aconteceram antes que ela pudesse terminar a frase. Não tenho certeza da ordem. Tenho repassado a cena muitas vezes desde então, em geral nas noites em que não consigo dormir, e continuo sem ter certeza. Eu *acho* que o ronco veio primeiro, o som de um carrinho começando a rolar no trilho. Mas talvez tenha sido a queda do cadeado. É até possível que as duas coisas tenham acontecido ao mesmo tempo.

O grande cadeado caiu da porta dupla sob a fachada do Horror House e ficou nas tábuas do piso, brilhando sob o sol de outubro. Fred Dean disse, depois, que a haste não devia ter sido enfiada direito no mecanismo de trava, e a vibração do carrinho em movimento fez com que o cadeado se abrisse. Isso fazia sentido, porque a aba estava mesmo aberta quando verifiquei.

Mas ainda era pura baboseira.

Eu mesmo coloquei aquele cadeado, e me lembro do estalo quando a haste encaixou no lugar. Até me recordo de ter puxado para ter certeza de que estava travado, como se faz com cadeados. E tudo isso leva a uma pergunta que Fred nem *tentou* responder: com o disjuntor do Horror House desligado, como o carrinho pôde sair andando? Quanto ao que aconteceu depois…

Um passeio no Horror House terminava assim: no fim da Câmara de Tortura, quando se pensava que o brinquedo tinha acabado e se baixava a guarda, um esqueleto gritando (apelidado de Hagar, o Horrível, pelos novatos) voava na sua direção, parecendo em rota de colisão com o carrinho. Quando ele se afastava, via-se uma parede de pedra à frente. Pintado ali, em verde-fluorescente, havia um zumbi e uma lápide com FIM DA LINHA escrito. Claro que a parede de pedra se abria bem na hora, mas aqueles golpes finais eram extremamente eficientes. Quando o carrinho saía para a luz do dia, fazendo um semicírculo antes de passar por outra porta dupla e parar, em geral até homens adultos estavam gritando. Aqueles gritos finais (sempre acompanhados de gargalhadas do tipo "Ah, merda, essa me pegou!") eram a melhor propaganda do Horror House.

Não houve gritos naquele dia. Claro que não, porque, quando a porta dupla se abriu, o carrinho que apareceu estava vazio. Deslizou pelo semicírculo, bateu de leve na porta dupla seguinte e parou.

— *O.k.* — disse Mike.

Foi um sussurro tão baixo que quase não ouvi, e tenho certeza de que Annie não ouviu, pois toda a sua atenção estava voltada para o carrinho. O garoto sorria.

— O que provocou isso? — perguntou Annie.

— Não sei — respondi. — Curto-circuito, talvez. Ou algum tipo de pico de energia.

As duas pareciam boas explicações, desde que você não soubesse que o disjuntor estava desligado.

Fiquei na ponta dos pés e espiei dentro do carrinho parado.

A primeira coisa em que reparei foi que a barra de segurança estava levantada. Se Eddie Parks ou um de seus asseclas novatos se esquecesse de baixá-la, a barra descia automaticamente quando o brinquedo entrava em movimento. Era um item de segurança obrigatório no estado. Mas o fato de a barra estar levantada fazia um tipo maluco de sentido, pois os únicos brinquedos do parque que tinham energia naquela manhã eram os que Lane e Fred tinham preparado para Mike.

Vi algo embaixo do assento semicircular, algo tão real quanto as rosas que Fred dera a Annie, só que não era vermelho.

Era uma faixa de cabelo azul.

Voltamos para a van. Milo, obediente de novo, foi andando ao lado da cadeira de rodas de Mike.

— Volto assim que deixá-los em casa — avisei para Fred. — Vou fazer umas horas extras.

Ele balançou a cabeça.

— Você está dispensado hoje. Vá para cama cedo e chegue aqui amanhã às seis. Traga alguns sanduíches porque vamos trabalhar até tarde. Aquela tempestade está vindo um pouco mais rápido do que a previsão do tempo esperava.

Annie pareceu alarmada.

— Devo fazer uma malinha e levar Mike para a cidade? Seria ruim, porque ele está muito cansado, mas…

— Escute o rádio hoje à noite — aconselhou Fred. — Se o serviço de meteorologia emitir uma ordem de evacuação da costa, você vai saber com bastante antecedência, mas não acho que isso vá acontecer. Vai ser só uma tempestade com ventania normal. Estou um pouco preocupado com os brinquedos altos, só isso. A Thunderball, a Shaker e a Spin.

— Eles vão ficar bem — disse Lane. — Aguentaram Agnes no ano passado, e aquele foi um furacão de verdade.

— Essa tempestade tem nome? — perguntou Mike.

— Estão chamando de Gilda — disse Lane. — Mas não é um furacão, só uma depressão subtropical.

Fred avisou:

— Os ventos devem aumentar por volta de meia-noite, e a chuva pesada vai começar uma ou duas horas depois. Lane provavelmente tem razão sobre os brinquedos altos, mas vai ser um dia agitado mesmo assim. Você tem capa, Dev?

— Claro.

— É melhor usá-la.

A previsão do tempo que ouvimos no rádio, quando saímos do parque, deixou Annie mais calma. Os ventos gerados por Gilda não deviam passar de cinquenta quilômetros por hora, com ocasionais sopros mais fortes. Talvez houvesse um pouco de erosão na praia e uma pequena inundação, mas só isso. O locutor chamou de "tempo ótimo para soltar pipa", o que nos fez rir. Tínhamos algo em comum agora, e isso era legal.

Mike estava quase dormindo quando chegamos à casa vitoriana em Beach Row. Eu o sentei na cadeira de rodas. Não foi uma tarefa muito difícil; eu tinha fortalecido os músculos nos últimos quatro meses, e, sem aquelas órteses horríveis, ele não devia pesar nem trinta quilos. Milo mais uma vez acompanhou a cadeira quando a empurrei rampa acima, até a casa.

Mike precisava usar o banheiro, mas, quando a mãe tentou assumir o controle da cadeira de rodas, ele perguntou se eu podia fazer isso. Levei-o até o banheiro, ajudei-o a ficar de pé e abaixei a calça de elástico enquanto ele se segurava nas barras de apoio.

— Odeio quando ela tem que me ajudar. Me sinto um bebê.

Talvez, mas ele mijou com o vigor de um garoto saudável. Depois, ao se inclinar para a frente para dar a descarga, cambaleou e quase mergulhou de cabeça no vaso. Precisei segurá-lo.

— Obrigado, Dev. Já tinha lavado meu cabelo hoje.

Isso me fez rir, e Mike sorriu.

— Eu queria que *tivesse* um furacão. Seria demais.

— Você talvez mudasse de ideia se acontecesse de verdade.

Eu estava lembrando o furacão Doria, dois anos antes. Atingira New Hampshire e o Maine com ventos de 145 quilômetros por hora, derrubando árvores em Portsmouth, Kittery, Sanford e Berwicks. Um pinheiro enorme quase atingiu nossa casa, nosso porão foi inundado e ficamos sem energia durante quatro dias.

— Eu não ia querer que os brinquedos do parque caíssem. Lá é o melhor lugar do mundo. Pelo menos entre os que já visitei.

— Que bom. Espere um minuto, garoto, tenho que subir sua calça. Você não pode ficar mostrando a bunda para sua mãe.

Isso o fez rir, só que a gargalhada virou tosse. Annie assumiu o comando quando saímos e o levou pelo corredor até o quarto.

— Não fuja de mim, Devin — disse ela por cima do ombro.

Como eu tinha a tarde de folga, não pretendia fugir, se Annie queria que eu ficasse um pouco mais. Andei pela sala, olhando os enfeites provavelmente caros, mas não muito interessantes — pelo menos não para um jovem de vinte e um anos. Um janelão enorme, quase de parede a parede, salvava o que poderia ter sido uma sala sombria, pois a enchia de luz. A janela dava vista para o quintal dos fundos, para a passarela e para o mar. Eu via as primeiras nuvens surgindo a sudeste, mas o céu acima ainda estava bem azul. Eu me lembro de pensar que tinha conseguido entrar na casa, no fim das contas, apesar de que provavelmente nunca teria chance de contar quantos banheiros havia nela. Lembro-me de pensar na faixa de cabelo e de me perguntar se

Lane a veria quando fosse colocar o carro fujão no lugar. Em que mais estava pensando? Que eu tinha visto um fantasma, afinal. Só que não de uma pessoa.

Annie voltou.

— Ele quer ver você, mas não demore.

— Tudo bem.

— Terceira porta à direita.

Segui pelo corredor, bati de leve na porta e entrei. Deixando de lado as barras de apoio, os tanques de oxigênio no canto e as órteses para as pernas ao lado da cama, aquele poderia ser o quarto de um garoto comum. Não havia luva de beisebol nem um skate apoiado na parede, mas havia pôsteres de Mike Spitz e de Larry Csonka, *running back* dos Miami Dolphins. Em lugar de honra acima da cama, os Beatles estavam atravessando a Abbey Road.

Havia um leve cheiro de pomada. Mike parecia muito pequeno na cama, quase sumindo debaixo de uma colcha verde. Milo estava encolhido ao lado dele, e Mike acariciava seu pelo de forma distraída. Era difícil de acreditar que aquele era o mesmo garoto que levantara as mãos no ar com tanta animação no alto da Carolina Spin. Mas ele não parecia triste. Estava quase radiante.

— Você a viu, Dev? Viu quando ela saiu?

Eu balancei a cabeça negativamente, sorrindo. Eu tinha sentido inveja de Tom, mas não de Mike. Nunca de Mike.

— Eu queria que meu avô estivesse lá. Ele teria visto e ouvido o que ela disse quando saiu.

— O que ela *disse*?

— Obrigada. Ela estava falando com nós dois. E falou para você tomar cuidado. Você tem certeza de que não ouviu? Nem de leve?

Eu balancei a cabeça de novo. Não, nem de leve.

— Mas você *sabe*. — O rosto dele estava pálido e cansado, o rosto de um garoto muito doente, mas com olhos vivos e saudáveis. — Você *sabe*, não sabe?

— Sei. — E pensando na faixa de cabelo: — Mike, você sabe o que aconteceu com ela?

— Alguém a matou — disse ele com voz bem baixa.

— Ela não lhe contou...

Mas não precisei terminar a pergunta. Ele estava balançando a cabeça.

— Você precisa dormir — falei.

— É, vou me sentir melhor depois de um cochilo. É sempre assim. — Ele fechou os olhos, mas os abriu de novo lentamente. — A Spin foi o melhor. O guindaste. É como voar.

— É — respondi. — É bem assim.

Dessa vez, quando ele fechou os olhos, não voltou a abrir. Fui até a porta o mais silenciosamente que pude. Quando coloquei a mão na maçaneta, ele disse:

— Tome cuidado, Dev. Não é branco.

Olhei para trás. Ele estava dormindo. Tenho certeza de que estava. Apenas Milo estava me olhando. Eu saí e fechei a porta delicadamente.

♥

Annie estava na cozinha.

— Estou fazendo café, mas você prefere uma cerveja? Tenho Blue Ribbon.

— Café está ótimo.

— O que você achou da casa?

Decidi falar a verdade.

— A mobília é meio antiquada para o meu gosto, mas não estudei design de interiores.

— Nem eu — disse ela. — Eu sequer terminei a faculdade.

— Bem-vinda ao clube.

— Ah, mas você vai terminar. Vai superar a garota que o largou, voltar para a faculdade, terminar os estudos e ter um futuro brilhante.

— Como você sabe sobre…

— A garota? Primeiro, dava para ver na sua cara. Segundo, Mike sabe. Ele me contou. Ele tem sido *meu* futuro brilhante. Houve uma época em que eu ia me formar em antropologia. Ia ganhar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos. Ia conhecer lugares estranhos e fabulosos e ser a Margaret Mead da minha geração. Ia escrever livros e fazer o máximo para reconquistar o amor do meu pai. Você sabe quem ele é?

— Minha senhoria disse que ele é um pastor.

— Isso mesmo. Buddy Ross, o homem do terno branco. Ele tem uma juba de cabelo que também é branca. Parece uma versão mais velha daquele garoto-propaganda da Glad, nos comerciais de TV. Tem uma igreja enorme, é presença constante no rádio e agora na TV. Fora do palco, é um babaca com algumas qualidades. — Ela serviu duas xícaras de café. — Mas somos todos assim, não somos? É o que eu acho.

— Você parece ter alguns arrependimentos.

Não era a coisa mais educada a se dizer, mas já tínhamos passado desse ponto. Pelo menos era o que eu esperava.

Ela pegou o café e se sentou à minha frente.

— Claro que já tive alguns. Mas Mike é um ótimo garoto, e tenho que admitir que meu pai nos ajudou financeiramente para que eu pudesse ficar com meu filho em tempo integral. Do meu ponto de vista, amor financeiro é melhor do que amor nenhum. Tomei uma decisão hoje. Acho que foi quando você estava usando aquela fantasia boba e fazendo aquela dança boba. E eu vi Mike rir.

— Me conte.

— Decidi dar ao meu pai o que ele quer, que é fazer parte da vida do meu filho antes que seja tarde demais. Ele disse coisas terríveis sobre Deus ter provocado a doença de Mike para me punir pelos meus supostos pecados, mas preciso esquecer tudo isso. Se eu for esperar por um pedido de desculpas, vou esperar por muito tempo… porque, lá no fundo, meu pai ainda acredita que é verdade.

— Eu sinto muito.

Ela deu de ombros, como se aquilo não tivesse importância.

— Eu estava errada sobre não deixar Mike ir a Joyland, e estou errada de guardar antigos ressentimentos e ficar retribuindo a desfeita. Meu filho não é uma mercadoria de troca. Você acha que uma pessoa de trinta e um anos é velha demais para crescer, Dev?

— Me pergunte quando eu chegar lá.

Ela riu.

— *Touché*. Me dê licença um minuto.

Ela demorou quase cinco. Fiquei sentado à mesa da cozinha tomando meu café. Quando ela voltou, segurava o suéter na mão direita. A barriga era bronzeada. O sutiã era azul-claro, quase da mesma cor da calça jeans desbotada.

— Mike está dormindo pesado — disse ela. — Quer ir lá para cima comigo, Devin?

O quarto dela era grande, mas simples, como se, mesmo depois de meses passados ali, ela não tivesse arrumado a mudança toda. Ela se virou para mim e passou os braços em volta de meu pescoço. Os olhos estavam muito grandes e calmos. Havia uma sombra de sorriso nos cantos da boca, formando covinhas suaves.

— "Aposto que você faria melhor do que isso se tivesse chance." Lembra que falei isso?

— Lembro.

— Eu ganharia essa aposta?

Sua boca era doce e úmida. Eu sentia o gosto de seu hálito.

Annie recuou e disse:

— Só pode acontecer uma vez. Você tem que entender isso.

Eu não queria, mas entendia.

— Desde que não seja… sabe…

Ela sorriu, quase rindo. Eu via seus dentes, além das covinhas.

— Desde que não seja uma foda de agradecimento? Não é, pode acreditar. Na última vez em que estive com um garoto como você, eu era uma garota também.

Ela segurou minha mão direita e a pôs no bojo de seda que cobria o seio esquerdo. Senti o batimento leve e firme do coração dela.

— Não devo ter me libertado de toda a minha rebeldia ainda, porque me sinto deliciosamente devassa.

Nós nos beijamos de novo. As mãos dela desceram até meu cinto e o abriram. Houve um ruído baixo quando o zíper desceu, e a lateral da palma da mão dela deslizou pela ereção embaixo da roupa. Eu ofeguei.

— Dev.

— O quê?

— Você já fez isso antes? Não ouse mentir para mim.

— Não.

— Ela era idiota? Essa sua garota?

— Acho que nós dois éramos.

Ela sorriu, deslizou a mão fria para dentro da minha cueca e me segurou. Aquele toque firme, junto com o polegar se movimentando delicadamente, fez todos os esforços de Wendy para satisfazer o namorado parecerem amadores.

— Então você é virgem.

— Culpado.
— Que bom.

Não foi só uma vez, para minha sorte, porque a primeira durou, eu diria, uns oito segundos. Talvez nove. Eu entrei, ao menos isso consegui, mas aí tudo jorrou para todo lado. Talvez eu tenha sentido mais vergonha em alguma outra ocasião — como quando soltei um pum barulhento enquanto comungava no Acampamento Jovem Metodista —, mas acho que não.

— Ah, caramba — murmurei, cobrindo os olhos com a mão.

Ela riu, mas não havia nada de cruel na risada.

— De um jeito estranho, fico lisonjeada. Tente relaxar. Vou descer para dar outra olhada em Mike. Prefiro que ele não me pegue na cama com Howie, o Cão Feliz.

— Muito engraçado.

Acho que, se eu tivesse ficado mais vermelho, minha pele teria pegado fogo.

— Acho que você vai estar pronto de novo quando eu voltar. É uma das vantagens de se ter vinte e um anos, Dev. Se você tivesse dezessete, provavelmente estaria pronto agora.

Ela voltou com dois refrigerantes em um balde de gelo, mas, quando tirou o roupão, ficando nua, Coca-Cola era a última coisa que eu queria. A segunda vez foi bem melhor; acho que consegui durar uns quatro minutos. Então ela começou a gemer suavemente, e eu me perdi. E que jeito incrível de me perder...

Ficamos sonolentos, Annie com a cabeça apoiada em meu ombro.

— Bom? — perguntou ela.

— Tão bom que nem dá para acreditar.

Não a vi sorrir, mas senti.

— Depois de todos esses anos, este quarto finalmente foi usado para alguma coisa além de dormir.

— Seu pai nunca fica aqui?

— Já faz muito tempo que não, e eu só voltei a vir para cá porque Mike adora o lugar. Às vezes, consigo encarar o fato de que é quase certo que ele vá morrer, mas em geral não consigo. Apenas afasto o pensamento. Faço acordos comigo mesma. "Se eu não levá-lo a Joyland, ele não vai morrer. Se eu não fizer as pazes com meu pai para que ele visite Mike, ele não vai morrer. Se ficarmos aqui, ele não vai morrer." Duas semanas atrás, na primeira vez em que precisei mandá-lo colocar o casaco para ir à praia, eu chorei. Ele me perguntou qual era o problema, e falei que era aquela época do mês. Ele sabe o que é.

Eu me lembrei de algo que Mike tinha dito a ela no estacionamento do hospital: *Não tem que ser nosso último momento feliz*. Mas, cedo ou tarde, o último momento feliz chegaria. Chega para todo mundo.

Ela se sentou e enrolou o lençol no corpo.

— Lembra que eu disse que Mike tem sido meu futuro? Minha carreira brilhante?

— Lembro.

— Não consigo pensar em outro. Qualquer coisa sem Michael é… sem graça. Quem foi que disse que não há segundos atos nos Estados Unidos?

Eu segurei a mão dela.

— Não se preocupe com o segundo ato enquanto o primeiro não tiver terminado.

Ela soltou a mão e acariciou meu rosto.

— Você é jovem, mas não é completamente burro.

Foi uma coisa legal de dizer, mas eu me sentia burro. Pela situação com Wendy, para começar, mas não só por isso.

Percebi que minha mente ficava voltando para aquelas malditas fotos do envelope de Erin. Alguma coisa nelas…

Annie se deitou. O lençol escorregou de seus seios, e fiquei excitado de novo. Ter vinte e um anos tinha *mesmo* algumas vantagens.

— O tiro ao alvo foi divertido. Às vezes esqueço como é bom ter essa conexão entre o olho e a mão. Meu pai colocou uma espingarda nas minhas mãos pela primeira vez quando eu tinha seis anos. Era só uma .22 de um único disparo. Eu adorei.

— É?

Ela estava sorrindo.

— É. Era uma coisa nossa, que funcionava para nós. A *única* coisa, no fim das contas. — Ela se apoiou no cotovelo. — Ele vende aquela merda de fogo do inferno desde que era adolescente, e não é só pelo dinheiro. Ele cresceu engolindo porções triplicadas da palavra de Deus dos próprios pais, e não tenho dúvida de que acredita em cada palavra. Mas quer saber? Ele ainda é um sulista em primeiro lugar, e pastor em segundo. Tem uma picape adaptada que custou cinquenta mil dólares, mas uma picape ainda é uma picape. Ainda come pãozinho com molho no Shoney's. A ideia dele de humor sofisticado é Minnie Pearl e Junior Samples. Ele adora músicas sobre traição e bebedeira. E adora armas. Não ligo para a linha de Jesus que ele segue e não tenho interesse por picapes, mas as armas… isso ele passou para a única filha. Dou uns tiros e me sinto melhor. Legado de merda, não é?

Eu não disse nada, apenas me levantei e abri as Cocas. Dei uma para ela.

— Ele deve ter umas cinquenta armas na casa onde mora, em Savannah, a maioria antiguidades valiosas, e tem mais umas seis no cofre daqui. Tenho dois rifles na minha casa, em Chicago, apesar de que, antes de hoje, fazia uns dois anos que eu não atirava em um alvo. Se Mike morrer… — Ela segurou a garrafa de Coca contra a testa, como se tentasse aplacar uma dor de cabeça. — *Quando* Mike morrer, a primeira coisa que vou fazer é me livrar de todas. Seriam tentadoras demais.

— Mike não ia querer…

— Não, claro que não, sei disso, mas nem *tudo* tem a ver com ele. Se eu conseguisse acreditar, como meu bendito pai, que encontraria Mike me esperando em frente ao portão dourado para me receber, quando eu morresse, seria diferente. Mas não acredito. Tentei muito acreditar, quando eu era criança, mas não consegui. Deus e o céu duraram uns quatro anos mais do que a

fada do dente, mas, no final, não consegui. Acho que só tem escuridão. Sem pensamentos, sem lembranças, sem amor. Só escuridão. Esquecimento. É por isso que tenho tanta dificuldade em aceitar o que está acontecendo com ele.

— Mike sabe que existe algo mais do que esquecimento — comentei.

— O quê? Por que você acha isso?

Porque ela estava lá. Ele a viu, e a viu partir. Porque ela disse obrigada. E eu sei porque vi a faixa de cabelo, e Tom viu a garota.

— Pergunte a ele — respondi. — Mas não hoje.

Ela colocou a Coca de lado e me observou. Estava com aquele sorrisinho que formava covinhas nos cantos da boca.

— Você teve a segunda dose. Será que está interessado na terceira?

Coloquei a Coca ao lado da cama.

— Na verdade…

Ela estendeu os braços.

A primeira vez foi constrangedora. A segunda vez foi boa. A terceira… Cara, a terceira foi incrível.

Esperei na sala enquanto Annie se vestia. Quando ela desceu a escada, estava de novo de calça jeans e suéter. Pensei no sutiã azul por baixo do suéter, e juro que senti um movimento involuntário de novo.

— Está tudo bem entre nós? — perguntou ela.

— Está, mas eu queria que estivesse melhor.

— Eu também queria, mas isso é o melhor que vai ficar. Se você gosta de mim tanto quanto gosto de você, vai aceitar isso. Você consegue?

— Consigo.

— Que bom.

— Por quanto tempo mais você e Mike vão ficar aqui?

— Se a casa não desabar esta noite?

— Não vai.

— Uma semana. Mike tem uma série de consultas com especialistas em Chicago a partir do dia 17, e quero me acomodar em casa antes disso. — Ela respirou fundo. — E falar com o avô dele sobre uma visita. Vou estabelecer algumas regras. Nada de Jesus, por exemplo.

— Vou ver você de novo antes de irem embora?

— Vai. — Ela me envolveu com os braços e me beijou. Depois se afastou. — Mas não assim. Confundiria demais as coisas. Sei que você entende.

Eu assenti. Eu entendia.

— É melhor você ir agora, Dev. E obrigada. Foi lindo. Deixamos o melhor para o final, não foi?

Era verdade. O final fora brilhante.

— Eu queria poder fazer mais. Por você. Por Mike.

— Eu também — disse ela —, mas o mundo em que a gente vive não é assim. Venha jantar amanhã, se a tempestade não estiver muito ruim. Mike adoraria ver você.

Ela estava linda, com aquela calça jeans desbotada, descalça. Eu queria tomá-la nos braços, pegá-la no colo e carregá-la para um futuro sem problemas.

Mas o que fiz foi deixá-la onde estava. *O mundo em que a gente vive não é assim*, tinha dito Annie, e como tinha razão…

Como tinha razão…

A uns cem metros, seguindo pela Beach Row, na parte oposta à praia, havia um amontoado de lojas pequeno demais para ser chamado de shopping: um mercado gourmet, um salão chamado Hair's Looking at You, uma farmácia, uma filial do banco Southern Trust e um restaurante chamado Mi Casa, onde a elite da Beach Row sem dúvida se reunia para comer. Nem olhei para aquelas lojas quando passei de carro a caminho de Heaven's Bay e da casa da sra. Shoplaw. Se eu precisava de prova de que não tinha o dom de Mike Ross e Rozzie Gold, ali estava.

Vá para cama cedo, dissera Fred Dean, e fui mesmo. Fiquei deitado de barriga para cima, com as mãos atrás da cabeça, ouvindo as ondas como tinha ouvido durante todo o verão, lembrando o toque das mãos dela, a firmeza dos seios, o gosto da boca. Mas era nos olhos dela que eu mais pensava, no cabelo espalhado no travesseiro. Eu não a amava como amei Wendy; aquele tipo de amor, tão forte e idiota, só acontece uma vez. Mas eu a amava. Amei na época e ainda amo. Mais pela gentileza e pela paciência. Algum outro rapaz neste mundo pode ter tido uma iniciação melhor nos mistérios do sexo, mas nenhum teve uma mais doce.

Em algum momento, peguei no sono.

Foi uma janela batendo no andar de baixo que me acordou. Peguei o relógio na mesa de cabeceira e vi que era quinze para uma. Achei que não conseguiria dormir com aquele barulho, então me vesti, fui até a porta e depois voltei para pegar a capa no armário. Parei ao chegar ao fim da escada. Ouvia o ronco alto da sra. S. vindo do grande quarto no fim do corredor do primeiro andar. Nenhuma janela batendo ia interromper o descanso dela.

No fim das contas, não precisei da capa, ao menos não naquele momento, porque a chuva não havia começado. Mas o vento estava forte; já devia estar soprando a uns quarenta e cinco

quilômetros por hora. O som baixo e regular das ondas tinha virado um rugido surdo. Eu me perguntei se os meteorologistas teriam subestimado Gilda, pensei em Annie e Mike na casa de praia e senti uma pontada de inquietação.

Encontrei a janela aberta e a fechei e tranquei. Voltei a subir a escada, tirei a roupa e tornei a me deitar. Dessa vez, o sono não veio. A janela não estava fazendo barulho, mas eu não podia fazer nada quanto ao vento gemendo nas calhas (e provocando um assobio baixo cada vez que soprava mais forte). Eu também não conseguia desligar meu cérebro, agora que estava funcionando a toda de novo.

Não é branco, pensei. Isso não significava nada para mim, mas *queria* significar. Queria se unir a algo que eu tinha visto no parque durante nossa visita.

Tem uma sombra pairando sobre você, meu jovem, dissera Rozzie Gold no dia em que a conheci. Eu me perguntei há quanto tempo ela trabalhava em Joyland e onde teria trabalhado antes. Será que Rozzie tinha alma de parque? E por que isso importava?

Uma dessas crianças tem sexto sentido. Não sei qual.

Eu sabia. Mike vira Linda Gray. E a libertara. Ele tinha, como dizem, acompanhado a garota até a saída. A saída que ela não conseguia encontrar sozinha. Por que mais ela teria agradecido?

Fechei os olhos e visualizei Fred no tiro ao alvo, resplandecente em seu terno e com a cartola de mágico. Vi Lane segurando uma das armas acorrentadas à bancada.

Annie: *Quantos tiros?*

Fred: *Dez por rodada. Quantas quiser, madame. Hoje é seu dia.*

Abri os olhos subitamente quando várias peças se encaixaram de uma vez em minha cabeça. Eu me sentei, prestando atenção no vento e nas ondas agitadas. Acendi a luz do quarto e tirei o envelope de Erin da gaveta da escrivaninha. Coloquei as fotos no chão de novo, com o coração disparado. As fotos eram boas, mas a luz, não. Eu me vesti pela segunda vez, enfiei tudo de volta no envelope e desci a escada de novo.

Tinha um lustre na mesa de Scrabble no meio da sala, e eu sabia, por causa das muitas noites gastas ali perdendo partidas, que a luz emitida por ele era bem intensa. Havia uma porta de correr entre a sala e o corredor que levava ao quarto da sra. S. Eu a fechei para que a luz não a incomodasse. Depois acendi a lâmpada, coloquei a caixa do jogo em cima da TV e espalhei as fotos na mesa. Eu estava agitado demais para me sentar. Inclinei-me sobre a mesa e arrumei e rearrumei as fotografias. Estava prestes a fazer isso pela terceira vez quando minha mão congelou. Eu vi. Eu vi *o homem*. Não era uma prova que fosse se sustentar no tribunal, não, mas bastava para mim. Meus joelhos ficaram bambos e caí sentado na cadeira, por fim.

O telefone que eu tinha usado tantas vezes para ligar para meu pai, sempre anotando a hora e a duração na folha de inquilinos quando terminava, tocou de repente. Só que, no silêncio daquela madrugada de ventania, pareceu mais um grito. Pulei para ele e o atendi antes que pudesse tocar de novo.

— A-A-Al… — Foi só o que consegui dizer. Meu coração estava disparado demais para que eu falasse qualquer outra coisa.

— É você — disse a voz do outro lado. Ele parecia estar achando graça e, ao mesmo tempo, agradavelmente surpreso. — Eu estava esperando sua senhoria. Já tinha uma história pronta sobre uma emergência familiar.

Tentei falar. Não consegui.

— Devin? — Provocante. *Alegre.* — Você está aí?

— Eu… só um segundo.

Segurei o telefone contra o peito, me perguntando (é uma loucura a forma como a mente funciona quando está sob estresse repentino) se ele conseguia ouvir meu coração do outro lado da linha. No meu lado, prestei atenção à sra. Shoplaw. Também a ouvi: o som abafado dos roncos contínuos. Foi bom eu ter fechado a porta da sala, e melhor ainda que não houvesse extensão no quarto dela. Levei o telefone ao ouvido de novo e disse:

— O que você quer? Por que está ligando?

— Acho que você sabe, Devin… e, mesmo que não soubesse, é tarde demais agora, não é?

— Você também é médium?

Era idiotice, mas naquele momento meu cérebro e minha boca pareciam estar seguindo caminhos diferentes.

— Rozzie é a médium — respondeu ele. — Nossa Madame Fortuna.

Ele riu. Soou relaxado, mas duvido que estivesse. Assassinos não fazem ligações no meio da noite quando estão relaxados. Principalmente se não têm certeza de quem vai atender.

Mas ele tinha uma história, pensei. *Esse cara é um escoteiro — maluco, mas está sempre preparado. A tatuagem, por exemplo. É isso que chama atenção dos olhos quando se observam aquelas fotos. Não o rosto. Não o boné.*

— Eu sabia o que você andava fazendo — disse ele. — Sabia antes mesmo de aquela garota levar o envelope. O que tem as fotos dentro. E hoje… com a mãe bonita e o garoto aleijado… você contou para eles, Devin? Eles ajudaram você a solucionar?

— Eles não sabem de nada.

O vento soprou. Eu ouvi o ruído do outro lado também… como se ele estivesse ali fora.

— Não sei se posso acreditar em você.

— Pode. Claro que pode.

Olhando para as fotos. O Homem da Tatuagem com a mão na bunda de Linda Gray. O Homem da Tatuagem ajudando-a a mirar no tiro ao alvo.

Lane: *Vamos ver se você incorpora Annie Oakley, Annie.*

Fred: *Uma atiradora de primeira!*

O Homem da Tatuagem de boné e óculos escuros e cavanhaque louro. Dava para ver a tatuagem de pássaro na mão dele porque as luvas de couro cru tinham ficado no bolso de trás até ele e Linda Gray estarem no Horror House. Até ele estar com ela no escuro.

— Eu ainda tenho dúvidas — disse ele de novo. — Você ficou naquela casa por muito tempo hoje à tarde, Devin. Estavam conversando sobre as fotos que a garota Cook trouxe ou você estava trepando com ela? Talvez as duas coisas. A mamãe é gostosa mesmo.

— Eles não sabem de nada — repeti.

Eu estava falando baixo e com o olhar fixo na porta fechada da sala. Esperava que se abrisse a qualquer momento e que a sra. S. aparecesse de camisola, com o rosto esbranquiçado de creme. E continuei:

— Nem eu sei. Nada que eu pudesse provar.

— Provavelmente não, mas seria apenas questão de tempo. Não dá para desfazer o soar de um sino. Você conhece esse velho ditado?

— Claro, claro.

Eu não conhecia, mas naquele momento teria concordado se ele tivesse declarado que Bobby Rydell (um artista de Joyland) era o presidente.

— O que você vai fazer é o seguinte: vá até Joyland, e nós vamos conversar sobre isso cara a cara. De homem para homem.

— Por que eu faria isso? Seria muita loucura se você é quem eu…

— Ah, você sabe que eu sou. — Ele soou impaciente. — E *eu* sei que, se você fosse até a polícia, eles descobririam que entrei para Joyland apenas um mês depois que Linda Gray foi morta. Em seguida, me ligariam ao show de Wellman e à Southern Star Amusements, e seria o fim do jogo.

— Então por que não ligo para a polícia agora mesmo?

— Você sabe onde eu estou? — Havia raiva surgindo na voz dele. Não, veneno. — Sabe onde estou agora, seu filho da puta xereta?

— Em Joyland, provavelmente. Na administração.

— Nada disso. Estou no shopping da Beach Row. Onde as putas ricas vão comprar comida macrobiótica. Putas ricas como sua namorada.

Um calafrio começou a descer muito lentamente por minha coluna, da nuca até o rego. Fiquei em silêncio.

— Tem um telefone público em frente à farmácia. Não é uma cabine, mas tudo bem, porque ainda não está chovendo. Só ventando. É aqui que eu estou. Dá para ver a casa da sua namorada daqui. Tem uma luz acesa na cozinha, provavelmente a que ela deixa acesa a noite toda, mas o resto da casa está escuro. Eu poderia desligar o telefone e chegar lá em sessenta segundos.

— Tem alarme contra ladrão!

Eu não sabia se tinha ou não.

Ele riu.

— A esta altura, você acha que eu me importo com isso? Não vai me impedir de cortar a garganta dela. Mas primeiro vou fazê-la me ver cortar a do aleijadinho.

Mas você não vai estuprá-la, pensei. *Não faria isso nem se tivesse tempo. Acho que não consegue.*

Cheguei perto de falar, mas não falei. Mesmo morrendo de medo, eu sabia que irritá-lo naquele momento seria uma péssima ideia.

— Você foi tão legal com eles hoje — comentei estupidamente. — Flores… prêmios… os brinquedos…

— É, toda a merda dos caipiras. Me conte sobre o carrinho que saiu do Horror House. O que foi *aquilo*?

— Não sei.

— Acho que sabe. Talvez a gente fale sobre isso. Em Joyland. Conheço seu Ford, Jonesy. O farol no lado esquerdo pisca e tem um cata-vento bonitinho na antena. Se você não me quer naquela casa cortando gargantas, vai entrar nele agora e vai dirigir pela Beach Row até Joyland.

— Eu…

— Cale a boca quando estou falando com você. Quando passar pelo shopping, vai me ver de pé ao lado de uma das picapes do parque. Vou dar quatro minutos para você chegar aqui a partir do momento em que eu desligar o telefone. Se eu não vir você, vou matar a mulher e o garoto. Entendeu?

— Eu…

— *Entendeu?*

— Sim!

— Vou seguir você até o parque. Não se preocupe com o portão, já está aberto.

— Então você vai me matar ou vai matar eles dois. Eu escolho. É isso?

— Matar você? — Ele pareceu sinceramente surpreso. — Eu não vou matar você, Devin. Isso só pioraria minha situação. Não, eu vou desaparecer. Não vai ser a primeira e provavelmente não vai ser a última vez. O que quero é conversar. Quero saber como você chegou a mim.

— Eu posso contar isso por telefone.

Ele riu.

— E estragar sua chance de me vencer e ser Howie, o Herói, de novo? Primeiro a garotinha, depois Eddie Parks, a mãe bonita e o pestinha aleijado para o clímax empolgante. Como você pode perder essa oportunidade? — Ele parou de rir. — Quatro minutos.

— Eu…

Ele desligou. Olhei para as fotos brilhosas. Abri a gaveta na mesa de Scrabble, peguei um dos blocos e procurei a lapiseira que Tina Ackerley sempre insistia em usar para marcar os pontos. Escrevi: *Sra. S., se a senhora ler isto, aconteceu alguma coisa comigo. Sei quem matou Linda Gray. E outras pessoas também.*

Escrevi o nome dele em letras maiúsculas.

E corri para a porta.

Girei a chave na ignição do Ford; ele engasgou e não pegou. Em seguida, começou a falhar. Durante todo o verão, pensei que precisava de uma bateria nova, e durante todo o verão encontrei outras coisas com que gastar meu dinheiro.

A voz do meu pai: *Você está afogando o carro, Devin*.

Tirei o pé do acelerador e fiquei sentado ali, no escuro. O tempo parecia passar disparado. Parte de mim queria correr para dentro de casa e ligar para a polícia. Eu não podia ligar para Annie porque não tinha a porra do número dela, e, considerando seu pai famoso, não deveria constar da lista. Será que *ele* sabia disso? Provavelmente não, mas tinha uma sorte do diabo. Audacioso como era, o filho da puta assassino já deveria ter sido pego três ou quatro vezes, mas não fora.

Porque ele tinha uma sorte do diabo.

Ela vai ouvi-lo entrando e vai atirar nele.

Só que as armas estavam no cofre, dissera Annie. Mesmo que pegasse uma, acabaria dando de cara com o filho da mãe com a navalha no pescoço de Mike quando o confrontasse.

Girei a chave de novo, e, com o pé fora do acelerador e o carburador cheio de gasolina, meu Ford pegou de primeira. Saí de ré da garagem e virei na direção de Joyland. O néon circular vermelho da Spin e as curvas de néon azul da Thunderball se destacavam contra as nuvens baixas que passavam rápido. Aqueles dois brinquedos sempre ficavam acesos em noites de tempestade, em parte para servir de farol para os barcos no mar, em parte como aviso para qualquer aeronave voando baixo na direção do aeroporto do condado de Parish.

A Beach Row estava deserta. Areia voava a cada sopro de vento, alguns fortes o bastante para sacudir o carro. Pequenas dunas já se formavam no asfalto. Sob a luz dos faróis, pareciam dedos de esqueleto.

Quando passei pelo shopping, vi uma única pessoa de pé no meio do estacionamento, ao lado de uma das picapes de manutenção de Joyland. Ele ergueu a mão para mim quando passei e deu um único aceno solene.

Em seguida, passei pela grande casa vitoriana à beira da praia. *Havia* uma luz acesa na cozinha. Achava que era a fluorescente, acima da pia. Eu me lembrei de Annie entrando no cômodo, o suéter na mão. A barriga bronzeada. O sutiã quase da mesma cor da calça jeans. *Quer ir lá para cima comigo, Devin?*

Uma luz surgiu em meu retrovisor e se aproximou. Ele estava de farol alto e eu não conseguia ver o carro, nem precisava. Sabia que era uma picape de manutenção, assim como sabia que ele estava mentindo quando dissera que não ia me matar. O bilhete que eu tinha deixado para a sra. Shoplaw ainda estaria lá de manhã. Ela leria as palavras e o nome que eu tinha escrito. A pergunta era quanto tempo demoraria para ela acreditar. Ele era tão encantador, com o jeito rimado de falar, o sorriso charmoso e o chapéu-coco inclinado. Todas as mulheres amavam Lane Hardy.

Os portões estavam abertos, como prometido. Passei por eles e tentei estacionar na frente do tiro ao alvo, agora fechado. Ele apertou uma vez a buzina e piscou os faróis: *Continue dirigindo*. Quando cheguei à Spin, ele piscou os faróis de novo. Desliguei meu Ford, muito ciente de que talvez nunca mais o ligasse. O néon vermelho do guindaste lançava uma luz cor de sangue sobre o painel, o banco e minha pele.

Os faróis da picape se apagaram. Ouvi a porta se abrir e se fechar. E ouvi o vento soprando pela estrutura da Spin; naquele dia, o som era um grito agudo. Havia um chacoalhar regular, quase ritmado. A roda estava tremendo em seu eixo grosso como uma árvore.

O assassino da garota Gray — e de DeeDee Mowbray, Claudine Sharp e Darlene Stamnacher — andou até meu carro e bateu na janela com o cano de uma arma. Com a outra mão, fez sinal para eu sair. Abri a porta e desci do carro.

— Você disse que não ia me matar.

Minha voz saiu tão fraca quanto estavam minhas pernas.

Lane abriu seu sorriso encantador.

— Bem… vamos ver para que lado o vento vai soprar. Certo?

Naquela noite, o chapéu estava inclinado para a esquerda e bem encaixado para que não saísse voando. O cabelo, solto em vez de preso no rabo de cavalo que ele usava no trabalho, voava ao redor do pescoço. O vento soprou e a Spin deu um grito infeliz. O brilho vermelho do néon tremeu no rosto dele.

— Não se preocupe com o guindaste — disse Lane. — Se o vento fosse sólido, talvez caísse, mas ele passa direto entre as hastes. Você tem outras coisas com que se preocupar. Me conte sobre o carrinho do Horror House. É isso que eu quero saber. Como você fez aquilo? Foi algum tipo de controle remoto? Tenho o maior interesse por essas coisas. São a onda do futuro, na minha opinião.

— Não foi controle remoto.

Ele não pareceu me ouvir.

— Além do mais, qual foi o objetivo? Era para me deixar nervoso? Se era, não precisava. Eu já estava nervoso.

— Foi *ela* — falei. Eu não sabia se era estritamente verdade, mas não tinha intenção de incluir Mike na conversa. — Linda Gray. Você não a viu?

O sorriso desapareceu.

— Isso é o melhor que deu para inventar? A velha história do fantasma no brinquedo? Você vai precisar fazer melhor do que isso.

Então ele também não a vira, assim como eu. Mas acho que sabia que havia *alguma coisa*. Eu nunca vou ter certeza, mas penso que foi por isso que ele se ofereceu para ir atrás de Milo; não queria que nós chegássemos perto do Horror House.

— Ah, ela estava lá. Eu vi a faixa de cabelo. Lembra que olhei dentro do carrinho? Estava debaixo do assento.

Ele atacou tão de repente que nem tive a chance de levantar a mão. O cano da arma bateu em minha testa e abriu um corte. Vi estrelas. Mas o sangue escorreu para meus olhos e passei a ver só isso. Cambaleei para trás contra a grade que ladeava a rampa da Spin e me agarrei nela para não cair. Limpei o rosto com a manga da capa.

— Não sei por que a esta altura ainda está tentando me assustar com histórias de fantasma — disse ele. — E não estou gostando. Você sabe sobre a faixa porque tinha uma foto no envelope que sua amiga piranha xereta trouxe para você da faculdade. — Ele sorriu. Não havia nada de encantador naquele sorriso; era todo dentes. — Não minta para um mentiroso, garoto.

— Mas… você não *viu* o envelope. — Deduzi a resposta com facilidade, mesmo que minha cabeça doesse. — Fred viu. E contou para você. Não contou?

— Contou. Na segunda. Estávamos almoçando na sala dele. Fred disse que você e a piranha estavam bancando os detetives, embora não tenha falado com essas palavras. Ele achou meio fofo. Eu não achei, porque já tinha visto você tirando as luvas de Eddie Parks depois do ataque cardíaco. Foi aí que *eu* percebi que você estava bancando o detetive. Aquele envelope… Fred disse que a piranha tinha páginas de anotações. Eu sabia que era questão de tempo até que ela me ligasse ao Wellman e à Southern Star.

Tive uma visão assustadora de Lane Hardy tomando o trem para Annandale com uma navalha no bolso.

— Erin não sabe de nada.

— Ah, relaxe. Você acha que vou atrás dela? Não enlouqueça, use a cabeça. E caminhe um pouco enquanto isso. Sobe nessa parada, camarada. Você e eu vamos dar uma volta. Lá no topo, onde o ar é pouco.

Comecei a perguntar se ele era maluco, mas foi uma pergunta burra àquela altura, não foi?

— Por que você está sorrindo, Jonesy?

— Por nada — respondi. — Você não quer mesmo subir com o vento soprando assim, quer?

Mas o motor da Spin estava ligado. Eu não tinha percebido com o barulho do vento, do mar e com os gritos sinistros do brinquedo, mas, agora que estava prestando atenção, eu ouvia: um ronco firme. Quase um ronronar. Uma coisa um tanto óbvia me ocorreu: ele devia estar planejando apontar a arma para si mesmo depois que acabasse comigo. Talvez você pense que devia ter me ocorrido antes, porque os malucos sempre acabam fazendo isso, a gente lê no jornal o tempo todo. Talvez você tenha razão. Mas eu estava sob muito estresse.

— A velha Carolina é segura como uma casa — afirmou Lane. — Eu subiria nela mesmo que o vento estivesse a cem em vez de cinquenta quilômetros por hora. O vento chegou pelo menos a isso quando Carla passou pela costa, dois anos atrás, e a Carolina Spin passou ilesa.

— Como você vai fazer rodar se estivermos os dois na cabine?

— Entre e veja. Ou… — Ele levantou a arma. — Ou posso atirar em você aqui mesmo. Por mim, tanto faz.

Subi a rampa, abri a porta da cabine parada na estação e comecei a entrar.

— Não, não, não — me interrompeu Lane. — Quero que você fique perto da porta. A vista é melhor. Dê um passinho, Devinho. E coloque as mãos nos bolsos.

Lane passou por mim com a arma apontada. Mais sangue escorria em meus olhos e bochechas, mas não ousei tirar a mão do bolso da capa para limpá-los. Eu via como o dedo dele estava branco no gatilho da pistola. Lane se sentou na parte mais interna da cabine.

— *Agora*, você.

Eu entrei. Não tive escolha.

— Feche a porta agora e vamos embora.

— Você parece o Dr. Seuss — comentei.

Ele sorriu.

— Elogios não vão ajudar você. Feche a porta, senão boto uma bala em seu joelho. Acha que alguém vai ouvir com esse vento? Eu, não.

Fechei a portinha. Quando olhei para ele de novo, Lane estava com a pistola em uma das mãos e um dispositivo quadrado de metal na outra, que tinha uma antena curta.

— Eu falei, adoro essas coisas. Este é um controle remoto básico de garagem, com pequenas modificações. Envia um sinal de rádio. Mostrei para o sr. Easterbrook na primavera, falei que era perfeito para a manutenção da roda quando não tivesse um novato ou um bico por perto para cuidar dos controles. Ele disse que eu não podia usar porque não tinha sido aprovado pela comissão de segurança do estado. Filho da puta cauteloso. Eu ia patentear. Tarde demais, eu acho. Pegue.

Eu peguei. *Era* um controle remoto de garagem. Um Genie. Meu pai tinha um quase igual.

— Está vendo o botão com a seta para cima?

— Estou.

— Aperte.

Deixei o polegar no botão, mas não apertei. O vento estava forte ali embaixo; quão mais forte estaria lá no topo, onde o ar era pouco? *Estamos voando!*, gritara Mike.

— Aperte ou leve uma bala no joelho, Jonesy.

Eu apertei o botão. O motor da Spin engrenou na hora e nossa cabine começou a subir.

— Agora, jogue o controle lá embaixo.

— *O quê?*

— Jogue lá embaixo ou vai levar uma bala no joelho e nunca mais vai andar direito. Vou contar até três. Um… d…

Joguei o controle por cima da porta. A roda subiu naquela noite de vento forte. À direita, eu via as ondas batendo, as cristas marcadas por espuma tão branca que parecia fosforescente. À esquerda, a terra estava escura e adormecida. Nem um par de faróis se movia na Beach Row. O vento soprava. Meu cabelo molhado de sangue esvoaçava em mechas pegajosas. A cabine balançava. Lane se impulsionava para a frente e para trás, fazendo-a balançar mais ainda … mas a arma, agora apontada para a lateral do meu corpo, nem tremeu. Néon vermelho criava listras no cano.

— *Hoje não está parecendo tanto um brinquedo de vovó, não é, Jonesy?* — gritou ele.

Não mesmo. A tranquila Carolina Spin estava apavorante. Quando chegamos ao alto, um sopro furioso sacudiu tanto a roda que ouvi nossa cabine estalando nas vigas de aço que a sustentavam. O chapéu de Lane saiu voando na noite.

— Merda! Ah, sempre dá para arrumar outro.

Lane, como vamos descer? A pergunta chegou a meus lábios, mas não a pronunciei. Eu estava com muito medo de que ele respondesse que não íamos descer, que, se a tempestade não derrubasse a Spin e a energia não acabasse, ainda estaríamos girando quando Fred chegasse de manhã. Dois homens mortos no guindaste dos patetas de Joyland. O que tornava meu próximo passo bem óbvio.

Lane estava sorrindo.

— Você quer tentar pegar a arma, não quer? Dá para ver nos seus olhos. Bem, é como Dirty Harry disse naquele filme: você tem que se perguntar se acha que está com sorte.

Estávamos descendo agora, com a cabine ainda balançando, mas não tanto. Decidi que não estava com sorte.

— Quantas você matou, Lane?

— Não é da sua conta. E, como estou com a arma, acho que quem faz as perguntas sou eu. Há quanto tempo você sabe? Já tem um tempo, né? Pelo menos desde que a piranha da faculdade mostrou as fotos. Você só esperou para o aleijado poder ter o dia dele no parque. Erro seu, Jonesy. Erro de caipira.

— Eu só descobri hoje.

— Seu nariz está crescendo.

Passamos pela rampa e começamos a subir de novo. Eu pensei: *Ele provavelmente vai atirar em mim quando a cabine estiver no alto. Depois, vai atirar em si mesmo ou me empurrar, deslizar e pular na rampa quando a cabine descer. Vai arriscar quebrar a perna ou a clavícula.* Eu estava

apostando na ideia de assassinato e suicídio, mas só depois que a curiosidade dele estivesse satisfeita.

— Pode me chamar de burro, se quiser, mas não me chame de mentiroso. Eu olhava para as fotos e percebia alguma coisa, alguma coisa familiar, mas só hoje me dei conta do que era. Era o chapéu. Você estava usando um boné nas fotos, não um chapéu-coco, mas estava inclinado para um lado quando você e a garota Gray estavam nas Whirly Cups e para outro quando vocês estavam no tiro ao alvo. Olhei o restante das imagens, em que vocês dois só apareciam no fundo, e vi a mesma coisa. Para um lado e para outro, para um lado e para outro. Você faz isso o tempo todo. É automático.

— Só *isso*? Uma porra de boné inclinado?

— Não.

Estávamos chegando ao topo pela segunda vez, mas achei que dava para levar por pelo menos mais uma volta. Ele queria ouvir. Nessa hora, a chuva começou, um jorro intenso caindo como um chuveiro ligado de repente. *Pelo menos vai lavar o sangue da minha cara*, pensei. Quando olhei para ele, vi que não era só isso que estava saindo com a água.

— Um dia, vi você sem o chapéu e achei que seu cabelo estava começando a ficar branco. — Eu estava quase gritando para ser ouvido acima do vento e da chuva forte. Os pingos vinham em diagonal e nos atingiam no rosto. — Ontem, vi você limpando a nuca. Achei que fosse fuligem. Mas hoje, depois que comecei a pensar no boné, me lembrei da tatuagem falsa de pássaro. Erin viu que o suor fez o desenho escorrer. Acho que a polícia não percebeu.

Eu via meu carro e a picape de manutenção ficando maiores conforme a Spin se aproximava da parte de baixo pela segunda vez. Atrás deles, algo grande, talvez um pedaço de lona solto pelo vento, estava flutuando pela Joyland Avenue.

— Não era fuligem que você estava limpando, era tinta. Estava escorrendo, como aconteceu com a tatuagem. Como está escorrendo agora. Seu pescoço está todo sujo. Não foram mechas de cabelo branco que eu vi, foram mechas *louras*.

Ele passou a mão pelo pescoço e olhou para a mancha preta na palma. Quase parti para cima dele, mas Lane ergueu a arma, e na mesma hora me vi encarando um buraco negro. Era pequeno, mas terrível.

— Eu *era* louro — explicou ele —, mas por baixo do preto estou praticamente grisalho agora. Tive uma vida estressante, Jonesy.

Ele abriu um sorriso pesaroso, como se aquela fosse alguma espécie de piada triste que incluía nós dois.

Estávamos subindo de novo, e tive apenas um momento para pensar que a coisa que eu tinha visto flutuando pela avenida principal — o que pensara ser um quadrado grande de lona solta — podia ser um carro com os faróis apagados. Era loucura ter esperanças, mas eu tive mesmo assim.

A chuva se derramava sobre nós. Minha capa tremia. O cabelo de Lane esvoaçava como uma bandeira desfiada. Eu esperava poder enrolar por pelo menos mais uma volta para que ele não puxasse o gatilho. Duas talvez? Possível, mas improvável.

— Quando me permiti pensar em você como o assassino de Linda Gray… E não foi fácil, Lane, não depois da forma como você me acolheu e me ensinou tudo… Depois disso, consegui

ver além do chapéu, dos óculos escuros e da barba. Consegui ver *você*. Você não trabalhava aqui…

— Eu operava uma empilhadeira em um armazém em Florence. — Ele enrugou o nariz. — Trabalho de caipira. Eu odiava.

— Você trabalhava em Florence, encontrou com Linda Gray em Florence, mas conhecia Joyland, aqui na Carolina do Norte, não é? Não sei se você tem alma de parque, mas nunca conseguiu ficar longe de um. E, quando você sugeriu uma pequena viagem, ela aceitou.

— Eu era o namorado secreto. Falei para ela que tinha que ser assim porque eu era mais velho. — Ele sorriu. — Ela caiu. Todas caem. Você ficaria surpreso de saber em quanta merda as garotas jovens acreditam.

Seu doente de merda, pensei. *Doente de merda.*

— Vocês vieram para Heaven's Bay, se hospedaram em um motel e você a matou aqui em Joyland, embora provavelmente soubesse sobre as Garotas de Hollywood andando por aí com as câmeras. Muito arriscado. Isso tornou tudo mais emocionante, certo? Tenho certeza de que sim. Você fez em um brinquedo cheio de Bobs…

— Caipiras — corrigiu ele.

Uma rajada muito intensa atingiu a Spin, mas Lane não pareceu sentir. Claro, ele estava mais perto do eixo, onde as coisas estavam um pouco mais tranquilas.

— Chame do que realmente são. São só caipiras, todos eles. Não veem nada. Parece que os olhos estão ligados ao cu em vez de ao cérebro. Tudo passa direto.

— Você gosta do risco, não é? Foi por isso que veio trabalhar aqui.

— Menos de um mês depois. — O sorriso dele se alargou. — Esse tempo todo eu estava bem debaixo do nariz deles. E quer saber? Eu tenho… você sabe, andado na linha… depois daquela noite no Horror House. Deixei todas as coisas ruins para trás. Eu poderia ter continuado andando na linha. Gosto daqui. Estava construindo uma vida. Eu tinha essa minha invenção do controle e ia patentear.

— Ah, eu acho que mais cedo ou mais tarde você ia acabar fazendo de novo.

Estávamos mais uma vez no topo. O vento e a chuva nos castigavam. Eu estava tremendo. Minhas roupas estavam encharcadas; as bochechas de Lane estavam manchadas com a tinta de cabelo que escorria em filetes pele abaixo. *A mente dele é assim*, pensei. *Por dentro, onde ele nunca sorri.*

— Não. Eu estava curado. Tenho que matar você, Jonesy, mas só porque enfiou o nariz onde não foi chamado. É uma pena, porque eu gostava de você. Gostava mesmo.

Pareceu que ele estava sendo sincero, o que tornou a situação ainda mais terrível.

Estávamos descendo de novo. O mundo abaixo estava tomado de vento e encharcado de chuva. Não tinha carro algum com os faróis apagados, apenas um pedaço de lona voando que, por um momento, parecera outra coisa em minha mente desesperada. A cavalaria não estava vindo. E, se eu ficasse pensando que sim, acabaria assassinado. Eu mesmo tinha que me salvar, e minha única chance era deixá-lo furioso. Furioso *mesmo*.

— Você gosta da emoção do risco, mas não de estupro, não é? Se gostasse, teria levado as garotas para um lugar isolado. Acho que o que suas namoradas secretas têm entre as pernas deixa

você apavorado. O que você faz depois? Deita na cama e se masturba pensando em quanto é corajoso por matar garotas indefesas?

— Cale a boca.

— Você encanta as garotas, mas não consegue comê-las.

O vento gritou; a cabine balançou. Eu ia morrer e, naquele momento, não estava nem aí. Eu não sabia quanto estava deixando Lane irritado, mas eu estava irritado o bastante por nós dois.

— O que aconteceu para você ficar assim? Sua mãe colocou um pregador de roupa no seu pintinho quando você fez xixi na rua? O tio Stan mandou você chupar o pau dele? Ou foi…

— *Cale a boca!*

Ele se inclinou de lado, segurando a barra de segurança com uma das mãos e apontando a arma para mim com a outra. Um relâmpago o iluminou: olhos arregalados, cabelo grudado, boca se mexendo. E a arma.

— *Cale essa boca imun…*

— *DEVIN, SE ABAIXE!*

Eu não pensei, apenas obedeci. Houve um estalo, um som quase líquido na noite agitada. A bala deve ter passado por mim, mas não ouvi nem senti, como os personagens sentem nos livros. A cabine em que estávamos passou pela parada, e vi Annie Ross de pé na rampa com um rifle nas mãos. A van estava atrás dela. O cabelo voava ao redor de seu rosto branco como um osso.

Começamos a subir de novo. Olhei para Lane. Ele estava paralisado, com a boca entreaberta. Tinta preta escorria pelas bochechas. Os olhos estavam revirados, e só a metade de baixo das íris aparecia. A maior parte do nariz não existia mais. Uma narina estava pendurada ao lado do lábio superior, mas o resto era uma confusão vermelha ao redor de um buraco negro do tamanho de uma moeda.

Ele despencou no banco. Vários dos dentes da frente caíram da boca. Tirei a arma da mão dele e joguei-a lá embaixo. O que eu estava sentindo naquele momento era… nada. Exceto por uma parte bem profunda de mim, em que tinha começado a me dar conta de que aquela talvez não fosse minha última noite de vida, afinal.

— Ah — disse ele. E depois: — Ah.

E caiu para a frente, com o queixo apoiado no peito. Parecia um homem avaliando suas opções com muito cuidado.

Houve mais um relâmpago quando a cabine chegou no alto, iluminando meu companheiro com seu fogo azul. O vento soprou e a Spin gemeu em protesto. Estávamos descendo de novo.

De baixo, uma voz quase perdida na tempestade:

— *Dev, como faço parar?*

Primeiro, pensei em falar para ela procurar o controle remoto, mas na tempestade ela poderia procurar por meia hora e não encontrar. Mesmo se encontrasse, poderia estar quebrado ou em curto-circuito em alguma poça. Além do mais, havia um jeito melhor.

— *Vá até o motor!* — gritei. — *Procure o botão vermelho! BOTÃO VERMELHO, ANNIE! É o freio de emergência!*

Passei por ela de novo e registrei a mesma calça jeans e o mesmo suéter que usara mais cedo, os dois encharcados e colados ao corpo. Nada de casaco, nada de chapéu. Annie tinha ido na pressa, e eu sabia quem a tinha avisado. Teria sido tão mais fácil se Mike tivesse se concentrado

em Lane desde o começo... Mas Rozzie nunca fizera isso, apesar de conhecê-lo havia anos, e eu descobriria depois que Mike também nunca tinha focado em Lane Hardy.

Eu estava subindo de novo. A meu lado, o cabelo encharcado de Lane pingava chuva preta no colo dele.

— *Espere até eu descer!*

— *O quê?*

Eu não me dei o trabalho de tentar falar de novo; o vento teria abafado tudo. Eu só podia torcer para que ela não apertasse o botão vermelho enquanto eu estivesse no alto do brinquedo. Quando a cabine subiu de encontro à tempestade, que agora estava pior, um relâmpago piscou de novo, e dessa vez houve o estrondo do trovão. Como se o tivesse despertado, e talvez tivesse mesmo, Lane levantou a cabeça e olhou para mim. *Tentou* olhar para mim; os olhos tinham descido novamente, mas agora estavam virados em direções opostas. Essa imagem terrível nunca sumiu de minha mente e ainda me ocorre nas horas mais estranhas: passando por um pedágio na estrada, tomando café de manhã ou assistindo aos âncoras da CNN dando más notícias, me levantando para mijar às três da madrugada, que um poeta qualquer chamou corretamente de Hora do Lobo.

Ele abriu a boca, e sangue jorrou. Lane fez um som serrilhado que parecia o de um inseto, como uma cigarra entrando em uma árvore. Um espasmo o sacudiu. Os pés sapatearam brevemente no piso de aço da cabine, depois pararam, e a cabeça dele caiu para a frente de novo.

Esteja morto, pensei. *Por favor, esteja morto dessa vez.*

Quando a Spin recomeçou a descer, um relâmpago atingiu a Thunderball; vi os trilhos se acenderem brevemente e pensei: *Podia ter sido eu.* O sopro mais forte até então atingiu a cabine. Eu me segurei, no desespero. Lane sacudiu como um boneco gigante.

Olhei para Annie, que tinha o rosto virado para cima, os olhos apertados contra a chuva. Ela estava na parte interna da armação, de pé ao lado do motor. Até aquele momento, estava tudo bem. Coloquei as mãos ao redor da boca.

— *O botão vermelho!*

— *Estou vendo!*

— *Espere até eu dar o sinal!*

O chão estava se aproximando. Segurei a barra. Quando o falecido (pelo menos era o que eu esperava) Lane Hardy ficava no controle, a Spin sempre parava com tranquilidade, com as cabines balançando suavemente. Eu não fazia ideia de como seria uma parada de emergência, mas estava prestes a descobrir.

— *Agora, Annie! Aperte agora!*

Foi bom eu estar me segurando. Paramos a uns três metros do ponto de embarque e a um metro e meio do chão. A cabine se inclinou. Lane foi jogado para a frente, com a cabeça e o tronco caindo por cima da barra. Sem pensar, segurei a camisa dele e o puxei de volta. Uma de suas mãos caiu em meu colo, e eu a empurrei para longe com um grunhido de nojo.

A barra não destravava, então tive que me contorcer para sair por baixo dela.

— Tome cuidado, Dev!

Annie estava de pé ao lado da cabine, estendendo as mãos como se fosse me segurar. Ela tinha apoiado na cobertura do motor o rifle que usara para acabar com a vida de Hardy.

— Dê um passo para trás — pedi e passei uma perna pela lateral da cabine.

Outro relâmpago piscou. O vento uivou, e a Spin uivou em resposta. Eu me segurei na estrutura do brinquedo e me pendurei. Minhas mãos escorregaram no metal molhado e despenquei. Caí de joelhos. Um momento depois, ela estava me colocando de pé.

— Você está bem?

— Estou.

Mas não era verdade. O mundo girava, e eu estava quase desmaiando. Baixei a cabeça, apoiando as mãos nas coxas, e comecei a respirar fundo. Por um momento, fiquei no limite de perder os sentidos, mas logo as coisas começaram a se firmar. Eu me ergui, tomando o cuidado de não me mover rápido demais.

Era difícil dizer com a chuva desabando, mas eu tinha quase certeza de que Annie estava chorando.

— Eu tive que fazer aquilo. Ele ia matar você. Não ia? Por favor, Dev, me diga que ele ia matar você. Mike *disse* que ia, e…

— Pode parar de se preocupar com isso, acredite. E eu não teria sido o primeiro. Ele matou quatro mulheres. — Pensei na especulação de Erin quanto aos anos em que não houve assassinatos, ao menos nenhum descoberto. — Talvez mais. *Provavelmente* mais. Temos que ligar para a polícia. Tem um telefone no…

Comecei a apontar para apontar para a Mysterio's Mirror Mansion, mas ela agarrou meu braço.

— Não. Não pode. Ainda não.

— Annie…

Ela aproximou o rosto do meu, à distância de um beijo, mas beijar era a última coisa em sua mente.

— Como cheguei aqui? Devo dizer para a polícia que um fantasma apareceu no quarto do meu filho no meio da noite e falou para ele que você ia morrer na roda-gigante se eu não viesse? Mike não pode ser envolvido nisso, e, se você disser que estou sendo uma mãe superprotetora, eu… eu mesma mato você.

— Não — respondi. — Eu não vou dizer isso.

— Então como cheguei aqui?

A princípio, eu não sabia. Lembre-se de que eu ainda estava assustado. Na verdade, "assustado" não chega nem perto de como senti. Não chega nem nas canelas. Eu estava em estado de choque. Em vez de levá-la para a Mysterio's, levei-a para a van e a ajudei a se sentar atrás do volante. Depois, dei a volta e entrei no banco do passageiro. Àquela altura, eu já tinha uma ideia. Era uma ideia simples, e pensei que daria certo. Fechei a porta e tirei a carteira do bolso. Quase a deixei cair no chão quando abri, de tanto que eu tremia. Dentro, havia muita coisa onde escrever, mas eu não tinha nada com que escrever.

— Me diga que você tem uma caneta ou um lápis, Annie.

— Talvez no porta-luvas. *Você* vai ter que ligar para a polícia, Dev. Tenho que voltar para Mike. Se me prenderem por abandonar a cena do crime ou qualquer coisa do tipo… ou por assassinato…

— Ninguém vai prender você, Annie. Salvou minha vida.

Eu estava revirando o porta-luvas enquanto falava. Havia um manual do proprietário, pilhas de recibos de cartão de crédito, antiácido, um pacote de M&M's, até um panfleto de testemunhas de Jeová perguntando se eu sabia onde ia passar a vida eterna, mas nada de caneta ou lápis.

— Não se pode esperar… em uma situação assim… foi o que sempre me disseram… — As palavras dela saíram em aglomerados porque ela estava batendo os dentes. — Só mirar… e atirar antes que você possa… sabe… ficar inseguro… era para ser entre os olhos dele, mas… o vento… acho que o vento…

Ela estendeu a mão e apertou meu ombro com força suficiente para machucar. Os olhos estavam enormes.

— Eu acertei você, Dev? Tem um corte na sua testa e sangue na sua camisa!

— Você não me acertou. Ele me deu uma coronhada, só isso. Annie, não tem nada aqui com que escrev…

Mas tinha: uma esferográfica no fundo do porta-luvas. Impresso no corpo da caneta, meio apagado, mas ainda legível, havia VAMOS AO KROGER! Não posso dizer que aquela caneta evitou que Annie e Mike Ross acabassem envolvidos com a polícia, mas sei que evitou muitas perguntas sobre o que tinha levado Annie a Joyland em uma noite tão escura e chuvosa.

Passei a caneta e um cartão de visitas da minha carteira para ela, com o lado branco virado para cima. Mais cedo, sentado no meu carro, morrendo de medo de que minha negligência em comprar uma bateria nova fosse fazer com que Annie e Mike acabassem mortos, pensei que podia voltar para dentro de casa e ligar para ela… só que eu não tinha o número. Então, disse a ela para anotá-lo.

— E, embaixo do número, escreva: *Ligue se os planos mudarem*.

Enquanto ela fazia isso, liguei o motor da van e coloquei o aquecedor no máximo. Ela devolveu o cartão. Guardei na carteira, enfiei a carteira no bolso e joguei a caneta no porta-luvas. Tomei-a nos braços e beijei sua bochecha fria. O tremor dela não passou, mas diminuiu.

— Você salvou minha vida — afirmei. — Agora vamos garantir que nada aconteça com você e com Mike por causa disso. Escute com atenção.

Ela escutou.

Seis dias depois, o verão voltou a Heaven's Bay para um último flerte rápido. Era o clima perfeito para um almoço ao fim da passarela dos Ross, só que não podíamos ir até lá. Repórteres e fotógrafos estavam de vigília. Eles podiam ficar por ali porque, ao contrário dos dois acres que circundavam a casa vitoriana, a praia era propriedade pública. A história de como Annie matara Lane Hardy (conhecido na época e eternamente como o Assassino do Parque) com um único tiro se espalhara por todo o país.

Não que as matérias fossem ruins. O contrário até. O jornal de Wilmington noticiou que FILHA DE EVANGELISTA BUDDY ROSS MATA ASSASSINO DO PARQUE. O *New York Post* foi mais sucinto: MÃE HEROÍNA! O fato de que havia fotos de arquivo dos dias rebeldes de Annie, em que ela estava não apenas linda, mas também muito gostosa, ajudou. O *Inside View*, o mais popular dos tabloides da época, rodou uma edição extra. Tinham arrumado uma foto de Annie aos dezessete anos, tirada depois

de uma competição de tiro em Camp Perry. De calça jeans apertada, uma camiseta da Associação Nacional de Rifles e botas de caubói, ela segurava uma antiga espingarda Purdey em um braço e uma fita azul na outra mão. Ao lado da garota sorridente havia uma foto 3x4 de Lane Hardy aos vinte e um anos, depois de ser preso em San Diego — sob o nome verdadeiro, Leonard Hopgood — por atentado ao pudor. As duas fotos faziam um contraste incrível. A manchete: A BELA E A FERA.

Por ser um herói de menor grandeza, tive algumas menções nos jornais da Carolina do Norte, mas nos tabloides quase não fui citado. Acho que eu não era sexy o bastante.

Mike achou legal ter uma MÃE HEROÍNA. Annie odiou o circo todo e mal podia esperar para que a imprensa arrumasse outra grande notícia. Ela já tivera sua cota de cobertura dos jornais na época em que era a filha rebelde do homem santo, famosa por dançar nos bares de Greenwich Village. Então ela não deu entrevistas, e fizemos nosso piquenique de despedida na cozinha. Éramos cinco, na verdade, porque Milo estava embaixo da mesa, esperando conseguir algumas sobras, e Jesus, estampado na pipa de Mike, estava apoiado na quarta cadeira.

As malas estavam no corredor. Quando a refeição terminasse, eu os levaria até o aeroporto Wilmington International. Um jato particular, propriedade de Buddy Ross Ministries, Inc., os levaria de volta a Chicago, tirando-os da minha vida. O departamento de polícia de Heaven's Bay (sem mencionar a Polícia Estadual da Carolina do Norte e talvez até o FBI) sem dúvida teria mais perguntas para ela, e Annie provavelmente teria que voltar, em algum momento, para testemunhar para um júri, mas ficaria tudo bem. Ela era a MÃE HEROÍNA, e, graças à caneta promocional do Kroger's no fundo do porta-luvas, não haveria uma foto de Mike no *Post* abaixo de uma manchete dizendo MÉDIUM SALVADOR!

Nossa história era simples, e Mike não fazia parte dela. Eu tinha me interessado pelo assassinato de Linda Gray por causa da lenda de que seu espírito assombrava o trem fantasma de Joyland. E pedira ajuda à minha amiga pesquisadora, e colega de trabalho no verão, Erin Cook. As fotos de Linda Gray e do assassino tinham me lembrado de alguém, mas a ficha só caíra depois do passeio de Mike em Joyland. Antes que eu pudesse ligar para a polícia, Lane Hardy me telefonara e ameaçara atacar Annie e Mike se eu não fosse para Joyland imediatamente. Era tudo verdade, e só havia uma mentirinha: eu tinha o número do telefone de Annie para poder ligar caso os planos para a visita de Mike ao parque mudassem. (Peguei o cartão para mostrar ao detetive, que mal olhou.) Eu disse que havia ligado para Annie da casa da sra. Shoplaw antes de sair para Joyland e a avisado para trancar as portas, chamar a polícia e ficar quieta. Ela *realmente* trancara as portas, mas não ficara quieta. Nem chamara a polícia. Tinha ficado com medo de que Hardy, quando visse as luzes azuis piscando, fosse me matar. Portanto, ela pegara uma das armas no cofre e seguira Lane com os faróis apagados, torcendo para pegá-lo de surpresa. E pegara mesmo. Portanto, MÃE HEROÍNA.

— Como seu pai está lidando com tudo isso, Dev? — perguntou Annie.

— Além de se oferecer para vir a Chicago e ficar à sua disposição por toda a vida se você quisesse?

Ela riu, mas meu pai tinha mesmo dito isso.

— Ele está bem. Vou voltar para New Hampshire no próximo mês. Vamos passar o Dia de Ação de Graças juntos. Fred me pediu para continuar trabalhando até lá, para ajudá-lo a fechar o

parque todo, e eu concordei. Ainda preciso do dinheiro.

— Para a faculdade?

— É. Acho que vou voltar no semestre da primavera. Papai vai me mandar o formulário de matrícula.

— Que bom. Lá é o seu lugar, e não pintando brinquedos e trocando lâmpadas em um parque de diversões.

— Você vai mesmo nos visitar em Chicago, não vai? — perguntou Mike. — Antes de eu ficar muito doente?

Annie se mexeu, desconfortável, mas não falou nada.

— Tenho que ir — afirmei e apontei para a pipa. — Senão, como vou devolver isso? Você disse que era só um empréstimo.

— Talvez você conheça meu avô. Tirando o fato de ser meio maluco por Jesus, ele é legal. — Ele olhou de relance para a mãe. — *Eu* acho, pelo menos. Ele tem um trem elétrico incrível no porão.

— Seu avô talvez não queira me ver, Mike. Quase meti sua mãe em uma grande confusão — respondi.

— Ele vai saber que não era sua intenção. Não foi culpa sua trabalhar com aquele cara. — Mike fez uma expressão perturbada, colocou o sanduíche na mesa, pegou um guardanapo e tossiu. — O sr. Hardy parecia legal. Levou a gente nos brinquedos.

Muitas garotas também o achavam legal, pensei.

— Você nunca sentiu… uma energia ruim nele?

Mike balançou a cabeça e tossiu mais um pouco.

— Não. Eu gostava dele. E achei que ele gostasse de mim.

Pensei em Lane, na Carolina Spin, chamando Mike de pestinha aleijado.

Annie tocou o pescoço magro de Mike e disse:

— Algumas pessoas escondem suas verdadeiras personalidades, querido. Às vezes, dá para perceber que estão usando máscaras, mas nem sempre. Até pessoas com intuições poderosas podem ser enganadas.

Eu tinha ido até lá para almoçar e levá-los ao aeroporto, e para me despedir, mas tinha mais um motivo.

— Quero perguntar uma coisa, Mike. É sobre o fantasma que acordou você e falou que eu estava no parque, metido em problemas. Tudo bem? Isso seria incômodo?

— Não, mas não é como na TV. Não tinha uma coisa branca transparente flutuando e fazendo *uuu-uuuuh*. Eu só acordei… e o fantasma estava ali. Sentado bem na minha cama como uma pessoa de verdade.

— Eu não queria falar sobre isso — disse Annie. — Talvez não incomode Mike, mas com certeza me incomoda.

— Só tenho uma pergunta e não toco mais no assunto.

— Tudo bem.

Ela começou a tirar a mesa.

Na terça-feira, tínhamos levado Mike a Joyland. Pouco depois da meia-noite na madrugada de quarta, Annie atirara em Lane Hardy na Carolina Spin, pondo fim à vida dele e salvando a

minha. O dia seguinte fora todo ocupado por interrogatórios da polícia e fugas dos repórteres. Depois, na tarde de quinta, Fred Dean fora me ver, e sua visita não teve nada a ver com a morte de Lane Hardy.

Embora, na verdade, eu achasse que sim.

— O que quero saber é o seguinte, Mike: era a garota do trem fantasma? Foi ela quem apareceu e se sentou na sua cama?

Mike arregalou os olhos.

— Meu Deus, não! Ela foi embora. Quando eles vão, acho que não voltam. Era um *homem*.

Em 1991, pouco depois de seu 63º aniversário, meu pai sofreu um ataque cardíaco bem sério. Passou uma semana no Portsmouth General Hospital e depois foi mandado para casa com avisos sérios para cuidar da alimentação, perder dez quilos e cortar o charuto noturno. Ele era um daqueles raros sujeitos que seguem ordens médicas, e, enquanto escrevo isto, ele tem oitenta e cinco anos e, exceto pelo quadril dolorido e pela visão ruim, ainda está bem.

Em 1973, as coisas eram diferentes. De acordo com meu novo assistente de pesquisas (o Google Chrome), a duração média das internações, naquela época, era de duas semanas, a primeira na UTI, a segunda no andar de recuperação cardíaca. Eddie Parks deve ter ficado bem na UTI, porque, enquanto Mike passeava por Joyland naquela terça-feira, ele estava sendo transferido para o andar de baixo. Foi quando teve o segundo ataque cardíaco. Eddie morreu no elevador.

— O que ele disse? — perguntei a Mike.

— Que eu tinha que acordar minha mãe e dizer para ela ir ao parque imediatamente, senão um homem mau ia matar você.

Será que aquele aviso acontecera enquanto eu ainda estava ao telefone com Lane, na sala da sra. Shoplaw? Não poderia ter sido muito depois, ou Annie não teria chegado a tempo. Eu perguntei, mas Mike não sabia dizer. Assim que o fantasma fora embora — foi essa a expressão que Mike usou; ele não desaparecera, não saíra andando pela porta nem usara a janela, apenas *fora embora* —, ele apertara o interfone ao lado da cama. Quando Annie atendera, ele começara a gritar.

— Já chega — disse Annie, em um tom que não permitia discussões.

Ela estava de pé ao lado da pia com as mãos no quadril.

— Não me importo, mãe. — *Cof-cof.* — De verdade. — *Cof-cof-cof.*

— Ela tem razão — respondi. — Já chega.

Será que Eddie apareceu para Mike porque eu salvara a vida do velho mal-humorado? É difícil saber qualquer coisa sobre as motivações dos que Se Foram (expressão de Rozzie, com as maiúsculas insinuadas por movimentos das mãos), mas eu duvido. A prorrogação de vida dele só

durara uma semana, afinal, e ele não passara aqueles últimos dias no Caribe, sendo servido por gatinhas de topless. Mas…

Eu tinha ido visitá-lo, e, exceto talvez por Fred Dean, eu fora o único. Até levara para ele uma foto da ex-mulher. Claro, ele a chamara de piranha infeliz e fofoqueira, e talvez ela fosse, mas pelo menos eu tinha me dado o trabalho. No final, ele também. Por algum motivo.

Enquanto seguíamos para o aeroporto, Mike se inclinou para a frente e disse:

— Quer saber uma coisa engraçada, Dev? Ele não chamou você pelo nome nem uma vez. Só chamou de garoto. Acho que ele pensou que eu saberia de quem estava falando.

Eu também achava.

O maldito Eddie Parks.

Essas são coisas que aconteceram há muito tempo, em um ano mágico em que petróleo era vendido por onze dólares o barril. O ano em que meu coração foi partido. O ano em que perdi a virgindade. O ano em que salvei uma linda garotinha de se engasgar e um velho bem cruel de morrer de um ataque cardíaco (do primeiro pelo menos). O ano em que um louco quase me matou em uma roda-gigante. O ano em que eu queria ver um fantasma, e não consegui… embora ache que pelo menos um fantasma me viu. Também foi o ano em que aprendi a usar uma língua secreta e a dançar Pop Pop com uma fantasia de cachorro. O ano em que descobri que há coisas piores do que perder uma garota.

O ano em que eu tinha vinte e um anos e ainda era um novato.

O mundo me deu uma boa vida desde então, não vou negar, mas às vezes o odeio mesmo assim. Dick Cheney, aquele defensor de métodos de tortura que foi, por tempo demais, o principal pregador da Igreja Sagrada do Faça o Que For Preciso, ganhou um coração novinho enquanto eu escrevia esta história… que tal? Ele continua vivo; outras pessoas morreram. Gente talentosa como Clarence Clemons. Gente inteligente como Steve Jobs. Gente decente como meu velho amigo Tom Kennedy. Com a maioria você se acostuma. É preciso. Como W. H. Auden observou, o Ceifador leva os endinheirados, os hilários e os bem-dotados. Mas não é aí que Auden começa a lista. Ele começa com os jovens inocentes.

O que nos leva a Mike.

Aluguei um apartamento bem simples fora do campus, quando voltei para a faculdade, no semestre de primavera. Em uma noite gelada do fim de março, enquanto preparava o jantar para mim e para uma garota por quem eu estava louco, o telefone tocou. Atendi do meu jeito brincalhão de sempre.

— Abraços Sensuais, Devin Jones, proprietário.

— Dev? É Annie Ross.

— Annie! Uau! Espere um segundo, vou baixar o volume do rádio.

Jennifer, a garota por quem eu estava louco, me olhou sem entender. Dei uma piscadela e um sorriso para ela e peguei o telefone.

— Estarei aí dois dias depois que as férias de primavera começarem, e pode dizer a ele que eu prometi. Vou comprar minha passagem semana que v…

— Dev. Pare. Pare.

Percebi o sofrimento na voz dela, e toda a minha felicidade por receber aquele telefonema desapareceu, virou medo. Apoiei a testa na parede e fechei os olhos. O que eu queria mesmo era tapar o ouvido que estava contra o telefone.

— Mike morreu ontem à noite, Dev. Ele… — A voz dela tremeu e voltou a ficar firme: — Ele teve uma febre alta, dois dias atrás, e o médico disse que tínhamos que levá-lo para o hospital. Só por segurança, ele falou. Mike parecia estar melhorando ontem. Tossindo menos. Sentando na cama para ver TV. Falando sobre um torneio de basquete. E aí… ontem à noite…

Ela parou. Eu ouvia sua respiração enquanto ela tentava se controlar. Eu também estava tentando, mas as lágrimas já tinham começado. Estavam mornas, quase quentes.

— Foi muito de repente — disse ela. Em seguida, tão baixo que mal escutei: — Meu coração está partido.

Senti um toque no ombro. De Jennifer. Cobri a mão dela com a minha. Eu me perguntei quem estava em Chicago para colocar a mão no ombro de Annie.

— Seu pai está aí?

— Em uma campanha. Em Phoenix. Vem amanhã.

— Seus irmãos?

— George está aqui agora. Phil deve chegar no último voo de Miami. George e eu estamos no… lugar. No lugar em que… Não posso ficar para ver. Apesar de ser o que ele queria.

Ela estava chorando muito agora. Eu não fazia ideia do que ela estava falando.

— Annie, o que eu posso fazer? Qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo.

Ela me disse.

Vamos terminar em um dia de sol, em abril de 1974. Vamos terminar naquela praia na Carolina do Norte que fica entre a cidade de Heaven's Bay e Joyland, um parque de diversões que fecharia as portas dois anos depois; os grandes parques finalmente o levaram à falência, apesar de todos os esforços de Fred Dean e de Brenda Rafferty para salvá-lo. Vamos terminar com uma mulher bonita de calça jeans desbotada e um jovem com uma camiseta da Universidade de New Hampshire. O jovem tem algo em uma das mãos. Na ponta da passarela, com o focinho apoiado na pata, está um jack russell que parece ter perdido toda a energia que já tivera. Na mesa de piquenique, onde a mulher uma vez serviu vitaminas, há uma urna de cerâmica. Parece um pouco com um vaso que perdeu as flores. Não estamos terminando exatamente onde começamos, mas bem perto.

Bem perto.

— Estou brigada com meu pai de novo — disse Annie —, e, desta vez, não há neto para nos unir. Quando ele voltou da maldita campanha e descobriu que eu tinha mandado cremar Mike, ficou furioso. — Ela abriu um sorriso fraco. — Se ele não tivesse ficado para o último culto, talvez tivesse me convencido de não cremá-lo. Provavelmente.

— Mas era o que Mike queria.

— Foi um pedido estranho para um garoto, não foi? Mas, sim, ele foi bem específico. E nós dois sabemos por quê.

Sim. Nós sabíamos. O último adeus sempre chegava, e, quando você via a escuridão se aproximando, se agarrava ao que era alegre e bom. Com todas as forças.

— Você pediu ao seu pai…?

— Para vir? Na verdade, sim. É o que Mike queria. Papai se recusou a participar do que chamou de "cerimônia pagã". E achei bom. — Ela segurou minha mão. — Isso é por nós, Dev. Porque estávamos aqui quando ele foi feliz.

Levei a mão dela aos lábios, beijei, apertei de leve e soltei.

— Ele salvou minha vida tanto quanto você, sabe. Se ele não tivesse acordado você… se ele tivesse hesitado…

— Eu sei.

— Eddie não poderia ter feito nada por mim sem Mike. Não vejo nem escuto fantasmas. Mike era o médium.

— Isso é difícil — disse ela. — É… tão difícil deixar Mike partir. Mesmo o pouquinho que restou dele.

— Você tem certeza de que quer fazer isso?

— Tenho. Enquanto ainda consigo.

Ela pegou a urna na mesa de piquenique. Milo levantou a cabeça para olhar, depois a apoiou de novo na pata. Não sei se entendia que os restos de Mike estavam ali dentro, mas ele sabia que Mike tinha ido embora. Isso ele sabia muito bem.

Eu segurei a pipa de Jesus com a parte de trás virada para ela. Ali, seguindo as instruções de Mike, eu tinha colado um bolso pequeno, mas grande o bastante para carregar talvez meia xícara de cinzas finas. Eu o abri e Annie virou a urna. Quando o bolsinho estava cheio, ela colocou a urna na areia entre os pés e estendeu as mãos. Dei a ela o carretel de linha e me virei para Joyland, onde a Carolina Spin dominava o horizonte.

Estamos voando!, dissera Mike naquele dia, erguendo os braços acima da cabeça. Não havia órteses para segurá-lo naquele dia nem agora. Acredito que Mike era bem mais sábio do que o avô que só pensava em Cristo. Mais sábio do que todos nós, talvez. Já existiu algum garoto aleijado que não quisesse voar ao menos uma vez?

Olhei para Annie. Ela assentiu para indicar que estava pronta. Levantei a pipa e a soltei. Ela subiu na mesma hora, carregada por uma brisa marítima súbita e fria. Acompanhamos a subida com os olhos.

— Para você — disse ela e estendeu as mãos. — Essa parte é sua, Dev. Foi o que ele disse.

Peguei a linha e senti o puxão da pipa, que, agora com vida, subia acima de nós, balançando de um lado para o outro contra o azul. Annie pegou a urna e a carregou pela areia. Acho que ela derramou as cinzas na beira do mar, mas eu estava olhando a pipa, e, quando vi a cinza fina

escorrendo dela, levada pelo céu com a brisa, soltei a linha. Observei a pipa completamente livre subir e subir e subir. Mike ia querer ver a altura que ela alcançaria antes de sumir, e eu também.

Eu também queria ver.

24 de agosto de 2012

NOTA DO AUTOR

Os puristas de parques de diversões (tenho certeza de que existem) devem estar agora mesmo se preparando para escrever e me informar, com vários graus de ira, de que muito do que chamei de "Colóquio" não existe: que caipiras nunca foram chamados de Bobs, por exemplo, e que garotas bonitas nunca foram chamadas de graças. Tais puristas estariam corretos, mas eles podem poupar cartas e e-mails. Pessoal, é por isso que se chama ficção.

De qualquer modo, a maioria dos termos escritos é mesmo jargão de parque, uma variação rica e bem-humorada. A roda-gigante era conhecida como guindaste dos patetas ou guindaste dos trouxas. Os brinquedos infantis eram conhecidos como brinquedos de pirralho. Roubar descaradamente em um jogo era mesmo chamado de queimar a sorte. Esses são apenas alguns exemplos. Estou em dívida com o *The Dictionary of Carny, Circus, Sideshows* & *Vaudeville Lingo*, de Wayne N. Keyser. Está na internet. Você pode verificar mil outros termos [em inglês] lá. Talvez mais. Você também pode comprar o original deste livro dele, *On the Midway*.

Charles Ardai editou o original deste livro. Obrigado, cara.

Stephen King